This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

A 466920

JOÃO RIBEIRO

PAGINAS ESCOLHIDAS

H. Garnier
RIO DE JANEIRO

LIVRARIA
CASTRO
E SILVA
LISBOA

PROPERTY OF

The University of Michigan Libraries

1817

ARTES SCIENTIA VERITAS

Academia Brasileira

300.

Paginas Escolhidas

por

JOÃO RIBEIRO

TOMO PRIMEIRO

H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

71, RUA DO OUVIDOR, 71
RIO DE JANEIRO

6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6
PARIS

1906

28.V.913

19
V.1

686730-170

ADVERTENCIA

Quando pensei em organizar este livro que nem de longe posso dizer meu, avaliei desde logo as responsabilidades que se haviam de lançar á minha conta; por isso, tomei algumas precauções que me prevenissem de qualquer erro mais grave.

Foi a primeira, não fiar de mim mesmo o criterio da escolha. Pedi a um grande poeta o senr. Raimundo Corrêa o auxilio do seu bom gosto para a selecção das poesias; ao senr. Mario de Alencar tambem pedi os conselhos da sua critica exempta de qualquer côr ou parcialidade; e ambos condescenderam em collaborar n'esta collectanea. Consultei depois, prudentemente e quanto me foi possivel, os proprios auctores, ácerca da qualidade e quantidade dos trechos escolhidos; e não recusei nenhuma advertencia e nenhum alvitre dos que me foram propostos. E assim fiz, não para dividir as culpas, já se entende; mas, para firmar o proposito de acertar e de nada sacrificar ás minhas preferencias pessoaes, tratando-se de uma sociedade em que sou comparte.

Depois de preparado o texto d'esta collecção, entreguei-a aos prélose escrevi a maneira de prologo as seguintes palavras que declaravam o meu intento :

« *Pelas* PAGINAS ESCOLHIDAS *d'entre as muitas que escreveram os socios da Academia Brasileira poder-se-á talvez ajuizar dos meritos, gloria e importancia da grande instituição e tambem do que, diga-se com lealdade, n'ella ha fraco, inhabil ou juvenil. O que não é realidade, póde ser promessa; por isso, houve que escolher do melhor, e tambem houve que escolher do menos máo.*

Nada, porém, deixa de ter algum valor.

Na ordem dos nomes, a descortezia é a do alphabeto; na escolha das materias, muita incapacidade nos cabe, mas quanto era possivel consultámos o gosto dos auctores e a estima e a preferencia do publico. A quantidade differe, mas era preciso achar antes a proporcional para cada grupo do que para todos. Os que têm muitas paginas, só com isto se lisonjeiem; os que têm poucas, recordem o ex-digito... »

Nada, porem, deixa de ter algum valôr.

Agora, ao receber as ultimas provas, verifiquei (da homogeneidade que lhes deu o typo commum da impressão) que houve desproporção maior do que eu imaginara a principio. Os jornalistas que tudo dissipam em folhas ephemeras e difficeis de rehaver , aqui apparecem com muito pouco : e é o caso de J. DO PATROCINIO, ALCINDO GUANABARA, CARLOS DE LAET, SALVADOR DE MENDONÇA *cujos*

livros não correspondem ao fulgôr dos seus escriptos avulsos. Vê-se ainda que a parte de COELHO NETTO, *o mais imaginoso e o mais poeta dos nossos prosadores, é realmente pequena, quanto é demasiada ou excessiva a de alguns outros que lhe não poderiam disputar a preeminencia ou egualdade.*

Resta-me agradecer aos que me auxiliaram e que já nomeei, e ao senr. Silva Ramos que me forneceu obsequiosa e espontaneamente a parte do senr. Barão do Rio Branco.

J.

Conde Affonso Celso

ALMA VARIA

Uma só alma?! Que engano!
Muitas almas todos têm:
Muda-se a alma de anno em anno,
Morrem umas, outras vêm.

Tive uma alma côr de arminho:
Pura assim nunca se viu;
Mas essa alma... Passarinho,
Bateu as azas, fugiu.

Tive uma alma ardente e bella
Como o sol jamais brilhou.
Mas essa alma... Pobre véla,
Zuniu um vento e a apagou.

Hoje, esta alma que me habita,
Donde veio?... Quem m'a deu?
— E' como estranha visita,
Mais velha e triste do que eu!

TUAS ARMAS

Pequenino capacete,
Microscopico punhal,
Eis, ão pé de um ramalhete,
Sobre aquelle tamborete,
Tua agulha e teu dedal.

Com gratidão e respeito,
Contemplo os gentis objectos :
Como os manejas com geito!
São teus amigos do peito,
Teus confidentes dilectos.

Emquanto cóses, eu ando
Tranquillo, a pensar assim :
Si ella cóse, está scismando
E, em scismas, de quando em quando,
Talvez suspire por mim.

Em longas horas ingratas,
Buscando-os, achas remedio...
Mimosas coisas pacatas!
E' com ellas que tu matas
O tempo, a tristeza, o tedio...

Do mundo fugindo á bulha,
Armas possues contra o mal
(Disso a certeza me orgulha)
Na ponta da tua agulha,
No escudo do teu dedal...

PORTO CELESTE

Andei em longas excursões distantes :
Vi palacios, sacrarios, monumentos,
Fócos da industria, artisticos portentos,
Praças soberbas, capitaes gigantes.

Mas lia, em toda parte, nos semblantes,
Dôres... lutas... identicos tormentos...
— Onde a patria dos risos?!... Desalentos
Colhi apenas, mais crueis que d'antes.

Achei, emfim, n'um pequenino porto,
Crenças, consolações, calma, conforto,
Tudo o que anima, enleva e maravilha :

Ninho de encantos que a innocencia habita,
Promontorio do céo, plaga bemdita,
E' junto ao berço teu, ó minha filha.

ANJO ENFERMO

Geme no berço, enferma, a creancinha,
Que não fala, não anda e já padece...
Penas assim crueis porque as merece
Quem mal entrando na existencia vinha?

O' melindroso ser, ó filha minha,
Si os céos me ouvissem a paterna prece,
E a mim o teu soffrer passar pudesse,
Gôso me *fôra a dôr* que te espesinha.

Como te aperta a angustia o fragil peito!
E Deus, que tudo vê, não t'a extermina,
Deus que é bom, Deus que é pai, Deus que é perfeito.

Sim... é pai, mas a crença nol-o ensina :
Si viu morrer Jesus, quando homem feito,
Nunca teve uma filha pequenina!

A' MORTE

Si és simplesmente um somno que não cessa,
A paz perfeita, o imperturbavel nada,
No seio teu acolhe-me depressa,
Morte, libertadora abençoada.

Mas si um novo existir em ti começa,
Degráu apenas de infinita escada,
Bem hajas sempre!... Encerras a promessa
De outra phase, de certo melhorada.

Seja o que fôr, tens a attracção do abysmo :
No teu egualitario despotismo
A lei das leis universaes eu vejo :

Esquecimento, solução, remedio,
Nas contorsões da duvida e do tedio,
Quantas vezes te chamo e te desejo!

PRIMEIRA COMMUNHÃO

I

Foi no dia da Assumpção da Virgem Maria e no antigo palacio imperial de Petropolis.

Sete horas e meia da manhan. Fresco, limpido o ambiente : — um azul muito claro, muito alto, muito meigo.

O palacio, dominando amplo parque, todo constellado de azaléas, tem um ar austero e risonho, ao mesmo tempo. Affluem carruagens : senhoras, homens, crianças, trajos de gala, a physionomia jubilosa. Alguma coisa sympathica e attraente vai se passar.

Entra-se em largo vestibulo, com severos adornos; sóbe-se magestosa escada, em meio de extensa galeria, na qual se aprumam, sustendo o tecto, soberbas columnas.

Chega-se á pequena, mas formosa, graciosissima capella.

E' quadrilatera, inteiramente branca, decorações de estuque no fôrro elevado. Por vastas janellas derrama-se a luz, penetram virações cheirosas, descortina-se, ao longe, risonha paizagem : — caprichosas collinas transbordantes de vegetação. Notavel a capella pela singeleza elegante. Num unico altar uma unica imagem. Innumeros cirios; e, por exclusivo enfeite, azaléas brancas, ramos de bambú.

A imagem não está em um nicho, porem afastada da parede. Dir-se-ia solta no ar. E' a Virgem de Sion, vestida de azul, as mãos cruzadas, calcando aos pés a serpente symbolica. Como é bonita a Virgem de Sion! Genuina obra prima, feita com devoção por grande artista.

Nos traços, de incomparavel finura, radia belleza sobrehumana. Illumina-lhe o semblante ineffavel sorriso. Que feições suavissimas, que tocante postura! E tudo leve, ethereo, immaterial... Acódem insensivelmente aos labios de quem a contempla os qualificativos da saudação: — clemente, piedosa, mãi de misericordia, vida, esperança, doçura!...

II

Nota-se, ao pé do altar, um espaço reservado com dezoito cadeiras vazias. Agglomera-se, em seguida, a turba variegada dos assistentes, anciosa, porem reverente e calada.

No fundo, em filas de bancos parallelos, as cento e muitas alumnas do colegio. Todas de branco, um véu branco sobre a cabeça e os hombros. Permanecem quasi immoveis, á espera. Entre a assistencia, gyram rapidas algumas *irmans*, professoras e empregadas no pensionato. Não falam; deslisam como sombras, mettidas no habito escuro, o escapulario á cinta, uma especie de capuz orlado de branco emmoldurando o rosto. Parecem contentes e ditosas. Destaca-se a superiora, pequena, olhos azues brilhantes, sorriso permanente, aspecto de autoridade sob os modos humildes, vendo tudo, providenciando ácerca de tudo, vivaz, expedita, incançavel.

Reina expectação impaciente. Mas que respeito, que silencio, que recolhida emoção!...

De subito, ouvem-se vozes, ao longe, entoando um hymno religioso.

— « Ahi vêm ellas... » — murmura-se.

Cresce a emoção. Todos os olhares se cravam na entrada da capella. As vozes se approximam. Vozes debeis, mas afinadas, de um timbre terno e penetrante. Repassa o hymno uncção fervorosa. Sôam passos lentos, cada vez mais perto. São as novas commungantes... Vem can-

tando, em vagarosa procissão, pela galeria do palacio, afim de receber, a vez primeira, o corpo e o sangue de Christo. Sóbem a escada, cantando sempre. Assomam vultos alvos á porta. Eil-as...

III

A' frente, o niveo estandarte de Sion, com a cerulea figura da Santa. Empunha-o uma menina, das grandes, inteiramente de branco. Pendem do estandarte fitas brancas, nas quaes seguram as mais pequeninas discipulas do collegio, vestidas de anjo. Agora as commungantes : duas a duas, comprida roupagem branca, larga facha branca á cintura, grinalda de rosas brancas na fronte, longo veu branco na cabeça e nas espadoas, branco cirio na mão. Acercam-se do altar sérias, graves, as feições espiritualizadas, palidas, frementes. Fazem uma reverencia á Virgem. Ajoelham. Começa a missa. Oh! nunca as praticas do culto tivéram tanta poesia, tanta significação, tanta magestade! Ha effluvios divinos no espaço. As almas se embebem do celeste mysterio.

Rezam baixinho as commungantes, mas as companheiras, em distancia, cantam psalmos, ao som do orgão, de uma maneira velada, cheia de infinita melodia.

Choram muitos dos circumstantes. A santa do altar resplandece; augmenta a bondade de seu sorriso, emquanto as vélas despedem clarões mais fortes, o perfume do incenso se mistura ao aroma sylvestre trazido pela aragem, e a voz do sacerdote vai proferindo em surdina as frases do ritual. Com que reverencia todos se inclinam quando elle abençôa!...

Já elevou pela segunda vez a hostia e o calix, já partiu o sagrado emblema.

— *Agnus Dei... Agnus Dei...* Cessaram os canticos e

a musica. E' intenso o silencio, indizivel a commoção. Chegou-se ao momento supremo da solemnidade.

— *Dominus non sum dignus... Dominus non sum dignus...*

Ha um repique compassado de campainhas. Volta-se o sacerdote e profere breves e eloquentes palavras sobre a grandeza do acto que vai começar. Dois dos pequenos anjos desdobram diante do sacerdote alva toalha de rendas, conservando-a estendida, á guiza de mesa. Erguem-se duas a duas as commungantes, prosternam-se junto á toalha, recebem a sacrosanta particula e voltam para os seus lugares, — solemnes, hirtas, mais palidas ainda, as mãos postas, os olhos baixos, banhadas de mysticismo. O silencio é augusto. Como que se escutam bater os corações. Tudo rapido, tudo simples, mas produzindo impressão imperecivel que abala suavemente o mais intimo do ser.

IV

Terminou a série das primeiras commungantes. Foram dezoito.

Agora, toca a vez ás companheiras. O Collegio inteiro vai tambem commungar. Duas a duas igualmente, com identico fervor, na mesma attitude embevecida, desfilam cerca de duzentas donzellas, numa ordem perfeita. Passam, passam, extaticas todas, dando vaga e deliciosa sensação de via-lactea, de uma coisa muito elevada, muito pura, muito branca.

Acabou-se?... Ainda não. Adiantam-se por seu turno as antigas discipulas do collegio, vindas de procedencias varias e longinquas, para tomar parte na festa. Moças feitas algumas, encantadoras senhoras, talvez já victimadas pelas decepções da existencia, trazem tambem o véu branco sobre os vestidos formosos.

Acabou-se?... Restam os pais e os parentes das meninas, pessoas idosas, alumnas de outros collegios, num prestito interminavel. Grande multidão commungou, sem que por um instante arrefecesse ou se alterasse a nobreza pathetica do acto. Recomeçam, por fim, os hymnos, presentemente festivos. Os accórdes do orgão tornam-se satisfeitos vibrantes, triumphaes.

E a missa conclue, ouvida sempre com geral devoção, a que se juntou candida alegria.

V

Precipitam-se todos para as primeiras commungantes; abraçam-nas, festejam-nas, acclamam-nas. Parabens! Parabens! E ellas radiantes, felizes, trocam entre si piedosas lembranças, destinadas a perpetuar a data gloriosa.

Feliz na realidade, esse momento, minhas meninas. Não encontrareis outro assim, cem annos que vivais. Horas virão de prazer, de interessante novidade, — o casamento, o baptisado do primeiro filho, que sei eu? — porém travadas de apprehensões e melancolia, complicadas; nenhuma singela, casta, branca, qual a que passastes ha pouco. A vossa ventura foi ahi completa, como só póde ser um momento no mundo, como nunca mais será.

Mas ha gotas imperceptiveis de perfume que bastam a embalsamar por longo prazo vasto recinto. Pois bem! Sejam quaes forem as vicissitudes do vosso destino, a recordação desse momento vos dará sempre um lampejo branco, vos encherá sempre, sempre, de regozijo e consolação.

ITHAMAR

POEMA TRAGICO EM UM ACTO

(Em Belem de Judá, pouco menos de dois annos depois do nascimento de Christo. Pequena sala de singela habitação. Uma janella, duas portas, — dando a primeira para os aposentos interiores, e a segunda, bem como a janella, para a rua. Muito simples a mobilia : uma mesa; uma esteira com almofadas, por terra; escabellos; vasos de argila.

Martha, sentada numa das almofadas, tem o filhinho no collo e o embala docemente. Joven, mas os traços assignalados de lutas e desillusões. Denota seu ar intensa tristeza, a par de infinito amor ao filhinho. Percebendo que elle adormeceu, fica immovel, fitando-o com ineffavel meiguice. Ouvem-se passos. Martha volta a cabeça, sorprehendida. Abre-se a porta que deita para a rua. Entram Ozias e Manassés.)

OZIAS. — A paz do Senhor seja comtigo, Martha.

MANASSÉS. — Martha, eu vós saúdo.

(Ella sorri, sem responder. Faz aos visitantes um gesto de silencio, mostrando o filhinho adormecido. Levanta-se, depois, com mil precauções, e, carregando a criança, como fragil fardo precioso, encaminha-se para o interior da casa. Do limiar da porta, recommenda, por meio de novos gestos, que a esperem e falem baixo, evitando barulho.

Pausa. Ozias e Manassés abancam-se nos escabellos.)

OZIAS. — Pobre Martha! Desgraçada mãi! Afaga Ithamar, o filhinho adorado, toda embebida nelle, e não suspeita, nem póde suspeitar, a terrivel sorte que hoje mesmo vai ter esse filhinho! Que fazer, Manassés?

MANASSÉS. — Que fazer, Ozias? Tanto como vós, ou menos do que vós, sei eu o que fazer. Sei apenas que me sinto acabrunhado, como estais. Sei apenas que em tempo e lugar algum, nos fastos do mundo, nunca, jamais, se deparou aos descendentes de Adão, conjunctura dif-

ficil e angustiosa, qual esta em que óra nos achamos. Que fazer, Ozias?

OZIAS. — Infelizmente, não exagerais, Manassés. Situação horrorosa, em verdade, e mais horrorosa a da desditosa Martha. Como dizer áquella apaixonada mãi, tão extremosa para o seu mimoso menino : « Mulher, entrega esse menino; entrega-o ao carrasco que o deve assassinar! » E é essa a missão que viemos cumprir aqui. Minha velhice não se sentiu forte bastante para a desempenhar. Recorri á vossa mocidade. Ambos nós fomos amigos de Josias, o finado esposo de Martha. Ambos prezamos Martha. Eu a vi nascer! Brincou-me nos joelhos! E quão digna de nossa estima, quão meiga, quão sensivel! Senhor Deus, como a prevenir da proxima catastrophe, como lhe communicar que Ithamar, seu estremecido filhinho, a consolação exclusiva de sua viuvez, o encanto unico de sua vida, o seu universo, a sua razão de existir, vai ser trucidado, em poucas horas, por implacavel algoz. Será possivel?

MANASSÉS. — Parece um pesadelo, mas é a tremenda realidade. Si a vossa velhice, cheia de experiencia, treme e vacilla, que fará a minha imperita juventude? Sim, o rei Herodes mandou matar todas as crianças do nosso sexo, existentes em Belem, de menos de dois annos de idade. As determinações de Herodes, — não o ignorais, — são inflexiveis e inappellaveis. Ithamar, o filho que Martha, a doce e carinhosa Martha, está acalentando lá dentro, veiu á terra não ha seis mezes. Acha-se condemnado. Forçosamente, hão de arrancal-o á mãi, e matal-o hoje mesmo.

OZIAS, *apertando a cabeça nas mãos.* — Senhor Deus! Senhor Deus!

MANASSÉS. — Cumpre que a previnamos, procurando attenuar-lhe a rudeza do golpe. Do contrario, enlouque-

cerá, ou morrerá tambem. Convidastes-me a cumprir comvosco esse doloroso dever. Aqui me vêdes, não calculais com que pena e com que dôr.

OZIAS. — As determinações do rei Herodes são inappellaveis, dissestes. Repugna-me crer que não reste meio de tentar commover o rei Herodes, de modo a conseguir delle a annullação da ordem sanguinaria. Não commoveu Esther o rei Assuéro, não destruiu as machinações de Aman, não alcançou a revogacão do edicto que ordenava a matança de todos os hebreus?

MANASSÉS. — Commover o rei Herodes?! Em que terra e em que tempo viveis, Ozias?! Não conheceis, então, o nosso rei, Herodes, o Grande?! O Grande!... Grande, sim, — grande o seu poder, grandes as suas crueldades, grandes os seus crimes. Esqueceis que mandou matar o summo Pontifice Hyrcano, principe dos hebreus, sem respeito ás cans e á alta dignidade do augusto ancião, seu antigo protector?! Esqueceis que mandou afogar no Jordão seu joven cunhado Aristobulo?! Esqueceis tantas outras de suas numerosas e illustres victimas, — os membros do Sanhedrim que se lhe mostravam desfavoraveis, seus dois proprios filhos, seu outro cunhado José, e, sobretudo, sua esposa Marianna, a mais bella mulher destes tempos, — Marianna, que elle amava loucamente, mas de quem concebeu injusta suspeita? Esqueceis tudo isso... Não existe Esther capaz de enternecer este Assuéro, uma vez que Marianna foi trucidada sem piedade. Não importa que Herodes tenha o auxilio dos romanos, seja amigo de Augusto, haja exterminado os bandidos da Gallileá, embellezado cidades, edificado palacios, theatros e circos, reconstruido o templo, no intuito de exceder o de Salomão, não importa que se manifestasse magnanimo durante a fome de Jerusalem, a ponto de mandar fundir as suas joias e baixellas para

soccorrer as familias pobres. Ha inapagaveis nodoas de sangue em suas mãos. Gotteja sangue de sua historia. Não tem valor para elle a vida alheia. Sua carreira é um tecido de lutas e perseguições.

OZIAS. — O ardor dos verdes annos vos suggere palavras imprudentes. Moderai-vos.

MANASSÉS. — Deixai-me falar. O rei Herodes é um despota, cegamente obedecido. Sua ordem de matar os innocentes será cumprida sem remissão. O filho de Martha, como tantas outras crianças, tem de morrer. Não pódem fracos meninos indefesos encontrar mais valimento perante o espirito implacavel do soberano do que os membros da sua propria familia, nobres mancebos, venerandos velhos, e a formosa Marianna que elle adorava, a ponto de ficar quasi doido quando a soube morta. Tudo sacrifica ás suas ambições e ás suas desconfianças. E' omnipotente e inexoravel. Ithamar, o filho de Martha, coitada! tem de morrer.

OZIAS. — Mas Herodes é habil. Porque esta iniquidade inutil contra inoffensivas crianças?

MANASSÉS. — Inutil para elle, não. Chegou aos ouvidos de Herodes que em Belem de Judá nasceu o Messias annunciado pelos prophetas. Ora, o Messias, segundo os prophetas, lhe arrebatará a corôa, tão custosamente alcançada, tão energicamente mantida. Jacob vaticinou que se não tiraria o sceptro de Judá ao principe estrangeiro (e Herodes é estrangeiro), emquanto não viesse o Messias. Herodes assustou-se com a noticia do nascimento. Receia, quando menos, que dahi se origine inconveniente agitação popular. Não sabendo, ao certo, qual seja o supposto Messias, manda matar todas as crianças da presumida idade d'este. Acredita que assim elle não escapará.

OZIAS. — E como teve conhecimento Herodes do

nascimento desse, como dizeis, supposto Messias?

MANASSÉS. — A commoção vos oblitera a memoria, ou quereis que eu repita cousas geralmente sabidas, para encher o tempo, emquanto Martha não volta. Olvidais que « vieram do Oriente uns magos a Jerusalem, dizendo: onde está o rei dos Judeus que é nascido? porque nós vimos no Oriente a sua estrella, e viemos adoral-o. E o rei Herodes ouvindo isto se turbou e toda Jerusalem com elle. E convocando todos os Principes dos Sacerdotes e os Escribas do Povo lhes perguntava: onde havia de nascer o Christo. E elles lhes disseram: em Belem de Judá. »

OZIAS. — Em verdade, está escripto pelo propheta que daqui, de Belem de Judá, sahirá o Conductor que ha de commandar o povo de Israel.

MANASSÉS. — « Então, Herodes, tendo chamado secretamente os magos, inquiriu delles com todo o cuidado que tempo havia que lhes apparecera a estrella; e enviando-os a Belem, disse-lhes: Ide, e informai-vos bem que menino é esse; e depois que o houverdes achado, vinde-m'o dizer, para eu ir tambem adoral-o. Elles, tendo ouvido as palavras do rei, partiram; e logo a estrella que tinham visto no Oriente, lhes appareceu, indo adiante delles, até que chegando, parou sobre onde estava o Messias. »

OZIAS. — O menino é o filho de Maria, a desposada de José, e descendente de David. O nascimento está envolto em mysterios. Dizem que Maria o concebeu virgem, cumprindo-se o que falou o Senhor pelo propheta Izaias. Puzéram no menino o nome de Jesus. Onde está elle? Escapará á matança?

MANASSÉS. — Ouvi. « Quando os magos viram a estrella, foi sobremaneira grande o jubilo que sentiram. E entrando na casa, acharam o menino, com Maria, sua mãi,

e, prostrando-se, o adoraram; e abrindo os seus cofres lhe fizéram suas offertas de ouro, incenso, e myrrha. E havída a resposta em sonhos que não tornassem a Herodes, voltaram por outro caminho para a sua terra. Partidos que elles fôram, eis que apparece um anjo do Senhor em sonhos a José, e lhe disse : levanta-te e toma o menino e sua mãi, e fóge para o Egypto, e fica-te lá até que eu te avise. Porque Herodes tem de buscar o menino para o matar. José levantando-se, tomou de noite o menino, e sua mãi, e retirou-se para o Egypto. »

OZIAS. — E lá estão em segurança! Porque não ter podido fazer o mesmo com o filhinho de Martha?!

MANASSÉS. — « Herodes, então, vendo que tinha sido illudido dos magos, ficou muito irado por isso e mandou matar todos os meninos que haja em Belem, e em todo o seu termo, que tiverem dois annos, e dahi para baixo, regulando-se nisto pelo tempo que tinha exactamente averiguado dos magos. » Herodes ignora a fuga para o Egypto. Pensa que vai supprimir o Messias. Tambem se enganam os potentados! Eis a razão porque está condemnado Ithamar, o filho de Martha, e nós aqui viemos para prevenil-a.

OZIAS. — E já começou a execução da barbara sentença?

MANASSÉS. — Sim. Esta madrugada. Tudo deverá estar consummado antes da noite. Por isso, se ouve em Belem um clamor, um chôro, e um grande lamento. São as mulheres deplorando a sua desgraça. Correm mais lagrimas dos olhos das mãis do que agua na fonte, ora deserta, onde ellas vão encher os seus cantaros.

OZIAS. — Cumpre-se ainda uma vez o que annunciára o propheta Jeremias quando descreve Rachel em Ramá chamando a seus filhos, sem admittir consolação pela falta delles!

MANASSÉS. — E' incrivel que Martha não o saiba, não desconfie siquer. Vistes como, ha pouco, acarinhava tranquilla e venturosa o pequeno Ithamar, qual si nada o ameaçasse.

OZIAS. — Que quereis? Só hoje se divulgou a ordem da carnificina. Demais, Martha, depois que perdeu o esposo, não conhece outra occupação, outro interesse sinão adorar o filhinho. Não se arréda um instante de ao pé delle. Sómos quasi as unicas pessôas que a visitam. Vive alheia a tudo, inteiramente entregue á sua querida obsessão. Tambem o filhinho reclama todos os seus cuidados. Fragil creatura! Sempre doente, mais de uma vez tem estado a expirar. O desespero de Martha nessas conjuncturas é que me enche de pavor, imaginando o que vai succeder daqui a pouco.

MANASSÉS. — Antes o Senhor lh'o houvesse arrebatado numa dessas occasiões do que reserval-o para o transe que se prepara!

OZIAS. — Inescrutaveis são as vistas do Senhor. O que nos cumpre agora é chamal-a e prevenil-a. Si pudesse fugir!

MANASSÉS. — Fugir? ! E' tarde... Nem pensar em fugir. Guardas numerosas vigiam as estradas. Herodes sabe executar o que delibéra. Tomou as devidas precauções. E' tarde, Ozias. Só nos resta pedir a Deus coragem para avisar a pobre mãi e procurar consolal-a depois.

OZIAS. — Coragem nunca me faltou. Combati em moço os inimigos da nossa raça. Tomei parte em batalhas sangrentas. Durante o meu longo percurso na terra, sobejos perigos tenho arrostado e a muitas scenas dolorosas assistido. Nunca, em emergencia alguma, tremeu-me o corpo ou conturbou-se-me o espirito. Entretanto, neste momento, a perspectiva do desespero de Martha

pôe-me nos membros, — vêde, — um tremor de susto, e no animo um desfallecimento mortal.

MANASSÉS, *vendo Martha assomar á porta.* — E o momento terrivel chegou. Martha ahi está.

MARTHA, *approximando-se.* — Perdão, Ozias; perdão, Manassés. Demorei-me tanto, porque meu filhinho despertou e tive de o fazer adormecer novamente. O descanço de meu filhinho é sagrado. Ninguem lh'o perturbe, antes que elle se queira mover... Depois, puz-me a contemplal-o adormecido, e esqueci-me do tempo, quê foi passando, sem eu sentir, esqueci-me de tudo. Pois contemplar meu filhinho, o meu exclusivo amado, é mais encantador que contemplar o lirio dos campos e a açucena dos vales. Todo elle é um lirio, distillando doçura. Todo elle é formoso e sem macula. Todos os louvores que se teceram, no Cantico dos Canticos, á Sulamita, pouco valem ante os louvores que sem cessar rende a meu filhinho o meu coração. A sua face, os seus olhos têm mais lindeza e mansidão do que as pombas. E' galante e engraçado como um veadinho, ou como a cabra subindo o monte de Galaad. Como é gracioso, como é bello aquelle a quem a minh'alma estremece, o amiguinho meu, o immaculado meu, o querido meu, o perfeito meu, o filhinho meu, o escolhido meu entre milhares. Como um ramalhete de myrrha elle, sim, elle mora entre os meus seios. Beijal-o é mais suave a meus labios e á minha garganta do que sugar um favo delicioso de leite e mel, ou um cacho de Chypre das vinhas de Engaddi. Desfalleço de amor diante delle. Seu corpo pequenino, pouco maior que o meu coração, encerra para mim mais bellezas do que os pavilhões de Salomão e as tendas de Cedar. Ainda não sabe falar, mas eu entendo as cousas deleitosas que elle diz, a sós commigo, porque elle é verdadeiramente o meu filhinho, eu sou para o meu filhi-

nho, o meu filhinho é para mim, e é para mim só que elle se volta, e é só para elle que me volto eu! Tal é o meu filhinho, amigos meus, o unico para aquella que lhe deu o ser. E' a minha vida, mais que a minha vida; é a minh'alma, mais que a minh'alma; é o meu tudo, mais que o meu tudo: é o meu filhinho. Meu filhinho... meu filhinho... Mal de mim, ingrata, que estou aqui a falar, tão perto delle, e, ha tanto tempo, apartada delle, deixando de o contemplar! Esperai. Vou espreitar si continua dormitando e breve tornarei, si dormitar ainda, para ouvir o que desejais. (*Sae.*)

OZIAS. — Quanto ella o ama, Manassés! Palpita em cada uma de suas palavras um mundo de amor! E' mais ainda do que eu pensava! Menos disposto fiquei, depois que a ouvi, a lhe fazer a terrivel revelação.

MANASSÉS. — Mas é preciso... é preciso... O tempo urge. Peior será si algum dos esbirros de Herodes chegar inopinado, e brutalmente lhe arrancar dos braços o filhinho.

MARTHA, *voltando.* — Meu filhinho continúa dormindo, porém não é bom o seu ar. Está pallido, estremece, parece soffrer. O coração presago não me engana. Vai-lhe succeder alguma cousa desagradavel e perigosa. Ah! meu Deus! Talvez uma daquellas crises da costumada molestia. Tem escapado com tanta difficuldade! Julguei que se houvesse curado... Supplico-vos, Manassés, vós que sois moço, ide depressa, trazei-me o magico que, segundo asseguram, conjura as molestias, devidas, porventura, a espiritos malignos. Expulse elle os males de meu filhinho, por meio de imprecações, palavras santas, ou empregando o succo de hervas uteis. Que venha... que venha... Promettei-lhe todos os siclos de prata que eu possúa.

MANASSÉS. — Para que?

MARTHA. — Para que? ! Para salvar meu filhinho, Manassés, para impedil-o de soffrer. Ide, ide sem detença. Dar-vos-ei a beber, quando regressardes, um vinho de confeição aromatica, ou um licor novo das minhas romans. Ide, que eu volto para junto de meu pobre Ithamar. (*Sae.*)

OZIAS. — Ah! si a crise da enfermidade se manifestase antes da vinda dos emissarios de Herodes... Talvez, vendo o pequenino contorcer-se nas vascas da molestia, adiassem a execução da sentença... Do adiamento quem sabe? — proviria a salvação...

MANASSÉS. — Não o espereis. Cumpre-nos aguardar a mais dolorosa solução. Está escripto em Isaias : Eis ahi virá o dia do Senhor, o dia cruel e cheio de indignação, e de ira, e de furor, para pôr a terra numa solidão, e para fazer em migalhas os seus peccadores, exterminados della.

OZIAS. — E accrescenta Izaias : Preparei os filhos para uma morte violenta, por causa da iniquidade de seus pais...

MANASSÉS. — Iniquidade de seus pais!... Que iniquidade, entretanto, commetteu Martha, a pura, a bondosa Martha?...

MARTHA, *voltando.* — Então, Manassés, ainda não fôstes, ainda não correstes, ainda não voastes? Onde está a vossa amizade? Bem se vê que nunca tivestes um menino ao peito, um filhinho das vossas entranhas. Ide, Manassés, por Deus; ide depressa.

MANASSÉS. — Irei, mas...

MARTHA. — Como? ! Hesitais? Que é isso? ! Ide... ide...

OZIAS. — Fazei-lhe a vontade... Ide, Manassés, mas não vos demoreis... (*Sae Manassés.*)

MARTHA. — Meu filhinho não vai bem... Ithamar não vai bem... Estranhos presentimentos me agitam. Entrai,

Ozias, observai meu filhinho. Vêde si não parece mais enfermo que de costume. Eu vos acompanho... Não... Entrai sosinho; sem mim, observareis mais á vontade. Verificai si o seu somno não se assemelha ao somno da morte. Ao somno da morte!... Que digo?! Santo Deus, Santo Deus... Estou desvairando. Entrai, Ozias... Entrai... Mas, ouvi... Entrai de manso, bem de manso... Não o acordeis, não o perturbeis... De vagar, de vagarinho... (*Impelle Ozias para o aposento.*)

OZIAS. — Ahi vou... Ahi vou... (*Sae.*)

MARTHA, *cahindo de joelhos.* — Senhor, Deus de Israel, vós que, na terra do Egypto, fizestes as parteiras dos hebreus desobedecerem á ordem do rei de matar, na hora do parto, os filhos varões do nosso povo; vós que fornecestes a Amarão e Jacobed meios de occultarem, durante tres mezes, Moysés pequenino, condemnado a morrer, e, depois, mettido elle no cestinho de junco, exposto no canaveal junto á ribanceira do rio, determinastes fôsse salvo pela filha de Faraó e criado pela propria Jacobed, sua mãi; Senhor Deus forte, protector dos fracos, Senhor Deus de Abrahão, de Isaac e de Jacob, não permittais que meu filho soffra ou pereça; Senhor Deus, tende compaixão de meu filhinho; salvai-o, curai-o, Senhor Deus. (OZIAS *volta.*)

OZIAS. — Já o observei, Martha.

MARTHA. — E como o achais?

OZIAS. — Conforma-te com a vontade do Altissimo. Não acho bom teu filho. Acho-o mal. E' funda a sua pallidez; tem estremecimentos convulsos... Talvez Deus o queira levar.

MARTHA. — Mal... convulsões... Deus levar meu filhinho!... Não... não é possivel... Seria crueldade excessiva... Corro para elle. Vou abraçal-o tão estreitamente que a morte não se atreverá a leval-o, ou, então,

nos carregará juntos. (*Precipita-se para o quarto.*)

OZIAS, *detendo-a.* — Escuta, Martha; preciso communicar-te alguma cousa de grave.

MARTHA, *afastando-o.* — Deixai-me... Não ha nada de grave sinão o soffrimento de meu filho.

OZIAS. — E' mesmo a proposito de Ithamar, teu filho...

MARTHA. — A proposito de meu filho?... Já sei... Quereis dizer-me que o julgais mal e é preciso cural-o. Não posso demorar-me longe delle, não posso demorar-me a ouvir.

OZIAS. — E' necessario que eu te fale.

MARTHA. — Vinde falar-me junto a elle... Mas cautella, falai de manso... Pisai de vagar, que o não molesteis. Ouvi um gemido... Talvez elle me chame na sua linguagem sem phrases, e me esteja exprobrando o havel-o deixado tanto tempo. Ithamar, meu adorado filhinho, que é que queres, que é que tens?! (*Sae.*)

OZIAS, *cahindo de joelhos.* — Senhor, Deus de Israel, vós que disséstes a Abrahão : toma a Isaac teu filho unico, a quem amas, vai á terra da Visão, e ahi o offerecerás em holocausto; vós que permittistes Jafthé sacrificasse sua filha, tambem unica, em cumprimento do voto feito; vós que consentistes que Joad atravessasse com tres lanças o coração do moço Absalão, não obstante a ordem formal de o pouparem, dada por seu pai, o rei David, que chorou amargamente aquella morte; Senhor, Deus forte, Deus Justo, Deus de Jacob, chamai a vós o filho de Martha, antes que o esbirro de Herodes lh'o arrebate. Piedade, misericordia, Senhor Deus...

MANASSÉS, *entrando, a physionomia alterada.* — Ahi vem os executores da ordem de Herodes...

OZIAS. — Que dizeis? !

MANASSÉS. — Precedo de poucos passos um dos carrascos, escolhidos *adrede* entre homens de longes terras,

sem filhos, sem parentes, sem amigos, sem conhecidos em Belem de Judá.

OZIAS. — Que fazem elles?

MANASSÉS. — Não imaginais o horror do que vai por ahi. E' inacreditavel! Já mataram centenas de crianças. Em geral, estão applicando o supplicio ordinario das nossas leis, a estrangulação, porque a sentença não especificou o modo como a morte seria infligida. Certos algozes, porem, immolam os meninos por meio da espada, decapitando-os, enterrando-lhes no fragil peito a lamina cortante. Outros os suffocam entre almofadas, ou lhes apertam o tenro pescoço, com os dedos e as unhas. Mães valorosas resistem; defendem a prole, desesperadas; lutam com os carrascos, arranham-n'os, mordem-n'os, tentam furar-lhes os olhos. Em vão!... Serve isso apenas para lhes acirrar a crueldade. Outras, agarram-se ás espadas que elles vibram, ensanguentando as mãos, decepando os dedos. A maior parte cae em passiva prostração, vizinha do anniquilamento, ou prorompe em gritos e gestos allucinados. Mas, a despeito de tudo, a terrivel determinação de Herodes está sendo cumprida á risca. Alguns algozes mostram certa piedade, não assassinam os meninos no lar materno; carregam-n'os para pontos remotos, donde não se ouçam os gemidos. Alguns, sem dó, brutaes, desvairados de fereza, esmagam-n'os sob os pés, esmigalham-lhes o craneo de encontro ás pedras, entre gargalhadas, com requintes inauditos de perversidade. Que abysmos de maldade na besta humana, solta aos seus instinctos!... E o mais compungente é que das mimosas victimas, tantas tão bellas, ostentando todas a candura da primeira infancia, varias como que comprehendem, revoltam-se, repellem com os melindrosos bracinhos os seus assassinos, disputando a vida, — esta vida que não vale a pena viver, — emquanto outras,

illudidas, habituadas só a caricias, acreditando que ninguem se atreverá a lhes fazer mal, abrem affaveis esses bracinhos, sorrindo, confiantes, aos ignobeis sicarios que nem tal sorriso consegue desarmar!...

OZIAS. — Que horror!

MANASSÉS. — Toda cabeça está enferma, todo coração abatido, como exclamou o Propheta. Mil calamidades predisseram os Prophetas, em consequencia dos crimes de Judá. Não ousaram, todavia, cogitar de desolação igual a esta.

OZIAS. — Repitamos, como Jeremias: Senhor tu de todo o ponto nos rejeitaste; tu te iraste contra nós asperamente. (*Ouvem-se passos.*)

MANASSÉS. — Ahi vem elles! A vez de Martha chegou!... (*Os passos se approximam. Batem á porta que deita para a rua.*)

OZIAS. — Quem bate?

VOZ DE FORA. — Abri, em nome do rei.

OZIAS. — Que quereis?

VOZ DE FORA. — Abri... abri...

MANASSÉS. — E' inutil, Ozias, abri... (*Abre-se a porta, junto á qual postam-se na rua soldados armados. Entra um official. Ozias e Manassés fazem gesto instinctivo de interceptar a porta que dá para o aposento interior.*)

O OFFICIAL. — Nesta casa existe uma viuva com um filho de poucos mezes. Cumprindo as ordens do nosso rei, venho buscar a criança. Espero que m'a entregueis docilmente, não me coagindo a empregar violencia.

OZIAS. — Para que fim buscais a criança?

O OFFICIAL. — Não o ignorais.

OZIAS. — No Deuteronomio está escripto: Maldito o que perverte a justiça do estrangeiro, do orfão e da viuva: e todo o povo responderá: Amen!

O OFFICIAL. — Entregai-me a criança. Obedeço á

ordens do meu rei, a quem deveis tambem obediencia.

OZIAS. — Diz o Exodo: Não fareis mal algum á viuva e ao orfão.

O OFFICIAL. — Está escripto no livro dos Reis: este será o direito do rei que vos ha de governar: elle tomará os vossos filhos.

OZIAS. — Accrescenta o Senhor no Exodo: não fareis mal algum á viuva nem ao orfão. Si vós o offenderdes, elles grítarão por mim, e eu ouvirei os seus clamores.

O OFFICIAL. — O rei foi constituido para governar. O que elle ordena é lei sagrada. O rei é o escolhido de Deus. Não podeis julgar os designios de Herodes.

OZIAS. — Até á vida dos animaes se deve ter respeito. O justo attende pela vida de seus animaes, mas as entranhas dos impios são crueis. Moysés levava o respeito á vida dos homens a ponto de ordenar a lapidação de um boi que com as pontas matara um ser humano.

O OFFICIAL, *impaciente*. — Basta de palavras. Assás vos ouvi! Sou o braço que executa. A cabeça é o rei. O braço obedece á cabeça. Entregai-me o menino.

OZIAS. — Tende compaixão de um pobre innocente, gravemente enfermo, prestes a morrer.

O OFFICIAL. — Compaixão?! E quem tel-a-ha de mim, si eu não cumprir as ordens do rei? Compaixão? Porque?! Acaso tantos outros meninos já não foram executados? Que merece este mais do que os outros? Si está prestes a morrer, melhor; menos soffrerá. Vamos, vamos, entregai-m'o.

MANASSÉS. — E si vos déssemos quantos siclos de prata e ouro possuissemos...

O OFFICIAL. — Guardai vosso dinheiro. Perdeis tempo tentando corromper-me. Si eu cedesse, viriam novos emissarios, encarregados da mesma tarefa, e menos

complacentes, pois não se demorariam a escutar-vos. Já teriam realisado o que lhes cumpre. Entregai-me o menino.

MANASSÉS. — E si não o entregassemos, si resistissemos, si lutassemos...

O OFFICIAL. — Calai-vos, temerario mancebo. Não me leveis a proceder com energia. Meus soldados virão ao mais leve chamado meu. Todas as sahidas estão tomadas. E' inutil fugir; é inutil discutir; é inutil lutar. Ainda uma vez, a ultima: entregai-me por bem o menino.

OZIAS. — Senhor, Senhor socorrei-nos!...

O OFFICIAL. — Ah! Não obedeceis?!... Vou procural-o por mim proprio... (*Dirige-se para a porta do interior, apartando Ozias e Manassés. Martha entra, como que fôra de si, sem prestar attenção ao official, cuja presença os outros dissimulam.*)

MARTHA. — Meu filhinho vai mal... Vai mal... Depois dos estremecimentos, prostração extrema. A pallidez augmentou. Que terá elle? Porque padece, tão pequenino? Não é justo... não é justo... E Manassés que não traz o homem que sabe curar... (*Dando com Manassés.*) Ah! emfim! Voltastes, Manassés... Obrigada... Obrigada! (*Dando com o official.*) E trouxestes o homem... Muito bem... (*Para o official.*) Bem vindo sejais, senhor, por haverdes accorrido ao chamado de uma triste viuva. Bem vindo sejais, pois viéstes por causa de meu filho.

O OFFICIAL. — Aqui estou só por causa do vosso filho.

MARTHA. — E ides libertal-o de todos os seus males? Não é assim?

O OFFICIAL, *sorrindo*. — Vou libertal-o, sem duvida, de todos os seus males na terra.

MARTHA. — Bem vindo sejais... Bem vindo sejais... Eu vou trazel-o já, e vol-o entregarei.

O OFFICIAL. — Ide, trazei-m'o já, e entregai-m'o.

OZIAS. — Espera, Martha. Aqui, não. Não o tragas. Volta para junto de teu filho. Acorda-o, abraça-o, beija-o. Este homem irá lá ter. Eu lhe explicarei a molestia. Acompanhai-a, Manassés. Não vistes ainda Ithamar.

O OFFICIAL. — Trazei-m'o... trazei-m'o...

OZIAS. — Vai, Martha... (*Para o official*) Escutai...

(*Martha e Manassés obedecem.*)

O OFFICIAL. — Não me retenhais. Deixai-me cumprir o meu dever.

OZIAS. — Sei que recebestes ordens inilludiveis. Não tento siquer contrapor-me a ellas. Seja feita a vontade de Deus! Mas a criança que jaz ali dentro parece agonisante. Creio que lhe restam poucas horas de vida. A mãi ignora a tarefa de que estais incumbido. Tomou-vos, desgraçada, pelo magico que cura, em vez de matar. Entrai. Si achardes, realmente, mal o menino, não o arrebateis logo dos braços da mãi. Deixai que elle morra naturalmente. Desde que se extinga, ficará desempenhada a vossa obrigação. Permitti á mãi a consolação supreme de chorar sobre o pequeno cadaver.

O OFFICIAL. — Não posso. As ordens são formaes. Devo matal-o.

OZIAS. — Matal-o-heis... matal-o-heis... E' a ordem. Mas não deveis matar igualmente a mãi. E ella succumbirá si lhe levardes agora o seu menino. A fuga é impraticavel, não ha salvação possivel, disséstes. Pois bem! Deixai-me apenas o tempo necessario para preparar o animo daquella pobre mulher. Entrai; verificai o estado da criança, e voltai daqui a uma hora. Aproveitarei a vossa ausencia... Si, quando regressardes, ainda o encontrardes vivo, praticareis o que vos approuvér. Suspendei somente por breve periodo a execução. Ide a

outras casas. Que mal haverá nisso? Eu vos exóro, eu vos conjuro, eu nome do que mais prezardes no mundo, em nome da vossa amada, em nome da vossa mãi...

O OFFICIAL. — Não conheci mãi, não tenho amada...

MARTHA, *apparecendo á porta.* — Porque vos demorais?! Vinde... Ithamar, o meu filhinho está prompto para receber-vos. Vinde...

O OFFICIAL. — Ahi vou... (*Entra.*)

OZIAS, *de joelhos.* — Senhor, Deus de Israel, vós que determinastes a Abrahão o sacrificio de Isaac; que permittistes a immolação da filha unica de Jefthé e a morte do moço Absalão, não obstante a ordem em contrario de seu desolado pai, o rei David; Senhor Deus forte, justo e omnipotente, chamai a vós o filho de Martha, antes que Herodes o trucide. Misericordia, senhor Deus. Matai depressa Ithamar!

O OFFICIAL, *voltando.* — Sim, o menino está mal. Pouco poderá durar. Accedo ao vosso pedido. Adio o cumprimento da ordem. Ou antes, — não foi o vosso pedido que me moveu. Foi a attitude da mãi, o seu ar junto á criança enferma. Regressarei dentro de uma hora. Si então não estiver tudo acabado, farei o que me cumpre.

MARTHA, *entrando.* — Como achastes o meu filhinho? Contemplaste-o profundamente, e sahistes sem nada dizer...

O OFFICIAL. — Vosso filho está mal... muito mal...

MARTHA. — Mas ides cural-o... Não é assim?! Que devemos fazer?

O OFFICIAL. — Nada... Voltarei daqui a uma hora.

MARTHA. — Não vos afasteis... Não vos afasteis... (*O official sae.*) Deus não pode abandonar-me. Meu filhinho ha de salvar-se... Ha de salvar-se...

OZIAS. — Martha, é melhor que o teu filhinho morra...

MARTHA. — E' melhor que o meu filhinho morra!... Enlouquecestes, Ozias!... E' melhor que o meu filhinho morra... Que contrasenso! Que monstruosidade!... Não... nunca... E' melhor que o meu filhinho viva... Meu filhinho ha de viver... Ha de viver. Estão todos contra nós. Mas resta-nos Deus... (*Cahindo de joelhos.*) Senhor Deus de Israel, vós que na terra do Egypto livrastes os filhos varões dos hebreus condemnados por Pharaó; vós que protegestes Moysés pequenino e abandonado no cesto de junco sobre as agoas do rio, Senhor Deus de Verdade, Senhor Deus de Justiça, Senhor Deus de Clemencia, Senhor Deus de Perdão, não consintais que o meu filhinho pereça; attendei-me, Senhor Deus, salvai-o... salvai-o...

MANASSÉS, *na soleira da porta.* — Depressa, Martha... Vossa presença é junto a Ithamar... (*Martha se precipita. Ouve-se um grito desesperado, seguido de horriveis soluços.*)

MARTHA, *correndo como doida.* — Chamai o homem que cura... chamai-o para o meu filhinho...

MANASSÉS. — Vosso filho não tem necessidade de mais nada na terra.

MARTHA, *torcendo as mãos.* — Meu filho está immovel... Meu filho está hirto... Meu filho está frio...

OZIAS. — Morto?!

MANASSÉS. — Morto!...

MARTHA. — Não é possivel... Mentis... Não é possivel. Meu filho não morreu... Deus não podia abandonar-me.

MANASSÉS. — Deus vos protege, Martha.

MARTHA. — Deus abandonou-me...

OZIAS. — Bemdita seja a misericordia de Deus! Gloria ao Senhor nas maiores alturas!

WALSA PHANTASTICA

I

No arraial do Salto Grande, Bahia e Minas se extremam.

Pequena e triste a povoação. Tres ruas acanhadas, — casas baixas, caiadas de tabatinga, telhas á mostra, núas de fôrro e de assoalho, rachiticas, — lembrando, vistas de longe, pontos de giz em lousa escura.

Raros transeuntes vagueiam. A trechos, pastam bois fulvos, — grandes e impassiveis, — abanando a cauda com tedio, circumspectamente.

Amarradas aos portaes, mulas selladas esperam os cavalleiros.

Zumbem-lhes moscas amarelladas (*motucas*) em torno do pescoço, das orelhas, das ancas, ás tontas, n'um sussurro morno, pulverisando o ar de pequeninas manchas movediças.

Surde um vaqueiro : — monta a cavalgadura de um salto.

Veste de couro, pistóla á cinta, nos pés largas esporas tintilantes.

Sôa o estalo do rebenque. E o animal se afasta, pausado, grave, rythimicamente,

Echos de palestras languidas vibram com molleza. Bandos de pintainhos felpudos, guiados por gallinhas obesas, faiscam no lixo, soltando pios frouxos.

Paira um silencio somnolento e tepido...

Mas, dominando tudo, soturnamente vaga, róla pelo ambiente a voz distante de uma especie de rugido, lugubre e rouco.

Toada surda, cortada de uivos, que se propaga, esmorece, avoluma, murmura, morre, consoante o rumo do vento.

E' do Tombo Grande do Jequitinhonha, a uns dous kilometros do arraial.

Os habitantes têm-lhe medo. Alguns vivendo de ha muito no povoado nunca se atreveram a ir vêl-o.

Contam-se d'elle historias terriveis.

Phantasmas, á meia noite, passeiam-lhe as ribanceiras.

Engole por anno dez a doze pessôas, numero avultado para a população.

Tres dias antes, um bom canoeiro, o José, fôra arrastado pela correnteza e desapparecera. Coitado! Filho unico, 23 annos, rixoso, alegre, esforçado rapagão!

A mãi chorava, rezando. O povo repizava o facto em conversas baixas, lamentando, com conselhos prudentes e commentarios tragicos, gryphados de gestos de terror.

II

Chovia e ventava quando fui, com tres camaradas, visitar o Tombo.

Chuvisco esguio, em cordões diamantinos, gradeando a atmosphera opaca...

No fio elastico que me prendia o chapéo ao paletot, assoviava o vento, finissimo,

Fôramos obrigados a fechar os guarda-sóes. O orvalho nos pontilhava o fato de miúda escama scintillante. No caminho pedregoso, um limo pardo fazia escorregar. Andavamos de gatinhas, ás vezes.

Rochas á direita, rochas á esquerda, rochas no fundo, rochas em cima, rochas em baixo e na frente de nós, rochas sem fim.

Um carcere de granito, um labyrintho de pedras. O proprio firmamento parecia enorme rocha côr de cinza.

E eram rochas de um esturdio escuro carregado : — pedaços de noite tempestuosa petrificados.

Caminhavamos havia meia hora. O rugido se approximava e crescia.

Já mal nos podiamos ouvir. Tiritavamos.

A espaço, perdiamos o pé em concavos cheios d'agua, semelhante a bilis. Dentro, animaes viscosos mexiam-se lentos.

Passaros agoureiros se erguiam a nossos passos, n'um vôo preguiçoso, sumindo-se de prompto entre as arestas. Azas plumbeas : — despediam, batendo-as, rumor triste.

Galgamos, a custo, ingreme ladeira. Resvalavam-nos os pés. Davamo-nos a mão uns aos outros, cautelosamente.

O estrondo se tornára poderoso, pleno, retumbante, com repercussões profundas.

A' neblina da altura casara-se outra, vinda de abysmo invisivel. Dir-se-hiam batalhões de diamantes pequeninos, cruzando-se, emmaranhando-se, á desfilada, em refrega intensa.

Nevoeiro humido subia tambem, ennovelando. Pingos grossos se nos vinham esborrachar na face. Seguiamos silenciosos, indecisos, entre anciedade e medo.

De repente, a uns trinta passos, avistamos a catadupa.

Imponente e horrivel! A agua toda do Jequitinhonha, depois de um percurso de centenas de legoas, engrossada de milhares de torrentes, espumejante do despenhamento de trezentas cachoeiras, após se haver precipitados pelos cinco enormes degráos de uma escada

de gigantes, arremessava-se, emfim, do Grande Tombo, allucinada, atroadora, formidavel, entre muralhas negras, quebrando-se, torcendo-se, como acrobata titanico, crivado de rendas e de ouropeis argenteos, a deslocar-se em exercicios de gymnastica assombrosa!

III

Chama-se Tombo da Fumaça. Estreito e alto. Rodeiam-no, como sentinellas, revestidas de armadura, paredes elevadissimas, carcomidas na base, de fórmas phantasticas.

Promontorios longos, como braços seccos, adiantam-se a espaços, mergulhando no abysmo. Em alguns pontos, arredondam-se buracos escuros, lembrando grandes orbitas vazias. Quando molhados, ou atravéz a bruma, semelham olhos vitreos de monstros, — fixos e espantados.

Mais além, levantam-se para o ar grimpas agudas, n'um gesto de ameaça hirta.

Perpetuo véo de nevoa envolve tudo, esgarçado aqui e ali por esguichos violentos.

Sente-se a emanação da profundeza. Ha anfractuosidades, reconcavos, jactos de pedra, rochas torcidas, n'uma convulsão immovel, como se as surprehendesse a paralysia em contorsão espasmodica de dôr.

Medo incerto nos penetra. A vista torvelinha. No ouvido já não ribomba o estrepito, mas ruido perfurante que sacóde o cerebro e desafina os nervos.

A montanha d'agoa desmorona pesada, rapidamente bruta, volumosa e ampla.

Tomba no vortice com impeto pujantemente elastico. Engolpha-se em cachões, incha em estoiros. Comprimida pelas rochas, fechadas em parenthesis, ferve e pula, en-

trançada, arquejante, com espuma livida e uns offegos de cansaço irritado, que a levantam desesperadamente.

Depois, corre voraginosa. Surge novo obstaculo. Como que medrosas, as rochas se retrahem, oppondo-lhe barreira semi-circular.

Arremette contra ellas furiosa; e, colhida de subito, revoluteia, turbilhonando em rebôlo. E' o sorvedouro, o rodopio, o redomoinho.

Só de o fitar, veem vertigens. A caudal rebolca-se ahi com rapidez incalculavel, estuando, gyrando, rolando, rodando, em espiraes, — cuspindo espuma sobre as ancas das muralhas pretas. Nem um peixe póde ali viver.

Exhala fumaça humida, como o halito salivoso de enorme féra.

Não sei qual mais bellamente horrivel: se a catadupa, despenhando formidavelmente, se aquelle movimento circular, continuo e tonto, que atrapalha a visão, encadeia os olhos, attrahente e irresistivel, com magnetismo que anesthesia, e puxa para a morte.

IV

De repente notei uma cousa a se debater no remoinho.

Apontei. Fitamos a vista e vimos distinctamente um corpo humano que gyrava com a agoa.

Era o cadaver do canoeiro, do José, arrastado para ali pela correnteza. Rolára pelo Tombo e fôra cahir no sorvedouro d'onde o movimento rotatorio o impedia de sahir.

Aos poucos, fomos-lhe observando os traços. Tinha os braços arqueados, o busto inclinado, o ventre para baixo, na posição de quem cinge alguem.

Trajava calça de ganga. Nú da cintura para cima, ensanguentavam-lhe o tronco manchas rubras de feridas.

As oscillações bruscas da corrente davam-lhe estremecimentos de vida. Não se lhe dinstinguia or osto. Entumescera. De onde estavamos, afigurava-se-nos enorme.

Ao estrepito do Tombo, desvairado por aquella musica possante e estranha, dir-se-hia que walsava uma walsa macabra.

Era-lhe par a agoa flexivel. Cingidos em estreito abraço, walsavam unidos. O walsista ora descrevia circulos longos e frementes, emquanto a cauda de rendas brancas da dama, — a espuma, — se espalhava em franjas, roçando nas rochas, ora, n'um frenesi louco, partia mais rapido, em circulos mais curtos, a offegar, em delirio, walsando sempre.

Ás vezes batia com a cabeça nas pedras. Recuava de prompto, agil e leve, e recomeçava a walsar, sem perder o compasso phantastico.

Na musica, a sons entorpecedores seguiam notas agudas, de estremecer.

Escorriam no rythmo morbidezas lethaes.

A onda apresentava meneios lascivos e languidos, ou tremores repentinos de commoções hystericas. Serpenteava-lhe a cauda longa e donairosa, acompanhando os volteios, lambendo a voragem.

Calafrios corriam. Percebiam-se arquejos e soluços na dança insensata.

N'um passo arrojado, o walsista abalroou mais de rijo na pedra.

Afastou-se dextramente até ao centro, onde o abysmo se afunda em funil. Os pés decahiram-lhe e elle pôz-se a prumo. Grave, serio, correcto, fez-nos elegante mesura, sacudindo a cabeça. Depois, saudoso do par, que continuava a walsar sósinho, atirou-se apaixonadamente sobre elle e desatou de novo a walsar.

Vimos-lhe então perfeitamente o rosto. Olhos consi-

deravelmente abertos e parados, escancarada a bocca, na expressão desesperada de quem se apresta para morder. Esboçava, entretanto, um largo riso sarcastico. E, á orchestra infernal, proseguia, cada vez mais furiosa, a walsa sem fim.

O comprimento paraceo-me um convite. Veio-me vontade de imitar o walsista, de apertar igualmente nos braços a sua dama unctuosa e perfida.

A musica ensurdecera. Suavisara-se agora em cadencias avelludadas que infiltravam suave lethargia. Notas assetinadas produziam arrepios de etherea sensualidade. As palpebras fechavam-se sob a pressão de somno macio. Tudo em torno walsava: — as montanhas, as pedras, as nuvens, a chuva, a propria catadupa,

Como resistir? Tremia-me o corpo, os ouvidos zuniam-me, cambaleiavam-me as pernas; — suava, apezar do frio.

Dei um passo para a frente, disposto a ceder. Meus companheiros olharam-me e comprehenderam.

A attracção do abysmo actuava energicamente sobre mim.

Carregaram-me. Mais um minuto e estaria perdido.

V

Na volta ao povoado, o Pantaleão, — homemzinho, magro, franzino, de voz rachada, ouvindo-me contar onde se achava o cadaver:

— Vou tiral-o para o enterrar, disse com simplicidade.

— Impossivel! — retorqui.

— Fui seu amigo. Não o posso deixar sem sepultura.

— Mas arrisca-se a morrer tambem.

Levantou os hombros e despedio-se.

Pensei não *passasse* aquillo de bravata imprudente e

que o Pantaleão renunciasse ao temerario projecto.

Horas depois, tocava o sino na capella do alto. A população se movia curiosa. O Pantaleão cumprira a palavra!

Descendo as muralhas quasi a pique, amarrado a uma corda presa em cima, apoiando os pés nas concavidades, exposto mil vezes a tombar no vortice, conseguira, após insano labôr, laçar o corpo do amigo por uma perna. Depois, com longa vara, impellio-o para fóra do rodopio. Fel-o cahir na correnteza, e, segurando o comprido liame, foi pescal-o abaixo, n'um pequeno remanso.

Chamou-o a si, collocou-o n'uma rêde, e, sollicitando então auxilio de companheiros, conduziu-o para a Egreja.

Fui abraçar o Pantaleão. Encontrei-o impassivel a cavar a cóva para o José.

— Ora, — disse a sorrir ante os meus cumprimentos, o senhor em meu logar faria o mesmo...

Senti-me pequenino, diante d'aquelle homem tão pequenino.

VI

E corri á Egreja para vêr de perto o walsista.

Estava cheia a modestissima nave. Grupos consternados mexiam os labios devagarinho, cochichando orações. Creanças pallidas e semi-núas andavam soltas, balbuciando palavras de terror.

Exhalava-se o sino em funebres arrancos, despedindo notas breves e pausadas, como reticencias sonóras.

Nos intervallos, ouvia-se a enxada do Pantaleão, baqueando, ao lado, surdamente no sólo.

Ninguem se approximava do centro, onde, n'uma penumbra, o corpo immovel destacava.

Horroroso! Já não tinha fórma humana. O craneo se

fendera, gottejando aguadilha verde. No sitio dos olhos, buracos escuros e sem fundo.

Da bocca, enormemente dilatada, pendia um mulambo de carne gangrenada. Não seria mais asqueroso o cadaver de uma vibora hydropica.

O ventre abahulado e redondo fazia proeminencia como um bôlo.

Os tecidos dos braços se desprendiam rachados. Placas violaceas marchetavam o tronco.

Moscas tontas zuniam em roda.

Fetido insupportavel sahia d'aquella cousa infecta e informe que fôra um homem. Miasmára-se o ambiente.

Todos cuspiam enjoados, com a mão no nariz.

De repente, afastando os grupos, desesperada. uma mulher edosa se precipitou sobre aquillo. Cahio de joelhos, tomou uma das mãos do cadaver, e, chorando, soluçando, cobrio de beijos carinhosos a massa dos membros apodrecidos.

Achegaram-se todos com respeito, chorando tambem.

Era a Mãi!

Alberto de Oliveira

A LAGARTA

I

Ser lagarta, em verdade
E' uma cousa bem triste!
O asco provoca, enoja... Ah! só por crueldade,
Ou brinco, ou raiva ultriz de alguma divindade
Este animal existe.

Zeus, que no Olympo excelle,
Toma de um touro um dia
A fórma, e arrasta Europa e a longe praia a impelle;
Mas fosse Europa flor, e da lagarta a pelle
Zeus acaso enfiaria?

Não! de escrupulos prêsa,
Ao vêl-o assim, fugira
Ao seu lesmoso labio a agenoria princeza;
E, alvo lirio real, a estremecer surprêsa,
Toda se retraira.

E quem ha que se agrade
De um ente assim? resiste
Quem ao vêl-o? e se o viu, quem é que tem piedade
De animal tão ruim? Ser lagarta, em verdade,
E' uma cousa bem triste!

II

De uma eu sei, entretanto,
Que cheguei a estimar
Por ser tão desgraçada!
Tive-a hospedada a um canto
Do pequeno jardim;
Era toda riscada
De um traço côr de mar
E um traço carmezim.

III

Dava-lhe a custo a sombra escassa e pequenina
De um galhinho sem vida um pé de cazuarina.
Batia-lhe de chapa o sol no dorso; forte,
Vergastava-a de rijo o temporal do norte;
Subia acima o ramo, abaixo vinha, á vasca
Do vento. E o pobre ser, seguro sempre á casca,
Lesmava-a toda. Emfim, mais forte a aragem brinca,
A' noite, assopra, zune, e o debil galho estrinca,
Estala, e dentre os mais, andando á roda, o aparta.

Veiu com elle ao chão a misera lagarta.

IV

E, affirmo, podeis crêl-o, eu vi-o! em toda aquella
Selvazinha gentil de arbustos pequeninos,

Onde a abelha sussurra e o grillo tagaréla,
E azoinam da cigarra os tiples argentinos,

Não houve um seio só de acacia ou margarida
Que se quizesse abrir piedoso ao somnolento
Animal que á procura entre ellas foi de vida,
E entre ellas foi cair porque o mandara o vento.

Torceu-se então na sombra ao ser abjecto a immunda
Bòcca, e emquanto ao redor é tudo em paz dormido,
E um penetrante aroma a noite incensa e inunda,
Estas vozes lhe ouvi, á feição de um gemido:

V

— « Cansei-me em vão, pedindo! A's rosas de ostro, embalde,
Falei, e aos gyrasóes de grande c'rôa jalde:
Não quizeram me ouvir gyrasóes e rosaes.
Beijei supplicemente os pés dos vegetaes;
Ninguem me quiz, ninguem! Passei como mendiga,
Implorando a chorar um pouso e estancia amiga...
Tudo em vão, porque a tudo o nojo inspiro, o horror!
Treme a folha ao sentir-me, e treme ao vêr-me a flor.
E aqui estou, fria, exhausta, exposta ao vento enorme,
Sósinha, sem dormir, e vendo um céo que dorme!
Noite, oh! sê testemunha, eterno e mudo espião,
De minha dor sem nome, e desta ingratidão! »

VI

Disse, e pensou na morte. E com o mortal excidio
Pensou tudo acabar. E pensou no suicidio.
Ia-se a pouco e pouco adelgaçando o véo
Da noite. A estrella d'alva illuminava o céo.

Fez o tumulo em vida e sepultou-se nelle.

Ides ver que a maguava a sua propria pelle.

VII

Claro rompia o sol no céo do Oriente. A' grande
Natureza que em tudo a sua força expande,
Doeu-lhe que, sendo abril na terra alegre e farta,
Jazesse alli dormindo a misera lagarta.
E, então, porque talvez, entre emplumado bando,
Visse uma borboleta isolada pairando,
Toma o leve casulo, arranca á morte a vida;
Sopra a negra materia informe, envilecida,
Anima-a! Uma aza faz e faz após outra aza,
Leves, pervias à luz; justa-as cuidosa e casa;
Depois, entre-sorrindo, e nellas pondo a vista,
Como em rapto genial trabalha a mão do artista,
Rabisca-lhes por cima um desenho chinez...
A chrysalida, então, abriu-se desta vez,
E da lagarta que era eis surge a borboleta.

Pasma, olhou de redor, e, assim como uma setta,
Rompeu livre o azul...

VIII

O azul rompeu do espaço.
Pôz-se a voar, a voar, sem tregua, sem cansaço,
Té que, descendo os pés, que eram dois aureos fios
De aranha, em frente a um lago, entre uns ramos sombrios,
Pousou. Reviu-se n'agua. A alegria nas azas
Scintillava-lhe assim como os rubins em brazas
Numa corôa. A luz cantava em torno, ao vêl-a

No lago a se mirar como uma linda estrella.
Do póllen seu na côr, que embalde o Ticiano
Sonhara, o adyto escuro, o impenetrado arcano
'Stava da tinta ideal que, em sol delida, a immensa
Sphera tinge de azul, de ignotas mãos suspensa.
Os perfumes que, então, das urnas de ouro, em vago
Bando, a aurora deixara esparsos sobre o lago,
Vieram, marchando no ar, invisiveis, saudal-a.
Já se ouvia no bosque aos passaros a fala,
A manhã na amplidão voava, desenrolando
O seu césto de fogo.
E ella, as azas vibrando,
Vôou tambem na amplidão.

IX

O meu jardim agora.
Podeis florir, cecêns e cravos côr da aurora!
Fugiu com a noite, foi com a noite e o vento aquelle
Incubo hediondo e vil de ascosa e immunda pelle.
Cravos da côr do sol, cecêns, flori radiosas!
Enxambre a luz do Oriente a tunica das rosas!
Sus, camelias! Mas eis, trêfega e alvoroçada,
A nossa borboleta. Inquieta e desejada,
Vae por tudo vibrando as suas azas loucas;
E foi lagarta! e andou cuspida de mil bôccas!
E foi monstro! e rojou de ventre como as feras!
E irritava o gramado, e nauseava as heras!
Eil-a; que garbo agora! Eil-a a ostentar as côres
Das azas com que passa entre as ruidosas flores.
Tudo a procura e quer e é um longo anceio mudo,
E, vêde-a, a vingativa! um beijo céde a tudo!
Mas quem póde exclamar, ao vêl-a assim tão bella:
— Ella é minha! se este ar, se todo o espaço é della!

Ama, vôa, revôa, agora beija, agora
Foge, volta de novo, e beija, e vae-se embora.
E é em vão que em cada moita anda a acenar-lhe o aroma,
Em vão a flor, do sol aos raios de ouro, agoma,
A açucena na alvura em vão sua alma ostenta,
Em vão para attrail-a o cravo se ensanguenta,
A papoula flammeja! Ella é a Mimi leviana:
Ama, e treme, e delira, e vôa, e foge, e engana.
Sabei, lirios, sabei, dahlias, sabei vós quantas
A amaes, sabei, jasmins, sabei, cheirosas plantas,
(Myosotis côr do céo, pasmae com o caso incrivel!)
Sabei todas que vós combateis o impossivel,
Querendo possuil-a! O' macias alfombras!
O' tufos de verdura! O' verdura das sombras!
O' camelias sem côr! O' lirios côr de opalas!
O' crystaes das manhães! manhães de eternas galas!
Ninhos! sons! harmonia! e sol! e firmamento!
Ella não será vossa! Em vão é o vosso intento!
Pois um unico amor, uma paixão estranha
Domina-a:
A trama de ouro e o fulvo olhar da aranha.

ULTIMA DEUSA

Foram-se os deuses, foram-se, em verdade;
Mas das deusas alguma existe, alguma
Que tem teu ar, a tua magestade,
Teu porte e aspecto, que és tu mesma, em summa.

Ao vêr-te com esse andar de divindade,
Como cercada de invisivel bruma,
A gente á crença antiga se acostuma,
E do Olympo se lembra com saudade.

De lá trouxeste o olhar sereno e garço,
O alvo cóllo onde, em quedas de ouro tinto,
Rutilo rola o teu cabello esparso...

Pisas alheia terra... Essa tristeza
Que possues é de estatua que ora extincto
Sente o culto da fórma e da belleza.

O ESPELHO

No espaçoso salão, suspenso de alto muro,
Brilha inutil agora o espelho, que no escuro
Lança um reflexo frio. Apagou-se o clarão,
Foi-se o esplendor do baile. Ermo é o vasto salão.
Fórmas esculpturaes, sedas de varias cores
Arrastando em tropel, jarras cheias de flores,
Leques no ar desdobrando as azas triumphaes,
Prismas de ouro e rubins radiando entre crystaes
A' luz, tudo passou! 'Stá vasio o scenario
E inutil brilha agora o espelho solitario.
Sombra uniforme, egual, como pesado véu,
Sobre tudo caiu, por tudo se estendeu.
Nem da mobilia esparsa, em seu verniz sombrio,
Lampeja acaso a furto o mogno luzidio,
Nem desse lustre ahi suspenso, aureo e subtil
Pyrilampêa um só dentre os pingentes mil.
Completa escuridão! E no seu throno alteado,
Olha o espelho em redor, como um luar gelado:
— « Parede alta, onde estás? Onde vos escondeis,
Crespos florões de fogo, esplendidos paineis,
Estatuetas de bronze? Onde, encoberta agora,
Dormes, porta, que a entrada ampla, a girar sonora,
Estendias a um passo aereo de mulher?

Oh! se accordasses! oh! se um momento sequer
Tu te abrisses! se os teus gonzos brutaes rangessem!
Se de novo essa luz brilhasse e se ellas viessem!
Se ellas viessem! e aqui, da noite á languidez,
Neste vasto salão eu as visse outra vez!
Se, as mãos dando-se, o seio a arfar, largada a trança,
Eu as visse outra vez no vortice da dansa!
Se as visse após, o olhar febril, pallida a côr,
Exhaustas de cansaço, anhelantes de amor!
Mas contra o somno e a sombra investe o meu desejo,
E' tudo escuro! é tudo escuro! eu nada vejo.»
E olha de novo o espelho. Olha debalde. Só!
Só! — E no chão, do tecto ouve cair o pó.
Que isolamento! que tristeza! que anciedade!
Só! e em seu rosto a sombra! e em su'alma a saudade,
Só! e a lembrança eterna, immensa do que viu,
Do que evocou, do que sonhou, do que sentiu!
— Fórmas esculpturaes, sedas de varias cores
Arrastando em tropel, jarras cheias de flores,
Leques no ar desdobrando as azas triumphaes...
Tudo! e tudo se foi! tudo! e tudo — jamais!
Jamais naquella noite elle, como esse enorme
Salão sem luzes que, triste e soturno dorme,
Verá passar! verá sorrir! verá brilhar!
E o espelho, extremo esforço, abre, escancara o olhar:
Nada! o negrume espesso! a escuridão! O ouvido
Aguça: nada! nem o minimo ruido,
A não ser esse, o eterno! o do incessante pó,
Sempre a cair do tecto! — « Estou só! estou só!
Porque deixei passar tanta imagem formosa,
Tanta visão gentil em minh'alma ambiciosa,
E uma só não guardei, deixando-as todas ir?
Porque, leviano, á face um mundo a reflectir,
Deixei que desse mundo o clarão se apagasse,

Sem um raio sequer guardar em minha face?
Vário, que existe agora em meu semblante vário? »
E olha o espelho, olha ainda....
— Espelho solitario,
Consola-te na tua anciedade sem fim,
No abandono em que estás... Ha corações assim.

SERENATA NO RIO

Desce a corrente do rio
O barco sem remadores.
Que secreto murmurio
Da ribanceira entre as flores!

O barco sem remadores
Oscilla á tôa, fluctua,
Da ribanceira entre as flores,
A os frios raios da lua.

Oscilla á tôa, fluctua..
Que figura inteiriçada,
Aos frios raios da lua,
Vae nesse caixão deitada!

Que figura inteiriçada!
— Vêde-lhe os olhos sem vida!
Vae nesse caixão deitada,
Toda de branco vestida.

Vêde-lhe os olhos sem vida!
Que visão! que fórma estranha!

Toda de branco vestida,
E' um marmor que a lua banha.

Que visão! que fórma estranha!
Que neve esmaiada aquella!
E' um marmor que a lua banha...
Soluça alguem junto della :

(Que neve esmaiada aquella!)
— « Minha pallida neblina,
(Soluça alguem junto della)
Dorme, que a noite é divina!

Minha pallida neblina,
A morte ao seio te estreita;
Dorme que a noite é divina,
E em breve estarás desfeita.

A morte ao seio te estreita
Tua essencia se evapora;
Em breve estarás desfeita,
Como as neblinas da aurora.

Tua essencia se evapora... »
Cala-se a voz de repente.
Como as neblinas da aurora
Roxêa o clarão do oriente!

Cala-se a voz... De repente
Surge o dia esplendoroso;
Roxêa o clarão do oriente
O barco silencioso.

Surge o dia esplendoroso...
— Como um phantasma sombrio.
O barco silencioso
Desce a corrente do rio.

UM ATOMO

E' um atomo de ferro. A sua edade a edade
E' do mundo. A existir por toda a eternidade,
Do ignoto vem e para o infinito caminha.
Que era em antes de ser o que é? que fórma tinha?
Onde foi que surgiu e como? Desconhece.
Quando é longa a existencia, o seu começo esquece,
E a do atomo transpõe os tempos. Todavia,
Elle que, nova, em flor, inda ao principio, um dia
Do seio o desentranha a terra se recorda;
E se recorda mais que de uma gruta á borda
Viu-se a primeira vez em fórma avermelhada
De oxydo, a colorir-lhe o verde limo á entrada.
Varias combinações que o que é materia soffre,
Allianças em que entrou com o chloro, o iodo, o enxofre
E varios corpos, saes de toda a côr formando,
Dias que, lento e surdo, esteve elaborando
Das pyrites a massa e a massa dos pesados
Imans que jazem sob a terra sepultados,
Tudo á sua memoria acode, mas incerto;
Lembra-se haver descido á fonte de um deserto
Numa pedra brutal desgalgada de um monte;
Lembra-se haver ouvido o chôro áquella fonte
E ter ido a rolar com as suas crystallinas
Aguas e seixos por vallados e campinas;
Lembra-se que um volcão explodira mais tarde;
Entre o espesso betume e a lava e o sulphur que arde,

Entre a deflagração de corpos mil que troam,
Elle, o atomo, se viu. Os seculos escoam.
E' um dia de batalha : ao sol, um de outro em frente,
Dois exercitos vêm-se e atropeladamente
Chocam-se. Um general sobre ardego ginete
Cruza. Lampeja no ar, rapido, um capacete.
Nelle, lembra-se ainda o atomo, se achava.
Passou dahi mais tarde a existir numa aljava,
Parte de um pique foi, de uma couraça parte;
Régia espada a pender de rico talabarte
Teve-o ao gume. Entre as mãos de Cesar victorioso
Fulgiu num gladio; entrou no oceano magestoso
De uma quilha no tope, em nau de largas velas;
Depois enferrujou-se, ao clarão das estrellas,
Dormindo á noite sobre as ondas que de rastros
Levavam-n'o, levando os destroços dos mastros;
De solitaria costa ás praias impellido
Foi com o rôto madeiro a que estivera unido;
Dahi, lembra-se mais, arvore annosa o toma,
Fal-o em seiva subir á sua esparsa coma
E, assim, ás virações que vêm do mar, suspira,
Toda verde, a cantar, como uma grande lyra...
Oh! do atomo na terra a trajectoria excede
A' da estrella que o céu de pólo a pólo mede;
— Sol obscuro, elle vae, preso a um systema ignoto,
Do universo através, em seu continuo moto;
Todas as creações, todas as cousas, tudo
Perlustra, explora, anima e, sempre activo e mudo
Sempre, indestructo, eterno, o que hoje cae desfeito
Recompõe amanhan em outro ser perfeito;
Novas fórmas empresta ao que sem fórmas vê-se;
Principio a tudo, em tudo o atomo apparece!
Este, depois que a vida em seu mais rude aspecto
Animara — e á lembrança agora esse trajecto

Longo lhe vem — se apraz ora em teu corpo ardente,
O' Emma, a circular do sangue na corrente;
Ouve-o! é elle que, ao sol da mocidade, o poema
Da saude e do amor canta em teus labios, Emma!
Ouve-o! é elle que ao rosto essas vermelhas rosas,
Tão vermelhas assim, te pôz e tão formosas!
Ouve-o! é elle que canta, é elle que murmura :
— « Deixa-me aqui viver, carne cheirosa e pura,
Deixa-me aqui viver perpetuamente! a vida
Só agora a comprehendo aqui, carne querida!
Ah! que fogo, ao correr-te os musculos, me inflamma,
Dessa rêde arterial embalado na trama!
Que ancia no collo teu, no candido regaço,
Que suave desmaiar, que amoroso cansaço!
Que desejo, ao roçar dos seios teus pudicos
Os marfineos botões, os levantados bicos!
Ah! que doce existir, carne piedosa, agora!
Deste sangue em caudaes na diluida aurora
Afoga-me, abafando a queixa que tamanha
De tão longe e por tudo ha tanto me acompanha!
Deixa-me aqui viver, guarda-me aqui! Bemdicta
A alma seja e feliz que nesse corpo habita!
Bemdicta esta em quem vivo, em cujo sangue corre
O atomo vil, bemdicta! Ella é que me soccorre,
Ella é que me consola em meu destino vario!
Ella unica foi a abrir-me do santuario
De um gôso não sentido as portas! E eu me inflammo,
Eu ardo. Um' alma eu sou que pede outra alma. Eu amo! »

FIO DE OURO

Por essa fria noite de inverno, a sós, em frente um do outro, na estreita sala de jantar, os dois velhinhos, para os quaes todo o domingo se passara sem uma pessôa que os viesse ver, encolhem-se tremulos, bocejam de aborrecimento, minuto a minuto, — ella agasalhada em seu antigo chale de lã vermelha; elle enfiado em secular casacão felpudo cuja gola levantou até ás orelhas. São oito horas. Sópra lá fóra o vento em compridas e soluçantes rajadas; chove, talvez, uma chuva fina, cujo cair passa imperceptivel no barulho da ventania.

Noite propicia a somno de amantes, noite amena para os que são moços e amam; mas para os que já não sonham, para os que envelheceram ha muito, noite má, aborrecida noite de inverno!

Calados ambos, frios como a propria neblina em que se amortalham as arvores, os dois velhinhos olham de quando em quando um para o outro, como dois amigos que ao cabo de longa jornada exgottaram todo o manancial de conversação e emmudecem sob a poeira e solidão do caminho.

Na sala é o relogio a unica voz que se ouve, tardo e monotono, movendo com a pendula, marcando os minutos.

Mas fóra são mais sibillantes as rajadas do vento... Chove ruidosamente agora; pingam as beiradas da casa; na intermittencia do sudoeste ouve-se um tac! tac! soluçante de gottas que cáem. A serra deve estar encarapuçada de nuvens, deve lá chover abundantemente, pois ao longe engrossa rouco rumor, que não é senão o das cachoeiras que cantam alto por noite de chuva.

Se péga o temporal!

Pela alma da velha passa um cuidado :

— Não vá abater o frechal da cosinha! O Eduardo, que é entendido em carpintaria, aconselhara-a a mandar fazer uns reparos, de uma vez que viera encaixilhar a janella do quarto. Mas em quanto podia andar o trababalho? O Eduardo dissera que em dez ou dôze mil réis. Dez ou dôze mil réis, neste tempo!...

A alma do velhinho encolhe-se, encolhe-se e revôa para o passado...

— Fria noite! Em noite assim, viagei eu uma vez... quando foi isto, Domingos? Em mil oitocentos... mil oitocentos e trinta, do Rio dos Indios para o Catimbáo Grande. Nasceu dessa viagem o meu casamento. Montava um excellente animal, besta de aluguel, mas valente.

As estradas eram atoleiros sobre atoleiros. Cheguei enlameado dos pés á cabeça. Na fazenda só os negros estavam ainda de pé...

A alma da velha continuando :

— ... Se o Domingos recebesse o dinheiro que lhe deve o Camillo, arranjava-se. Não é muito, mas chegava para o concerto, e talvez désse para fazer um cercado para as gallinhas. Nada peior do que os incommodos da visinhança...

E a alma do velho :

— ... Bôa gente a do compadre Thomaz! Já ninguem me esperava. Quem veiu abrir a porta foi o compadre. Abraços, saudades. Veiu a ceia depois; ceia arranjada ás pressas · café, beijús de tapioca e manteiga. Fui dormir. A cama parecia de noivos : lençóes alvissimos, com um leve cheiro de malvas sêccas; fronhas de linho rendadas ; a um canto o lavatorio, jarro, bacia, toalha, e uma penca de rosas por cima do espelho... Faz-me saudades o quarto. As rosas foram alli postas por ella...

E a outra alma :

— ... A peior visinha é a Jacintha da padaria. Peste de mulher! Lingua até alli! Pois não me matou uma vez a *riscada*, a mais poedeira das minhas gallinhas, só por lhe haver bicado uma miseria de pés de couve! Matou-a e comeu-a! Tambem estes desafôros se dão quando a gente está velha. Fosse eu moça, tivesse aquelles braços de outrora...

— ... Maria Felicia! Maria Felicia! porque puzeste no quarto do hospede aquella penca de flores? Embebedou-me o seu cheiro, embebedou-me a idéa de que no dia seguinte teria de vêr-te... No dia seguinte, quando ergui a vidraça, o campo estava amarello de sol. Que linda a fazenda do Catimbáo! A' mesa do almoço, entre o compadre Thomaz e a D. Constança, Maria Felicia, muito séria, com uma rosa ao cabello (uma rosa igual ás do espelho) olhava-me... olhou-me não sei quantas vezes. Bom tempo! vae tão longe, mas ainda tenho saudades!...

— ... Fortes braços, bonitos braços. Bonitos. Ralaram a muitas mulheres de inveja. O Domingos pilhou-a uma vez descuidada, e mordeu-os. Uma dentada cujo signal tomou com o tempo a côr da ferrugem, até que foi indo, foi indo, e apagou-se. Tudo passa com o tempo!...

A alma de Domingos revia-se agora no garbo dos seus vinte annos. Tinha pouco mais desta idade quando casou com a Maria Felicia. Um rapagão. Cabellos castanhos, meio falhados, olhos vivos e azues. Chamavam-lhe Dominguinhos. Os escravos da fazenda dobravam a lingua : Nhô Dominguinhos. Eram muitos. Bonita mulata a Rufina, a que lidava com as roupas, fazia as camas e trazia o café á sala! Uma vez...

E a pobre alma ia aqui, ia alli, despertando os seus

sonhos mortos, mandando ás suas illusões sepultadas que resurgissem; mas os sonhos deixavam-se estar onde haviam caido; as illusões forcejavam sem que pudessem partir a loisa feita do pó de milhares de dias, que sobre ellas pesava. Tudo acabado! Tentou erguer de suas ruinas, reconstruir em sua memoria, vêl-a de novo, a fazenda com seus escravos, com seu engenho de assucar, com o gemer de seus carros de eixos sonoros, com sua boiada, com seu campo verde a perder de vista... Tudo acabado! O que surgia era um montão de destroços, uma ilha no vácuo. Mas um ponto verde emergiu, uma haste fina chicoteou-lhe o rosto. Era a vergontea de um bambual. Fôra lá que a Rufina...

A outra alma philosophava :

— ... Passa tudo com o tempo! Ah! como é triste a velhice! Murchou-se-me a carne dos braços, meus braços de marmore! Cairam-me os dentes — minhas fieiras de perolas! O rosto, retalharam-m'o as rugas; meus cabellos de ouro fizeram-se neve... Que frio! Chove neve lá fóra. Ah! como é triste a velhice!

E, alternando com ella, a alma do marido philosophava tambem :

— Tudo acabado! tudo perdido! Triste cousa ser velho! Chegar a esta idade para ter a gente umas pernas que mal se arrastam, um corpo que já não se apruma, umas mãos que se engelham, uma bôcca qua já não ri, uns olhos que choram sempre! E o sangue gelado, e as noites sem somno, e a vida sem um goso, sem uma delicia!

Deixando correr uma lagrima, Domingos attentou dessa vez muito fixamente na mulher, e sobre aquella cabeça branca, como sobre si mesmo, caiu a compaixão de sua alma.

— Pobre Maria Felicia, velhinha como eu! Ahi onde estás, quem dirá seres a mesma que estes olhos, que estes

meus olhos antigos, não se cançavam de ver! Nada mais da formosa mulher que uma noite, no Catimbáo, me enfeitou o espelho de rosas! Nada mais daquellas compridas tranças de ouro que beijei tantas vezes! Que mimoso talho de lettra tinha essa mão que alli está, descórada e tremula, ageitando o chale! As cartas que me escrèveu!

— Como é triste a velhice! Que frio! era tudo o que a tiritar dizia a outra alma.

Mas a alma de Domingos teve uma grande saudade das cartas de namôro, sobre as quaes, gulosa, noutro tempo se debruçara. Lembrou-se que ha dez annos atrás ainda as relêra uma noite. Havia-as guardado... Onde as havia guardado? Esperem... E impelliu brusca a octogenaria armação de ossos e pelle onde penava os ultimos restos de vida. Na sala estreita deu dois passos a figura do velho; approximou-se da secretária, em cuja gaveta recordava-se haver guardado um cofre contendo antigas lembranças. Lá estava realmente o cofre. Abriu-o. Com todo o amor, toda a veneração, começou a retirar delle, entre ligeiro pó, residuo de flores ha muito desapparecidas, varias cousas que ia beijando como reliquias: dois pedacinhos de fitas, já sem côr; um grampo de coral, partido; uma pequena fivella de liga, cuja prata ennegrecêra com o tempo; um lenço de sêda... Dentro deste estavam as cartas. Duas, tres, quatro cartas sómente. Quatro, mas quasi illegiveis, tão desbotados seus caracteres estavam. Tentou lêl-as; leu-as avidamente, mais com o coração do que com os olhos. Leu-as de novo, beijou-as, aspirou-as com sofreguidão; envolveu-as depois no lenço, e, antes de guardal-as, rebuscou o fundo do cofre. Nada mais. Mas o cofre parecia fendido ao fundo, uma tenue fresta brilhava, dando passagem a um raio de luz. Examinou. Ah! era um fio de ca-

bello, um delgado fio de ouro, um ultimo fio da cabelleira de ouro que o tempo pouco a pouco arrebatara de sua vista! Só elle, esse fio, existia, só elle escapara ao naufragio dos annos, vindo de tão longe, da terra do sol, da região clara da primavera, do paiz dos sonhos, da mocidade que se extinguira! Só elle escapara, ouro sempre, todo de ouro, como os irmãos, que eram tantos, e cançaram na viagem e pouco a pouco se cobriram de neve!

E com os labios naquelle fio comprido e brilhante, como a trança a que pertencêra, a alma de Domingos seguiu por elle fóra até ao passado. Avivaram-se as scenas extinctas, accordaram os sonhos mortos, ressurgiram as illusões sepultadas. O Catimbáo appareceu á distancia, appareceu a cancella do campo, appareceu a casa com as paredes caiádas, o engenho com a chaminé golfando no ar sereno um jôrro de fumaça, a escravatura, os negros que chegavam de enxada ao hombro, a varanda com as suas columnas, dois molequinhos retinctos e vivos aos quaes distribuia moedas de cobre; e á janella do mesmo quarto, onde dormira naquella noite das rosas, Maria Felicia scismava, com um pente á mão, correndo os longos cabellos soltos...

Era um extasi... Mas a velhinha — a outra Maria Felicia que alli estava por detrás delle, — teve um sobresalto, estremeceu, cochilava, talvez, repetindo o estribilho :

— Que triste a velhice!

Domingos voltou-se. A luz do lampeão batia em cheio na cabeça da velha — um montão de neve! mas entre aquella neve, entre aquelles fios leves e brancos, pareceu-lhe ver brilhar um fio de ouro, uma especie de raio de sol.

SPERO DRACOS

(AO CONSUL DA GRECIA, SR. OTHON LEONARDOS).

Foi nos primeiros mezes do seculo, Junho ou Julho de 1800. Começara pelos Klephas das montanhas de Suli a guerra da independencia da Grecia. Pela segunda vez o Pachá de Janina, monstro de crueldade e fereza, investia com grosso exercito contra os gregos insubmissos, entrincheirados em suas fortificações de pedra, em seus *pirgos* e baluartes, nas serranias do Epiro.

Desde manhã, mal sobre o Taygete fundiu o sol as primeiras neblinas, na planicie ao longe, semeiada de myrthos e loureiros, o olhar aquilino dos suliotas começou a distinguir um como lampejar de escudos e alfanges, em meio de espessa massa movediça que se dividia, se ordenava, se dispunha em varios sentidos. Eram os albanezes, em numero de quinze mil, que se preparavam para o assalto á montanha.

Como fôsse manhã, d'entre elles se ergueu a voz dos derviches saudando o sol na oração costumaria.

Mas já o alarma de guerra, vibrante e longo, fôra gritado em cima nas aldeias montanhezas; e de Kiapha, a primeira dellas, assentada entre abysmos, a cavalleiro do Acheron, até Kakosuli, a mais alta de todas, habitada pelas familias illustres da nação, tudo era alvoroto e rumor.

A's passadas das hostes guerreiras e ao confuso tropear dos cavallos largados á disparada, os pincaros até alli adormecidos do Parnaso e do Olympo, accordaram de subito, como a uma nova éra de deuses e heroes, arrancando-se ao somno secular que dormiam.

De todas as bôccas, por toda a parte, numa expansão deo dio e alegria ferozes, só um grito se ouvia:

— Os Turcos!

Esta palavra, este grito só, para aquelle povo em que renascia revigorado o espirito heroico da Hellade e que, cansado ha muito de supportar affrontas e aggravos que lhe impunha um jugo de mais de tres seculos, era o primeiro a se levantar, despedaçando as cadeias com que o opprimiam, esta palavra, só por si, valia por uma invocação de guerra, pela proclamação de um general á hora da lucta, pelo som das cornetas e clarins que chamam a postos, apregoando a approximação do inimigo.

E nenhum Klephta, nenhum montanhez, á excepção — oh! vergonha! á excepção unica de Spero Dracos, o mais forte, o mais valente dos Dracos de antiquissima origem, deixou de correr armado de sua carabina e de sua espada á defesa da montanha, da borda alcantilada dos precipicios. Todos lá estavam, lá se agrupavam, mil e oitocentos homens, á voz de Tsavellas, o polemarka; em Kiapha, mais proxima do inimigo, o maior numero delles; muitos em Avarikos e Simoniva, que parecem edificadas nos ares; os demais em Kakosuli, a aldeia dos pincaros, altissima, visitada das neves e das estrellas.

Mas porque o illustre descendente dos Dracos retarda o passo, deixando de accorrer ao appêllo que lhe fazem seus irmãos e companheiros de armas?

Porque a longa carabina e a cortante espada talhadora de tanta mortalha, demora-se elle em tomal-as, deixando-as no ocio que gera a ferrugem e escurece o aço das armas? Seria uma requesta, uma altercação com os chefes que lhe accendendo a colera, qual se deu com Achilles e «o rei dos homens» da pagina homerica, o põe arredado do combate imminente?

Vêde-o: lá em cima, no alto, de um recôsto de pedra,

sob antigo pinheiro despido e informe, parece indifferentemente observar, tão respousados tem os traços da fronte, a marcha e aprestos da formidavel peleja ; nenhum sentimento, prazer ou dor, satisfação ou enfaro tráe o mysterio em que a alma se lhe recolhe; mas seus olhos, se bem que serenos no limpido azul das pupilas, não se afastam, não se descravam dos resvaladou ros e despenhadeiros, por onde, desgalgada e soberba, róla a avalanche dos suliotas que hão de enfrentar o ottomano.

Hybla, sua noiva, filha de Parga, a cidade amiga, Hybla, a bella das bellas da Seleide, veiu achal-o nessa postura, e, estranhando a indifferença do heroe:

— Tu aqui, emquanto toda a nação péga em armas! Engano-me, ou é realmente Spero que tenho deante de mim? perguntou, saindo-lhe á frente.

Por unica resposta, afastou-a o noivo levemente com a mão, continuando com o olhar prégado á descida da montanha, onde os dois exercitos se deviam chocar.

— Fala — respeitosa tocando-lhe o hombro e mais surpreza inquiriu a moça — que te retém aqui como mero espectador, quando a alguns passos, lá em baixo, toda a patria se levanta como um só homem para repellir o inimigo?

Sem desviar o rosto, o olhar firme, Spero limitou-se a dizer:

— E' cedo ainda.

E nem sentiu que, como uma grande flor molhada de orvalho, se lhe apoiara ao hombro a cabeça da noiva, sôlta a cabelleira viçosa e loura, bôcca entre aberta, mal respirando, olhos marejados de lagrimas.

Nem sentiu, momentos depois, que em um beijo, em um grande beijo de anciedade e de amor, se lhe colla-

vam á mão robusta os labios por ventura mais escarlates e ardentes de todo o Epiro.

Spero, tão profunda era a sua concentração, tão firme a fixidez de seus olhos, parecia até esquecido de que tinha ao lado aquella a quem em breve devia entregar o annel pronubo e que nos dias de paz era sagrada nas rhapsodias e canções Klephticas como digna herdeira das Graças, — flor sem par, maravilha sem competencia em toda a região, sob o céu azul da peninsula.

E o tempo escoava-se.

Subito escapou um grito aos labios de Hybla:

— Ergue-te! depressa! lá estão elles! lá vêm elles, os Turcos! Spero! Spero! levanta-te! salva-nos!

Spero Dracos, que continuava a observar sempre o que passava ao longe, para o lado de Kiapha, voltou-se dessa vez para a moça, procurando acalmal-a:

— Deixa, explicou-se, emfim, apontando a planicie, deixa que se formem as nuvens, se ennovelem, se baralhem umas com as outras: só então é que parte o raio. A minha vez não chegou ainda.

E volveu novamente ao seu posto, quedou largo espaço, como prêso em contemplação extatica.

Era ao tempo em que o exercito turco, galgando a rampa do desfiladeiro, chegava abaixo da torre Kiapha, sob Kungi, o cimo coroado da capella de Santa Veneranda.

Spero observava-o.

Hybla observava Spero.

Inclinava-se o sol para a móle escura do Pindo. Céu todo anil, ar sereno. Nem um sôpro, uma aragem, diziam-n'o bem os ramos quietos, as folhas immoveis. De repente, o amante de Hybla, de um salto, precipitou se pelo declive do monte.

Tinham soado os primeiros tiros.

Travára-se a lucta.

. . . . . .

O que então se passou, o que foi aquella peleja dil-o a Historia e, melhor do que ella, relatam-n'o ainda os poetas pastores do Epiro, acompanhando-se de seus instrumentos, na doçura inegualavel do dialecto grego das montanhas.

A pagina heroica do desfiladeiro das Thermopylas, que os seculos voltaram com assombro, deixou de ser unica no grande livro das façanhas epicas dos descendentes de Pelasgo.

Oito horas durou o combate que entrou pela noite, feroz e horrivel. Mais de tres mil albanezes rolam mortos sob um fogo cerrado e entre rodantes móles de pedra que os arrebatam, despenhadas do alto pelos guerreiros gregos. Echoam longamente os abysmos abaixo rasgados, cuja escuridão se anima ao gemer dos que ainda se vêm chegar ao seu fundo em uns restos de agonia. Debanda o restante dos albanezes, espavoridos, entrados de terror panico, descendo desordenadamente a rampa da montanha. Exulta a nação suliota. E os fachos resinosos se accendem, a cujos avanços de luz vermelha, homens, mulheres e crianças se afanam á procura de mortos e de feridos.

Entre elles, sombra ululante e tragica, passa o vulto de Hybla. Acurva-se aqui, olha, espreita mais adeante, desce um barranco, sonda um vallo, pesquiza, interroga, chama, soluça, desespera-se, o ouvido attento, o olhar mais brilhante do que o archote que lhe arde e fuméga á mão. Desde que o noivo em um impeto se desfechara do pincaro de Suli, para cair sobre o inimigo, não mais o viu. O que ouve nada adeanta acêrca do destino de Spero; como um raio, elle passara, deixando após si uma esteira de victimas; seu nome estava em

todas as boccas, como o assombro da guerra; mas ninguem, ninguem sabia onde agora, ou repousando emfim, ou a esvair-se no sangue das feridas, jazia o heroe.

De par com os turcos, que se contraram por centenas, foram retirados muito cadaveres de suliotas dentre as raizes crespas e grossas das arvores. Não apparecia, porém, o de Spero; não apparecia, não appareceu nunca.

E os dias se escoam, escoam-se os mezes, e Hybla, desgrenhada e louca, um facho á mão tremula, lá vae, com a lembrança do noivo, revendo os anfractos das penedias, o recesso das grutas, as vertentes da montanha, o fundo de seus abysmos.

Os pastores de Parasuliotide vêm-n'a ás vezes descer até ás ribas do Acheron, o rio de ondas côr da noite; a luz de seu archote projecta-se em um sulco vermelho á face das aguas, lembrando um rasto de sangue, e de mistura com o fragor da corrente, bebem de seus labios as virações que alli passam o nome de Spero.

Alcindo Guanabara

AMOR

Extranha coisa! Seria então aquillo o amor sincero e honesto? Dar-se-ia que elle — o eterno zombador de coisas aereas — tivesse sido farpeado pelo amor que conduz á estola do padre? Pois existia realmente esse ridiculo sentimento que agrilheta duas almas aninhadas em corpos differentes? Pois então o amor não era simplesmente um motivo gasto de filagranas litterarias ou um pretexto futil para horas de prazer, mas uma coisa séria que entrava assim, subtilmente, pelo coração, derrocando todas as idéas, todas as opiniões adquiridas?

Mas não era possivel! Apaixonado porque? Que tinha demais aquella menina, criança além do mais leviana, que passava junto delle sem lhe prestar attenção talvez? O que o havia seduzido naquelle corpo, afogado em um vestido modestamente escuro que nada deixava entrever? Pois era ella uma mulher que o prendesse?

A mulher que elle comprehendia era outra e muito differente daquella; era Eva, toda nua, subindo no azul gloriosamente com as carnes banhadas da luz do sol

moribundo e a radiar além como um novo sol mais ardente!

Chamassem-no doido, embora! mas a unica mulher que elle imaginava era esta, impudicamente núa, para ser estreitada, penetrada e possuida toda, desejando o possuidor possuil-a ainda mais!

E, tomado de raiva contra si mesmo, atirava a penna com que escrevia e punha-se a cruzar o quarto a longos passos, impaciente e nervoso. E depois, recostando-se á janella, os olhos fixos no muro fronteiro, verde de limo, ficava a relembrar a epoca eu que a conhecera creança ainda, de saia curta, tocando piano para que elle ouvisse e gostasse e sahindo depois precipitadamente da sala, a sorrir, garrula e adejante como uma ave travessa.

E aquellas recordações todas, vindo assim, involuntariamente, poisar-lhe no cerebro, de immenso prazer o enchiam, mas de um prazer que era uma satisfacção placida e sem arrebatamentos. E o seu espirito muito feliz então voou de um a outro facto, revivendo-lhe na lembrança as menores circumstancias, os minimos detalhes: um sorriso, que sorprendera em certa occasião, um olhar que lhe fora lançado uma vez na rua... E permanecia assim afogado em um goso que não confessava, absorvido e mudo, como se se tivesse recolhido dentro de si mesmo.

Amava-a agora! Tinha vontade de dizer alto a todos os que passavam que a adorava, que sentia nascer-lhe aquelle amor, e que o alimentara e o vira crescer, dilacerando-lhe o coração numa agonia pungentemente doce!

Adorava-a como quem adora a uma deusa, pouco se lhe dando de saber se era correspondido e achando baixa mesmo a exigencia dessa reciprocidade. Era bem preciso que se considerasse a mulher como algum ente superior a nós, que se devia adorar pelo que tem de superior ao

homem, pelo que tem de grande e de consolador.

Collocava-a, pois, agora muito alto, ácima de terra, ao lado de Deus, envolta na castidade da sua belleza, recebendo a adoração que do seio ardente dos homens se exhalava, em densas espiraes, como nuvens de incenso... Essa idéa arraigava-se-lhe na alma, e elle pensava ás vezes que a devia impôr aos mais, julgando uma necessidade sem par contrafazer o seu modo de sentir com apregoar opiniões que não eram já as suas. Sentia-se tão feliz assim! E distrahidamente, fixando os olhos no azul do céo, começava a pensar no futuro, um futuro risonho, cheio de paz e de gloria; uma casa pequenina, perfumosa, e um vulto vaporoso de mulher, accentuando-se aos poucos, definindo-se e envolvendo-se na catadupa dos cabellos ligeiramente ondeados, cahidos sobre os hombros e rolando quasi até o chão.

E o seu temperamento romantico fortemente excitado pela impressão que lhe causava essa lembrança, agitava-se convulso, enchendo-lhe a alma de uma sensação dolorosa que elle afagava amorosamente. Vinham-lhe agora pontas de orgulho, não querendo declarar-se vencido e dominado por uma creança a quem nunca havia confessado o seu amor, pois occultára sempre essa paixão, affectando uma completa indifferença pelas mulheres como por um bando de levianas e pretenciosas.

Julgando que a não devia ir procurar, prendia-se em casa, fazendo-se muito razoavel, muito sensato. Para que visital-a? Quem se poderia livrar dos commentarios de visinhança? E devia elle deixar que se fallasse disto, quando nada o auctorizava a dizer-se amado; nada, nada, nem a mais simples palavra, nem o mais ligeiro olhar sequer?

E ficava assim, de pé contra a janella, angustiado por aquelle soffrimento, ardendo no desejo de vel-a ainda

uma vez e sentindo esse desejo avolumar-se, impôr-se como uma necessidade irremediavel e que urgia ser satisfeita.

De repente, num movimento brusco, como se o seu espirito houvesse sido contundido, despertou daquelle estado doloroso, abrindo olhos capazes de ver a desordem do seu misero quarto de estudante pobre.

Pela janella aberta a noite entrava, envolvendo de seu pó escuro todas as coisas e enchendo o ambiente de uma tristeza funda e lamentosa, que lhe provocava intimos soluços... As lagrimas formavam-lhe um como nevoeiro sobre os olhos e, trasbordando-lhe das palpebras, pelo seu rosto deslisavam de manso... Sahia depois para a rua, ás tontas, cheio de raiva contra as mulheres em geral, raça de seres fracos que communicava aos homens a sua fraqueza, e levava assim horas e horas percorrendo as calçadas, a tôa, acotevelando os transeuntes, sem rumo e sem nada ver adiante de si, embuçado no seu proprio soffrimento e dominado, como por uma idéa fixa, pela imagem daquella mulher ligada para sempre á sua existencia.

E alta noite, completamente exhausto, volvia á casa combaleante e sentava-se á mesa, tristemente absorto, vendo-a creança ainda e depois a crescer sob o seu olhar amoroso, e, moça já, erguida alli deante delle, a fixar-lhe no rosto os dois grandes olhos negros e a arrebatar-lhe o pobre coração de amante e louco que rolava na catadupa dos seus longos cabellos, ligeiramente ondeados...

SITUAÇÃO POLITICA DO PAIZ EM 1898

A revolução de 1889, que derribou o Imperio, determinou, como era fatal, a dissolução dos partidos constitucionaes, creados pelo Imperador, como instrumentos de sua vontade, e do qual eram, ao mesmo tempo, mascara e anteparo. A' força de pertinacia na execução de um plano previamente traçado, a monarchia lograra sobrepôr ao regimen constitucional um regimen de facto, que assentava no reconhecimento de suzeranos de ambos os partidos nas provincias, formando um escol de aristocracia que tinha assento no Senado e no Conselho d'Estado e por cujo intermedio a vontade do monarcha recebia a consagração formal das leis e era coberta apparentemente com o manto das formulas constitucionaes.

As luctas politicas eram travadas então entre os dois partidos com o objectivo exclusivo da conquista das boas graças do monarcha, de quem dependia a obtenção do poder. O monarcha era, pois, um centro de equilibrio para os dois poderosos partidos, cuja existencia por si só bastava para mantel-os dentro de uma esphera de paz e de ordem, pois que, se estava no interesse dos partidos não levar o combate ao adversario no poder a extremos que o incompatibilisassem com o monarcha, estava tambem no interesse deste não dar ao partido no poder tal somma de autoridade, que esmagasse o adversario, ou lhe tirasse toda a esperança de vida normal.

A revolução de 1889 rompeu naturalmente esse equilibrio. As influencias que exerciam suzerania sobre as províncias foram eliminadas pelo sopro revolucionario. Um terceiro elemento, até então completamente afastado

da direcção e formado, sem homogeneidade, de militares, de moços radicaes e de alguns antigos filiados aos partidos monarchicos, que se apressaram em adherir á nova ordem de cousas, sobrepoz-se ao pessoal que dominava as provincias e manteve-o totalmente arredado dos negocios publicos. O Governo central agiu directamente sobre os governos dos estados, apezar da legislação, pautada de conformidade com os principios theoricos, haver estabelecido com o regimen federativo, a autonomia completa dessas unidades componentes do paiz.

Obvio era, porém, que não havia nada de estavel nessa organisação, que assim surgia do solo ao clarim revolucionario. Verificado que a ordem de cousas politicas inaugurada em 1889 era definitiva, os antigos elementos dominantes no paiz apressaram-se em adoptal-a e dissimuladamente entraram na lucta com o intuito reservado, mas bem firme, de rehaverem o poder de que foram desapossados por surpreza. A essa lucta não presidiam mais os intuitos, nem se imprimiam os caracteres das que se travavam sob o Imperio. Adoptados os lineamentos do regimen federativo, dissolvida toda a antiga organisação partidaria, livre do freio que os chefes punham ás ambições locaes, subordinando-as aos interesses geraes da communidade partidaria, foram as provincias o theatro dos combates e o seu dominio o premio opimo do vencedor. Ao envez dos dous grandes partidos nacionaes, regendo uniformemente todos os departamentos administrativos do paiz, appareceram em cada um delles aggremiações diversas, compostas de elementos colhidos indifferentemente nos seus remanescentes, pleiteando ardentemente a posse do poder que, uma vez obtida, era defendida com ardor e intolerancia que raiava pela ferocidade. A politica federal ficou dest'arte sem unidade.

O Governo central, tendo de viver em relação com o Congresso, onde não se encontrava um pensamento politico adoptado por um dos partidos, era obrigado a ameaçar ou a lisongear as facções que dominavam nos Estados para obter dos seus representantes no poder legislativo os elementos necessarios para se manter. A administração não podia deixar de ser altamente perturbada, numa situação que assim se caracterisava. Sobre o governo central, agiam e reagiam os interesses dos homens que luctavam nos Estados; e a necessidade de manter entre elles, no que respeitava os interesses geraes da União, um certo equilibrio, era tarefa geralmente penosa que absorvia todo o tempo do governo central e lhe exhauria a energia e os recursos. A anarchia dominava todos os departamentos da administração, com especialidade o das finanças que mais vivamente della se resentia. A Nação empobrecia-se e desmoralisava-se. Os orçamentos eram votados por amor da formula : nem se contava com os recursos que elles consignavam, nem se acreditava que as despezas ficassem restringidas ás que elles autorisavam. Não eram desse genero tambem as preoccupações dos homens politicos : toda a energia, todo o espirito de combatividade sempre em vigilia, toda a actividade e toda a intelligencia não eram empregadas senão no continuo duello travado entre os que estavam de posse dos governos dos Estados e os que delles se queriam apoderar. O Governo central era coagido a tomar parte nesse duello, favorecendo ora a uns, ora a outros ; e nessa improba, fatigante e improductiva tarefa perdia o tempo que deveria ser dedicado aos misteres da administração. O prolongamento de uma situação politica dessa natureza ameaçava devorar, de uma assentada, com o credito e a honra do Brasil, as proprias instituições constitucionaes.

A revolta de 1893 foi a consequencia fatal dessa situação; as ambições em jogo, os interesses contrariados, os desvarios proprios de uma lucta politica sem ideal deviam naturalmente determinar o appello ás armas. A debilidade do organismo republicano, que gerára esses males, devia estimular os que, tendo ficado fieis ao regimen imperial, só esperavam o momento opportuno para tentarem a sua restauração. A colligação de todos esses elementos, posto que absurda, fortemente sustentada pelo desanimo e pela descrença do povo que não via nos que dirigiam o paiz uma energia esclarecida, determinou essa longa e penosa quadra de afflicção e de lucto, cuja rememoração não pode ser feita sem dolorosa magua.

Todavia, como que a propria agudez da crise determinou reacções beneficas. O que a agitação da politica não logrou fazer, fêl-o a agitação armada. O perigo imminente que ameaçou não só o governo legal, mas as proprias instituições republicanas suscitou a resistencia fria, mas decidida e energica do Marechal Floriano Peixoto, que se achou subitamente apoiado pela varonil dedicação da mocidade e por um grupo parlamentar que abstrahia, no momento, dos interesses locaes para armar o governo dos recursos indispensaveis á sua defeza e conservação. O desastre completo da aventura de 1893 trouxe, como consequencia natural e forçada, a entrega do paiz a esse grupo parlamentar. Não podia, entretanto, haver agrupamento politico mais heterogeneo. Os personagens que o formavam vinham de procedencias politicas as mais diversas, mantinham aspirações e, sobretudo, sentimentos os mais differentes. Ahi encontravam-se todos os matizes da opinião : desde o republicano da propaganda até o antigo conselheiro da corôa; desde o radical mais exaltado até o ultramontano

ferrenho; desde o constitucionalista intransigente até o adepto do regimen parlamentar; desde, finalmente, o *legalista* (como então se chamavam os adversarios da revolta) até o proprio adepto da revolta. Para que homens, que assim estavam longe de se entender sobre assumptos capitaes, calassem as suas divergencias e apparentassem a formação de um corpo politico regular, era indispensavel que houvesse entre elles um forte traço de união, superior a essas divergencias, tidas em toda a parte como ponderosos motivos de separação. Esse traço de união não era outro senão o que desde a primeira hora vinha dominando a politica e que, dahi em deante, ainda mais se devera acentuar : o interesse da conservação do poder e da influencia nos Estados. Tinha-se chegado á epoca da eleição; e, mercê da indifferença do governo de então, que, por causas ainda hoje controvertidas e cuja analyse escapa ao nosso proposito neste momento, absteve-se de influir directa ou indirectamente na escolha de seu successor, o partido que assim se formava achou-se na plenitude do dominio e da influencia em todo o paiz e poude eleger o Presidente da Republica e constituir o terço do Senado e a totalidade da Camara com partidarios seus. Pretender que esse grupo de homens politicos, que tomou a denominação do Partido Republicano Federal, havia avassallado a nação de modo tal, que com ella se houvesse de facto confundido, seria pretender o absurdo e sustentar uma falsidade : a verdade era que havia no paiz uma forte corrente de opposição e de combate a elle, caracterisada, no inicio da presidencia do Sr. Prudente de Moraes, sobretudo pelos remanescentes da revolta, que nelle viam o partido vencedor. Apparentemente, então, havia logica na situação : os descontentes de todo o genero, que haviam appellado

para as armas e tinham soffrido o decisivo revêz recorriam aos elementos naturaes da lucta politica, á imprensa, á tribuna, ás reuniões e aos *meetings* para forçarem o partido adverso, que endossava a responsabilidade do combate que lhe fôra dado e dominava plenamente a Nação, a lhes reconhecer o direito á existencia legal, concedendo-lhes a amnistia e garantindo-lhes a liberdade de viverem em sua patria á sombra dos beneficios e da protecção que a lei a todos assegura. Não tardou, porém, que a acção conjuncta e harmonica do partido adverso, que nesse momento suffocava as divergencias que o assolavam, actuasse sobre a mole politica que o Partido Republicano Federal apparentava ser com o a efficacia destruidora de uma picareta sobre um bloco de gneiss. O observador menos perpicaz poderia ter percebido desde logo que, pelo menos tres correntes, se formavam nella : a dos radicaes exaltados, que real e sinceramente haviam tomado parte activa na resistencia á revolta e não tinham, nem queriam ter contemplações para com os vencidos; a dos que faziam da moderação e da clemencia uma bandeira para dissimular o proposito que os animava de deslocarem o eixo da politica e assumirem realmente a direcção della; e a corrente dos que, por assim dizer, representavam o centro, procurando conter o enthusiasmo daquelles e reter o retrocesso destes. Era evidente que um agrupamento politico, assim retalhado, estava longe de constituir um partido : a sua unidade era facto purameute accidental e apenas apparente, destinado a desapparecer no momento em que fosse possivel á corrente dos moderados garantir a sua propria conservação e o seu exclusivo dominio nos Estados. A lucta intima que se travava no seio do Congresso era realmente desigual. Os chamados exaltados não tinham de facto objectivo practico algum ;

aguerridos da lucta recente, afiavam impacientes o ferro dos combates e pretendiam que o governo fosse na vanguarda delles derrocando as organisações e as resistencias reaccionarias, cujo nucleo mais valente, aliás, estava a seu lado e protestava-lhes fidelidade e sympathia; os moderados, que constituiam esse nucleo, aproveitavam-se da facilidade do momento para se organisarem e fortificarem, aguardando o ensejo em que deveriam esmagal-os, esmagando ao mesmo tempo, se tanto fosse preciso, a columna do centro a cujo seio se haviam acolhido entanguidos e onde encontraram o calor que lhes deu alento. Nessa lucta, nem todos os republicanos estavam envolvidos; alguns havia que se tinham conservado alheios á constituição desse partido e a outros sempre pareceu suspeita, ou, pelo menos, inefficaz a organisação : o Sr. Dr. Campos Salles era dos republicanos de maior somma de responsabilidades o que mais se destacava como recusando a sua collaboração activa a essa organisação politica, talvez por julgar que não tinha os caracteristicos intrinsecos do partido uma aggremiação, da qual poude o Sr. Belisario de Souza dizer em plena camara, com assentimento geral, que era « uma cathedral aberta a todos os credos »; ou talvez por entender que o partido republicano estava organisado desde a propaganda e seria aos que não quizessem admittir a Republica, ou acceital-a como foi feita por elle, que cumpriria a organisação dos partidos que o combatessem. Uma organisação partidaria, que indifferentemente abrigasse todas as opiniões e todos os sentimentos, não era, certamente, destinada a satisfazer a ninguem, salvo talvez exactamente aos adversarios dos sentimentos republicanos que, graças a ella, poderiam aspirar a reapossar-se do poder mais cedo do que legitimamente poderiam esperar. Foi de facto, mais ou menos, o que

succedeu. O Presidente incorreu no desagrado e na suspeição dos exaltados, logo aos seus primeiros actos, francamente favoraveis aos adversarios vencidos, que habilmente procuravam convencel-o de que nelles, e não nos *legalistas*, poderia encontrar apoio efficaz. Essa linha de conducta foi tambem adoptada no Congresso pelos que se chamavam moderados, de modo que não tardou que a situação apparecesse como sendo os moderados do partido os governistas exaltados, accordes assim com os revolucionarios vencidos, ao passo que os radicaes e o centro apenas toleravam o Presidente cuja acção procuravam tolher por todos os modos. Não queremos fazer aqui o historico detalhado desta quadra angustiosa e difficil. Embora obscuramente, nella figuramos e o nosso depoimento poderia ser acoimado de suspeito. Confiamos, porém, que de futuro esses successos serão examinados á plena luz e ver-se-ha então que áquelles mesmos, tão accusados de fomentarem as soluções violentas, se deve não ter sido o paiz arrastado a novas aventuras, depois que, fortes pelo dominio conquistado sobre o animo do Presidente, eivado de pequeninos sentimentos de odio e de anidmadversão pessoaes, os moderados do partido provocaram uma scisão que subsistia, como estamos vendo, desde a sua formação. A scisão não foi nem o producto de uma exaltação de momento, nem uma submissão a imposição de principios, ou de ponto de vista doutrinario : foi, na mente dos que a resolveram e a fizerem effectuar, o coroamento de uma longa e meditada obra politica, que se caracterisaria pelo deslocamento do poder das mãos dos republicanos historicos para os dos antigos elementos dos partidos monarchistas que adheriam á Republica, pois que ella estava feita, mas que queriam governal-a allegando que eram, de facto, a maioria do paiz. No baralhamento

geral de pessoas que então havia, é evidente que impossivel seria procurar a justiça desta apreciação no exame meticuloso e imparcial de cada elemento que se encontrava num ou noutro dos lados em lucta; interesses diversos, fallando mais alto que a fidelidade aos principios, poderiam mesclal-os, sobretudo nas camadas subalternas; mas é fóra de duvida que na alta mente dos directores e inspiradores desse movimento, outro não foi o sentimento que agiu. A scisão de 1897 foi a desforra da derrota de 1889, não no terreno dos principios então victimados, pois que não havia fé nelles, mas no terreno do dominio, do interesse e do amor proprio do pessoal, então excluido violentamente da direcção. A dissimulação, que os levou até essa victoria apparente, subsistiu depois della na denominação com que se decoraram de Partido Republicano. Não é agora a occasião de fazer o processo do que foi esse agrupamento no governo. Não teriamos, aliás, nada de novo a accrescentar á conhecida pagina de violencias, de astucia e de hypocrisia que é a historia de todas as reacções triumphantes, em todas as epocas; senão talvez que observar que, se essa não chegou aos extremos de selvageria que lhes são habituaes, foi porque, em summa, a scisão não era ainda a victoria definitiva, mas um grande passo para a conquista do poder supremo, que a eleição de 1899 lhe devera trazer.

Era, de facto, esse o grande objectivo dos dous grupos em lucta: aquelle que nesse pleito colhesse a victoria, esmagaria fatalmente o adversario. A lucta civil, de que apenas o paiz sahia, ameaçava-o de modo quasi irremediavel. Qualquer que fora o resultado do pleito em que os dous partidos entrariam com candidatos bem accentuados, podia-se ter a certeza de que a guerra civil seria a sua consequencia fatal. A irritação dos animo

tinha-se accentuado nesses mezes que succederam á scisão, de tal modo que, ao envez das agitações eleitoraes, presentia-se bem em todo o paiz o retintim das armas que se aprestam para o combate. Os Estados, que não estavam dominados pelos reaccionarios no governo, viam claramente nas tentativas de subversão que já então se faziam, qual seria o seu destino depois do triumpho absoluto e aprestavam-se para oppor a violencia á violencia. Esperar-se-hia, entretanto, até lá? Ousariam os reaccionarios affrontar a opinião e os elementos republicanos, impondo ao Presidente, submettido á sua protecção, um candidato que fosse um grito de guerra? E se o ousassem, aguardariam, dentro da lei, o seu triumpho, os que amanhã seriam inexoravelmente sacrificados? O passo era dos mais difficeis. Não temos duvida em avançar que, se elles se sentissem apoiados em força sufficiente para, num encontro pelas armas, terem segura a victoria, não hesitariam um momento: o candidato que levariam ás urnas seria um dos seus homens de sentimento e de acção mais nitidamente accentuados. Não estão, porém, tão apartados de nós esses dias amargurados, que não tenhamos de memoria que os elementos para uma lucta possivel não se dispunham de modo a garantir-lhes essa victoria. Offerecer o combate nessas condições seria uma imprudencia, que destoaria por completo da norma de proceder até então observada e que, de mais, não estaria nas tradições dos reaccionarios: a conquista definitiva do poder só deveria ser tentada com a mesma segurança do exito com que foi effectuada a scisão. Entretanto, o problema da successão presidencial urgia por uma solução. No campo opposto, esse problema não tinha a mesma importancia. Ninguem se illudia sobre o exito da candidatura apresentada, qualquer que fosse: todos estavam certos de que o pronun-

ciamento das urnas não podia ser disputado com probabilidades de victoria. E ainda que apparentemente houvesse dous partidos em lucta politica, normal e constitucional, ainda que ninguem confessasse o sentimento real que a cada um animava, a verdade era que todos esperavam que os reaccionarios lançassem o seu grito de guerra sem commiseração, indicando um dos seus prohomens para a Presidencia a vagar, certos de que o perigo commum aconselharia a resistencia de todos.

Foi nessa conjunctura que a direcção intelligente do grupo que dominava o governo lançou a candidatura do Sr. Campos Salles. Era um acto de submissão á opinião republicana, era o reconhecimento de sua propria impotencia, era uma capitulação formal, que, entretanto, se fazia com o grande alarido de quem triumphava por completo. Esperava-se da astucia o que se não tinha podido conseguir da força.

Aluizio Azevedo

HERANÇAS

Duro o sobrecenho, a cara franzida e má, trabalhava elle sombriamente á sua secretária, importunado pelo rumor de duas vozes, uma de homem e outra de mulher, que altercavam na sala proxima, n'um arrastado crescendo de rixa habitual.

— Diabo! resmungou, coçando a cabeça. Já lá estão os dous a brigar! Não me deixam fazer nada!...

O ruido augmentou. Cruzaram-se injurias mais fortes; ouviram-se punhadas e pontapés nos moveis.

— Que inferno!

E o rapaz arremessou a penna e correu á porta da sala, exclamando desabridamente :

— Então, meu pae! não tenciona acabar com isso?!

— Pois não vês que é tua mãe que me provoca?! berrou o outro, apoplectico de raiva. Vem ouvir só o que ella me está dizendo, esta peste!

— Ora tenha juizo!...

— Malandro!

— Ouviste?!

— Não faça caso!...

— Especulador!

— E' de mais!

— Deixe-a lá!...

— Bebedo! Covarde!

— Covarde?! Pois vou dar-te o panno de amostra da minha covardia, vibora assanhada!

E o homem atirou-se em furia, de mãos promptas para fechar a mulher dentro das garras. Mas o filho, de um salto, susteve-lhe a carreira e aprezou-o energicamente pelo vigoroso dorso, empurrando-o para o quarto onde trabalhava e cuja porta obstruiu com o corpo.

— Deixa-me, ou te arrependerás! bradou o pae, ameaçando-o com o punho cerrado.

— Acalme-se! O senhor já está em idade de ter juizo! Apre!

— Tento na lingua! Olha que ainda sou homem para amassar voeês dous n'uma só pasta!

O filho não fez caso da nova ameaça, deu com impeto uma volta á maçaneta da porta e disse ao outro em tom secco :

— O senhor está hoje n'um dos seus dias, e eu preciso trabalhar, sabe? O melhor é pôr-se ao fresco! Vá dar um gyro pela estrada. A lua já nasceu e os caminhos estão seccos até á estação...

— Não vou! Ninguem aqui nesta casa tem o direito de mandar-me sahir!

— Decerto, mas é melhor que se affaste... No fim de contas sou seu filho e peza-me ter de faltar-lhe ao respeito para defender minha mãe.

— Chega a tempo esse escrupulo... não ha que ver!...

— Não puxe palavras! Sinto-me pouco disposto a discutir e tenho muito que fazer!

— Pois não me provocasses! Não te fosses metter onde não eras chamado!

— Não o provoquei, ora esta! Metti-me na sua contenda com minha mãe, para lhe não deixar que batesse nella. Não seria a primeira vez. Sei até onde vai a força do seu genio!

— Meu genio! E pódes tu fallar delle?... Acaso tens tu melhor genio do que eu?... Não me terás dado por ventura as mais bellas provas da tua brutalidade e da tua insolencia?... Sempre te conheci feroz! Ainda bem pequeno, em um impeto de raiva, uma vez que no açude te quiz constranger a nadar commigo, mordeste-me o braço como um cão! conservo até hoje no corpo o signal dos teus dentes! olha!

E, em um só tempo, o homem arregaçou até ao biceps as mangas do braço esquerdo, e estendeu-o erecto e nú defronte dos olhos do filho.

Este abaixou a cabeça com tristeza, sem desfranzir o sobrecenho...

— E exacto... disse, sahi aos meus... Juro-lhe porém que sempre me arrependo das minhas vlolencias, mal as commetto... E se ainda ha pouco não interviesse na sua disputa com minha mãe, o senhor tel-a-hia espancado...

— E o que tinhas a ver com isso? Antes della ser tua mãe, já era minha mulher! Tu lhe deves respeito, mas eu tenho o direito de ser respeitado por ella!

— Bom! Acabou-se! Vá dar um passeio; vá que isso lhe fará bem...

— Não acabou tal! quizeste arrematar a contenda, pois agora é aguentar com ella! Se assim não fosse, excusava eu de estar aqui a trocar palavras comtigo; já sabes que posso passar perfeitamente sem te ouvir a voz...

— Mas afinal, onde quer o senhor chegar?

— Quero despejar os meus resentimentos contra tua mãe e contra ti!

O rapaz sacudiu a cabeça com impaciencia, e soprou forte todo o ar dos pulmões, cerrando mais as sobrancelhas.

O outro proseguiu, resfolegando a miudo: —

— Ella, aos teus olhos, será tudo quanto quizeres; para mim é e sempre foi, um demonio! uma furia infernal! uma serpente venenosa!

— Lembro-lhe de novo que sua mulher é minha mãe!..

— Sei, e é por isso justamente que não a conheces. Não pódes ver nella a verdadeira creatura que nella existe! Todas as mulheres são, para os seus competentes filhos, uns anjos impeccaveis; mas se aquelle diabo te dissesse uma só parte do que a mim me repete a cada instante, na febre do rancor e da maldade, terias a cabeça em fogo como a minha me escalda neste momento!

— Basta! não quero saber disso!

— Has de saber! Não acceito imposições!

— Peço-lhe então que se cale, ou se retire...

— Pedes-me? Com que direito? Acaso esperas tu que eu attenda aos teus pedidos? Só pedidos de amigo se tomam em consideração e tu nunca foste meu amigo!

— Se nunca fui seu amigo a culpa não é minha. O amor filial é sempre uma consequencia do amor dos paes. Não nasce com o filho, é preciso formal-o. Sei que amo minha mãe...

— Tal mãe, tal filho! Ella declara que me detesta; elle declara que nunca me amou...

— E o senhor?... amou-me algum dia?... No emtanto o seu amor de pae devia ter nascido commigo, que sou seu filho. Eu tinha o direito ao apeiar-me na vida de en-

contrar o seu amor já de pé, á minha espera, ao lado dos gemidos de minha mãe parturiente; e foi só o amor materno que me recebeu, e só elle me vigilou o berço. Caricias de pae não me recorda havêl-as recebido na edade em que se fórma o amor no coração das crianças. Sahi dos alugados braços de uma ama para o venal desterro de um internato de segunda ordem, onde bem raras vezes o senhor foi visitar-me. Nesse tempo, confesso-lhe, menos me lembrava das suas feições que das de outros paes que lá iam frequentemente visitar os filhos mais felizes do que eu, nem sei, com franqueza! até como não cheguei a esquecêl-as de todo! Do internato segui logo a trabalhar para um paiz extranho, onde suas cartas foram tão raras quanto foram as suas visitas ao collegio. Volto á minha terra, entro de novo nesta casa, sou fria mente acolhido pelo senhor e, pouco depois, recebo ordem sua para tomar por esposa uma rapariga, que eu mal conhecia; recuso. O senhor insiste. Resisto a pé firme; o senhor oppõe-me com empenho uma série de razões pecuniarias, que em nada alteram o meu proposito; e então o senhor ameaça-me, como se eu fôra uma criança ou um imbecil, e lança-me á cara todas as brutalidades que lhe vêm á bocca; eu pela primeira vez fico conhecendo o homem que é meu pae: começo a detestal-o e, uma vez por todas, perco-lhe o respeito : insulto-o! Desde esse infelíz momento, toda a indifferença que o senhor tinha por mim transformou-se em odio, odio legitimo e mortal. E, de então até hoje, o senhor, apezar dos meus esforços em ser bom filho para minha mãe, não procura disfarçar sequer a profunda aversão que eu lhe inspiro! Não é esta a verdade?

— Sim, é! Eu te odeio, porque o teu proceder para commigo, negando-te a acceitar a esposa, cujo dote vinha salvar tua familia da miseria, foi indigno e cruel, em

vista da franqueza com que te fallei e das supplicas que te fiz!

— Indigno?!

— Foi mais: foi degradante, porque foi uma extorsão, foi um roubo!

— Oh!

— Sim, um roubo! Posso proval-o!

— Não! Não ha razões que justifiquem a exigencia de tal sacrificio. nem ha homem de bom senso que se preste a casar pelas conveniencias pecuniarias do pae!

— Ha! Eu fui um delles! Como tu, sahi do collegio para aprender a ganhar a vida longe de minha terra; ao voltar a esta casa meu pae apontou-me, como te apontei, a mulher com quem devia eu casar. Recalcitrei, como tu recalcitraste; mas o pobre homem trouxe-me para este quarto, que era então o seu gabinete de trabalho, fechou-se commigo e, chorando, abriu-me o coração e contou-me a sua vida; disse-me que seu casamento tinha já sido feito em identicas circumstancias para salvar meu avô de uma vergonhosa ruina, e pintou-me núa e crúa, tal qual como fiz comtigo, a sua tristissima posição. Elle, coitado, tinha aqui em casa uma orphã rica e feia, de quem era tutor, e de cujo dote lançára mão; a maioridade della estava a bater á porta; ia chegar o momento da prestação de contas e meu pae não tinha com que. A sua ultima esperança era o meu casamento com a pupilla, essa detestavel creatura que foi depois tua mãe. Pois bem! eu, aliás apaixonado por outra mulher, de quem até hoje nunca mais me esqueci; eu não tive animo como tu tiveste, miseravel, de abandonar meu pae ao desespero e ao opprobrio que o esperavam, e sacrifiquei-me por elle. Era o meu dever de filho — cumpri-o. Meu filho, por sua vez, não fez o mesmo a meu favor — lesou-me! É um ladrão!

— Cale-se, por amor de Deus! exclamou o rapaz, sentindo que a colera, dentro delle a custo reprimida, ameaçava rebentar.

— Não me calarei! Has de me ouvir!

— Oh! cale-se! cale-se! não me queira fazer mais desgraçado do que sou! Cale-se, ou não responderei por mim!

— Ameaças-me? bramiu o pae. Não te tenho medo!

O rapaz cerrou os punhos, rilhando os dentes. Tremiam-lhe os musculos da face, tal era o esforço que fazia para conter-se.

E os dous olharam-se, em mudo e offegante desafio. Pae e filho mediram-se com o mesmo odio, com a mesma irascibilidade hereditaria, com a mesma loucura consanguinea.

Uma palavra mais, só uma palavra, bastaria para os lançar um contra o outro.

Mas a porta da sala abriu-se de roldão, e a mãe accudiu, correndo para o filho, a cujo pescoço se agarrou com impeto.

— Meu filho, não lhe batas! não lhe batas, implorou a misera.

— Não lhe tocarei! Obrigado, minha mãe... Elle, porém, que saia já da minha presença! Não o posso ver!

— Lembra-te de que elle é teu pae!...

— Seu pae, nunca! vociferou o outro. Não é possivel que este monstro seja meu filho!

E, espumando de raiva, dirigiu-se á mulher, com o punho fechado e o braço extendido, quasi a tocar-lhe no rosto:

— Esse bandido é teu sangue e só teu sangue! Semelhante traficante nunca poderia ter procedido de mim! Concebeste-o de qualquer cigano ou de qualquer vaqueiro errante!

— Ah! gemeu a mulher em um grito de dôr e de revolta, levando ao coração ambas as mãos, como se o tivessem apunhalado.

— Rua! berrou o pae. Sai já daqui de minha casa! Rua, miseravel!

E atirou-se sobre o filho, para o lançar fóra.

Ouviu-se então um bramido de fera assanhada. O rapaz, com um movimento rapido, empolgára-o pela cintura, gritando-lhe feroz:

— Tu é que sahirás, infame! Vou despenhar-te pela escada!

E travou-se a luta, irracional e barbara. Pae e filho eram ambos possantes e destemidos. O rapaz cingia o outro pelos rins e, aos arrancos, procurava arrojal-o para o corredor. Mas o adversario resistia, e os dous estreitaram-se com mais gana, feitos em um só, em uma só mole offegante e furiosa, que rodava aos trancos pela casa, levando aos trambolhões o que topava, despedaçando moveis e vidraças, esfregando-se pelas paredes, a rodar sempre fundidos em um infernal abraço de odio, filho de odio, de odio do mesmo sangue.

Afinal fraqueou o mais velho, cabindo de joelhos. E o outro, de pé, começou a arrastal-o penosamente para o lado da escada.

— Has de sahir!

O arrastado forcejava para resistir ainda, escorando-se no chão com o pés, com as pernas e com os cotovellos; mas, pollegada a pollegada, ia cedendo. Arfavam como dous touros.

— Larga-me! Larga-me!

— Has de sahir! Has de sahir!

E approximavam-se do patamar. Já parte do caminho estava vencida. Não tardaria o primeiro degrau. O mais velho, porém, á certa altura do corredor, fez um supremo

esforço para erguer a cabeça e, pondo as mãos, supplicou de joelhos, quasi sem folego:

— Pára aqui, por amor de Deus! Não me leves mais adeante!... Foi até aqui, neste logar justamente, que eu, nestas mesmas condições, uma noite como esta... arrastei teu avô como me estás arrastando agora!.. Não me leves além do que eu o levei!... Não seria justo!... Vingaste-o!... Estamos quites!

A SERPENTE

João Braz foi jantar a Santa Thereza com o seu amigo Manoel Fortuna, como costumava fazer invariavelmente todos os domingos.

Eram ambos do commercio: João guarda-livros e o outro estabelecido com uma loja de alfaiate. Grisalhando já, entre os quarenta e os cincoonta, não tinham elles todavia vinte annos quando se conheceram; e essa longa amizade jamais fôra perturbada pelo menor attrito de caracter.

— A paz dos anjos seja nesta casa! exclamou João Braz, no tom risonho e tranquillo com que, ao chegar os domingos á casa do velho amigo, dizia sempre e sempre essa mesma phrase.

— Bons ventos o tragam, compadre, respondeu Manoel, extendendo-lhe a mão. Como tem passado? E minha afilhada como vae?

— Sem novidade, graças a Deus. Lá foi, mais o marido e os filhos, visitar a sogra, na Piedade. Naturalmente só voltam amanhã no trem das nove e meia. D. Maria, já sei, está lá dentro?

— Está. Vá entrando, compadre.

E o guarda-livros enfiou sem cerimonia até á cosinha

para ir entregar a Dona Maria, que lá estava ás voltas com o jantar e com a cosinheira, os pacotes de doces e fructas que elle trazia pendurados da mão esquerda.

Abraçaram-se formalmente, entre as palavras e os risos do costume.

João Braz era viuvo já pela segunda vez. Do primeiro matrimonio ficára-lhe uma filha, que, pelo baptismo, o fizera compadre de Manoel, e depois, dezoito annos mais tarde, lhe dera um lindo casal de netos, agora constituidos no alegre enlevo da sua velhice.

Aquelles jantarinhos domingueiros em casa do amigo tinham para elle o irresistivel encanto do mais velho habito da sua vida. Mal cumprimentava os donos da casa, trocava a sobrecasaca por um rodaque de linho branco e extendia-se n'uma cadeira de balanço, sob as arvores do jardim, á espera que o chamassem para a mesa. O cozido, o vinho virgem e os motivos da conversa entre os tres eram quasi sempre os mesmos. Depois do café, os dois compadres armavam sobre as pernas o taboleiro do gamão e enfiavam partidas até ás dez e meia da noite, emquanto D. Maria se arranchava lá fóra com as familias da vizinhança, fazendo roda á porta da chacara ou passeiando pelas approxímações da casa.

Manoel todavia não era casado com a sua companheira. Tendo-a, aos trinta annos, recolhido como empregada para lhe tomar conta da casa, da despensa e das roupas brancas, deixou-se afinal entrar passivamente no inventario dessas cousas, e ella acabou por tomar conta tambem delle. Quando deram por si, estavam unidos pela mais legítima ternura e estavam conviventes no mais perfeito pé de igualdade.

D. Maria era honesta por indole, era sadia e limpa; o negociante sentiu-se bem ao lado della e deixou-se ficar.

Terminado o jantar, Manoel foi, como de costume,

buscar o gamão; e assentados um defronte do outro, dispuzeram-se os dous amigos á pachorrenta campanha, trocando logo as primeiras facecias e as primeiras risadas de todas as suas innumeraveis partidas.

— Mas então, compadre, interrogou João, armando o jogo; afinal que me diz você do que fallei outro dia a respeito de D. Maria?... Está resolvido a...

— Ai mau! Já ahi vem você com a mania! Tardava-me essa cantiga! Ora, para que lhe havia de dar!

— Mania não, homem de Deus! É tudo que ha de mais razoavel e de mais justo! D. Maria é uma senhora séria... você não tenciona separar-se della... por que, pois, não se casam logo?... Seria mais bonito!

— Mas por que diabo hei de me eu casar, se somos felizes assim como vivemos ha treze para quatorze annos?... Nunca até hoje nenhum de nós dois pensou em semelhante cousa... As nossas relações de amizade não podem ser mais limitadas e modestas. Ella não tem pretenções e eu, cá pelo meu lado, nada espero nem desejo fóra do meu canto, onde vivo em boa paz, graças a Deus! Quando queremos sair, saimos! Vamos ao theatro! vamos ao Passeio Publico! vamos a toda a parte! Ninguem repara em nós! Por que então hei de eu agora tirar-me dos meus cuidados e casar?!... Não m'o dirá você?!...

— Seria mais bonito!...

— Ora deixe-se disso, compadre!

— É uma questão de moral!...

— Então, seu João, eu sou um homem immoral?... Porque?

— Não digo isso, mas...

— Se tivessemos filhos, vá! Convenho que seria de vantagem o casamento... mas, se até hoje elles não vieram, é natural que nunca mais venham.

— Não, compadre, o seu casamento com D. Maria não é só um acto de moralidade, é tambem um dever de gratidão e é um bom cumprimento de justiça! Pois então uma mulher, uma senhora, dedica-se durante quatorze annos a um homem, procedendo sempre com a mais severa honestidade, ajudando-o na vida, tratando delle, aturando-o emfim! e, ao cabo de todo esse tempo, elle se não resolve a fazer por ella um pouco mais do que no primeiro dia das suas relações!... Não! não é justo, seu compadre! Tenha paciencia, mas não é justo!

— Homem! Sabe de uma cousa? Não fallemos mais nisto! Você quando mette a cabeça para um lado não ha meio de tiral-o d'ahi!

— Pois não fallemos! não fallemos! O meu protesto, porém, fica de pé!

Não fallemos, não fallemos, mas no domingo seguinte, durante o joguinho, o compadre João Braz voltou á carga e accrescentou ás novas excusas do amigo:

— E! Nas suas condições dizem os homens geralmente a mesma cousa e afinal acabam sempre casando á ultima hora, quando a mulher está a despedir-se da vida e já nada aproveita por conseguinte com a tardia resolução do seu ingrato companheiro; ao passo que esse mesmo acto de justiça, praticado antes, em pleno gozo da existencia, seria honroso motivo da verdadeira felicidade para ella!

— Ora deixe-nos em paz, compadre! Deixe-nos viver como vamos vivendo e preste mais attenção ao jogo, se não prego-lhe um gamão cantado.

— Pois vivam, continuem a viver seguros pela mão esquerda, mas eu cá ficarei com o direito de revoltar-me se um dia, em caso extremo, resolver-se você a cohonestar a sua união com D. Maria!

Manoel soprou com mais força e arregaçou as sobran-

celhas, dando silenciosa cópia de quanto o fatigava aquella torturante catechese. E continuou a jogar sem dizer palavra.

O outro proseguiu, distrahido do jogo :

— Além disso, é que póde você morrer de um momento para outro, sem ter tido tempo de pôr em ordem os seus negocios, e a pobre senhora ficar para ahi desamparada no mundo ! Você tem parentes em Portugal, até irmãos se me não engano, pois saiba então que, mesmo com testamento, esta casa e o que você possue no banco ha de tudo parar em poder delles, arriscando ficar D. Maria sem ter onde cair morta e precisando na velhice andar pelas esquinas a pedir por amor de Deus um bocado de pão para matar a fome! Vamos lá ! Isto lhe parece justo, seu compadre ?!

— Oh! Não diga isso, creatura, que você me aperta o coração! Ora já se viu ?!

— Pois é cumprir com o seu dever, homem ! Case-se por uma vez !

E, como D. Maria nesse momento entrava do passeio, o moralista levantou-se, deixando o taboleiro do gamão sobre as pernas do parceiro, e foi ter com ella, para lhe dizer á queima roupa :

— Estive até agora conversando com o compadre a seu respeito, D. Maria! Mas isto é um cabeçudo de marca ! Pergunte-lhe pelo que lhe fallei e ajude-me tambem pelo seu lado !

Manoel soltou uma gargalhada.

— Sabes tu qual é agora a mania do João ?... disse elle, voltando-se para a companheira. É casar-nos ! Ora já se víu para que lhe havia de dar ?... E não me larga, o teimoso ! Não me falla n'outra cousa !

— E não lhe parece que eu tenho razão? perguntou

João Braz, dirigindo-se por sua vez a D. Maria, que os escutava immovel, sorrindo em silencio.

— Ah! respondeu ella com doçura. Eu estimaria... isso com certeza... Para que negar?... Casada sempre é outra cousa: póde uma mulher andar de cabeça erguida e póde mandar em voz alta, porque manda no que é seu! Mas, cá por mim, em boa hora o diga! dou-me por muito feliz em ter Deus me chegado para um homem como seu compadre, e nada exijo nem reclamo, porque muito já é o que elle faz por mim e pelos meus!

— E não dóe a você a consciencia, seu Manoel, exclamou João Braz com a voz tragicamente commovida, extendendo o braço e derreando para um lado a cabeça, não dóe a você a consciencia ao ouvir estas palavras que são a expressão pura da virtude e da resignação?

— Pois bem! Pois bem! rosnou Manoel, quasi vencido. Havemos de ver! Havemos de ver!

— Não! replicou o outro energicamente: « Havemos de ver » é uma promessa de caloteiro! Você o que não quer, já sei, é incommodar-se. Pois eu me encarrego de tudo! Amanhã mesmo trato dos papeis. Está dito?

— Sim, sim! Veremos amanhã.

— Não! não! Já d'aqui não saio sem autorisação para correr os banhos! Quando me metto n'uma cousa, é assim! O caso é estar convencido da justiça e da razão!

— Mas que desensoffrimento! Que sangria desatada! exclamou Manoel. Irra! Parece que você vae salvar o pae da forca!

— Nada, meu amigo! O que se tem de fazer, faz-se logo. — O pão endurece de um dia para outro! — E lá a senhora, D. Maria, ajude-me a arrastar este egoista! Segure-o pelos hombros, que eu o seguro pelas pernas, e despejemos com elle do terraço a baixo, se não nos

autorizar já e já a tratar amanhã mesmo dos papeis do casamento!

— Pois com um milhão de raios! vociferou afinal o perseguido, fugindo ao terrivel compadre, que por pilheria o agarrava já pelas pernas. Arranje! arranje você lá os papeis que quizer! arranje o diabo! mas deixe-me em paz e nunca mais me falle em semelhante cousa! Apre! Póde gabar-se, meu caro, de que é um serrazina de primeira força! Nunca vi cousa igual!

— Ora bravo! applaudiu João, batendo palmas. Até que afinal você provou que é um homem de bem! Venha de lá este abraço! E, quanto á senhora, os meus parabens de amigo sincero! Amanhã mesmo trato dos papeis!

— Mas olhe lá, seu João... atalhou o outro, segurando-lhe o braço. Observo-lhe que não estou absolutamente disposto a prestar-me ao ridiculo nesta idade! Só consinto no casamento, se este fôr cousa muito intima, muito em segredo, sem festas, sem convites e sem nada de barulho!

— Ó homem! volveu João Braz, o casamento faz-se de madrugada, um dia destes, na competente igreja, sem que ninguem tenha que metter lá o nariz! E depois ficam vocês casados e dignamente unidos para sempre! Podemos é jantar, nós os tres juntos esse dia; o que, para não alterar a praxe, bem póde ser n'um domingo. Hein? Que lhes parece?

— Bom... Assim vá lá! cedeu Manoel.

— Fica então marcado para o domingo que vêm?...

— Pois marque lá para domingo! Irra!

E assim foi. No domingo seguinte Manoel levou D. Maria á igreja de sua freguezia e voltaram de lá marido e mulher, graças a João Braz que tinha tudo despachado, com uma expedição capaz de envergonhar ao mais activo agente de casamentos.

O jantar, já se vê, foi melhor nesse dia e regado mais copiosamente. D. Maria mandou matar perú e recebeu de mimo um leitão assado. Fez doces e comprou fructas e flôres. Manoel, á tarde, admirou-se de ver entrarem-lhe pela sala algumas vizinhas com trajos de festa, acompanhadas pelos parentes e não se pôde furtar a parabens e abraços, que lhe faziam torcer o nariz.

— Aquelle compadre João Braz era o diabo! Afinal de contas tudo aquillo estava fóra do programma!

Manoel principiava a arrepender-se do que tinha feito e parecia já menos alegre que nos outros dias.

D. Maria, essa pelo contrario, estava radiante e mostrava-se mais empertigada, mais dona de casa. A' mesa fallou aos convivas com um ar empantufado e senhoril, que ninguem, ainda menos Manoel, até ahi lhe conhecera.

Comtudo, o bom homem, apezar de devéras contrariado por sair dos seus velhos habitos, não se queixou; e, mal terminados os fervorosos brindes da sobremesa, foi pachorrentamente buscar o taboleiro do gamão e armou-o sobre os joelhos, no logar do costume, assentado defronte do victorioso compadre.

D. Maria acabava nesse instante de assomar á porta da sala, palitando os dentes. Ao ver o marido, que armava a primeira partida, exclamou:

— Tambem vocês são terriveis com esse infernal gamão! Oh! nem mesmo no dia de meu casamento e com visitas aqui deixam o diabo do jogo!

E arrebatou das pernas dos dois parceiros o taboleiro, com os dados, as pedras e os copos de couro, que se espalharam pelo chão.

João Braz soltou uma risada, suppondo que aquillo era simples gracejo. Mas D. Maria accrescentou de cara fechada e com a voz dura:

— O' senhores! Que diabo, deixem-se dessa semsaboria

uma vez ao menos ! Tenham um pouco em conta o dia de hoje !

E afastou-se, muito escamada, sacudindo os quadris e abanando-se com o leque.

Os dous compadres, assentados um defronte do outro, como se fossem agora jogar o sisudo, olharam-se, sem animo de proferir palavra.

E assim que se pilharam a sós, Manoel segredcu ao amigo.

— Você viu, compadre ! Você viu o panno da amostra?

João não respondeu e Manoel murmurou, sacudindo a cabeça :

— Póde ser que me engane, e Deus o queira ! mas supponho que para sempre me fugiu de casa a tranquillidade!...

E tinha razão o pobre homem : taes cousas se foram succedendo em casa delle que Manoel, mezes depois, surgiu um dia no escriptorio do amigo, e atirou-se n'uma cadeira esbaforido de colera.

— Que houve de novo, compadre? que mais lhe aconteceu? perguntou o guarda-livros.

— Foi você quem se encarregou dos papeis para casar nos, não é verdade? bramiu o negociante. Pois, meu amigo, trate agora dos papeis do divorcio, porque este que aqui está nunca mais porá os pés na casa em que estiver aquella furia ! Nunca mais, ouvio !?

E aquelle homem, até ahi tão pachorrento, tinha agora uma catadura de tigre assanhado e dardejava ferozmente o guarda chuva, ameaçando quebrar os globos das arandelas do gaz.

— Arre! arre! berrava elle. Vá para o inferno e o diabo que a ature !

— Mas, compadre, reconsidere, escute ! Você está fóra de si, homem!

— Não! berrou Manoel, esbugalhando os olhos e rilhando os queixaes. Não, com mil raios! Se me approximar daquelle demonio é para estrangulal-o! não volto á casa! não quero ser assassino!

— Mas o que mais houve, compadre?

— Que houve?! — E o infeliz soltou uma gargalhada satanica. — Que houve?! Vá lá á casa e veja o estado em que deixamos tudo! Vá ver!

NO MARANHÃO

Quando eu tinha treze annos, lá na provincia, uma das familias que mais intimamente se dava com a minha era a do velho Cunha, um bom homem, já afastado do commercio a retalho, onde fizera o seu peculio, e casado com uma senhora brazileira, D. Marianna.

Tinham um casal de filhos: Luiz e Rosa, ou Rosinha, como lhe chamavamos. Luiz era mais velho que a irmã apenas um anno e mais moço do que eu apenas mezes.

Fomos por bem dizer criados juntos, porque, quando não era eu que ia visital-os, eram elles dois que vinham passar o dia commigo.

Moravam na praia de Santo Antonio, num grande e bello sobrado, cujos fundos, como o de todas as casas do littoral da ilha do Maranhão, davam directamente para o mar.

O Cunha, além desta casa, que era de sua propriedade, tinha um sitio onde ia frequentemente passeiar com a familia.

Quasi sempre levavam-me tambem. O sitio chamava-se « Boa-Vinda » e ficava á margem do rio Ánil, para além de Vinhaes. Embarcava-se no proprio quintal da casá.

Estes passeios a Boa-Vinda constituiam um dos maiores encantos da minha infancia. Criado á beira mar na minha ilha, eu adorava a agua; aos doze annos era já valente nadador, sabia governar um escaler ou uma canôa, amainar com destreza a vela num temporal, e meu remo não se deixava bater facilmente pelo remo de pá de qualquer jacumahuba pescador de piabas.

Sahiamos quasi sempre no segredo da primeira madrugada e chegavamos ao sitio ao repontar do sol.

Ah! que deliciosos passeios! Que bellas manhãs frescas, deslisadas por entre os mangaes, sentindo-se rescender forte o odor salgado das marezias! E depois, lá no sitio, installados na varanda de telha vã, que prazer não era devorar o almoço, assentados todos em bancos de páo, em volta de uma mesa coberta de linho claro, a beber-se o vinho novo do cajú por grandes canecas de terra vermelha! E depois — toca a brincar! toca a correr por ahi afóra, em pleno matto, cabellos ao vento, corpo e coração á larga!

E, á tarde, depois do jantar, quando a natureza principiava a cahir nos desfallecimentos chorosos do crepusculo, vinhamos todos assentar-nos na eira, defronte da casa, ouvindo o pio mavioso e plangente das sururinas que se acoitavam para dormir nas mattas proximas. Então, Luiz ia buscar a sua flauta, Rosinha o seu violão, e eu, acompanhado por elles, punha-me a cantar as modas mais bonitas de minha terra.

D. Marianna e o Cunha gostavam de ouvir-me cantar. Nesse tempo a minha voz tinha ainda, como minha alma, toda a frescura da innocencia.

A' noite, enfim, mettiam-se de novo no balaio as vasilhas do farnel, carregava-se com tudo para bordo da canôa, extendia-se por cima um vela de lona, em que nos assentavamos os tres, Luiz, a irmã e eu; o Cunha tomava

conta do leme, com a mulher ao lado; tres escravos encarregavam-se dos remos; e rebatiamos para a cidade.

Tanto era risonha e viva a ida pela manhã, quanto era arrastada e quasi triste a volta pela noite. D. Marianna começava a cabecear de somno; o Cunha punha-se a fallar comnosco sobre as nossas obrigações de aula no dia seguinte; Luiz em geral deitava-se com a cabeça no regaço da irmã; e eu esticava-me sobre a lona, de rosto para o ceu, a olhar as estrellas.

Uma noite voltavamos do sitio nessas condições. Mas havia luar.

E que luar! Desse que parece feito para quem anda embarcado; desse que vae espalhando pelo caminho adeante brancos phantasmas que soluçam, correndo pelas aguas, surgindo e desapparecendo com as suas mortalhas de prata, n'uma agonia de morte, como se fossem as almas afflictas dos afogados.

Tinhamos já passado Vinhaes havia muito e iamos agora deixando atraz de nós, uma por uma, todas as velhas quintas do Caminho-Grande, que dão um lado para o Anil. D. Marianna toscanejava como de costume, recostada numa almofada, o rosto pousado na palma da mão; Rosinha, com um braço fóra da canôa, brincava pensativa, com as pontas dos dedos na orla phosphorescente que se fazia nas aguas a cada rumorosa braceagem dos remos; Luiz cantarolava distrahido; e o velho Cunha, vergado sobre o braço do leme, com o seu grande chapéo de carnahuba derreado para a nuca, a camisa e o casaco de brim pardo abertos sobre o peito, fitava as praias que iamos percorrendo, como se a belleza daquella noite do Norte e a solidão d'aquelle formoso rio azul lhe enleassem traiçoeiramente o espirito burguez, fazendo o milagre de arrebatal-o para um devaneio contemplativo e poetico.

Qual! No fim de longo recolhimento, quando passavamos em certa altura do rio, disse-me elle com um suspiro de lastima :

— Que desperdicio de dinheiro e quanta incuria vae por aqui!... Vês aquellas ruinas cobertas de matto? aquillo foi principiado ha bem quarenta annos para um grande armazem de alfandega... nunca passou do começo! Teve a mesma sorte do caes da Sagração e do dique das Mercês! Que gente!

E eu puz-me a considerar as ruinas, que pareciam crescer á luz do luar; e o Cunha, possuido de uma febre de censura, continuava a derramar pelas tristes aguas do Anil a sua cansada indignação contra os maldictos presidentes de provincia, que tão mal cuidavam da nossa pobre e querida capital.

E, á marcha monotona e vagarosa da canôa, ia-se desdobrando lentamente ao lado de nós todo o flanco alcantilado da cidade.

Surgiu á distancia o largo dos Remedios, elevando-se da praia como um velho baluarte dos tempos guerreiros.

Ouvia-se já um rumor tristonho de casuarinas.

— Está alli! exclamou o Cunha, extendendo o braço para o lado de terra. Para que esbanjar dinheiro com uma estatua daquella ordem, quando ha por ahi tanta cousa de necessidade séria de que se não cuida?...

Olhei na direcção que o Cunha indicava e vi a estatua de Gonçalves Dias, erguida no meio do largo dos Remedios, toda branca, muito alta, riste ao luar como a solitaria columna de um tumulo.

Não achei animo nem palavras para protestar contra o que dizia o velho Cunha. De Gonçalves Dias sabia apenas que fôra um poeta infeliz e nada mais.

— É! rosnou o pobre homem. Para o luxo de encarapitar aquelle grande boneco no tope daquelle immenso

canudo de marmore — houve dinheiro! E dinheiro grosso! Todo o povo do Maranhão concorreu! Ao passo que para concluir o trapiche de Campos Mello, que é uma necessidade reclamada todos os dias pelo commercio, não appareceu ainda quem se mexesse! Sucia de doudos! Isto é uma cousa tão revoltante que eu confesso, chego quasi a arrepender-me de me ter naturalisado!

Tornei a olhar para a estatua e, não sei porque, as palavras do velho Cunha não me produziram desta vez a impressão de respeito que costumavam exercer sobre o meu espirito de criança. Pungia-me aquillo até, como uma blasphemia cuspida sobre uma imagem sagrada. Lá em casa de minha familia todos veneravam a memoria do nosso poeta, e na escola onde eu aprendia a escrever a lingua portugueza o meu proprio mestre lhe chamava a elle mestre.

No emtanto não oppuz uma palavra de defeza; mas, fitando agora de mais perto a branca figura de pedra, que na sua mudez gloriosa encara aquelle mesmo mar que serviu de sepultura ao cantor das palmeiras de minha terra, achei-lhe o ar tão tranquillo, tão superior, tão distante de mim e do Cunha, que balbuciei para este, timidamente :

— Mas, seu Cunha, se o povo lhe fez aquella estatua, é porque elle naturalmente a mereceu, coitado!

— Mereceu?! Porque!? O que foi que elle fez?... « Minha terra tem palmeiras, onde canta o sabiá. As aves que aqui gorgeiam não gorgeiam como lá. »?! Está ahi o que elle fez! Fez versos!

E o Cunha, no auge da sua indignação, redobrou de furia contra a loucura dos homens, que levantavam estatuas a poetas em vez de cuidar dos trapiches que o commercio a retalho reclamava.

Nesse instante a canôa deslisava justamente por defronte do largo dos Remedios.

A lua, perdida e só no meio do ceu luminoso, banhava no seu mysterioso effluvio a immovel e branca figura de marmore.

E Rosinha, que não prestara attenção á nossa conversa, abriu a cantar, com a sua voz crystallina de donzella, uma das cantigas mais populares do Brazil :

« Se queres saber os meios
Porque ás vezes me arrebata
Nas azas do pensamento
A poesia tão grata;
Porque vejo nos meus sonhos
Tantos anjinhos dos ceus,
Vem commigo, o' doce amada!
Que eu te direi os caminhos
Donde se enxergam anjinhos,
Donde se trata com Deus. »

E aquella menina, na sua virginal singeleza, estava desaffrontando Gonçalves Dias, porque são delle os versos que ella ia cantando aos pés da sua estatua, innocentemente; rendendo, sem saber, emquanto o pae o amaldiçoava, o maior preito que se póde render a um poeta : repetir-lhe os versos, sem indagar quem os fez.

Não sou supersticioso, nem o era nesse tempo, apezar dos meus treze annos, mas quiz parecer-me que naquelle momento a estatua sorriu.

Effeitos do luar, naturalmente.

Araripe Junior

JOSÉ DE ALENCAR

Dizia com razão o maior critico dos tempos modernos que « a primeira questão que se deve propor sobre um artista é esta: como enxerga esse artista os objectos? nitidamente ou não? com que elance, com que força? A resposta define antecipadamente a obra, porque em uma só linha que seja, não se podendo libertar das primeiras influencias, guardará até o fim a feição em principio manifestada » (1).

O *Guarany*, romance onde todos os thesouros de imaginação e sensibilidade foram derramados pelo autor, producto de uma grande sobrexcitação, que se fundiu inteiriça como vivia na alma do poeta, é a revelação mais palpitante de quanto é verdadeira a opinião do mestre (2). Póde-se dizer que nesta obra José de Alencar crystallizou sua alma, e que em toda a sua carreira litteraria varias vezes teve de regressar a este fertil veeiro

(1) Taine, *Histoire de la littérature anglaise*. Vol. V, pag. 6.
(2) O *Guarany* foi escripto *au jour le jour*, em folhetins, para o *Diario do Rio de Janeiro*; data esta publicação de 1856.

para reforçar algum fio enfraquecido de seu bello talento. Ahi pullulam todos os seres que lhe são gratos, e accentuam-se definitivamente os lados da natureza, que mais tinham ferido a sua imaginação, com a espontaneidade de uma indole franca e verdadeiramente tropical. O tempo em que elle o escreveu foi justamente o mais arduo do *Diario*. Acoitado em um segundo andar da rua do Conde, sem livros, sem auxiliares, sem *coterie*, dispondo apenas de um caderno onde lançára os residuos de suas leituras sobre o Brazil, não foi isto razão para que não o secundassem as mais felizes e fecundas disposições de seu espirito.

Os momentos artisticos não duram toda a vida. Esse phenomeno de excitação cerebral, com effeito admiravel, que os antigos julgavam influição divina ou sobrenatural, o *Deus in nobis* do poeta latino, depende quasi sempre de circumstancias especiaes, que em nada honram a valentia humana. Não ha quem hoje ignore, depois dos trabalhos de Claude Bernard, Lhuis, Maudsley, Bain, que nestas occasiões só o que nos pertence é a força inicial, e que o cerebro trabalha por sua conta e risco, sem consideração alguma a quem lhe imprime o movimento.

O *Guarany* parece ter sido fructo de um destes estados mentaes. Tudo quanto fôra assimilado inconscientemente, de permeio com tudo quanto o esforço voluntario obtivera, vasou-se de repente no papel, concretisando-se em uma obra que o proprio autor talvez não soubesse explicar. E' visivel a influencia que certos autores tiveram na genese do livro. José de Alencar encontrára os moldes do romance moderno, segundo os processos de Walter Scott, levado ao maior aperfeiçoamento por A. Dumas, Sue e outros, e necessariamente teve de procurar nestes mestres os meios de captivar o interesse dos seus leitores pelo habil manejo das *medias res*, das ma-

chinas e de tantos outros artificios de que abusaram mais tarde Capendu, Ponson du Terrail, Montépin e o proprio Dumas, estragando o genero e provocando a justa reacção, que deu em resultado o naturalismo de Zola. Muito lhe serviram nesse intuito estes autores, sem que comtudo podessem com isso imprimir nova direcção ao seu espirito. Emquanto ao aspecto geral, nada mesmo tem o *Guarany* que se destaque da phisionomia dos melhores romances publicados no periodo em que floresceram aquelles escriptores. O entrecho é commum. Um cavalleiro portuguez acastellado com sua familia nas margens desertas do Parahyba, a lutar com a bondade de uns e a maldade de outros, cercado de aventureiros que não lhe guardam fidelidade; uma menina angelica a provocar amores e sentimentos lubricos; a dedicação de um indio; ataques de selvagens; actos de bravura e de pericia por parte dos portuguezes: eis o circulo dentro do qual desenvolvem-se as scenas mais importantes do romance. Não ha quem não reconheça logo que a idéa do autor, qualquer que fosse ella originariamente, cresceu no meio das reminiscencias das obras do autor do *Waverley*, e que a visão brazilica entrelaçou-se insensivelmente com as scenas castellãs da idade media, que até certo ponto não deviam differir em substancia das que o autor suppoz nos tempos coloniaes. Quem não verá em D. Antonio de Mariz, « que como um rico homem devia protecção e asylo a seus vassallos », um *Ivanhoe* portuguez? Aquella casa do Paquequer, com suas disposições pittorescas e romanticas, não lembra de perto os castellos de Kenilworth ou de Lamermoor? E a cavalgada com que começa a narração? E as conspirações dos aventureiros? Os cavalleirismos de Alvaro? os combates? as sortidas? E esses Aymorés acampados, como uma horda de guerreiros nas ruinas de Karnac ou sob as barbacãs de al-

gum barão feudal? Emfim, os regulamentos marciaes, os pundonores fidalgos, a catastrophe theatral, tudo isso não traz-nos á idéa os monumentos, que se prendem á escola que em Italia gerou os *Noivos* e na França *Notre Dame de Paris?*

Mas não seja isto motivo para doestos ao autor de paginas tão bonitas. A originalidade de sua obra está seguramente em outra parte : esta originalidade consiste na subordinação da natureza bravia á belleza feminil, na transformação de tudo quanto cerca a mulher, ainda mesmo o enorme e o repellente, no mimo, na graça, na candura. Essa concepção póde-se dizer que resume-se na palavra *Yara*, palavra tupy que significa senhora, e que serve de titulo a um dos capitulos do livro, accentuando o eixo sobre o qual volve-se todo o interesse do drama. Uma menina celestial e ligeiramente caprichosa, que tira da innocencia e da candura uma força extraordinaria para supplantar o deserto, uma creatura angelica, que com o seu prestigio insciente traz a natureza a seus pés : eis a mola, o centro, a magia do *Guarany*, e a explicação de todo o encanto que produziu e ainda hoje produz em nosso espirito esta obra inimitavel (1). E' jus-

(1) Ha um romance de Méry — *A Florida*, que talvez despertasse em José de Alencar essa feliz idéa. As scenas deste livro passam-se tambem nos tropicos, em uma feitoria situada, se não me falha a memoria, na costa do Malabar. A heroina é uma creoula de origem franceza, em situação identica á de Cecy, que tremúla sob o pincel inspirado do autor de *Eva* como uma creação *feerica*. Mergulhada na solidão das vastas florestas daquellas regiões asperrimas, onde a deusa Bowania se metamorphosea a cada passo em horrendos perigos, no tigre dos juncaes, na serpente gigantesca, na cobra capello, no gorila, no thug estrangulador, nas febres palustres, nas convulsões meteorologicas, essa menina inoffensiva combate tambem o genio do mal com o olhar azul da innocencia. A propria natureza selvagem fornece-lhe armas á sua defeza e dá-lhe forças para domar leões, que lhe guardam o aposento virginal durante o somno e elephantes, que a conduzem e acompanham em seus passeios pela floresta.

tamente por isto que todo aquelle que começa a ler o *Guarany* sente um indizivel alargamento na alma. O leitor, desdobrando-se atravéz dos sentimentos ineffaveis, que desperta esse ideal de bondade, perde-se no esquecimento de si e da terra aonde pousam-lhe os pés; acha-se como em um paiz dourado por luzes coadas por opala, num céu azul e esplendente. A natureza revela-se-lhe por inextinguiveis cambiantes; do seio da terra irrompe o *lumen purpureum*, que tudo envolve, quando o cerebro se deixa conquistar pelos globulos de um sangue generoso. Todas as agruras somem-se da paizagem e um optimismo sadio invade a creação inteira. Um doce sentimento da existencia despeja-se sobre os habitantes incautos desse paraizo artistico; em tudo transluz uma felicidade crystallina.

. . . . . .

. . . . . .

Si houve talento nos idealistas, esse talento consistiu em convencer-nos da verdade de suas caprichosas creações. Não ha negar que José de Alencar no epilogo do *Guarany*, apezar de romper a cada passo com o real, chega a embevecer-nos na possibilidade daquellas festas da natureza, naquelle despontar de amor em Cecilia pelo brusco Goytacaz. Si a illusão é tão bem disposta! si as luzes e cambiantes, espalhados na tela pelo magico pincel, nos prostram em uma tão doce languidez, em uma tamanha *nostalgia celeste!* Quem ha ahi que não siga com o coração doudejante aquella canôa a resvalar como uma sombra pela face lisa do Parahyba, arrebatando a intangivel *Yara* ás devastações dos Aymorés? E a transfiguração desse humilde Pery, que por ultimo tem mais de anjo das florestas, personificando o bom genio do Brazil, do que do anthropophago descripto por Hans Stade e Lery? Em plena selva a phantasia do poeta

alonga-se em descripções de uma côr nativa admiravel, aonde, usando de uma phrase sua, encontram-se á farta as acritudes da manga e do cajú; as paisagens esfusiam-se em um tropicalismo intenso: lembram incontestavelmente Chateaubriand, mas despido desse esmagamento de um espirito assoberbado pelo deserto, desses extasis hystericos que levaram Proudhon a qualificar de *femmelins* todos os escriptores que se prendem a Rousseau (1). O sentimento da solidão é quebrado a todo instante pelo perfume das gardenias e pelo esvoaçar dos colibris. A immensidade retrae-se para formar um grupo conciso e nitido, aonde o espirito do leitor atém-se a uma visão concreta e viva.

Cecy, acordando do pesadelo que a assombra, collocada no meio daquella solidão, abrigada unicamente pelo braço do selvagem, depois de consolar-se e submetter-se ao destino, anesthesiada pelos carinhos do amigo que a conduz invulneravel e respeitada pelas forças brutaes da natureza bravia, vê-se pela primeira vez só, diante daquelle « silencio que parece fallar », onde « as sombras se povoam de seres invisiveis e os objectos, na sua immobilidade, como oscillam pelo espaço ». O indio dorme prostrado pelo cansaço no fundo da canôa, e ella, a debilidade entregue á força, não tarda commover-se em face do escravo que se transformára em heróe. « Como os quadros dos grandes pintores que precisam de luz, de um fundo brilhante e de uma moldura simples, para mostrarem a perfeição de seu colorido e a pureza de suas linhas, o selvagem precisava do deserto para revelar-se

(1) « Le moment d'arrêt de la littérature française commence à Rousseau: il est le premier de ces femmelins de l'intelligence en qui, l'idée se troublant, la passion ou la passivité l'emporte sur la raison ». Proudhon, *Influence de l'élément féminin sur la littérature française.*

em todo o esplendor de sua belleza primitiva ». Cae a crosta do goytacaz e surge o homem idéal, o amante desanuviado de todos os preconceitos sociaes, forte, dessa fortaleza que só possuem as naturezas virginaes. O filho das mattas, o senhor das florestas transfigura-se aos olhos de Cecy; « as montanhas, as nuvens, as catadupas, os grandes rios, as arvores seculares, servem de throno e de docel a esse monarcha das selvas ». Admira-o e agradece a sua abnegação; contempla-o bafejado pela aragem matutina, acariciado pelas aguas do rio que arfam docemente, pelos leques de palmeiras que se agitam rumorejando. Uma philosophia que não é da terra, uma philosophia celestial faz-lhe entrar na alma uma grande resignação. Lembra-se ligeiramente da sua vida risonha de outr'ora e uma lagrima pende de seus cilios e cae sobre a face de Pery. O indio desperta; e um mundo de novas e desconhecidas sensações começa para ella nesta doce intimidade. O seu enleio cresce á proporção que o indio exprime-se em sua pittoresca linguagem. Ella « é como a rolinha, quando atravessa o campo, sente-se fatigada e descança sobre a aza de um companheiro que é mais forte »; elle é quem « guarda seu ninho emquanto dorme, quem vae buscar o alimento, quem a defende, quem a protege ». Estas comparações a sobresaltam a principio, mas não obstam a que as duas almas se confundam, que os olhos de Pery brilhem de mais, que elle se repute seu escravo... seu irmão. Cecilia por fim, esquecida de tudo, familiarisada com a selva, que graças a Pery converte-se no verdadeiro *boudoir* de uma sultana para satisfazer os seus menores desejos, adormece num berço de flôres acalentada pelos sonoros ruidos que se diffundem pelos arredores. Pery, porém, presente a convulsão dos elementos em roda; vê o Parahyba erguer-se nas ferocidades de uma inundação, e prepara-se para

disputar sua *senhora* ás garras do cataclysmo. A menina é deposta na canôa e o indio vôa adiante da procella; não tarda a ser colhido pelo perigo, e tremulo, com a innocente creatura adormecida nos braços, acouta-se no olho de uma palmeira. A torrente, entretanto, recrudesce com todos os horrores dos phenomenos desta ordem; as aguas a pouco e pouco sobem ameaçando o abrigo; chega o momento critico; o indio é um heróe, desce, mergulha e, realisando uma obra de Hercules, consegue desarraigar a palmeira. No meio da immensidade das aguas boia o improvisado esquife « como uma ilha de verdura, banhando-se na corrente ». Pela primeira vez o valoroso selvagem desespera por não poder poupar á sua senhora um momento de terror; mas, ainda assim, elle, que vencera o tigre, que vencera os homens, que vencera o veneno, crê vencer os elementos, e, perdido na solidão tumultuosa do rio, pensa em salval-a numa dobra do horisonte. A palmeira deriva arrastada pela torrente para sumir-se no infinito dos mares, e os dois amigos, embebendo suas almas em um sentimento de ternura infinda, corôam o romance com as tintas mais delicadas e gracis de que se serviu a inspiração de José de Alencar.

« O halito ardente de Pery bafejou-lhe a face. Fez-se no semblante da virgem um ninho de castos rubores e limpidos sorrisos: os labios abriram como azas purpureas de um beijo soltando o vôo. »

A saudade, que deixa na alma este final vago e vaporoso, desculpa bem as violencias commettidas por essa musa feminil contra os documentos da vida real.

GREGORIO DE MATTOS

O regresso de Gregorio de Mattos para a *Terra dos papagaios* constitue facto capital em sua biographia.

Um dia o poeta arrumou nas malas o genio que o diabo legara-lhe em testamento, ensacou as contrariedades de envolta com a roupa suja, e, embrulhado no manto de Diogenes, atravessou o Atlantico em busca dos seus penates. O auctor do *Marinicolas* nunca se lembrou de contar a historia dessa travessia; mas póde-se imaginar o azedume da musa durante uma viagem longa, como eram as que se faziam naquelles tempos. Depois de trinta e cinco annos de Portugal, supportar cincoenta ou sessenta dias de encerro, em um navio estreito e immundo, entre mar e céos, sem companhia de lettrado, senão a de outro poeta lyrico, devia ter sido para Gregorio de Mattos motivo de satyras candentes contra os causadores de tamanhos dissabores. E' provavel tambem que o enjôo lhe embaraçasse a *verve*, obrigando o bacharel *mazombo* a philosophar sobre o futuro que o aguardava na Bahia. O que é certo é que a sua chegada ao Brazil creou-lhe uma *alma nova*. O confronto da obra, que o poeta realizou dessa data em deante com a effeituada nos annos anteriores, demonstra que elle, se não voltasse á patria amada, não teria ido além das satyras aggressivas do genero do *Marinicolas*.

Pisar nas areias de sua terra foi o mesmo que libertar-se, desentoxicar-se e restituir a si o genio perdido em Portugal. Gregorio de Mattos, portanto, evadindo-se ao meio onde se achava, salvou o melhor poeta satyrico das Americas.

Em outra parte eu já expliquei que a chave para a comprehensão da originalidade da litteratura brazileira, pelo menos nos dois primeiros seculos, estava na analyse do phenomeno aqui operado e a que conferi o nome de obnubilação. Consiste este phenomeno na transformação por que passavam os colonos atravessando o Oceano Atlantico, e na sua posterior adaptação ao meio physico e ao ambiente primitivo. Basta percorrer as paginas dos chronistas para reconhecer esta verdade. Portuguezes, francezes, hespanhoes, apenas saltavam no Brazil e internavam-se, perdendo de vista as suas pinaças e caravellas, esqueciam as origens respectivas. Dominados pela rudez do meio, entontecidos pela natureza tropical, abraçados com a terra, todos elles se transformavam quasi em selvagens; e se um nucleo forte de colonos, renovado por continuas viagens, não os sustinha na lucta, raro era que não acabassem pintando o corpo de genipapo e urucú e adoptando idéas, costumes e até as brutalidades dos indigenas. Os exemplos historicos surgem em penca: Hans Stade, Soares Moreno, Pae Pina (Amanayara), Anhanguéra, e os trugimões ou linguas que deram tanto que fazer a Villegagnon. O mesmo jesuita Anchieta não escapou á esta influencia. A sua vida entre os selvagens e o seu prestigio contra os sacerdotes indios attestam que este padre, se não por imposição do meio, ao menos por arte refinada, se fez um legitimo *pagé*. A missão do thaumaturgo brazileiro, como o chamavam, nas florestas do Sul, não se pode explicar senão pelas feitiçarias aceitas ou habilmente copiadas, dos piagas, e com que elle catechisou os seus caboclos.

Quando Gregorio de Mattos aportou em 1679 á Bahia, com a edade de cincoenta e seis annos, a cidade de S. Salvador havia passado por grandes transformações.

Os bons tempos dos padres da Companhia de Jesus e daquelle a quem Varnhagen chamava o *Orpheu Americano*, o grande Nobrega, estes tempos aureos já estavam muito longe. Havia uma coisa, porém, que não mudara. Os aspectos da natureza tropical continuavam a ser os mesmos: e tanto bastava para que o poeta se sentisse reviver. O velho fauno, pois, hauria o mormaço da terra como se haure uma bebida embriagadora: e a poesia se lhe desabotoou nos versos quentes e cantharidinos que todos os amadores das boas lettras devem conhecer. Antes que cantasse « na sua lyra maldizente » as « torpezas do Brazil, vicios e enganos, " o autor dos tercetos aos viciosos foi por momentos optimista. Nem todas as poesias de Mattos vertem o fel da satyra. Emquanto durou-lhe a influencia sedativa dos novos ares, elle se deleitou em cantar as delicias da Bahia. As impressões, que os coqueiraes do Reconcavo, os prados risonhos e os outeiros floridos das ilhas produziram em sua imaginação, deviam ter cicatrizado muitas ulceras abertas em sua alma pela vida antipathica de Lisboa.

Esse ninho tepido de amores, chamado Bahia de Todos os Santos, muito melhor se appellidaria de Cythera, se os encantos e as louçanias com que a natureza arreiou esse berço da civilisação brazileira não tivessem attrahido para ahi os jesuitas e os mais refinados politicos produzidos no paiz. Não foram os frades e chronistas indifferentes a tão perigosa tepidez. No jargão em que escreviam as suas noticias legaram-nos verdadeiros poemas descriptivos, tal a força das sensações que lhes deixavam os beijos da paizagem, o aroma das resinas, o matiz das flores, o cheiro das fructas e o ruido dos passarinhos. A prole encarregou-se depois de commentar esse desavergonhado lyrismo. Frei Bastos teve de

muito longe seus precursores. Todos os paraisos possuem a sua arvore da luxuria. No Reconcavo, com certeza, essa arvore fôra plantada com a mesma cavilação da legenda, porque, segundo contam os ditos chronistas, já no tempo em que os tupinambás percorriam, como senhores absolutos, as costas do Brazil, nesse retiro operara-se por causa de uma Helena indigena uma guerra tão crua, senão peior do que a de Troia celebrada pelo divino Homero.

Os antigos acreditavam numa influencia sobrenatural, a que denominavam *genius loci*. Na Bahia esse genio manifestou-se em varias coisas e por varios modos. Gabriel Soares, por exemplo, pretendeu surprehendel-o no conjuncto da cidade nascente cujo aspecto risonho, alegre, dava de longe um verdadeiro rebate de satisfação electrica ao espectador. As casas brancas cavalgando a falda da collina; os quintaes tufados de pomares em flor; as laranjeiras carregadas dos fructos maduros; as palmeiras surgindo por sobre os telhados e balouçando-se ao som da aragem balsamica que soprava de Itaparica; o conjuncto de tão bellos aspectos, circumdados pela ribeiras de terra e pelas aguas esmeraldinas do mar, que sahiam barra fóra para perder-se na amplidão do oceano: tudo isto o enlevava e obrigava o chronista a soltar gritos de prazer, desse prazer sadio, que é o prodromo dos grandes trabalhos de observação. O seu *Tratado descriptivo do Brazil,* com effeito, mostra que elle afiara o seu engenho nas subtilezas que por essa terra jucunda lhe eram reveladas. E não foi só elle a victima desse encantamento tropical. O severo Manoel da Nobrega, o espirituoso Cardim, o dedicado Aspilcueta Navarro, todos os que foram aportando áquellas plagas se deixaram successivamente dominar por essa bebedeira tropical.

Terra suggestiva, logar miraculoso, sem a solemnidade acroceraunia das montanhas do Guanabara, a angra de Todos os Santos dir-se-hia ter sido construida de proposito para um enorme bioterio, morno ainda da força geradora dos tempos prehistoricos. Posta no centro do Brazil, tendo o rio de S. Francisco quasi á mão, a região de Paraguassú se destinava pela natureza das leis geographicas a ser o ponto de partida das impulsões civilizadoras do paiz. E os factos se encarregaram de exagerar esse direito primacial. Apenas Thomé de Souza fundou a povoação, que de futuro seria a cidade hybrida que hoje conhecemos, de toda a terra dos Brazis começaram a convergir para aquelle ponto os elementos que deviam constituir a vida brazileira.

Fôra intuito do rei de Portugal, mandando o primeiro governador para o Brazil, tirar este paiz da anarchia em que o tinham posto os capitães-móres donatarios; e Thomé de Souza, assumindo as redeas do governo da colonia, soube corresponder ás vistas da metropole. Rapidamente realizou-se o que el-rei recommendara em sua carta régia de 7 de Janeiro de 1549. Para « conservar e ennobrecer as suas terras do Brazil, " a povoação da Bahia de Todos os Santos fez-se « grande e forte " como elle desejava; deu-se « favor e ajuda " a outras povoações, « cumpriu-se o serviço de Deus, " e centralizou-se a administração com o auxilio de um ouvidor geral, um provedor-mór e um capitão-mór da costa encarregado de defender o littoral. Tanto bastou para que o que era até então amorpho, surgisse como um corpo valido, rijo e cheio de vida. O Brazil teve uma cabeça e essa cabeça offereceu logo sérias resistencias. Todavia, os jesuitas que acompanharam ao primeiro governador em missão espiritual e civilizadora, tendo á frente o nunca assás lembrado Manoel da Nobrega, en-

contraram difficuldades quasi invenciveis, porque o Reconcavo havia sido viciado pelo celebre Caramurú, o qual, fazendo larga prole entre os indigenas e transigindo com as suas pessimas inclinações, desencadeara nesses barbaros a cobiça e ensinara-lhes o caminho de obterem dos brancos as vantagens sem o troco do serviço. A' vista disto os proprios jesuitas concordaram que se tomassem as primeiras medidas de rigor. Mas isto era o menos, porque os brancos que se tinham aclimatado naquellas regiões, de parceria com os indios, e completamente entregues á mais brutal relaxação, sem exceptuar os mesmos sacerdotes, offereciam o mais repugnante exemplo do quanto póde a luxuria em terras tropicaes. O padre Nobrega, mal encetou sua missão, tratou logo de extirpar da fraca colonia portugueza esse peccado nefando e horroroso. Servo de Deus, o que poderia elle allegar senão que por ali andavam artimanhas do diabo? Ignorando, com certeza, a influencia das leis mesologicas e outras interferencias de cuja descoberta se orgulha a sciencia moderna, o heroico jesuita atacava o facto como este se lhe mostrava, e, de cruz alçada, ia prégando contra os vicios peccaminosos, ao mesmo tempo que escrevia para Portugal solicitando instantemente a remessa de mulheres brancas, ainda mesmo prostitutas, que se converteriam casando com os degredados. Tudo isto, porém, tinha seu destino. Era indispensavel para a constituição do typo bahiano que se fizesse uma caldeação de raças, de sentimentos e de instinctos, antes que a Bahia conquistasse a sua autonomia. Foram os tupinambás os primeiros a dar seu contigente. O que eram estes indigenas, em materia de amores e artes correlativas, refere-o, com tintas de um realismo admiravel, Gabriel Soares no seu *Tratado descriptivo*, de modo a não se pôr duvida á parte que

tiveram no ensinamento dessas artes ao colono boçal, despedido da metropole e avido de sensações. O capitulo CLVI daquella inestimavel obra indica as loucuras de que seriam capazes esses pobres colonos deante das tupinambás, vergastados pela solidão, pelo clima, por um alimento acre e pelas suggestões de uma vegetação sempre verde e enormemente carregada de resinas aphrodisiacas.

Não tardara unir-se a esse elemento erotico, o forte sensualismo dos africanos. Este importantissimo elemento da nossa colonização impregnou a Bahia, mais do que a qualquer outra região do Brazil, de umas tonalidades originaes de mestiçagem, dignas de serem analysadas ao clarão da critica de um Taine, ou de um Hennequin. A negra mina, carinhosa, intelligente e bella, seduzindo com a formosa carnadura e pelo busto lustroso e esculptural da Venus africana o portuguez libidinoso, não custou a vencer a indigena nesse concurso de procreação. E' verdade que a mulher tupinambá tinha a indolencia das orientaes, o abandono das naturezas morbidas, a molleza, a indecisão, o embalar eterno da rede e o gozo vago, intermittente, quasi indefinivel dos batracios. Enervantes, depravadoras, é bem certo que, se não concorresse a outra mestiçagem, o colono portuguez nunca mais sahiria do tejupar, nem abandonaria a rede para brandir a enxada ou o machado e desbravar a floresta. Mas essa enervação não podia deixar de causar-lhes medo. Os instinctos sabem buscar os seus caminhos. Accresce que a india desconfiada não era capaz de constituir *foyer*. Ao contrario de tudo isto, a negra mina apresentava-se com todas as qualidades para ser uma excellente companeira e uma criada util e fiel. Escrava, resistente a todos os trabalhos, sadia, engenhosa, fina, sagaz, cautelosa, ao mesmo tempo quo nutria um fogo

inextinguivel, ella sabia dirigil-o e aproveital-o em beneficio da propria prole. Com semelhantes predicados e nas condições precarias em que no primeiro e segundo seculos se achava o Brazil em materia de bello sexo, era impossivel que a mina não dominasse a situação. E, de feito, em toda parte do paiz onde houve escravatura ella influiu poderosamente sobre o colono e *vaccinou* a familia brazileira.

Podia, portanto, o padre Nobrega bradar quanto quizesse contra o que reputava "grande mal", escrevendo ao padre mestre Simão Rodrigues que "a gente da terra vivia em peccado mortal e nenhum havia que deixasse de ter muitas negras das quaes se enchiam de filhos"; a preta mina não recuaria, e, victoriosa, daria tom a essa desenfreada polygamia de que tão incommodado se mostrava o missionario jesuita. Cada vez mais entranhada no seio da familia colonial, a africana, quando não senhora do lar, era a medianeira da cosinha e a providencia dos quartos baixos. Não possuindo força intellectiva para elevar-se sobre a fatalidade de sua raça, ella empregava toda a sua sagacidade affectiva em prender o branco e a sua gente na tepidez do collo macio e acariciador.

Foi nesse regaço, pois, que a Bahia medrou e se desenvolveu. Ahi formou-se a *yayasinha* e embalada na côxa avelludada aprendeu a ser dengosa e a nada fazer. Nesse collo macio lhe ensinaram a ser superticiosa, ao som de cantigas africanas e reminiscencias fetichistas. Foi nessa escola tambem que a menina brazileira aprendeu a ser dissimulada e a enfeitiçar os outros com a sua indolencia tropical. A' negra africana igualmente deve-se a creação do petulante e vicioso *yoyô*. Com ella ensaiou-se o adolescente nas primeiras batalhas do amor. Até o proprio *sinhô velho* deixou-se seduzir pelas suas cautelosas e

discretissimas caricias, que a *sinhá da sala* deixava de enxergar talvez preoccupada com os multiplos serviços que a preta lhe prestava, condimentando os acepipes e instruindo-a com a riqueza da culinaria da contra costa.

Nesse aconchego lubrico, apimentado pelos vatapás, pelo dendê, fortalecido, intensificado pelo côco e pelas delicias da moqueca; enlanguecido pelas cantigas e lundús e por mil outras coisas miudas, que a imaginação da africana levantava, afim de tornar a vida tão acre como ella a sentia nos adustos desertos do continente negro; nesse ninho de volupia gerou-se uma raça de mestiços, eloquente, resonante, apaixonada e um tanto cheia de paradoxos nos costumes, a qual, mestiça no sangue, por sua vez encarregou-se de mestiçar as idéas, os sentimentos e até a politica dos brancos dominadores da terra.

De onde procede o *capadocismo* bahiano senão deste hybrido regaço?!

FORÇA VELHA

I

. . . . . .

Neste ponto romperam da volta da estrada os sons de um chocalho. Salustina, levada pela curiosidade, levantou rapidamente o banco, collocou em cima a almofada de rendas, e poz-se a espreitar. Uma nuvem de poeira suspendia-se nos ares do lado da varjota; as primeiras figuras de um comboio delineavam-se na penumbra da estrada, ferida a furto por uma flecha de luz que dardejava pela lombada do serrote. Os sons dos chocalhos tornavam-se mais e mais distinctos e os gritos dos com-

boieiros cruzavam-se, iam, vinham, formando com os choques metalicos dos cascaveis uma algazarra surda de orchestra cryptologica.

O Miguel, entretanto, cochilava encostado ao balcão da bodega com a perna estirada para cima de um banco e a muleta encostada ao hombro. Quando tardava-lhe o almoço, a dispepsia tomava aquella forma indolente, e o somno vinha então consolal-o dos desgostos da vida. Soabrindo os olhos, o paralytico perguntou se vinham da villa ou da varjota. Salustina, com a voz aveludada pela emoção, respondeu com o gesto — que de baixo, e a lembrança de que por ventura iam ter hospedes da praça arripiou-lhe as carnes numa temulencia voluptuosa, que lhe communicava aos olhos um brilho de ferocidade feminil indescriptivel.

— Grande homem interesseiro! disse ella, procurando combater os proprios arrepios com uma aggressão ao caracter desconfiado do amigo. Não se me dá que você, seu Miguel, já esteja pensando na espiga que vai metter no triste que ahi vem pelo caminho.

Fosse por que fosse, suggestão mental ou habito adquirido, o Miguel estremecêra até a medula como se lhe tivesse saltado em cima alguma cobra venenosa; e ao remoque ferino respondeu com a palavra — regateira — pronunciada entre dentes, que produziu sobre a rapariga o mesmo effeito que o choque de uma pilha electrica. Cessou toda a sua jovialidade, e, de olhos vesgos pela contrariedade, Salustina murmurou um rozario de ameaças.

— Quem lhe comeu a carne, que lhe rôa os ossos, seu Miguel. Não é o que você me quer dizer? Só quem tem ciumes é que quer bem. Não está mais aqui quem ainda outro dia podia tel-o feito arrastar-se por ahi como um tonto. O Chico Brazil andava atraz de mim; e eu

tão bôa que não o deixei. Se soubesse, seu Miguel, a pena que eu tenho de você!

Aquella — *pena* — e aquelle — *você* — empregados com a inflexão por que foram, feriram no amago d'alma o amor proprio do paralytico. Uma sombra de pavor tomou-lhe o espirito, e á bocca subiu-lhe todo o amargor da vida desalentada. A asthma recrudesceu, e n'um accesso de tosse o pobre velho emborcou sobre o balcão quasi sem vida.

A perversidade da Salustina era, porém, inconsciente. Frescalhona, apezar dos seus trinta annos, das marcas que lhe haviam tirado a primitiva lisura das faces e dos maus vestidos em que se embarrilava, ainda erigia um porte seductor e tinha no moreno da cutis umas promessas de vida, de movimento, de deleites, que faziam endoidecer. Era o que assassinava o paralytico. Na sua invalidez crescente via todos os dias a espanejar-se em ânceios febricitantes, em inconveniencias lubricas, em trepidações sexuaes, as formas opulentas, não gastas, antes pouco usadas, apetitosas da trintona!

Diante do perigo imminente de um desprezo, quando segredava-lhe a consciencia muitas vezes: Deixa a rapariga... que diabo tens com essa mulher, se não contas mais com que alimentar-lhe os austos amorosos? — o desgraçado debatia-se em ancias impossiveis, e deixava-se tomar de um desespero, que muitas vezes chegava quasi a loucura.

As considerações da Salustina, comtudo, em logar de animal-o, ao contrario exacerbavam-no, de modo que elle, doido de raiva, punha-se a experimentar as pernas por instantes, persuadido que lhe voltara o vigor antigo. Arfava, embevecido num pensamento de amor possivel, intumescia-se todo, chamava a Salustina para ao pé de si e começava a afagar-lhe o colo, os cabellos, as costas

com os dedos tremulos, cheios de espasmos febris. Esse esforço sobrehumano esgotava-o, por fim, e o velho lubrico, reconhecendo, contra a vontade, a sua decrepitude, cahia no fundo da rede a ranger os dentes como um possesso.

Salustiná, que com um ar sorna e cheia de enojo egual ao que sentimos quando estamos em contacto com um cadaver, prestava-se a estas experiencias Deus sabe como; logo que podia, afastava-se, sorrindo malvadamente, porque de feito, nestes momentos, ella era impiedosa.

Havia mais que motivos para os despeitos de Miguel. Salú não o soccorria. Ruim! Elle não fôra tão bom em outros tempos? Qual a razão por que ella agora o tratava assim, a elle que, afinal de contas, si estava de pernas bambas, não o devia senão aos seus furores juvenis?!

A rapariga tinha, entretanto, razão. O seu sangue borbulhava, e injectando-se pela pelle dava á epiderme essa consistencia macia, aveludada e ardente que aquece o amor e o delicia. As suas carnes eram bastante resistentes, tinham vida, palpitavam como palpitam camarões em terra secca. O velho, ao contrario disto, esmorecia, e a sua pelle encarquilhada, cobrindo carnes flacidas e pendentes, era um resfriado continuo, distilando um suor viscoso, abominavel no gesto, no halito e na palavra. Tudo nelle annunciava a sepultura, a negação da vida; e o amor não vive um minuto em um meio tão hostil. Desta sorte, quando os braços do paralytico enlaçavam-lhe o colo reluzente e cheiroso de baunilha e lima, passavam-lhe uns arrepios singulares; e em vez de percorrer-lhe o sangue uma chamma abrasadora, o que ella experimentava era a mesma sensação que experimentaria se lhe encostassem o couro frio de um sapo ou

os anneis de uma serpente. A brasa atirada ao charco, chiava.

O Miguel, apezar de tudo, sabia tomar suas vinganças; e quando a trintona, orgulhosa da sua pujança, afastava-se zombando, elle, a quem rasgavam desejos de beijar, beijar aquelle colo, apertar, esmigalhar aquelles seios, ainda em toda a sua redondeza quasi virginal, acabava por fazer um gesto supremo abraçando-se-lhe aos hombros como uma criança gasta, que implora o leite maternal. Então, perdendo o equilibrio, bambeando as pernas, ia com ella de roldão ao barro, e mordia-a, mordia-a, até que um grito de raiva punha termo áquella scena triste e degradante.

Com o rosto humedecido pela baba, Salustina erguia-se, deixava o Miguel estorcer-se na crise do erotismo, e ia lançar-se no corrego, como o musulmano impuro.

II

O sol do dia anterior fôra de rachar, — um sol de janeiro —; na atmosphera suspendia-se um pó subtil; o verde das arvores gritava; e o ar parecia vibrar á propria vista. Os atoleiros, formados pela ultima chuvada, estavam seccos, encarquilhados, como feridas da terra em via de cicatrização; apenas, em um ou outro ponto da estrada, havia buracos fundos, cheios de lama, que cospiam jactos pretos nas calças e botas dos transeuntes, quando o cavallo acertava em metter o casco em algum delles.

No rancho, chegavam ao mesmo tempo dois comboios; um da cidade e outro da villa. Tangiam ao primeiro um cabra de alpracatas, chapeu de couro e roupa de algodão grosso, e dois rapazinhos da mesma casta. Oito quartaus magreirões conduziam duas cargas de malas pretas,

tauxiadas, e as restantes de caixões pendurados por alças de cordas ás cangalhas. Sobre uma destas cargas vinha um molecote, a gritar e a cantar toadas de pé de serra. O comboio que descia, era de algodão; as primeiras partidas que naquelle anno remettiam á casa ingleza.

Os cavallos, chegando á sombra das grandes cajazeiras, que enfrentavam a casa, como adivinhando a intenção dos guias, largaram as trilhas lateraes, e, em desordem, começaram a circular em torno dos troncos, uns levando a belfa ao chão para apanhar nós de canna ou restos de capim, outros escambichando as pernas para verter agua, depois de rufarem o couro nesse movimento de estremeção voluntario, de que só essas alimarias têm o privilegio. Os chocalhos tilintaram descompassadamente e um dos animaes quiz espojar-se na arêa. Os cargueiros, porém, obstaram o proposito, e aos gritos de — ó eúa! — ó eúa! — circumscreveram logo os quartaus ao terreiro, maneiando-os de pé a mão. Arriaram as cargas de dois estropiados, que mostravam ao ar livre o dorso suado e cheio de raladuras tirantes a bicheira.

O Guedes, o cabra, encostou então o xiquerador ao tronco da cajazeira, e chegando ao balcão da bodega, bateu com dois vintens sobre a madeira.

— Da branca; que estou tinindo! Como vae isto, seu Miguel?

O paralytico respondeu com um movimento de cabeça, e Salustina, da sala, aonde estava pondo a mesa para o almoço, fez um gesto de intelligencia.

— E' bom fechar o corpo, que os tempos não estão bons.

O Miguel poz num copo baço meia terça de cachaça, que o cargueiro virou de um trago, pondo termo com um estalido na lingua.

— O' Gibila! como vae essa força? virou-se o Guedes

para o que vinha da villa. Seu Miguel, mais meia terça aqui para o compadre.

O bodegueiro tornou a virar o cangirão, e o Gibila bebeu. A cachaça não tinha espinhos, e o cabra estava generoso; vinha da cidade satisfeito de muitas cousas, acompanhando um senhor doutor de *muita população*, como se dizia em sua giria, e queria divertir-se, embebedar-se, fallar bem de tudo, gastar o cobre que trazia.

Com o pescoço esgorjado á canalha, o chapéo cahido sobre o olho, o Guedes riscou um phosphoro, e, accendendo o cachimbo, que sacára do barbicacho, deu duas fumaçadas gostosas; dirigindo-se á Salustina, que viera á janella para fallar-lhe, emittiu a saliva por entre os dentes limados em ponta.

— Olhe lá, siá Salú, como vae tratar o moço que ahi vem.

O moço era o doutor, o juiz, que se esperava no termo desde a semana finda. Estava-se em uma quinta-feira, e na hora em que o Guedes fallava, o sol já andava no quadrante. Soavam dez horas. Pelos seus calculos o cavalleiro e as pessoas que o acompanhavam não chegariam antes das doze. Andavam a passo; o doutor montava mal, e deviam ter sahido do sitio da Manguaba, a tres leguas d'ali, nunca antes das seis horas; e nesse andar não era possivel que fizessem mais de uma legoa por hora.

A Salustina desgarrou ao Guedes um sorriso cheio de candongas. Deixasse estar que ella sabia como se arrumar em casos como aquelle.

Os rapazes do Guedes tinham-se acocorado debaixo da cajazeira mais frondosa, e acariciados pela briza, que revolvia a folhagem, produzindo uns chiados intermittentes, sentiram-se atrahidos a uma somneca voluptuosa e reparadora.

O calor tinha-os estafado no ultimo estirão do caminho.

A reacção que o repouso lhes trazia agora, mergulhando os naquelle banho de frescura, provocava uma quebreira, a que os proprios irracionaes não escapavam. Os quartaus, erguendo-se sobre as patas trazeiras, por não poderam mudar a passada, aos galões, e supapando os chocalhos, a pouco e pouco, approximaram-se da margem da estrada, e puzeram-se a raspar a babugem esturricada pela soalheira.

. . . . . .

Arthur Azevedo

O RELOGIO

Quando não vens, formosa deshumana,
E, saudoso de ti, sem ti me deito,
Fica tão espaçoso o nosso leito,
Que me parece o campo de Sant'Anna!

Quando não vens, oh pallida tirana,
Torna-se lugubre o quartinho estreito!
Com muitas flores, flor, debalde o enfeito:
Falta-lhe a flor das flores soberana.

Se vens, é natural que isso me apraza;
Mas, se não vens, quanta amargura, quanta
As proprias coisas sentem nesta casa!

E' o relogio, porém, que mais me espanta,
Pois, se não vens, o misero se atraza,
E, se vens, o ditoso se adianta!

MONOLOGO DE SGANARELLO

(MOLIÈRE)

SCENA XVII

SGANARELLO, *SÓ.*

Quer vingar-me o cherubim!
Deus lhe dê felicidade!
Com que generosidade
As dôres toma por mim!
A indignação que lhe excita
A minha enorme desgraça
O quanto é mister que eu faça
Claramente me suscita.
De similhantes ataques,
De tão pesadas affrontas
Não pedem severas contas
Só medrosos e basbaques.
Com toda a resolução
Eu vou... vou já!... neste instante
Mostrar áquelle tunante
Que não sou nenhum poltrão!
Elle não ha de voltar,
Nem um minuto sequer,
A cobiçar a mulher
Do proximo!
(*Dá alguns passos e volta. De vagar.*)

Tem-me cara o rapazote
De muito desabusado...
Seu Sganarello, cuidado:
Vai com muita sede ao poste!
Teria graça que eu fosse

Expor-me a pancadaria
De criar bicho! — seria
Em cima de quéda, couce!
Não considero sensato
O homem mettido a valente,
E aprecio enormemente
O cidadão que é pacato.
Com medo de ser batido,
Fujo sempre de bater;
Foi virtude, é, e ha de ser
Ter um genio commedido.
Mas a minha honra exige
Num prompto me desaggrave
De um desaforo tão grave,
Que tanto e tanto me afflige!
Ora, faça-me favor!
Exija quanto entender,
Que lhe hei de sempre fazer
Ouvidos de mercador.
Si eu provocar uma briga,
E um ferro bem afiado
Traspassar de lado a lado
A minha pobre barriga;
Si eu morto cair, em summa,
De sangue todo coberto,
A minha honra por certo
Não lucrará cousa alguma!
Em pavoroso ataúde
Ninguem por gosto se esconde,
Pois é logarinho aonde
Não vai quem preza a saude.
Antes marido enganado
Pela mulher, que defunto!
Que mal isto faz? pergunto;

Fica-se torto ou aleijado?
Oh! maldita a vez primeira
Em que, por extravagancia,
Ligaram tanta importancia
A similhante frioleira!
A honra do homem mais liso
(Como me prezo de ser)
Depende do proceder
De uma mulher sem juizo!
Si todo o crime é pessoal,
Como o direito apregoa,
O crime de outra pessoa
Não me póde deixar mal.
Tenho das acções alheias
A responsabilidade;
Si a minha cara metade
Faz por ahi cousas feias, —
Contra o meu nome, que é meu,
O mundo inteiro arremete;
Ella as asneiras commette,
E o asno devo ser eu!
Que abuso! que crueldade!
Deviam já decretar
Leis que fizessem cessar
Tão medonha iniquidade!
Aos pobres homens não bastam
Tantos outros accidentes
Incommodos e frequentes
Com que os miseros se agastam?
As molestias, as demandas,
E o mais que apoquenta um homem,
A paciencia lhe consomem,
Fazem-no andar em bolandas,
Sem precisar que se rale,

Se amofine, se consuma,
E morra por amor de uma
Cousa que de nada vale!
Adeus! coração á larga,
Que um homem tudo supporta!
A mim bem pouco me importa
Que o mundo me faça carga!
Quem errou? Minha mulher:
Ella que chore e se afflija;
Eu, que tenho uma alma rija,
Não me incommódo sequer!
Demais, o caso é commum,
E a lembrança me alivia
De que desta confraria
Eu não sou numero um.
Ha muita gente bem posta,
E de gravata lavada,
Que se cala e não faz nada
Em vendo mouros na costa...
Bravatas e valentias
Arrotar não é prudente
Por amor de um incidente
Que se dá todos os dias.
Si me não desaggravar,
Tolo, sei, me chamarão:
Não tolo, mas toleirão
Serei, si a pelle arriscar!
(*Levando a mão ao peito.*)
Mas sinto... sinto que a bilis
No meu peito se derrama,
E uma voz cá dentro clama:
« Animo! vai! não vacilles! »
Pois não quero vacillar!
Sim, não quero ser poltrão!

Hei daquelle ladrão
Vingar-me! E, p'ra começar,
Vou — é caso decidido! —
Vou pol-o de cara á banda,
Dizendo a todos que elle anda
Com minha mulher mettido!

A NUVEM

A scena era na rua
De São Thiago, á meia noite. A lua
Brilhava intensamente
Do céo na amplidão nua,
Azul e transparente.
Que luar o luar do Maranhão! dir-se-hia
Um bello meio-dia,
Illuminado por um sol sem fogo!

A rua era deserta.
De vez em quando, ao longe, apparecia
A negra fórma incerta
De um vago transeunte
Regressando do amor, talvez do jogo.

Que ninguem me pergunte
Quem era o moço que parado estava
Junto ao muro da casa em que morava
O capitão Pedrosa,
Velho cuja honradez foi bem famosa.
Era um moço, — isto basta.
Accrescente-se apenas
Que a cabelleira vasta,
Caindo em crespas, rutilas melenas,
E o chapéo desabado,
Davam-lhe um ar romantico...

Parado
Já elle estava ha um quarto de hora em frente
Ao muro, e impaciente
Esperava. Mas quem? O bom Pedrosa
Tinha tres filhas, cada qual mais feia,
E a mais nova era já senhora idosa,
Que vivia a rezar e a fazer meia.

Debalde o velho pretendeu casal-as,
Correndo festas, frequentando salas...
Jámais lhe foi possivel impingil-as;
Nos saráos os rapazes
Deixavam-nas tranquilas,
Não dansavam com ellas:
E as miseras donzelas
Eram alvo de satyras mordazes,
Como se fosse um crime a fealdade!

E passaram-se os dias,
E passaram-se os mezes,
E passaram-se os annos,
E com elles passára a mocidade...
E as tres irmâs sombrias,
Carpindo os máos revezes
E os negros desenganos,
Ficaram para tias
E deram em devotas...

Sabidas essas notas,
Ninguem crerá que o moço de melenas
E chapéo desabado
Ali fosse levado
Por alguma daquellas tres *pequenas*,
Que não só eram feias como puras.

Não te percas, leitor, em conjecturas:
O capitão Pedrosa
Tinha em casa uma « cria » appetitosa,
Que o somno a muita gente
No Maranhão tirava
Inconscientemente...

Era mestiça e tinha sido escrava,
Ou filha de uma escrava, a rapariga
Que tanta gente boa cobiçava
No tempo em que se passa a historia antiga
Que vim, leitor, contar-te
Com toda a singeleza, mas sem arte.
Mas não estranhes que tirasse o somno
A humilde creatura,
Pois era um idéal de formosura,
Que merecia um throno!
A côr de jambo; o labio nacarado;
O cabello ondulado,
Negro, da negridão dos olhos bellos,
Desafiando anhelos:
Dentes alvos; nariz arrebitado,
Petulante, expressivo;
O corpo esvelto, senhoril, altivo,
De uma fina princeza;
Emfim, toda a belleza,
Que na casá faltava,
Reuniu caprichosa natureza
Naquella moça que nascera escrava!

A linda Philomena
(Ella assim se chamava)
Com muita vigilancia era guardada
Ali, desde pequena;

Jámais saiu senão acompanhada,
E nem mesmo á janela
Curiosa vizinha
Nunca a apanhou sósinha :
Sempre estava com ella
Alguma das Pedrosas,
E a companhia dessas tres feiosas
Tornava-a inda mais bella,
Sobresair fazendo
O quanto nella havia de estupendo.

A rua de São Thiago
Atravessavam muitos namorados;
Levava-os o desejo embora vago,
De entrevel-a de longe ; mas... coitados!...
As Pedrosas faziam sentinela,
E se um homem qualquer se aproximava,
Philomena sahia da janela...
E o sujeito passava!

Demais, qualquer das tias, desdenhada
Pelos rapazes dos saráos de outr'ora,
Inveja tinha agora
A' bella requestada.
« Passámos pelo indomito desgosto,
Pensavam ellas, de ficar solteiras
Por sermos feias; queiras ou não queiras,
Tambem o ficas... por motivo opposto. »

Eis que chega a novena
De São Thiago. As filhas do Pedrosa
Uma noite não perdem. Vai com ellas,

Elegante e garbosa
A nossa Philomena,
Guardada á vista pelas tres donzelas.

Durante a cerimonia religiosa,
Na pequenina igreja, á quarta noite
(Moça opprimida é justo que se afoite...)
Ella notou que um moço,
Que já de outra novena conhecia
E lhe causára um intimo alvoroço,
Certos signaes de longe lhe fazia,
Mostrando-lhe um bilhete que trazia;
Pezar de muito esperta,
Responder não podia :
As tres estavam de olho e ouvido alerta.

A situação comprehende o moço, e logo,
Como se endoidecesse de repente,
Grita : — Fujam, que ha fogo! —
De confusão enche-se toda a gente
Que á uma quer sair da igreja aos gritos!
Ha quédas, apertões e faniquitos!
Separam-se as Pedrosas! Philomena,
Que vira o moço preparar a scena,
Chega-se a elle, toma-lhe o bilhete,
E mette-o logo dentro do corpete.
Sobe ao pulpito um frade barbadinho
E consegue acalmar o borborinho.
Ninguem soube que estupido gaiato
Produzira o medonho espalhafato.

No seu quarto sósinha,
Philomena, que lia soletrado,

Suspirando de gozo a cada linha,
Leu estas linhas do mancebo ousado:
« Amo-te loucamente!
Se pensas no futuro,
Illude a vigilancia dessa gente,
E amanhã, meu amor, vai ter commigo.
A' meia noite, no portão do muro.
Não correrás perigo,
Por minha honra, o juro.
Se me dás a entrevista, ó Philomena,
Logo que eu te appareça
Amanhã, na novena,
Leva a mão á cabeça. »

Escusado é dizer que, sem protesto,
Fez Philomena o reclamado gesto,
E é por isso que estava ali parado,
Naquella noite placida e silente,
O chapéo desabado...

O namorado necessariamente
Não se lembrou da lua, mas a lua
Foi, por acaso, protectora sua,
Pois se estivesse escuro,
Não roubaria a mulatinha a chave,
E de mansinho, lepida, suave,
Não abriria o muro...
... Elle a nada se atreve
(Pensou): a lua defender-me deve...

Com effeito, queria
Levar longe a ousadia
O moço cujo peito era offegante
E cujas mãos curiosas...

Mas a lua era guarda vigilante,
Mais vigilante ainda que as Pedrosas.

Entretanto, uma nuvem carregada,
A rolar isolada
Naquelle céo tão limpo,
Parecendo enviada
Por qualquer deusa lubrica do Olympo,
Se não a deusa em nuvem transformada,
Aproximava-se indolentemente
Da lua. De repente,
Vendo a moça indiscreta
O perigo imminente,
Quiz despedir-se inquieta.
— Não! não me fujas, Philomena! Espera
Que aquella benemerita cortina
Cubra a abelhuda austera,
Que, suspensa no céo, nos illumina...

. . . . . ; . . . . . .

A nuvem libertina
Tanto tempo os deixou ficar no escuro,
Que, ao surgir outra vez a branca lua,
Ja não se via mais ninguem na rua,
Nem estava aberto o muro.

O ORACULO

COMEDIA EN 1 ACTO

PERSONAGENS

HELENA, *viuva.*
NELSON, *advogado.*
LUDGERO, *solteirão.*
JOSÉ, *creado de Nelson.*

A scena passa-se na cidade do Rio de Janeiro. Actualidade.

ACTO UNICO

Sala e ao mesmo tempo consultorio do Dr. Nelson. Porta ao fundo. Duas janellas á esquerda e duas portas á direita. Estantes de livros, consolos, etc. A' direita, perto da porta do 1º plano, meza carregada de livros, papeis, penna, tympano, tinteiro, uma caixa de charutos, etc. Perto da meza, quasi ao centro, uma poltrona.

SCENA I

JOSÉ. *Ao levantar o panno, José está refestelado na poltrona com um espanador na mão, a saborear um charuto.* — Digam lá o que disserem; não ha vida melhor que a de creado de um advogado rico e sem causas. Passo os dias n'uma beatitude invejavel, sem ter absolutamente o que fazer, comendo e bebendo do melhor, e fumando magnificos charutos! O amo nunca está em casa e eu faço de conta, que tudo isto é nosso. Permitta Deus que tão cedo não acabem os seus amores com a tal viuva das Larangeiras. Em quanto aquillo durar, durará tambem a minha beatitude. E porque não ha de durar?

A viuva é bonita a valer, e não deve custar grandes sacrificios por ser senhora abonada. (*Signal de dinheiro.*) E' exquisito que não se casem... ella viuva... elle solteiro... Mas Deus me livre de se lembrarem disso. Entrando uma mulher n'esta casa, adeus beatitude! (*Toque de campainha. José levanta-se.*) Quem será? Algum cliente! Duvido! seria o mesmo que apparecer uma violeta em Dezembro. (*Indo espiar pelo buraco da fechadura da porta do fundo.*) Mas não me engano, é ella... é a viuva das Larangeiras! Ora esta! é a primeira vez que aqui vem! Dar-se-ha caso que... (*Novo toque de campainha.*) Lá vou! lá vou! (*Abre a porta. Entra Helena elegantemente vestida. Toilette escura.*)

SCENA II

JOSÉ E HELENA

JOSÉ, *inclinando-se diante de Helena.* — Minha senhora...

HELENA. — Bôa tarde. (*Procura alguem com os olhos.*

JOSÉ. — Elle não está em casa, minha senhora.

HELENA. — Demora-se?

JOSÉ. — Não sei, porque não tem horas certas.

HELENA, *encarando-o.* — Conhece-me?

JOSÉ. — Pois não, minha senhora. Mais de uma vez tive a honra de ir á casa de V. Ex., a mandado do s'or doutor.

HELENA. — Sim... é verdade...

JOSÉ. — E, quando assim não fosse, bastava todos os dias ver o retrato de V. Ex. á cabeceira do leito do s'or doutor... (*Apontando para a porta da direita 1º plano.*) alli n'aquelle quarto.

HELENA. — O meu retrato?

JOSÉ. — Está parecidissimo. Só lhe falta fallar.

HELENA. — Elle sahiu ha muito tempo?

JOSÉ. — Logo depois do almoço.

HELENA. — Tem estado doente?

JOSÉ. — Não, minha senhora; está de perfeita saúde.

HELENA, *arrebatadamente.* — Então porque ha quatro dias não me apparece?

JOSÉ. — Não sei, minha senhora.

HELENA. — Está visto... não póde saber... não é da sua conta... Mas como estou nervosa e agitada!

JOSÉ, *offerecendo-lhe a poltrona.* — Porque não se senta, minha senhora? (*Helena senta-se.*) V. Ex. quer que lhe vá buscar um copo d'agua com um pouco de assucar e uma gota de agua de flôr de laranja?

HELENA. — Para que?

JOSÉ. — Como V. Ex. disse que estava nervosa...

HELENA. — Pois sim, aceito. (*José inclina-se e sae. Helena ergue-se e percorre a scena.*) Não ha que ver: está farto de mim! Desfez-se o encanto! Tudo acabou. Já o esperava: ha muitos mezes noto a mudança do seu enthusiasmo de outr'ora. Melhor seria que nos houvessemos casado. E dizer que fui eu que o não quiz! Dei-me tão mal com o casamento, que não me sorriu experimental-o de novo. Era bem independente para me não importar com o que dissessem. (*Senta-se e ergue-se logo em seguida, cada vez mais agitada.*) Mas não! é impossivel que Nelson seja tão ingrato... Ha tres annos pertençolhe, e nunca tive outro amor, nunca pensei n'outro homem. (*José volta, trazendo um copo d'aguan'uma salva de prata que apresenta a Helena. Ella bebe alguns goles.*) Obrigada. (*José vae collocar a salva com o copo sobre um consolo.*) Diga-me, José. (*Elle aproxima-se.*) Chama-se José, não é assim?

JOSÉ. — José Tralhota, para servir a V. Ex.

HELENA. — Diga-me... (*Arrependendo-se.*) Não, não

me diga nada! (*Aparte.*) Que ia eu fazer? Um criado!

JOSÉ. — V. Ex. póde confiar absolutamente em mim. Ha dois annos estou ao serviço do s'or doutor Nelson e elle aprecia muito a minha discreção.

HELENA. — Não; não seria correcto interrogal-o. Não quero que o seu amo possa accusar-me da mais leve incorrecção.

JOSÉ. — Sou um simples criado de servir, mas... possúo alguma penetração.

HELENA. — Que tenho eu com isso?

JOSE. — Julgo ser agradavel a V. Ex. afiançando-lhe que nada, absolutamente nada observei nesta casa que pudesse causar a V. Ex. a menor inquietação.

HELENA. — Bom.

JOSÉ. — Entretanto, se V. Ex. quizer, observarei d'aqui em diante ainda com mais cuidado, e communicarei a V. Ex...

HELENA. — Calé-se! Por quem me toma? Espial-o? Nunca! (*Toque de campainha; sobresaltada.*) Será elle?

JOSÉ. — Não, minha senhora. O toque de campainha do s'or doutor é mais energico, mais de dono da casa.

HELENA. — Então algum cliente?

JOSÉ. — Seria um phenomeno, mas... quem sabe? Tudo acontece. Não calçaram a rua do Ouvidor? (*Indo ver pelo buraco da fechadura.*) Não, senhora, não é um phenomeno... (*Descendo.*) E' um cavalheiro do meu conhecimento que nunca vi cá em casa: o commendador Ludgero Pontes.

HELENA. — Ludgero Pontes? Não quero que me veja! E' um velho amigo de minha familia.

JOSÉ, *indo abrir a porta do quarto da direita 1° plano.* — Queira V. Ex. entrar para cá emquanto o despacho.

HELENA, *hesitando.* — No quarto delle...?

JOSÉ, *quasi malicioso.* — Que tem isso? V. Ex. já lá está em photographia. O original não será de mais.

HELENA, *ao entrar.* — Se elle apparecer, não lhe diga que estou no seu quarto.

JOSÉ. — Sim, minha senhora.

HELENA. — Quero causar-lhe uma surpreza.

JOSÉ. — E muito agradavel. (*Helena sae.*) Parece-me que a agua de flôr de laranja lhe fez bem. (*Novo toque de campainha.*) Lá vou! lá vou! (*Vae abrir a porta do fundo.*)

SCENA III

JOSÉ E LUDGERO

JOSÉ, *inclinando-se.* — Queira entrar, s'or commendador Ludgero Pontes. (*Entra Ludgero. Homem quasi septuagenario, mas bem conservado, e elegante. Cabellos brancos. Monoculo. Polainas. Veste um fato claro, da ultima moda, um pouco improprio, talvez, da sua edade. Traz um pacote na mão.*)

LUDGERO. — Então você conhece-me?

JOSÉ. — Se o conheço! Olhe bem para mim, s'or commendador : sou o José, o José Tralhota, que V. Ex. trouxe de Lisbôa.

LUDGERO, *assestando o monoculo.* — Ah! sim... o meu creado de quarto do Hotel Central. Eras tão esperto, tão vivo, tão intelligente, que resolvi trazer-te commigo quando sahi de Lisbôa... Chegando, porém, ao Rio de Janeiro, arrependi-me, e puz-te no olho da rua. (*Senta-se na poltrona.*)

JOSÉ. — Ainda estou por saber o motivo dessa desgraça.

LUDGERO. — Convenci-me de que tinhas espirito de mais para um simples creado... Os Scapins e Frontins só me agradam na Comédie ou no Odéon. Fóra d'ali

acho-os detestaveis. Entretanto, ao sahires de minha casa, poderias aspirar a coisa melhor... Porque não te arranjaste no commercio?

JOSÉ. — Não sou ambicioso... agrada-me esta situação... considero-me collocado melhor que o meu amo.

LUDGERO. — E's philosopho... e mandrião.

JOSÉ. — Mais mandrião que philosopho.

LUDGERO. — Estás então ao serviço do Dr. Nelson?

JOSÉ. — Sim, senhor, e afianço-lhe que o Dr. Nelson está satisfeito.

LUDGERO. — Se elle fosse tão espirituoso como tu, não te poderia aturar.

JOSÉ. — Nem eu o aturaria.

LUDGERO. — Elle fuma charutos tão bons como os que eu fumava?

JOSÉ. — Os charutos que elle fuma não se comparam com os de V. Ex. Os de V. Ex. eram bahianos; os delle são de Havana.

LUDGERO. — Tanto melhor para ti. Eu gosto dos meus, e não quero de outros. (*Mostrando o pacote.*) Ainda agora aqui trago provisão para um mez. (*Erguendo-se.*) Vae pôr isto sobre um movel qualquer. (*José colloca o pacote sobre um consolo.*) Pelo que vejo, teu amo não está em casa?

JOSÉ. — Não senhor.

LUDGERO. — Se é bem creado, não deve tardar. Escreveu-me, pedindo-me que désse um pulo até cá quando viesse á cidade, porque desejava fazer-me uma consulta.

JOSÉ. — Logo vi que V. Ex. vinha para ser consultado. Para consultar ainda está para ser o primeiro que aqui venha.

LUDGERO. — Respondi-lhe dizendo que hoje ás duas horas o procuraria. (*Consultando o relogio.*) Já são duas e cinco.

SCENA IV

Os mesmos, Nelson, depois Helena, *escondida.*

Nelson, *entrando do fundo.* — O seu relogio está cinco minutos adiantado, commendador. O meu está certo pelo balão.

Helena, *entreabrindo a porta, aparte.* — E' a sua voz! é elle!...

Ludgero. — Mais minuto, menos minuto não quer dizer nada. (*Depois de apertar a mão a Nelson.*) Estou ao seu dispor.

Nelson, *a José.* — Vá lá para dentro. (*José sae D. 2º plano, olhando para a porta do quarto onde Helena está escondida; leva a salva e o copo.*) Desculpe-me tel-o incommodado, mas o senhor mora tão longe, na Gavea... para lá ir é preciso perder um dia inteiro... por isso pedi-lhe que quando viesse á cidade...

Ludgero. — Fez muito bem, não tem do que se desculpar. Sou um solteirão ocioso. Vivo dos rendimentos que escaparam á minha mocidade tempestuosa, e tornei-me um contemplativo, sem outra occupação que não seja fumar e ler Balzac.

Nelson, *offerecendo-lhe uma cadeira perto da mesa.* — E' o seu auctor favorito?

Ludgero. — O favorito, não: o unico. Balzac é sufficiente para a existencia de um leitor. Na sua obra estão compendiados, não só toda a sociedade moderna como todo o genero humano. Tenho relido aquelles cem volumes não sei quantas vezes. Sempre que chego ao ultimo, sinto saudades do primeiro, e atiro-me a elle com curiosidade e soffreguidão. Bastaram a Balzac vinte annos para escrever tudo aquillo; aos simples mortaes como nós, meu caro Nelson, são necessarios cincoenta

para ler aquillo tudo. Mas vamos lá, que deseja de mim? (*Sentam-se, devendo Nelson ficar o mais perto possivel de Helena, que continúa escondida.*)

NELSON. — Eu sei que o commendador é um dos brazileiros que mais têm viajado... sei que na sua mocidade, que o senhor é o primeiro a classificar de tempestuosa, teve um numero consideravel de aventuras galantes, e é considerado um oraculo em questões de amor. Sei tambem que muitos rapazes inexperientes recorreram aos seus conselhos, e taes e tão discretos foram estes, que elles alcançaram tudo quanto pretendiam. Pois bem : fiado na velha amizade que o ligou a meu pae, e na bondade com que sempre me tratou, quero tambem eu consultal-o sobre um caso melindroso.

LUDGERO. — Um caso de amor?

NELSON. — Sim, um caso de amor.

LUDGERO. — Exagerou quem lhe disse que sou um oraculo. Alguma experiencia, isso tenho, porque toda a minha vida rescende a « odor di femina ». As mulheres me custaram muito para que não me deixassem pelo menos o orgulho e a consolação de as ficar conhecendo... Entretanto, não foram ellas, foi esse grande psychologo, Balzac, quem fez de mim, em questões de amôr, não um oraculo, mas um conselheiro modesto embora avisado. Exponha-me o seu caso.

NELSON. — Mas de ante mão perdôe a massada.

LUDGERO. — Não é massada. Estes assumptos para mim têm mais interesse que a navegação aerea e a telegraphia sem fios.

NELSON. — Então um charutinho, para me ouvir com mais paciencia. (*Offerece-lhe a caixa de charutos.*)

LUDGERO, *tirando um charuto.* — Aceito, mesmo porque sei que só fuma havanos.

NELSON. — Sabe?

LUDGERO. — Pelo seu creado.

NELSON. — Ah! (*Accendem os charutos e fumam.*)

LUDGERO. — Vamos lá.

NELSON. — Ha tres annos sou o amante de uma senhora viuva, distincta, bem educada. Quero acabar com essa ligação. Que devo fazer?

HELENA, *aparte.* — Oh!

LUDGERO. — E' a primeira vez que sou consultado neste sentido. Ordinariamente recorrem á minha experiencia os que desejam, não acabar, mas principiar. — E' indispensavel, antes de mais nada, conhecer o motivo que o desgostou. Tem ciumes della?

NELSON. — Ciumes? Oh! se a conhecesse! E' um modelo de meiguice, fidelidade e constancia.

LUDGERO. — Existe alguma particularidade que o afaste desse modelo?... quero dizer : alguma enfermidade... algum defeito physico... por exemplo o máo halito?

NELSON. — Por amor de Deus! E' uma mulher sadia, limpa, cheirosa!

LUDGERO. — Então é feia?

NELSON. — Feia? Uma das caras mais bonitas do Rio de Janeiro.

LUDGERO. — Tem máo genio?

NELSON. — Uma pombinha sem fel.

LUDGERO. — Então é tola, vaidosa, presumida, affectada, asneirona?...

NELSON, *interrompendo-o.* — Nada disso. E' uma mulher de espirito e, como já lhe disse, perfeitamente educada.

LUDGERO. — E' devota? Anda mettida nas egrejas? Passa horas esquecidas a resar diante de um oratorio?

NELSON. — Apenas vae ouvir missa aos domingos.

LUDGERO. — Talvez abuse do piano, ou canta desafinado...

NELSON. — Não canta. Toca piano mas não abusa. Digo-lhe mais : é uma bôa interprete de Chopin.

LUDGERO. — O senhor gosta de outra mulher?

NELSON. — Juro-lhe que não.

LUDGERO. — Bom. Já sei o que isso é. O meu amigo aborreceu-se della, porque não lhe descobriu defeitos. E' bôa de mais.

NELSON. — Quem sabe?

HELENA, *aparte*. — Oh!

NELSON. — O caso é que esta ligação já durou mais tempo do que devia. Urge acabar com ella. A viuva tem uma filhinha que ainda está na edade em que se olha sem se ver, mas a menina cresce a olhos vistos, e é conveniente fazer com que mais tarde não obrigue a mãe a corar.

LUDGERO. — Isso agora é um pouco de hypocrisia. Que lhe importaria a filha se o senhor gostasse devéras da mãe? O amor não conhece escrupulos nem conveniencias.

NELSON. — Demais, sou moço... tenho um grande horizonte deante de mim... enceto agora a minha carreira de advogado ... Esta ligação póde prejudicar seriamente o meu futuro.

LUDGERO. — Vá por ahi. O que o inquieta é o seu futuro, e não o da menina. Mas diga-me : tem certeza, certeza absoluta de que essa mulher possue effectivamente todas as perfeições?

NELSON. — Se não é a mais perfeita, é a menos imperfeita que ainda conheci.

LUDGERO. — Cuidado, meu amigo! Muitas vezes tem a gente certeza de uma coisa, e a coisa é outra, muito diversa. Por exemplo : este charuto, que o senhor pagou

como sendo de Havana, é um rio-grandense que não troco pelo peor dos meus bahianos. (*Levanta-se e vae atirar o charuto pela janella.*)

NELSON, *erguendo-se.* — Pois olhe, paguei-o bem caro.

LUDGERO. — E as mulheres enganam mais facilmente que os charutos.

NELSON. — Affirmo-lhe que a mulher de quem se trata é excepcional.

LUDGERO. — E o senhor quer se ver livre della?

NELSON. — Quero!

LUDGERO. — E a sua resolução é inabalavel?

NELSON. — Inabalavel.

LUDGERO. — Que exquisitice! Emfim, só ha um meio de conseguir o que deseja... um meio violento, mas unico.

NELSON. — Qual?

LUDGERO. — Suma-se! Desappareça!

NELSON. — Ella irá procurar-me onde quer que eu vá.

LUDGERO. — Bôa duvida; mas faça-se invisivel, metta-se no matto e volte ao cabo de oito dias. Naturalmente ella apparece e pergunta em termos asperos, ou sentidos, o motivo do seu procedimento. Muna-se então de um pouco de coragem, e responda o seguinte : « A' vista de um facto que chegou ao meu conhecimento, nada mais póde haver de commum entre nós. Não me peça explicações : metta a mão na consciencia, e meça a extenção do meu resentimento. »

NELSON. — E se ella apparecer antes que eu desappareça? Ha quatro dias não a procuro. Espero que de um momento para outro surja por ahi. Admira-me até que ainda não tivesse vindo.

LUDGERO. — Ella não lhe escreveu?

NELSON. — Não ha nada neste mundo que a obrigue a escrever uma carta nem mesmo um simples bilhete ao

seu amante. E' um systema que adoptou e ao qual não cede, haja o que houver.

LUDGERO. — Decididamente essa mulher é uma phenix. Eu, no seu caso, mettia-a n'uma redoma.

NELSON. — Mas diga-me... se ella apparecer?

LUDGERO. — Atire-lhe a tal phrase: « A' vista de um facto... »

NELSON, *interrompendo-o.* — Mas que facto? Pois não lhe disse já que ella é um modelo de fidelidade?

LUDGERO, *sorrindo.* — Meu joven amigo, devo parecer-lhe implacavel para com o bello sexo; mas creia : não ha mulher, por mais virtuosa, por mais amante, que não tenha alguma coisa de que a accuse a consciencia. A sua bella viuva, em que peze ás apparencias, não deve, não póde escapar á lei commum. Desde que o senhor se refira positivamente, categoricamente a um facto, embora não declare que facto seja, ella ficará persuadida de que o seu amante veio ao conhecimento de alguma coisa que se passou, e a pobresinha julgava encoberta no véo de impenetravel mysterio.

NELSON. — Mas quando mesmo ella tenha algum peccadilho na consciencia (juro-lhe que o não tem), com certeza protestará energicamente e exigirá que eu ponha os pontos nos ii; ha de querer que eu declare a que facto alludo, e... vamos e venhamos! como accusal-a sem consentir que ella se defenda?

LUDGERO. — Ah! meu doutor! se pretende applicar rasões juridicas ao caso, está bem arranjado! A jurisprudencia do amor é absurda. Accuse, retire-se, e não entre em explicações. Afianço-lhe que o exito é seguro, tanto mais — perdõe-me este pequenino attaque ao seu amor proprio... — tanto mais que receio seja ella tão innocente como os seus charutos são de Havana. (*Indo buscar o chapeo e a bengala.*) E com esta, adeus! siga

o meu conselho e dê-me noticias suas. (*Estende a mão.*)

NELSON, *apertando-lh'a.* — Adeus, commendador, e muito obrigado. Vou acompanhal-o até a escada.

LUDGERO. — Por quem é, não se incommode.

NELSON. — Ora essa é bôa! (*Saem ambos pela porta do fundo.*)

HELENA, *vindo á scena.* — Agora nós!... E' preciso que elle não me veja... Quero mostrar a estes senhores que tambem eu li a *Comedia Humana.* (*Esconde-se atraz de uma das portas do fundo.*)

NELSON, *no corredor.* — Adeus, commendador, e ainda uma vez obrigado! (*Volta sem ver Helena, e esta sae rapidamente pela porta do fundo.*)

SCENA V

NELSON, *depois* JOSÉ

NELSON. — « A' vista de um facto que chegou ao meu conhecimento, nada mais póde haver de commum entre nós! Não me peça explicações: metta a mão na consciencia e meça a extenção do meu resentimento! » Assim, sozinho, sem ella diante de mim, é facil; mas dizer coisas destas a uma senhora de quem não se suspeita... Sim, se realmente?... Qual! Póde lá ser! Decididamente ha de faltar-me o animo. (*Com uma idéa*). Se eu lhe escrevesse? o effeito seria o mesmo. (*Senta-se á meza, dispondo-se para escrever e toca um tympano. Molha a penna, prepara o papel, etc. Entra José.*)

NELSON. — Ninguem me procurou emquanto estive fóra?

JOSÉ, *depois de lançar uma olhadela á porta do quarto.* — Ninguem!

NELSON. — Feche aquella porta. (*Aponta para o fundo.*)

JOSÉ, *depois de fechar a porta reparando no pacote que*

o *commendador deixou ficar.*) Oh! o s'or commendador deixou ficar aqui os charutos.

NELSON. — Como sabe que são charutos?

JOSÉ. — Elle disse-me.

NELSON. — Conhecem-se?

JOSÉ. — Pois se foi elle quem me trouxe de Lisbôa.

NELSON. — E' um bom typo.

JOSÉ. — Magnifico.

NELSON. — E atirado ás mulheres, hein?

JOSÉ. — Faziam delle gato-sapato.

NELSON. — Devéras?

JOSÉ. — E foi uma dellas que o fez commendador.

NELSON. — Como assim?

JOSÉ. — Foi a condição que impoz aos seus favores. Parece-me estar ainda a ouvil-a : « Meu Ludgerosinho, emquanto não fôres commendador não serei tua! » D'ali a quinze dias elle tinha a commenda de Christo.

NELSON. — Bom. Basta de dar á lingua. Veja se o apanha no largo da Carioca. Provavelmente foi tomar o bonde da Gavea. Esses charutos devem fazer-lhe falta.

JOSÉ. — E' já. (*Vae abrir a porta do fundo.*)

NELSON. — Por ahi não. Vá pela porta da sala de jantar. (*José sae pela direita 2º plano.*)

SCENA VI

NELSON, *depois* HELENA

NELSON, *tomando a penna e escrevendo.* « Minha senhora, á vista de um facto... (*Toque de campainha.*) Deve ser o commendador que vem buscar os charutos... E eu que lh'os mandei levar! (*Levanta-se e vae abrir a porta. Entra Helena*). Helena!

HELENA, *com impeto.* — Meu Nelson, meu amor, que quer isto dizer? Ha quatro dias não me appareces! E' a

primeira vez, em tres annos, que a tua ausencia foi tão prolongada!... Dize... que tens tu?... que te fiz eu?... porque me recebes com tanta frieza?... que se passou?... disseram-te mal de mim?... fui victima de alguma intriga?... porque te calas?... porque me repeles?... Já me não amas? Dize! (*Pausa.*) Este silencio... (*Com um grito.*) Ah! Tudo adivinho! amas outra!...

NELSON, *com um grande esforço.* — A' vista de um facto que chegou ao meu conhecimento, nada mais póde haver de commum entre nós.

HELENA. — Que facto?

NELSON. — Não me peça explicações.

HELENA. — Tenho, me parece, o direito não de pedil-as, mas de exigil-as.

NELSON. — Metta a mão na consciencia, e meça a extensão do meu resentimento. (*Afasta-se.*)

HELENA. — Estou perdida! O miseravel não guardou segredo! (*Cae sentada n'uma cadeira, e cobre o rosto com as mãos.*)

NELSON, *com um sobresalto.* — O miseravel?! Que miseravel?!

HELENA. — Bem sabes quem é, pois vejo que nada ignoras. (*Erguendo-se.*) Tens razão, Nelson: nada mais póde haver de commum entre nós. Aprecio e respeito a delicadeza dos teus sentimentos. (*Dirige-se para a porta do fundo.*)

NELSON. — Ouve, Helena!

HELENA. — Nada mais quero ouvir. Peço-te, como um ultimo favor, que me não insultes. Eu estava na doce persuasão de que tudo ignorarias, de que jamais virias ao conhecimento de uma fraqueza que tão desgraçada me faz, porque cava um abysmo entre nós. Vejo que o infame foi indiscreto e fez chegar aos teus ouvidos a noticia de uma vergonhosa aventura a que fui arrastada

n'um momento de desvario, e da qual me arrependi amargamente. Que fatalidade! (*Finge que chora e soluça.*) Oh! eu devia ter advinhado que tudo sabias... A tua ausencia foi significativa, e eu, louca, na supposição estupida de que poderia esconder a minha ignominia!. (*Com um soluço.*) Adeus!

NELSON. — Mas vem cá... quero saber...

HELENA. — Saber o que, se tudo sabes? Que resultaria de qualquer explicação entre os dois? O teu perdão?... Oh, não! não me perdôes, Nelson, porque o teu perdão deporia contra o teu caracter de homem de bem! (*Com outro soluço.*) Adeus! (*Encaminha-se para a porta.*)

NELSON, *tomando-lhe a passagem.* — Já te disse que quero saber...

HELENA. — Se alguma coisa queres saber que não saibas, sabe que foi a tua frieza, o teu desprendimento, o pouco caso com que afinal começaste a tratar-me, que me determinaram a dar o máo passo que dei, e que tantas lagrimas me vae custar. Tu nunca me comprehendeste... nunca estimaste o incomparavel thezouro que havia aqui. (*Bate no peito.*)

NELSON, *enfurecido.* — Então era certo? Pertenceste a outro homem?

HELENA, *com doçura.* — Se já tão fria, tão tranquillamente m'o disseste, porque o repetes agora com tanta vehemencia? Não fiquemos irritados um contra o outro... separemo-nos como dois bons amigos... com um aperto de mão. (*Em quanto lhe aperta a mão.*) Adeus! lembra-te sempre da infeliz Helena, que te ama ainda como sempre te amou, mas não procures nunca mais tornar a vel-a: não é digna de ti. (*Aproximando-se mais de Nelson sem lhe largar a mão.*) Se algum dia te recordares com pena, da nossa ventura passada, console-te a certeza de que a minha vida vae ser de agora em

diante um inferno de remorsos e saudades. Adeus para sempre!

NELSON, *enlaçando-a.* — Não! não sahirás d'aqui sem me dizeres o nome desse homem!

HELENA, *tranquillamente.* — Pois se o sabes...

NELSON, *furioso.* — Não sei! Queria experimentar-te... e não imaginava...

HELENA, *fugindo-lhe dos braços.* — Experimentar-me! Não comprehendo! Se de nada sabias, como e porque me lançaste em rosto a minha culpa? E culpa foi? pergunto agora. Tens accaso mais direito sobre mim que qualquer outro homem? Não sou eu livre como os passaros? Não recusei a mão de esposo que me offereceste? Sabes tu se nesse homem encontrei mais solicitude, mais carinho, mais amor do que em ti? Quem é aqui o credor? Que me déste em troca do quanto te dei? Por ti segreguei-me da sociedade, sacrifiquei, talvez, o futuro de minha filha, enterrei a minha mocidade, porque imaginei que o teu amor compensasse tudo isso! Qual foi a compensação? Esse ardil infame de inventar um homem! Pois bem, Nelson, esse homem existe e nunca saberás quem é! Adeus! (*Dirige-se para o fundo.*)

NELSON, *agarrando-a.* — Helena! Helena! dize-me o nome do teu amante!

HELENA. — Cala-te! Não desças mais!

NELSON, *frenetico e apaixonado.* — Desço! desço! quero descer, descer muito, com tanto que te encontre lá embaixo!... Faze de mim o juizo que quizeres... despreza-me como ao mais abjecto dos homens... mas essa terrivel confissão fez com que o meu amor extincto despertasse mais violento, mais impetuoso que nunca!

HELENA, *tentando desenvencilhar-se dos braços de Nelson.* — Deixa-me! deixa-me.

NELSON. — Ao meu amor faltou isto— o ciume! Eu

amo-te! mais do que te amei, porque nunca me pareceste mais bella, nunca me sedusiste assim!

HELENA. — Não! Deixa-me! Não sou digna de ti!

NELSON. — Cala-te, meu amor, minha amante, minha doce Helena! Perdôo-te! Amo-te! Adoro-te!

HELENA. — Se realmente me amas, se me adoras, então és tu que não és digno de mim! *(Desprende-se dos braços delle e corre para a porta do fundo.)*

NELSON, *indo buscal-a.* — Vem cá... Ouve... Não sou eu que te perdôo... és tu que me perdôas a mim, porque tens razão: o indigno sou eu. *(Helena finge que chora.)* Não chores... senta-te aqui... ao pé de mim... e conversemos tranquillamente. *(Fal-a sentar-se na poltrona e senta-se n'uma cadeira.)*

HELENA, *enxugando as lagrimas fingidas.* — Nada disto succederia se nos tivessemos casado.

NELSON. — Tu não quizeste...

HELENA. — Se eu fosse tua mulher não te enganaria...

NELSON. — Ainda estás em tempo de o ser.

HELENA. — Oh! Nelson!

NELSON. — Amo-te! Amas-me! Que nos importao resto?

HELENA. — Não, tu não me pódes amar como outr'ora...

NELSON. — Amo-te com mais paixão, com mais fogo! *(Enche-a de beijos; entra José e cobre os olhos com as mãos.)*

SCENA VII

NELSON, HELENA, JOSÉ QUE LOGO SAE

JOSÉ. — Ah!

NELSON E HELENA. — Ah!

NELSON, *erguendo-se.* — Que é? Tire as mãos dos olhos

JOSÉ. — Não encontrei o commendador no largo da Carioca. Voltei com os charutos.

NELSON. — Pois guarde-os lá dentro. Logo á tardinha irá leval-os á Gavea.

JOSÉ, *a parte*. — Um passeio á Gavea! oh, beatitude!... (*Sae pela direita, 2º plano Nelson volta a sentar-se onde estava ao lado de Helena.*)

HELENA. — Queres então que eu seja tua mulher?

NELSON. — Esse é o unico meio de sermos felizes; essa é a maior prova de amor que podemos dar um ao outro.

HELENA. — Imponho apenas uma condição.

NELSON. — Dize.

HELENA. — Jamais, e sob pretexto algum me pedirás explicações sobre o passado... nenhum nome procurarás saber...

NELSON. — Persistes então em me occultar...

HELENA, *erguendo-se*. — Persisto.

NELSON, *erguendo-se*. — Seja!

SCENA VIII

NELSON, HELENA, LUDGERO

LUDGERO, *entrando*. — Com licença. Deixei ficar aqui os meus charutos. (*Venda Helena, sorprezo.*) Oh! a senhora D. Helena aqui!

NELSON. — Conhecem-se?

HELENA. — Ha muitos annos... o senhor commendador foi muito amigo de meu pae.

NELSON. — E tambem do meu. Que coincidencia!

LUDGERO. — Coincidencia porque?

NELSON. — Porque somos noivos.

LUDGERO. — Noivos?

HELENA. — Acabámos de ajustar o nosso casamento.

LUDGERO. — Parabens, muito parabens... Mas os meus charutos? Tenho um bonde d'aqui a meia hora.

NELSON. — Vou buscal-os. Estão com o creado. (*Sae pela direita 2e plano.*)

SCENA IX

HELENA, LUDGERO *depois* NELSON E JOSÉ

HELENA. — Ahi está em que deram os seus conselhos, senhor oraculo.

LUDGERO. — Os meus conselhos?

HELENA. — Eu sou a phenix, a mulher ideal de quem elle se queria ver livre, e ouvi tudo d'ali, onde estava escondida. Creia, não obstante a sua implacabilidade para com as pobres mulheres, que nunca tive outro amante... mas disse-lhe o contrario... confessei-lhe uma culpa que não tinha, porque só assim poderia reconquistal-o.

LUDGERO. — Mas agora que o casamento está tratado, é preciso dissuadir o pobre rapaz.

HELENA. — Mais tarde, ou talvez nunca. Esse homem, que elle não sabe quem é... essa aventura mysteriosa... essa ignobil mentira é a garantia da minha felicidade. Emquanto elle suppozer que não fui delle só, será só meu.

LUDGERO. — Que mulher! Aquelle idiota não a merece!

HELENA. — Merece... Hei de provar-lh'o. Tenho a minha idéa.

LUDGERO, *aparte.* — Hum!

NELSON, *voltando com o pacote e acompanhado por José.* — Commendador, aqui tem os seus bahianos.

LUDGERO. — Obrigado. (*Apertando a mão a Nelson.*) Meu amigo, renovo os meus parabens, e uma vez que se

vae casar, recommendo-lhe que leia a *Physologia do casamento*.

HELENA. — De Balzac?

LUDGERO. — De Balzac, sim. E' uma fantasia licenciosa, mas genial, que corre mundo desde 1829. Minha senhora... (*Aperta a mão a Helena.*)

JOSÉ, *a parte.*— Elle casa-se!... Adeus, beatitude!...

FIM

NOTA. — Esta comedia, que se conservava inedita na pasta do autor, foi escripta, a pedido do emprezario Eduardo Victorino, para ser representada pela actriz Gergina Pinto, que estudava o papel de Helena quando adoeceu e morreu.

Barão de Loreto

(FRANKLIN DORIA)

O ACOMPANHAMENTO (1)

Declina o quinto sol do estival janeiro.
Vivo o clarão da tarde espalha-se fagueiro,
E doura a face ao mar, onde se passa agora
Scena que attrahe a vista e os crentes afervora.

Ao sopro do nordéste, airosa uma flotilha
Veleja, demandando o littoral da ilha.
Claro e azul o ceu, partiu para a viagem,
Do porto da Bahia. Alli vetusta imagem
Da Virgem de Loreto, esmêro d'esculptura,
Fôra encarnada; e, já, brilhante de frescura,
Retorna ao seu altar, inda, talvez, mais bella.
Em procissão devota a levam á capella,
De que é bemdito orago, erecta n'um recanto,
Ninho de amor e paz, mansão cheia de encanto.

(1) Procissão religiosa maritima, conforme os costumes da Bahia.

O barco, portador do thesouro sagrado,
Com velas de alvo brim, e todo empavezado,
Pendente ao mastro grande o patrio pavilhão,
Na frente sobresae. Nomeia-se o *Tritão*.
Descanta, no convez, bizarra companhia;
Rude orchestra executa amena symphonia;
E, a trechos, augmentando o festival bulicio,
Estoura lampejante o fogo de artificio.

Seguem após o barco, arfando magestoso,
Varias embarcações, em prestito pomposo.
Qual pleiteia com outra um pareo sem respiro;
Qual pelo instavel chão descreve curto gyro,
E parece brincar; qual n'agua o bordo mette,
E, mais e mais veloz, as ondas accommette;
Qual sobranceira apara o escarceu inchado,
Oppondo-lhe de geito o rigido costado.

Porém a primazia alcança uma canoa,
Que duas velas tem, as azas com que vôa.
Chama-se *Atyaty*, bem como essa ave audaz
Que a nado cruza o mar, e á qual o mar apraz.
N'um tronco de peroba inteiro foi cavada,
A' goiva e á enxó, depois, mui bem lavrada,
E, abastecida, emfim, de aprestos de primor,
Passou do velho dono a joven successor,
Victor, para quem é, não só paterna herança,
Mas um penhor de affecto, e cofre d'esperança.

Ora, á ilha approximado,
O pio acompanhamento
Entesta co'o Porto Grande,
O mais basto povoado,

Dos pescadores assento.
Que alegria alli se expande!
Arrasta morosos passos
O ancião pela senda;
As mães acolhem nos braços
Os filhinhos innocentes;
A moça larga a almofada,
Em que tece argentea renda
Com os bilros estridentes;
Á sombra do joázeiro,
Que aos pescadores agrada,
Nenhum agora fabrica
O munzuá, onde fica
O peixe prisioneiro;
Desinquieto o menino
Bate as palmas, corre, pula,
A doudejar no terreiro;
Té que a leda multidão,
Affluindo em torvelino,
N'alva praia se accumula
Para ver a procissão.

Emquanto o jubilo cresce
No alvoroçado tropel,
Cada qual já reconhece
O seu querido baixel.
Mas toda a attenção merece,
Dentro em pouco, *Atyaty*,
Que, muito esbelta e maneira,
Se accelera na carreira
Sobre o mar, que lhe sorri.

Victor, com dextra segura,
E habilidade exemplar,

Governa a canoa rara,
Que, depois de vaguear
Pela espumosa planura,
Na praia da ilha vara,
Como para descansar.
No Porto Grande nascido,
Hoje, dos annos na flor,
Acolá Victor é tido
Pelo melhor pescador.

Apenas galhardo enceta
A adolesceacia risonha,
Na paterna companhia
Entra a canoa dilecta,
Com que, desde muito, sonha;
Embalado pela vaga,
Dedica-se á pescaria,
Que ao pescador embriaga,
Com seus lances singulares,
Seus perigos, seus azares.

Com que vigoroso esforço,
Maneja o polido remo,
E o crava do mar no dorso,
Entre chuva de crystal!
Com que denodo supremo,
E confiança tão cega,
Do vento á forte refega,
Se pendura do brandal!
Quando ás ondas abalança
O corpo rijo e flexivel,
Como se fôra de aço,
E d'agua o resvala ao nivel,
Quem mais longe o nado alcança?

Através do humido espaço
Mergulhando valoroso,
Quem mais fundo que elle desce?
Mais tempo quem permanece,
Mettido no seio aquoso?
O longo tracto incessante
Co'o mar, que ninguem domina,
No coração lhe refina
O amor da liberdade,
Impetuoso e pujante.
Na solidão do oceano,
As iras da tempestade
Sereno affronta, em seu lenho;
E, n'esse combate insano,
A que bem cedo se affez,
Corresponde ao grande empenho
Sua heroica intrepidez.

Avança a procissão, com harmonia e graça,
Pela cerulea estrada, e no canal perpassa,
Por onde entrando, o mar cinge, nos arredores,
Ilhas gentis. Comforme usança de maiores,
O troço dos baixeis, que a devoção colliga,
Detém aqui a marcha, ante a matriz antiga;
Aos poucos recuando, em circulo bordeja,
Até que fica alli, diante de outra egreja;
Prosegue, e acolá se quêda, reunida
Em frente de uma pobre arruinada ermida;
E, logo proejando ao suspirado albergue,
Acerca-se do caes onde a capella se ergue.

Transporta-se, por fim, sobre vistoso andor,
A imagem louçan da Mãe do Redemptor,

A' qual cheios de fé, ao repicar dos sinos,
Innumeros fieis seguem, cantando hymnos.
Ei-la! no seu altar, a imagem luzente
Da Virgem de Loreto, a sancta Confidente,
A Estrella do mar, que anima e fortalece
O pescador, e lhe ouve a fervorosa prece,
Quando, na dura faina, assiduo se desvela,
Aos risos da bonança, ás furias da procella.

A ESTATUA DE MOYSÉS

(NA EGREJA DE SAN PIETRO IN VINCOLI)

Moysés, que, transportado em extase, medita
Nas palavras que ouviu a Jehovah clemente,
Desce o monte Sinai, a face refulgente,
Com as tabuas da lei pelo Senhor escripta.

Ao povo d'Israel, que deslumbrado o fita,
Magestoso refere a Alliança recente
Feita por Jehovah sobre o Sinai ardente,
E já da lei sem par as grandes regras dicta.

Miguel Angelo assim na phantasia admira
O Chefe hebreu; depois, do marmore lhe tira
As formas colossaes o creador cinzel.

E no marmore bello, eis, Moysés redivivo
Dictar parece ainda, imperioso, altivo,
O Decalogo sancto ao povo d'Israel.

APPARIÇÃO DE BEATRIZ

A PROPOSITO DA FESTA
COMMEMORATIVA DO CENTENARIO DE BEATRIZ,
EM FLORENÇA.

Qual, ao nascer o dia, o sol, no roseo oriente,
Obumbrado, scintilla através de vapores,
Tal, no Eden, Beatriz, n'uma nuvem de flores,
Entre anjos assomou, velada, resplendente.

A' sombra da floresta excelsa, frondescente,
Que primavera eterna orna de mil primores,
Dante, — juncto a Virgilio, — após tantos error
A sua Beatriz torna a ver, finalmente.

Estupefacto, exangue e pallido, procura
Dizer ao fiel guia a singular ventura
Que lhe provém da bella e santa apparição.

Por effluvio subtil que em roda emitte a dama,
Elle reconheceu signaes da antiga flamma,
Sentiu o antigo amor lhe arder no coração.

A GONDOLA

(SECULO XVI)

Por noite de luar, que flue sobre Veneza,
Lá, no Grande-Canal, de palacios bordado,
A gondola gentil fende o chão prateado,
Dos remos á cadencia, andando com destreza.

Sob o toldo, que ostenta elegancia e riqueza,
D'onde pende cortina espessa de brocado,
No macio coxim repousam, lado a lado,
Um joven e uma dama, estirpe da nobreza.

Dos doges a cidade oh que encanto resumbra!
E aquelle par feliz exulta, na penumbra
Da sua deleitosa e placida guarida.

A' popa, o gondoleiro, ao luar muito lindo,
Canta, os versos do Tasso a esmo repetindo,
Os amores carnaes de Rinaldo e Armida.

A GUERRA DA INDEPENDENCIA NA BAHIA (1)

Proclamada a independencia do Brazil pelo grande principe que esposára a causa d'ella, não ficaram logo emancipadas politicamente as provincias onde as autoridades superiores, civis e militares, continuaram a obedecer ás Côrtes constituintes e ao governo de Portugal. Essas provincias foram : o Piauhy, o Maranhão, o Pará, a Cisplatina e a Bahia. Todas portanto, mais ou menos, tiveram de lutar pela sua separação definitiva da metropole.

Afim de abater o predominio do governador portuguez Joâo José da Cunha Fidié, tomou as armas o Piauhy, e muitos de seus filhos, em temerario recontro, pagaram com a vida o patriotico arrojo. No interior do Maranhão deu-se mais de um combate por motivo do novo regimen, e tornou-se notavel o sitio que em Caxias aquelle official soffreu com a sua gente, obrigando-o a

(1) Extrahido do ensaio historico *A Independencia do Brazil.*

capitular. Na cidade de Belém do Pará tramou-se a favor da nossa autonomia uma conjuração, que se mallogrou em consequencia de aleivosa denuncia, sendo os seus autores duramente punidos. Para expellir de Montevidéo as tropas lusitanas o governo brazileiro impoz áquella praça rigoroso assedio e bloqueio. Mas foi a provincia da Bahia onde a independencia nacional encontrou a mais viva resistencia, que ateou prolongada guerra.

Esboçarei este bello e proeminente capitulo da historia patria.

Desde que n'aquella provincia o brigadeiro Ignacio Luiz Madeira de Mello tomára illegalmente posse do cargo de governador militar, concentrou nas suas mãos toda a autoridade, arrogando-se as funcções da junta administrativa. Subserviente ás Côrtes da nação portugueza, de accôrdo com ellas exercia a dictadura. Longe, pois, de cumprir a carta régia de 15 de Junho de 1822, pela qual D. Pedro lhe ordenára que se recolhesse a Portugal com as tropas do seu commando, Madeira de Mello persistiu em oppôr-se a que o Principe fosse reconhecido então como regente, e depois como imperador.

A provincia da Bahia, porém, determinou-se a reagir, appellando para a revolução.

Esta revolução teve origem na villa de Santo-Amaro, onde foi delineada por varões prestantes, convocados pelo corregedor Antonio José Duarte de Araujo Gondim, em cuja casa se reuniam. Outras pessoas gradas, breve, lhe coadjuvaram a iniciativa, na vizinha villa de São-Francisco, sob a direcção do juiz de fóra Joaquim José Pinheiro de Vasconcellos, — visconde de Montserrate. A todos animou então, com a sua eloquente palavra, Miguel Calmon du Pin e Almeida, — marquez de Abrantes, o qual acabava de chegar de Lisboa e fôra portador

de uma carta que Domingos Borges de Barros, — visconde de Pedra-Branca, e outros deputados eleitos pela Bahia ás Côrtes de Portugal endereçaram em commum ás municipalidades da provincia, consultando-as ácerca da conveniencia e do modo de delegação do poder executivo no Brazil, assumpto pendente de deliberação d'aquelle congresso.

Rompeu a revolução na villa da Cachoeira, promovida, além de outros cidadãos, pelo coronel José Garcia Pacheco, e o tenente-coronel Rodrigo Antonio Falcão Brandão, — barão de Belém. A camara municipal d'aquella villa, em sessão de 25 do mencionado mez de Junho, presidida pelo juiz de fóra Antonio de Cerqueira Lima, acclamou, com o povo, D. Pedro de Alcantara regente constitucional e defensor perpetuo do Brazil.

Provocou este successo as hostilidades do commandante e tripolação de uma canhoneira de guerra, por ordem do general Madeira de Mello, estacionada no rio Paraguassú, defronte da villa, afim de vigial-a; mas, depois de um tiroteio de trez dias, bateram os nossos o navio aggressor, que se rendeu á discrição. O exemplo da Cachoeira foi seguido successivamente pelas villas de Santo-Amaro, de São-Francisco, e as demais da provincia. N'esta, por conseguinte, não tardou em tornar-se geral a adhesão á regencia de D. Pedro, ficando circumscripta á capital a dominação portugueza.

Desde a primeira phase da luta, o desejo de revindicta abrazava todos os corações. As mães mesmas embalavam os filhinhos com a popular cantilena :

« Acalenta-te, ó menino,
Dorme já, para crescer;
O Brazil precisa filhos;
Independencia ou morrer! »

Entretanto, os habitantes da Bahia, aos quaes D. Pe-

dro em uma proclamação havia exhortado á resistencia, dispozeram os primeiros meios de levál-a a effeito. Fortificaram-se alguns pontos do litoral, desde a entrada da Bahia até o reconcavo; ergueram-se presidios na ilha da Itaparica, reductos na villa de São-Francisco, baterias nas margens do rio Sergi, na ilha de Cajahiba, na ilha dos Frades e n'outras dos arredores, como ainda na costa da Saubara. Tamanho era o ardor com que se entendia em taes aprestos, que até os frades franciscanos do convento d'aquella villa ajudavam ahi a carregar materiaes para a construcção das obras de defesa.

Tinhamos carencia absoluta de armas e munições de guerra, mas os senhores de engenho suppriram em parte esta falta : fizeram arrancar as peças de bronze empregadas nas suas fabricas e montál-as em carretas, assim como fundir em projectis o ferro, o cobre e o chumbo das suas machinas e aparelhos industriaes. Succedeu muitas vezes que as balas arremessadas pelos canhões das barcas portuguezas contra os defensores da ilha de Itaparica foram por mulheres e meninos extrahidas da areia da praia onde se enterravam, e recambiadas pelos nossos artilheiros no meio de nutrido fogo.

Na ausencia de qualquer tropa nossa, o tenente-coronel Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque — visconde de Pirajá, depois de ter proclamado aos seus conterraneos, reuniu, com a possivel feição militar, os milicianos do districto do seu commando. A elles aggregaram-se magotes de indios, arrebanhados de aldeias diversas da provincia, e cujas mulheres os acompanhavam nas refregas, como lembra o poeta-soldado, testemunha presencial da campanha :

« Occorre-lhe tambem falar d'aquelles,
Tupica multidão, nas flechas destros,
Que, do arco teso, com vigor, travando,

As tabas deixam, mais que muito amadas,
E em tribus varias a reunir-se marcham.
E a todos, quaes na paz, seguem nos prelios,
Oh conjugal ternura! — as leaes consortes,
Que a extremos dadas, ancia põem inteira
Em ir com elles ao triumpho, á campa. » (1)

Apezar de bisonha e pouco numerosa, aquella rustica phalange sahia ao inimigo entrincheirado na capital. Distribuida em guerrilhas, frequentemente o acommettia e dispersava, até junto ás fortificações dos suburbios. Manejando o arco e a flecha, avantajavam-se ás demais as guerrilhas dos indios. Guiava-os um d'elles, de nome Bartholomeo, e appellidado Jacaré pela sua gente, o qual, não só então, mas até o derradeiro combate, mostrou o valor indomavel, proprio da sua raça.

Taes foram os preliminares da guerra da independencia na Bahia.

Referindo-se á situação politica d'esta provincia, disse D. Pedro no seu manifesto do 1° de Agosto de 1822, dirigido aos Brazileiros :

« Illustres Bahianos, porção generosa e malfadada do Brazil, a cujo solo se têm agarrado mais essas famintas e empestadas harpias, quanto me punge o vosso destino! Quanto o não poder, ha mais tempo, ir enxugar as vossas lagrimas e abrandar a vossa desesperação! Bahianos, o brio é a vossa divisa; expelli do vosso seio esses monstros que se sustentam do vosso sangue; não os temais; vossa paciencia faz a sua força. Elles já não são Portuguezes; expelli-os, e vinde reunir-vos a nós, que vos abrimos os braços. »

Para ligar os revolucionarios a um centro commum de administração, creou-se o conselho interino de go-

(1) Titara, *Paraguassú*, parte primeira, p. 158.

verno, instituição devida igualmente á iniciativa das villas de Santo-Amaro e de São-Francisco. Composta de deputados, eleito cada um por uma camara municipal, aquella corporação, a 22 de Setembro de 1822, se estabeleceu na Cachoeira, sob a presidencia de Francisco Elesbão Pires de Carvalho e Albuquerque, — barão de Jaguaripe, sendo seu secretario Francisco Gomes Brandão Montezuma, — visconde de Jequitinhonha.

Por outro lado, o Principe regente confiou o commando das nossas operações militares ao brigadeiro Pedro Labatut, laureado nas campanhas de Napoleão I° e na guerra da independencia de uma das colonias hispano-americanas. Do Rio de Janeiro partira o general com alguns contingentes, mas, coagido por caso fortuito a desembarcar em Alagôas, conciliou os animos, tanto n'essa provincia, como nas de Pernambuco e Sergipe, d'onde foi por terra a Bahia. Ahi, depois que chegou, no fim de Outubro, organisou o exercito brazileiro, ao qual deu o titulo de exercito pacificador. Teve assim poderoso incremento a revolução, já favoneada pela proclamação da independencia.

Este exercito, cujo principal ponto de apoio era Pirajá, pequena povoação que demora a poucas milhas da capital, na maior parte compunha-se de Bahianos, e dia a dia engrossava. As circumstancias extraordinarias não consentiam que elle apresentasse um conjuncto harmonico de tropas bem fardadas, armadas e equipadas, como as de um exercito regularmente constituido.

Entre as primeiras forças que n'elle se incorporaram, havia duas companhias creadas na Cachoeira, uma com a denominação de Bellona e outra de Mavorte, cujos officiaes e praças se fardaram a suas expensas e renunciaram o soldo e a etapa. Notava-se tambem a companhia de cavallaria de voluntarios dos Pedrões, conheci-

dos pelo nome de Encourados, porque usavam trajos de couro. Um clerigo, frei José Maria Brayner, a tinha formado e era commandante d'ella. Além d'isto, um troço de sertanejos, procedentes do Rio de Contas, e fardados de panno de algodão, tecido no mesmo logar, alistaram-se nas nossas fileiras. N'ellas figurava ainda um corpo de libertos, que tiveram ao mesmo tempo a fortuna de sahir do captiveiro e de arriscar a vida pela patria. Muitos escravos até se arvoraram em soldados, e, á sombra da bandeira nacional, reconquistaram a liberdade. Demais, pertencia ao nosso exercito o batalhão de infantaria dos voluntarios do principe D. Pedro, batalhão chamado dos Periquitos, por serem de côr verde as golas e os canhões das fardas das suas praças.

N'este batalhão, commandado pelo major José Antonio da Silva Castro, sobresahia como soldado Maria Quiteria de Jesus. Era uma joven, nascida de paes portuguezes no reconcavo da Bahia. Dotada de phisionomia simpathica e maneiras agradaveis, o seu talento natural de alguma sorte lhe attenuava a falta de instrucção. Vivia na companhia do velho pae, n'uma fazenda que elle possuia no sitio do Rio do Peixe, longe da villa da Cachoeira. Applicava-se ás occupações domesticas, e nos seus lazeres distrahia-se com o exercicio da caça, no qual se affez ao manejo das armas de fogo. Certo dia, um emissario, encarregado de angariar voluntarios para o nosso exercito, appareceu na casa do fazendeiro, onde foi agasalhado. Como o hospede, na intimidade da conversação, encarecesse as vantagens da independencia nacional, inflammou-se o coração da moça em patriotico enthusiasmo. Resolvida, apezar da sua condição, a ir tambem combater pela liberdade, ella, sem detença, partiu occultamente para aquella villa, e disfarçada em trajos de homem, assentou praça n'um regimento de artilharia,

do qual, por lhe ser mui pesado o serviço, passou para o batalhão dos Periquitos.

Durante a guerra, com seu uniforme graciosamente modificado, em attenção ao sexo, pelo appendice de um saiote de estofo escossez, similhante ao do *high-lander*, a varonil camponeza entrou nas mais arduas pelejas, fazendo prodigios de bravura. No Rio de Janeiro, onde ella esteve depois da campanha, D. Pedro I°, informado, como diz o decreto de 20 de Agosto de 1823, do decidido valor, denodo e intrepidez com que Maria Quiteria de Jesus se distinguira em occasiões as mais arriscadas de combate, em que sempre se portára heroicamente, concedeu-lhe a patente e o soldo de alferes de linha. N'outro decreto da mesma data se lê que, para assignalar os serviços militares que com denodo, raro entre as demais do seu sexo, prestára Maria de Jesus á causa da independencia na porfiosa restauração da Bahia, lhe era concedido o uso da insignia de cavalleiro da Ordem imperial de Cruzeiro. Resta acrescentar que o primeiro Imperador, com a sua propria mão, lhe pendurou no peito a preciosa insignia.

Em soccorro dos seus irmãos da Bahia acudiram tropas das provincias de Pernambuco, Parahiba, Alagôas e Minas-Geraes. Do Rio de Janeiro, além das praças que acompanharam ao general Pedro Labatut, o governo expediu o batalhão do Imperador, sob o commando do coronel José Joaquim de Lima e Silva. Na partida d'este distincto batalhão de caçadores, Evaristo da Veiga dedicou-lhe um hymno, que exorna a seguinte estrophe :

« Do Brazil a mãe primeira,
Formosissima Bahia,
Da feroz aleivosia
Quer os vis grilhões quebrar.
Bravos filhos de Mavorte,
Já no campo estaes da gloria!

Vamos, vamos á victoria,
Combater e triumphar!

Dividido a principio em duas brigadas, depois em trez e por ultimo em quatro, que formavam duas divisões, o exercito pacificador, no fim da guerra, constava, pouco mais ou menos, de 9.000 praças. Suas crescentes despesas de fardamento, soldo, alimentação, curativo e transporte quasi exclusivamente se effectuaram á custa de donativos e emprestimos de dinheiro, feitos por particulares, cuja liberalidade não conhecia limites. Foi comtudo impossivel evitar que algumas vezes faltassem ração e roupa aos nossos soldados, assim como remedios aos doentes, e fios para pensar os feridos. Taes privações não affrouxaram certamente a energia d'esses lidadores; ao contrario, serviram para lhes pôr á prova a firmeza e a resignação.

O exercito portuguez, encerrado no recinto da capital, sob a protecção de bem artilhados fortes e solidas trincheiras, recebeu varias vezes de Portugal copiosos reforços, até as proximidades da evacuação da praça. Suas cinco brigadas poderiam então pôr em linha de combate cêrca de 10.000 homens. Privado do abastecimento de viveres provenientes dos outros lugares da provincia, este exercito foi bem cedo flagellado pela fome.

Não só para apprehender mantimentos transportados do reconcavo por pequenas embarcações, mas tambem para cortar a communicação maritima entre diversos pontos do litoral, uma esquadrilha de vasos de guerra lusitanos cruzava continuamente as aguas do perimetro da bahia de Todos os Santos. Além de outras paragens á beira-mar, as fazendas de Loreto e de Guadalupe, na ilha dos Frades, e bem assim as ilhas circumvizinhas, já pela sua situação geographica, já pelos seus excellentes attributos, tornaram-se alvo de amiudadas investidas

d'aquelles navios. Elles, porém, foram sempre galhardamente repellidos pelos animosos insulanos, que tinham por commandante o capitão João Francisco de Menezes Doria.

Cumpria apparelhar alguma força naval que auxiliasse a rebater similhantes aggressões. Armou-se, pois, com uma peça de rodizio á prôa, um barco denominado *Pedro I°*, e commandado pelo tenente João de Oliveira Botas, o qual deu repetidas provas de pericia e coragem. Alguns outros barcos de navegação interna foram tambem guarnecidos de canhões. Improvisou-se assim uma flotilha, que arrostou os principaes ataques por mar. D'estes ataques o mais famoso foi o de 7 de Janeiro de 1823.

Então quarenta barcas e lanchas canhoneiras e vinte e seis brigues da esquadra portugueza, ás ordens do chefe de divisão João Felix Pereira de Campos, acommetteram a ilha de Itaparica, uma das melhores posições estrategicas da bahia. Ao cabo de um pelejar, que se prolongou das nove horas da manhan até ás seis da tarde, os navios assaltantes foram rechaçados pelas baterias sobranceiras ás costas da ilha, da qual era commandante o intrepido major Antonio de Souza Lima, e pela flotilha brazileira, á cuja frente Oliveira Botas, só por si, mettêra á pique duas barcas.

Em terra, desde que Pedro Labatut organisára o exercito pacificador, succederam-se diversos combates. Merece especial menção, primeiramente, o de 8 de Novembro de 1822, que se concentrou no ponto do Cabrito, á pouca distancia de Pirajá. Uma legião portugueza de 1.600 homens, augmentada de uma companhia de voluntarios, depois de cinco horas de incessante fogo, avançando acceleradamente, tentou cortar a retaguarda ás forças brazileiras que occupavam aquelle ponto, sobre as quaes carregaram em columna cerrada. O destroço total d'estas

forças parecia imminente. Para evitál-o, o major José de Barros Falcão, que as dirigia, manda tocar á retirada. Mas o corneta, de nome Luiz Lopes, a quem cabia dar o signal ordenado, invertendo-o de proposito ou não, toca a avançar, e em seguida a degolar, com um clarim de que usava para os toques da ordenança de caçadores. Enganados assim, cuidam os contrarios que a nossa tropa havia recebido cavallaria de reforço, e são elles que em desordem se retiram, deixando a victoria aos nossos. Infelizmente, cahiram mortos no campo da batalha os valentes officiaes bahianos, capitão Cipriano Justino de Siqueira, e alferes Pedro Jacome Doria.

N'outro combate, a 29 de Dezembro, quando o general Madeira de Mello e as autoridades civis acabavam de jurar na capital, com toda a pompa e solemnidade, a Constituição havia pouco votada pelas Côrtes de Portugal, o general Pedro Labatut incommodou seriamente o exercito portuguez, atacando-o nas suas linhas defensivas e mettendo-o entre dois fogos.

A 15 de Fevereiro do anno seguinte, as nossas forças, em audaciosa sortida, ainda se mediram com as lusitanas, cujas trincheiras se tinham triplicado.

Em principio de Maio d'esse anno surgiu á barra da Bahia a esquadra brazileira, pelo governo imperial aprestada e entregue ao commando do almirante Lord Cochrane, que se assignalára na guerra da independencia do Chile e do Perú. Apoiado n'esta esquadra, Pedro Labatut, a 3 do referido mez, dirigiu uma acção geral contra o exercito inimigo e lhe infligiu completa derrota. O susto que teve então Madeira de Mello foi tal que, depois de mostrar-se com vistoso estado-maior no theatro das operações, fugiu tão desastradamente que cahiu do cavallo e perdeu o chapéo armado.

A 3 de Junho, deu-se outra acção geral contra os

entrincheiramentos lusitanos. Ella porém, foi dirigida pelo coronel José Joaquim de Lima e Silva, o qual substituíra no commando em chefe do exercito pacificador ao general Pedro Labatut, poucos dias antes preso e demittido, com tanta injustiça quanta ingratidão. Este combate, ainda coroado com a victoria das nossas armas, foi o ultimo que se feriu durante a guerra da independencia na Bahia.

Depois d'elle, a junta administrativa obediente ao governo da metropole, reunida com a vereação, debalde tentou propôr medidas adequadas á continuação da luta.

Na capital, desde muito inteiramente sitiada e bloqueada, era angustiosa a posição do inimigo, que estava reduzido ao extremo da fome. Assim que, no silencio da madrugada do dia 2 de Julho de 1823, o general Madeira de Mello e o seu exercito, além de muitas familias, abandonando aquella capital, partiram para Lisboa nos navios da esquadra portugueza e n'outros mercantes. A todos deram caça e fizeram ahundantes prezas a capitanea e mais vasos da nossa esquadra, ousando o commandante de um d'estes, capitão João Taylor, levar a perseguição até á foz do Tejo.

D'ahi a poucas horas, entrava o exercito brazileiro triumphantemente na cidade da Bahia, onde pela primeira vez tremulava a bandeira imperial. Através de arcos, entrelaçados de viçosas folhas, ao estrepito de reiterados vivas, repiques de sinos e salvas de alegria das fortalezas, desfilavam os nossos batalhões pelas ruas. Sobre elles a cada passo choviam flores, atiradas das janellas das casas por centenares de senhoras, que trajavam as côres symbolicas, verde e amarello. Possuidas de piedoso jubilo, por seu turno, as freiras do convento da Soledade, ao passarem por alli os bravos de Pirajá, apparecendo ás portas do claustro, tambem

os cobriram de flores, e lhes offertaram significativas grinaldas, tecidas com ramos de caféseiro.

Entretanto, a junta que, nomeada por D. Pedro, ao terminar a guerra, substituíra ao conselho interino do governo, e do qual fez parte, ainda como presidente, Francisco Elesbão Pires de Carvalho e Albuquerque, e como secretario, Joaquim José Pinheiro de Vasconcellos, tendo-se empossado na Cachoeira, se transferiu para a capital. Dentro de pouco, a festiva acclamação do Imperador, em sessão da camara municipal d'esta cidade, assellou a independencia na provincia da Bahia.

Além das congratulações officiaes de Pedro I° e das mercês honorificas por elle concedidas, não só aos corpos do exercito pacificador, como ainda a todos os officiaes e praças que os compozeram, os feitos dos Bahianos foram particularmente celebrados, perante a nossa primeira Assembléa constituinte, nas seguintes palavras insertas n'um projecto de proclamação lido áquelle mallogrado parlamento :

« Louvores sejam dados aos briosos habitantes da Bahia, que em porfiosa luta, apezar dos maiores sacrificios, e com o soccorro das valorosas tropas das leaes provincias que os auxiliaram, souberam dignamente ostentar o seu patriotismo, defender a honra das suas pousadas, e vencer com o mais denodado heroismo a pertinaz resistencia do vandalismo lusitano. » (1).

As trez provincias, porém, que ainda se debatiam sob o jugo de Portugal, d'elle brevemente se libertaram. Tendo descoberto, quando acossava os navios da fugitiva esquadra, que pretendiam alguns ir em auxilio á praça de São Luiz de Maranhão, Lord Cochrane demandou na sua náo o porto d'aquella cidade, e ali, depois

(1) *Annaes do parlamento brazileiro. Assembléa Constituinte*, tom. IV, pag. 58 e 61.

de ardilosa ameaça de immediato bloqueio, induziu o: membros mesmos do governo a proclamarem a indeper dencia. Ella, pouco tempo depois, igualmente se juro na cidade de Belém do Pará, graças ao estratagema pel qual o capitão-tenente Greenfell, commissario do almirante inglez, fizera acreditar na presença de temive força naval. Finalmente, no mez de Novembro, o general D. Alvaro da Costa, com a sua divisão, evacuou a cidade de Montevidéo, e navegou para o seu paiz.

Estava assim consummada a independencia do Brazil para a qual cooperou gloriosamente, como se viu, a provincia da Bahia.

Carlos de Laet

O FRADE ESTRANGEIRO (1)

Lembra-me haver lido que perante o Areopago era prohibido fazer exordios, pelo muito que de taes insinuantes proemios receavam os precavidos juizes desse tribunal; mas de minha parte não ha que temer semelhante perigo, não só porque não sei manejar a palavra de modo que a torne formidavel, mas ainda porquanto eu não pretendo conquistar a vossa benevolencia, pois de antemão conto com ella, fallando perante amigos e correligionarios.

Ha cerca de um anno, senhores, não tenho subido a esta tribuna, e disto não preciso excusar-me. Este Circulo é, principalmente, uma casa da mocidade, este logar devia ser dos moços. Em todas as milicias bem organisadas ha a primeira linha, que é a dos combatentes válidos e robustos, e as reservas só entram em fogo quando assim o exigem inelutaveis difficuldades e carencias de pessoal. Ora, claro está que, assim pela minha

(1) Conferencia feita em 22 de Maio de 1903 no Circulo Catholico.

edade como pelas idéas politicas que professo, eu me acho reduzido á condição de reservista. Onde estão os que com mais forças e habilitações devem fazer estas conferencias? Porque não transformam esta tribuna, já não direi todos os dias, mas todas as semanas, em uma cadeira de verdades, mais modesta do que o pulpito, porém egualmente encaminhada á propaganda do bem, do justo, da caridade, em uma terra, em uma época em que, a todo momento, em cada esquina, se préga o odio, o injusto e o mal? (*Approvações.*)

Com sincero prazer, senhores, ouço annunciar, de vez em quando, um orador novo, e mais ainda quando este se enaltece por dotes de espirito e de coração. Grandemente jubiloso foi, pois, o meu alvoroço ao saber que uma conferencia ia ser feita pelo sr. dr. Mello Mattos, hoje deputado federal e nosso prezado irmão de crenças. Fliz ogo votos de não mais fallar até ouvir a s. ex. para lhe seguir as pisadas... Mas o nosso illustre amigo não pôde, por enfermo, realizar a sua prelecção... Bem, disse eu, aguardemos o restabelecimento de s. ex.; e não cessei de orar pela completa restauração da sua saúde. Agora s. ex. sahiu eleito deputado, o que suppõe herculea robustez para o desempenho dos encargos que lhe incumbem; pois bem! agora a s. ex. podemos confiados pedir que nos não desampare, e que com a sua palavra, convencidamente catholica, venha dar o nobre exemplo da propugnação das nossas idéas.

Terminado este exordio, que, meus senhores, procurei tornar o mais insinuativo possivel, passo a expor-vos que, o que vou dizer, não será tanto a defesa de uma these como a historia de uma singular fluctuação em que o meu espirito foi lançado pelos ultimos successos de que tem sido theatro a nossa capital.

Conhecer bem toda a doutrina christã, em suas parti-

cularidades historicas, dogmáticas, disciplinares, liturgicas, não é realmente cousa facil. Volumosos são os tratados, os diccionarios, as dissertações de assumpto religioso, e não bastaria a vida de um centenario para percorrer, quanto mais estudar, tantos e tão extensos livros... Mas saber o necessario para a salvação é facillimo. Toda a materia essencial para isso cabe em um desses livrinhos que denominamos catecismos. Eu a aprendi primeiro com meus paes, e mais tarde no Collegio de Pedro II com o professor de religião, monsenhor Felix, de saudosa memoria, em um voluminho que tem por titulo : — *Catecismo da doutrina christã para o uso da Associação Catholica no Rio de Janeiro, da qual é protector o exmo e revmo. sr. Bispo Conde Capellão mór.*

Senhores, é singular : este livrinho conta apenas 105 paginas, ou antes umas 80, deduzidas 25 que são occupadas por varias orações; e, comtudo, não se me têm deparado difficuldades na vida, ou como christão ou como cidadão, não tenho encontrado problema cuja solução não se me offereça nestas paginas!

Todos os deveres para com os meus superiores, desde Nosso Pae e Supremo Senhor até ao meu semelhante, de direito ou de facto constituido em autoridade na escala social; todos os deveres para com os meus inferiores; todas as regras de conducta; todos os preceitos e ensinamentos ahi se acham claros, enunciados em linguagem que uma criança facilmente comprehende. Não estranheis, portanto, que deste precioso livrinho eu desentranhe umas idéas, que são as minhas, como devem ser as vossas. E' aqui, á pagina 46, onde se explica o 9º artigo do Symbolo dos Apostolos, e se trata dos — *caracteres da Egreja.* Estes são quatro, diz o catecismo : uma, santa, *catholica* e apostolica. — Porque dizeis que a Egreja é catholica? pergunta o catecismo; e logo acode

com a resposta : « Digo que a Egreja é catholica, isto é, universal, porque se estende a todos os tempos e a todos os logares. » Nada mais, senhores : porém está dito tudo. (*Approvações,*)

Sim, a todos os tempos, porque ella vem do primeiro homem, até nós, e de nós se estenderá aos que têm de ouvir o clangoroso pregão do juizo final. Sim, a todos os logares, porque, pela vastidão do orbe, innumeros povos conhecem a Jesus Christo e aprenderam a adoral-o na Hostia consagrada.

Catholica, isto é, *universal*, diz o catecismo, e disse bem, porque na sua transparente etymologia o vocabulo, de origem grega, proclama a generalidade, a totalidade, a universalidade das nossas crenças. Não ha um catholicismo francez, belga, allemão ou brasileiro : mas todo catholico, no que se refere á religião, sente-se irmão do outro homem que com elle communga no mesmo credo.

Taes eram, senhores, as minhas idéas, quando subito irrompeu o clamor de que tendes noticia, e que á porta de um velho mosteiro ia buscar *monges estrangeiros* para deportal-os, ou talvez, para justiçal-os como malfeitores; e então entrei a perguntar commigo mesmo : — Porque e para que tamanho alarido? São catholicos os que isso fazem? Se não são, porque se ingerem nas questões do catholicismo? Que se lhes dá do governo de uma abbadia, a elles, que não pertencem á nossa Egreja? (*Approvações.*) E, por outro lado, se são catholicos, como é que tão feiamente desconhecem a sua doutrina? Como é que fazem questão de nacionalidade no que é essencialmente universal?

Em um dos *meetings* a parte do qual assisti — porque o espectaculo de uma multidão conturbada, comquanto doloroso, é sempre interessante para um espirito observador — certo orador vozeava que era preciso fundar o

catholicismo brasileiro. Uma *universalidade parcial* — teria dito melhor. No dia em que a tivesse creado, apenas houvera engendrado um scisma. Senhores, ou o catecismo está errado, ou esse orador não aprendeu o catecismo! (*Riso.*)

Longamente meditei sobre todas estas contradições, e procurei explical-as. Em frente de um erro ou de um crime, apraz-me indagar da genese do delicto ou do absurdo. Isto ensina a ser tolerante. Tratei, pois, de applicar o meu methodo ao caso de pathologia social que se me antolhava, e então cheguei a concluir que, catholicos muito embora, esses homens eram victimas de uma obsessão patriotica. Fanaticos pelo nosso paiz — imaginei para desculpal-os, e tambem era a sua unica desculpa — elles revolveram os annaes da nossa terra e lá, talvez, encontraram a historia de *frades estrangeiros* oppressores, inimigos do Brazil e sobre cuja memoria pese o anathema dos seculos... Perfeitamente! — disse commigo mesmo : vamos á historia! Precisamos de um banho lustral de historia! E ahi está, senhores, porque, emquanto as turbas se agitavam nas ruas, eu, no fundo da minha modesta bibliotheca, desgostoso, assombrado, enojado do presente, consultava os nossos velhos historiadores, pedindo-lhes lições que, accusando o *frade estrangeiro*, excusassem o desvairo dos seus inimigos.

E os livros, senhores, responderam-me cabalmente.

O primeiro *frade estrangeiro* que se me apresentou foi frei Henrique de Coimbra. Vos bem o conheceis e, quando quereis vel-o, basta-vos ir á praça da Gloria, onde está o monumento de Pedro Alvares Cabral. Lá se acha tambem o illustre franciscano que disse a primeira missa no Brasil. Na *Historia Seraphica*, de Fernando da Soledade (Lisboa, 1705, tomo 3º pagina 489), li que oi homem de merecimento : « Frei Henrique de Coim-

bra, homem de não vulgar talento e espirito. Tinha largado a toga de desembargador da Casa da Supplicação em Lisboa pelas asperezas do nosso instituto, que abraçou no convento de Alemquer, onde foi noviço com tanto fervor que logo deu indicios claros de suas virtudes eminentes ».

Que este frade não merece os desdens nem os odios da actualidade, bem se demonstra pelo facto de o haver a republica fundido em bronze. (*Riso.*) Dir-me-eis que não era propriamente um estrangeiro, porque então tudo era portuguez : e eu vos respondo que não. Muitos dos assistentes da primeira missa eram brasileiros natos, e posso dizer que mesmo jacobinos, porque não hesitavam em proceder ás mais summarias e rapidas execuções. (*Riso.*)

Neste ponto occorre-me, senhores, tirar ensinamento de duas circumstancias, para as quaes chamo a vossa illustrada attenção. Porque, de tantos frades que depois se illustraram na catechese e no desbravamento moral do Brasil, só este, comquanto estrangeiro, tem merecido as honras do bronze estatuario? Quer parecer-me, senhores, que foi por se ter apenas contentado com dizer a sua missa, pregar o seu sermão e voltar para a sua casa. (*Riso.*) Já naquelle tempo optimamente se dava o mundo com esse genero manso de frades. Os máos são os catechistas, os missionarios, ou de bugres ou de homens que se suppõem civilisados. O frade ou padre que se limita ás funcções puramente cultuaes, não tem inimigos : sabem que elle é inoffensivo... Mas se nas suas pregações elle ataca, qual João Baptista, os vicios e torpezas de um Herodes : se, como S. Paulo, proclama, perante a Roma dos Cesares, a « sublime loucura da Cruz »; se o frade lança mão da imprensa, como, segundo já disse alguem, certamente faria o Apostolo das Gentes, dado que vivêra em nossos dias — oh ! então o

frade, longe de ser perpetuado em effigie, corre o perigo de ser lapidado vivo! (*Applausos.*)

A outra observação que vos queria fazer, senhores, é sobre aquelles nossos patricios, brasileiros natos, que, com gestos adequados, acompanhavam a ceremonia da primeira missa, dando muitos signaes de compuncção. Todos os chronistas que narram o facto se mostram abalados, inclinando-se a nisto ver patentes mostras de predisposição para as cousas celestiaes... Mas não nos enganemos, senhores. Annos depois os filhos desses selvagens, ou talvez mesmo alguns delles, matavam e devoravam o primeiro Bispo do Brasil. E parece que entre nós têm descendentes e imitadores. Ainda os ha, caboclos dessa feição, que vão á egreja, que para os jornaes fazem artigos, dizendo-se catholicos — e que, todavia, não trepidam, como os soldados no drama da Crucifixão, em rasgar a tunica da Egreja e repartil-a consoante ás suas cobiças. Felizmente, senhores, ella é inconsutil, — inconsutil e indilaceravel! (*Applausos*).

Deixemos, porém, absolvido da pécha de inimigo de nossa patria o illustre *frade estrangeiro* que celebrou a primeira missa no Brasil, e, nesta rapida excursão, pois não pequeno é o caminho que temos de percorrer, já lobrigamos o vulto de um jesuita — e que jesuita, senhores! Chamava-se José de Anchieta!

Este, sim, é bem *estrangeiro;* estrangeiro para nós, porque nasceu fóra do Brasil; estrangeiro para nossos antepassados, os portuguezes, porque era hespanhol.

José de Anchieta veiu ao mundo, como não ignoraes, na cidade de Laguna, antiga capital do archipelago das Canarias, situada na ilha de Teneriffe, onde se eleva o famoso pico de Teyde.

Nascido no dia de S. José, aos 19 de março de 1534, exactamente o anno em que D. João III completava os

lineamentos do seu projecto de povoamento do Brasil, segundo o plano das capitanias hereditarias, Anchieta foi recebido pelos jesuitas, na sua casa de Coimbra, no dia 1 de maio de 1551. Cousa extraordinaria para os nossos tempos! Os portuguezes de então não faziam, em religião, a menor differença entre religiosos nacionaes e estrangeiros! O novo filho de S. Ignacio foi tão bem recebido como se tivera visto a primeira luz em terras de Portugal; e o provincial Simão Rodrigues não oppoz o menor embaraço a que, de mistura com outros religiosos, viesse o joven Anchieta trabalhar no Brasil, quando para cá foi despachado Duarte da Costa, segundo governador.

Senhores, sei que fallo a pessoas assás lidas na historia patria para que julgue necessario, já não direi uma narração desenvolvida, porque esta demandaria longas horas, mas um esboço siquer dos trabalhos de Anchieta em nosso paiz. Elle foi visto onde quer que o exigiam os interesses da religião e do nascente Brasil. Catechisou o selvagem e, pela palavra e com o exemplo, saneou a moralidade dos primeiros habitadores. Foi o élo de paz, foi o iris da alliança entre o colono avido, lascivo, deshumano, e o silvicola suspeitoso, traiçoeiro e feroz.

Este *frade estrangeiro*, tendo começado o seu serviço de catechese na Bahia, passou-se á capitania de S. Vicente, onde, a 25 de janeiro de 1554 se dizia, em uma *pauperrima e estreitissima casinha*, a missa commemorativa da conversão de S. Paulo. Foi este o berço do collegio, da cidade e da capitania de S. Paulo, depois provincia, hoje estado do mesmo nome, e, certamente, uma das regiões mais prosperas do nosso Brasil.

De como ahi viviam Anchieta e outros *frades estrangeiros* dão testemunho as memorias coetaneas. Um casebre feito de páos e barro, coberto de sapê, servia ao

mesmo tempo de escola, de enfermaria, de refeitorio, de cozinha e de dispensa. Em poucas e singelas palavras, não dirigidas á posteridade, á qual, de certo, jámais imaginou que lograssem chegar, Anchieta nos dá uma idéa de tamanhas penurias. « Em taes estreitezas nos achamos em verdade collocados (escreveu elle) que é muitas vezes necessario aos irmãos explicarem a lição de grammatica no campo ; e como ordinariamente o frio nos incommoda da parte de fóra, e dentro de casa o fumo, preferimos soffrer o incommodo do frio de fora do que o do fumo de dentro. » Que opulencia, senhores, a desses religiosos *estrangeiros!*

E como a toleravam ? Longe de com tal pauperie anojar-se, della dizia Anchieta : « Não invejamos os espaçosos aposentos de que em outras partes gozam os nossos irmãos, pois Nosso Senhor Jesus Christo se collocou em mais estreito logar, e dignou-se nascer em pobre mangedoura, entre dous brutos animaes, e morrer em altissima cruz por nós. » (Carta inserta nos « Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro », vol. 1.)

Accrescia á pobreza o excesso de trabalho : « Muitas vezes, conta o missionario, — para acudir a baptisar ou confessar um escravo de um portuguez, se andam seis ou sete leguas a pé, e ás vezes sem comer... » (Informações e fragmentos historicos do padre José de Anchieta, Rio, 1886, pag. 20).

Não ha quem não tenha ouvido fallar na confederação dos Tamoyos, facto importantissimo da nossa quadra colonial, e do qual fez uma epopéa o genio de Gonçalves de Magalhães, visconde de Araguaya. Aos francezes, que tentavam estabelecer-se nesta nossa bahia de Guanabara, colligaram-se os Tamoyos. Conciliados pela habilidade do recente invasor, os indigenas constituiam um perigo formidavel para os portuguezes. De uma e de

outra parte faziam-se temerosos aprestos. O sangue humano ia correr a jorros. Ora, foi nestas conjuncturas que o *frade estrangeiro* José de Anchieta se offereceu para desarmar com a palavra o indio offendido e vingativo. Southey, o historiador insuspeito, porque era protestante, opina que « de mais perigosa embaixada nunca ninguem se encarregára. »

Anchieta parte em um navio do genovez Francisco Adorno. Veleja para Ubatuba, que naquelle tempo se dizia Iperoig. Quando o barco se approximava da costa, estava ella coalhada de gente feroz embravecida... Parecia um *meeting!* (*Riso.*) Tomam os indios canoas e dispõem-se a aggredir o navio de Anchieta. O *frade estrangeiro* aparta-se dos seus e apresenta-se sósinho. Como arma unica, eleva bem alto o Crucifixo, a imagem do sacrificio resignado, ensinando aos homens todas as resignações no sacrificio. Diante desse homem, tão sereno em sua fraqueza corpórea, hesitam as coleras mais impetuosas. Consente-se em ouvil-o, o que já era meia victoria para a causa da boa razão. Ouvem-n'o. Celebra-se o armisticio. Confiado na lealdade daquelles filhos da natureza, o padre deixa-se levar por elles, e entre elles permanece como refém. Tamanha coragem subjuga, conquista a admiração dos bravos; tamanha doçura angaria a affeição dos mais desconfiados. Celebra-se, finalmente, o pacto... Estava frustrada a machinação dos novos invasores, estava salva a incipiente America Portugueza. Para tal fim, em nossos dias, ter-se-ia mandado um diplomata, ou, peior ainda, um general com seus soldados — e o sangue houvera corrido. Então mandou-se um religioso e tudo se pacificou. Confessae, senhores, que este *frade estrangeiro* não pouco fez pela causa de Portugal e do Brasil! (*Applausos.*)

Não foi tudo. Quem hoje passa pela praia de Santa

Luzia vê um edificio notavel, o Hospital da Santa Casa da Misericordia. Quaes os primordios da instituição que hoje alli tem o seu principal estabelecimento, nos refere, no seu *Sanctuario Mariano*, Frei Agostinho de Santa Maria. São poucas linhas, permitti que vol-as cite : « Pelos annos de 1582 (diz o chronista) se entende teve principio a Santa Casa da Misericordia do Rio de Janeiro, ou poucos annos antes; porque neste anno chegou áquelle porto uma armada de Castella, de que era general Diogo Flores Baldez. Com os temporaes padeceu esta armada muito, porque lhe adoeceu muita gente. Achava-se naquella cidade o veneravel padre José de Anchieta, visitando o collegio que alli teve a companhia, fundado no anno de 1567. E como o veneravel padre José de Anchieta era varão santo, levado da caridade, tomou muito por sua conta a cura e o remedio de todos aquelles enfermos, dando traça como se lhes assignasse uma casa, em que pudessem ser curados todos e assistidos — entendendo muitos que então tivera principio a Casa da Santa Misericordia, que hoje é nobilissima. » (Op. cit., vol. X.)

Em Iriritiba, que depois foi Benevente, e hoje tem o nome de Anchieta, falleceu este religioso estrangeiro a 9 de Junho de 1597. Ha sete annos, em 1896, fizeram-se em S. Paulo preparativos para uma brilhante festa de tricentenario. Celebraram-se bellissimas conferencias, em que luziram estremados engenhos... Mas a festa não teve, valha a verdade, o esplendor que fôra de esperar. Sobre o tumulo do santo catechista esparziram-se aquellas flores litterarias, e foi tudo. As grandes procissões civicas, as apotheoses enthusiasticas e estrondosas, minha patria hoje as reserva, não para os que consolam, mas para os que encarceram, não para os que doutrinam,

mas para os que fuzilam e degollam... (*Sensação.*) Mas não importa, passemos a outro frade.

Este é ainda do mesmo seculo, e tambem estrangeiro. Nasceu em Medina del Rio Secco, localidade proxima de Salamanca, na Hespanha, em principio de 1498. Chamou-se frei Pedro de Palacios.

Tendo entrado para o convento de S. José dos Reformados, em Castella, passou depois para o recolhimento da Arrabida, em Portugal. Neste velho reino — e naquella época — não predominavam certos proconceitos muito em voga neste seculo das luzes. Ninguem lançou em rosto a Pedro do Palacios o não ter nascido em terras de Portugal. Esteve em Lisboa, ao serviço da enfermaria, e lá operou verdadeiros prodigios de caridade; porém mais difficeis misteres lhe tinha reservado AQUELLE que tudo conhece e sabe medir as nossas aptidões.

Em 1558 os habitantes da villa do Espirito Santo, no Brasil, viam desembarcar um religioso capucho. Era Frei Palacios. Sabeis como se compunham os grupos de emigrantes para a colonisação do Brasil. Aventureiros da peior especie, ineptos ou viciosos, que absolutamente não podiam fazer carreira na patria, soldados brutaes, mulheres de vida airada, galés, a cupidez e a lascivia, a boçalidade e o crime pejavam as náos que do velho reino se endereçavam á nascente colonia. Foi com esta escoria da população que se teve de haver o frade recem-chegado. Elle vinha, pescador de almas, procural-as no pégo do gentilismo, e achou-as logo, no littoral, naquelle triste nucleo de christãos deschristianisados. — « Não! teria elle dito; vamos a estes primeiro. Os outros, ao menos, poderão um dia allegar perante o SUPREMO JULGADOR a ignorancia invencivel na sua misera condição : mas esses a quem foi prégado o Evangelho e que escandalosamente o postergam! esses que foram baptisados e que vivem

afundados no tremedal de todas as torpezas! Vamos a estes primeiro... » E foi, senhores, e de tal escoria, refundida no crysol da religião, soube fazer almas novas; reformou os costumes, debellou os vicios, ensinou áquelles degradados o caminho da outra patria, mais alta e mais bella, a patria celestial. Eis a missão deste *frade estrangeiro*, e não podeis dizer que foi pequena.

Deram-n'o como fundador do convento que alteroso se ergue sobre o monte da Penha, á margem meridional da bahia do Espirito Santo. Na gruta que demora junto ao sopé do monte, mão piedosa modernamente gravou uma inscripção, indicando que alli foi a primeira habitação de frei Palacios; e accrescenta haver elle sido quem construiu o convento no alto do morro: « Mirum coenobium construxit vertice rupis. » Mas averiguações posteriores nos ensinam que a outros cabe a honra de ter erigido o bello edificio. Frei Palacios, porém, se não ergueu tamanha fabrica, edificou outros templos, e talvez mais bem acceitos do Senhor, corrigindo e moralisando os primeiros habitadores do Espirito Santo.

Em 2 de maio de 1575 (ou de 1570, como querem alguns), os colonos do Espirito Santo, dando pela falta do homem de Deus, que de quasi todos fizera um amigo e um filho espiritual, subiram á Penha, onde elle tinha construido, não o convento actual, mas uma simples ermida, e déram com o frade de joelhos, encostado ao altar, braços estendidos, mãos postas, olhos erguidos ao céo. Aguardaram muito tempo que findasse aquella extatica prece, — mas em vão. Estava morto... Estrangeiro em Portugal e no Brasil, tinha finalmente achado a sua patria verdadeira.

O processo para a canonisação deste operario de Deus foi, segundo creio, encetado. Então, como sabeis, o Papa manda inquirir minuciosissimamente de todas as circums-

tancias que possam alterar, pró ou contra, o conceito geral sobre os meritos do canonisando. « Advogados do diabo » chamam-se os que impugnam a canonisação, apontando falhas ou defeitos que invalidem a opinião da santidade... Pois bem! se no processo de frei Palacios lograssem ser ouvidos certos « advogados do diabo », como tantos entre nós existem *(riso)*, o defeito assacado seria este, infallivelmente : — não ter sido brasileiro nato... (*Riso.*) Mas eu espero, senhores, que a sabedoria inerravel do Summo Pontifice nunca faça do logar do nascimento uma condição de santidade.

Terceiro... terceiro, não, quarto « frade estrangeiro » se póde considerar um jesuita que teve por nome Antonio Vieira.

Nasceu em Lisboa aos 6 de fevereiro de 1608. Francamente, eu preferira que o local do seu nascimento houvesse sido, por exemplo, Guaratinguetá; mas não se póde discutir o que consta de irrefragavel documento : elle nasceu em Lisboa. Era, portanto, para os nativistas do seu tempo, um « estrangeiro », ou, peior ainda, um « jesuita ». Dous monstros *in carne una!*

E que fez elle?

Catechista entrou pelos sertões a dentro, conquistando para a christandade muitissimas tribus do gentio brasilico; homem politico, foi o braço direito do seu soberano, e propoz medidas e angariou recursos para a expulsão do Hollandez, que tinha empolgado o norte do Brasil: prégador, eclipsou os mais distinctos e, na finura dos conceitos, bem como nas audacias do estylo, subiu tão alto que ainda nenhum se lhe approximou; prosador emerito, delle se póde com justeza dizer que fixou a syntaxe vernacula, assim como fixara Camões o lexico portuguez.

Pelo que diz respeito ao nosso Brasil, senhores, é im-

possivel fazer a historia do seculo decimo setimo sem repetidamente encontrar Vieira. Direi mais : o vulto deste *padre estrangeiro* enche todo esse periodo no Brasil; e, por isto, optima prova de criterio deu o nosso Instituto Historico e Geographico, quando na secção consagrada, em sua *Revista Trimensal*, para registrar as biographias dos — *Brasileiros* distinctos por lettras, armas, virtudes, etc. — em o numero de taes compatricios incluiu Antonio Vieira, publicando um resumo da sua vida á pagina 229 do 6° volume.

O que mais particularmente nos interessa na vida de Vieira, é, senhores, o santo amor que sempre dedicou á catechese e á liberdade dos indios. Os brancos effectuavam pelo amago do paiz correrias em que aprisionavam e reduziam a captiveiro os profugos selvagens. Arrancavam-lhes as mulheres e as filhas, matavam as crianças, e dos homens validos faziam, á força de pancadas, servos para os trabalhos ruraes. Era a escravidão debaixo da fórma mais odiosa. A nossa historia colonial está cheia desses horriveis attentados, eterna vergonha do homem civilisado, macula indelevel na conquista do continente pela intrepida iniciativa dos nossos avós. Pois bem, senhores, foi contra esta ordem de cousas que se ergueram os jesuitas e á frente delles o famoso Vieira.

Sabeis qual a magnitude da sua obra? Que nol-o diga um dos seus mais conceituados biographos. Depois de citar os missionarios que Vieira distribuiu pelas diversas estancias ou aldeias, explica elle :

« Estes são os filhos de Santo Ignacio, que de dous, em dous como os discipulos de Christo, se apostaram a levar, por aquella inculta região e barbaridade cega, os resplendores da doutrina e da fé. Depois, pelas occurrencias do tempo, teve, em parte, alguma mudança este systema. O espaço desta campanha de norte a sul (aqui chamo,

senhores, vossa attenção) é de mais de quatrocentas leguas por costa; as christandades e aldeias que nellas se contavam, eram cincoenta e quatro; as almas, mais de duzentas mil. Não se contém nesta resenha com estancia determinada, porque queria estar em todas, o capitão e cabo de todos, o padre Antonio Vieira; porque, disposto primeiro o seu exercito para a parte do norte, isto é, do Maranhão até ao rio dos Amazonas, reserva-se para passar ao sul até á Fortaleza do Ceará, que são os dous termos do Estado, e ainda revolvia no animo mais comprida jornada. » (André de Barros, *Vida do padre Antonio Vieira*, pagina 117 da edição lisbonense de 1858.)

Eu vos pergunto, senhores, onde actualmente os planos de civilisação dos indigenas, os quaes com este se possam comparar? O nativismo, que tão vesgos olhos lança aos estrangeiros, nossos auxiliares em religião, deveria olhar para isto e chamar a si a magna tarefa da catechese. Não é logico que, sendo para elle essencial requisito o haver nascido no Brasil, á sua triste sorte abandone tamanho numero de brasileiros natos, de que, pelo menos, se poderiam fazer magnificos eleitores, soberbos oradores de *meetings* e até ministros do Supremo Tribunal. (*Hilaridade.*)

E os srs. positivistas, tambem, porque não se entregam a essa nobre missão? S. Francisco Xavier e S. Ignacio de Loyola figuram no calendario de Augusto Comte, a 22 de S. Paulo, que é o sexto mez do anno... O que vemos, porém, é que os missionarios dessa grei, em vez de se atirarem ás privações, ás intemperies, aos perigos. como os prégadores catholicos, fazem questão de dinheiro para se estabelecerem em uma basilica, e com pingue dotação garantida. Eu bem quizera contemplar o bispo positivista do Rio, sósinho, ou com dous ou tres companheiros, a trabalhar pela catechese nas florestas de

Goyaz ou Matto Grosso. (*Riso.*) Eu sentiria que de suas palavras não pudesse brotar a luz do Evangelho, mas em todo o caso lhe respeitaria a sinceridade... Tal, porém, não succederá, senhores; os propangadistas do comtismo preferem ir para a capital da França, Paris, centro de todas as mundanidades e prazeres. (*Approvações.*)

E já que tocamos neste assumpto da catechese, preciso é reconhecermos que o não muito que existe, absolutamente não tem cunho nativista, porque é fructo dos esforços e da corajosa dedicação de frades estrangeiros.

São Dominicanos estrangeiros os que ora catechisam nas margens do Araguaya, em territorios do Pará e de Goyaz. Fundaram alli a colonia da Conceição do Araguaya, nucleo de mais de quatro mil pessoas; mantêm dous collegios, um internato de cincoenta meninos, e um externato para numero indeterminado de meninas, dirigido este pelas Irmãs Dominicanas, que alli são mestras e exemplares de recato feminil.

Estrangeiros tambem são os Salesianos que trabalham em Matto Grosso. Ainda hoje, neste mesmo salão do Circulo, mostraram-me uma photographia de catechumenos matto-grossenses. No meio delles estava o catechista, não um positivista de fraque, mas um homem de batina, de physionomia calma, placida, com a serenidade que dá a consciencia do dever, e tendo ao peito a sua, a nossa Cruz — a Cruz, seu e nosso emblema, seu e nosso estandarte, seu e nosso programma.

Estrangeiros ainda, os Franciscanos dos sertões de S. Paulo e do Maranhão, nas celebres missões onde o lucro que colheram foi o saque, foi a tortura, foi o martyrio, na espantosa matança de que tanto fallaram os jornaes... Por toda a parte encontrareis o rasto de sangue

dos catechistas... E que ingratidão, senhores, o pisal-o com odio, porque seja o do estrangeiro! (*Sensação.*) Elle foi derramado pelo nosso CHRISTO e pela nossa patria! (*Applausos.*)

Prosigamos, porém... A *mais comprida jornada*, de que fallava André de Barros nas palavras que vos li, não chegou infelizmente a realizar-se. Prohibidas que foram as *entradas livres*, enfureceram-se os colonos e arderam em furias contra os jesuitas.

Entradas livres! Notae bem, com que artificios de linguagem sabe o demonio colorir as suas negras idéas. O que o colono do Maranhão pretendia, era isto : fazer *entradas livres*. O jesuita empecia-lhes esta *liberdade*... Logo era o jesuita o inimigo da liberdade, o elemento anti-liberal e abominando. Considerae, porém, qne a *entrada livre* era a incursão em procura de miserrimos escravisandos ; era a lascivia a pascer-se nas mulheres, era a ferocidade a cevar-se nos homens. O que elles queriam, esses colonos do Maranhão, era a liberdade de entrar abusivamente pela propriedade e pela segurança dos outros. Nem tal vos admire, senhores. Em nossos dias, agora mesmo, ha quem pugne pela « liberdade de reunião », tal como lá a entendem elles. E como é que a entendem? Como a liberdade de reunir desvairados, açular-lhes as paixões, apupar os jornalistas que não propugnam os seus erros, escalar mosteiros, e, cem contra um, perseguir homens inermes! Os « meetings » de hoje são primos co-irmãos das « entradas livres » de hontem. (*Applausos.*)

Não podendo, portanto, os do Maranhão, tolerar as represas que lhes punha Antonio Vieira á cobiça e á incontinencia, cercaram os padres no seu collegio ; tiraram n'os de lá no meio de apodos e injurias ; arrastaram-n'ospelas ruas e obrigaram-n'os a embarcar sem o con-

forto que exigiam a dignidade sacerdotal, os muitos serviços que taes homens tinham prestado ao Brasil. Senhores, tudo isto nos parece cruel, selvagem, absurdamente bestial; mas outra não é, atravéz dos seculos, a longa historia do apostolado catholico. E, se dispostos vos achardes a um movimento de orgulho, acreditando viver em época de maior tolerancia, lembrae-vos do que entre nós succedeu, ha dias, quando monges veneraveis pelo seu saber e pelas suas virtudes foram coagidos, de noite, e sob a imminencia da morte, a deixar o seu cenobio, asylando-se á sombra protectora do palacio archiepiscopal. Hoje, como sempre, a liberdade é o motte, é o pretexto, é a fallaciosa divisa, — mas a realidade é a perseguição contra os que, desbravando os caminhos de Deus, encontram e têm que desalojar a serpe do interesse.

Não acompanharei, senhores, o padre Vieira em todos os incidentes da sua longa existencia. Para isto fôra mister não uma, porém muitas conferencias. O que fica dito, é o essencial, e aqui não posso senão esflorar os assumptos, receioso de fatigar-vos. (« *Não, não* ! »)

Urge apressar-nos, — e, observando que até agora só tenho fallado de franciscanos e jesuitas, passarei a lembrar alguns benedictinos. Nisto, aliás, vou seguindo a ordem dos factos. Como bem adverte frei Jaboatão, em seu *Novo Orbe Seraphico Brasileiro*, os primeiros trabalhadores da obra celestial, em terras do Brasil, aquelles que Deus nos enviou á hora de prima, *primo mane*, ao romper do dia, foram os franciscanos; vieram depois os jesuitas, e só mais tarde os benedictinos, ordem mais repousada e sapientissima, e assim destinada para a colheita dos fructos, de que os outros já tinham lançado as sementes. Ora, senhores, bem é que o saibaes, nesta meritissima Ordem Benedictina antigamente não se fazia questão de nativismo.

Uma das glorias — e tantas são ellas! — da Ordem Benedictina no Brasil é d. frei Antonio do Desterro, que nasceu em Portugal, em Vianna de Lima, no dia de S. Antonio, 13 de junho de 1694. Já era Bispo de Loanda quando veiu para a Diocese do Rio de Janeiro, onde na lista dos prelados occupa o sexto logar...

Foi homem de tão distinctas qualidades que dos contemporáneos mereceu o titulo de *mestre dos bispos*. Governou vinte e sete annos esta afanosa diocese, cingindo a mitra cujos pungentes espinhos v. ex. revma. tão fundamente está sentindo; e á maior severidade no tocante á correcção dos costumes soube alliar maxima caridade para com os infelizes.

Regularisou o assentamento de baptismos, casamentos e obitos, e obrigou os parochos ao ensino da doutrina christã por espaço de meia hora, pelos menos, antes da missa dominical. Mitigou o soffrimento dos escravos, interpondo-se entre elles e seus senhores, e inspirando a uns o sentimento da obediencia e aos outros o da commiseração. Prohibiu o enterramento dos negros em logares não sagrados, como até então se costumava fazer — e assim praticamente deu aquella sabia lição da perfeita egualdade humana ante as formidaveis barreiras da morte. Foi elle quem legou á mitra a Quinta do Rio Comprido, onde hoje se acha o Seminario de S. José. Finalmente, quando morreu, aos setenta e nove annos de edade, em 1773, immensa foi a tristeza dos fluminenses.

Era portuguez da gemma, senhores, pelo nascimento, e, todavia, o dr. Joaquim Manuel de Macedo, meu finado mestre, filiado á escola politica liberal e que com muitas cousas certas me ensinou tambem algumas erradas (*riso*) sobre historia do Brasil — o dr. Macedo não hesitou em incluir d. frei Antonio do Desterro entre os nossos

compatriotas illustres no seu « Anno Biographico Brasileiro. » Esta publicação, como não ignoraes, foi escripta para figurar na Exposição de Philadelphia, em 1876, e alli dar idéa do adiantamento moral e intellectual da nossa patria, tão opulenta de homens ilustres que podia apontar um em cada dia do anno. Perfeitamente : e Macedo, nessa galeria nacional, abriu espaço para o « frade estrangeiro », que ao Brasil consagrara tantos annos de actividade no bem fazer. Elle lá se acha no artigo correspondente á data de 13 de junho, dia do seu nascimento. Era assim que alguns annos se comprehendia o patriotismo. (*Muito bem!*)

Outro exemplo — e na mesma Ordem — é aquelle benemerito francez, que no seculo se chamou Camillo Cléau e no claustro frei Camillo de Montserrate. Este é dos nossos dias. Muitas das pessoas que neste salão se acham, pódem tel-o conhecido pessoalmente.

Nasceu na cidade de Paris, em 1818. Era (diz-se) filho natural do inditoso duque de Berry, e tomara o nome da familia em cujo seio achou abrigo. Não me proponho aqui fazer-vos a sua circumstanciada biographia, que foi objecto de acuradissimo estudo do illustrado sr. barão de Ramiz. Basta assegurar-vos que foi homem erudito e de vida pura e laboriosa. Em França, não se resignando á carreira de advogado, ou de tabellião, a que o destinavam, applicou-se a estudos de alta litteratura e principalmente de archeologia. Trabalhou como secretario de Letronne, um dos mais famosos archeologos do seu tempo. Conhecendo, afinal, o triste segredo do seu nascimento e desavindo-se com a sua familia de adopção, veiu para o Brasil em 1844, quando contava 26 annos de edade; a 2 de outubro de 1847 era promulgado o decreto da sua naturalisação, e a 12 de novembro do mes-

mo anno entrou como noviço, fazendo profissão de votos no 1º de janeiro de 1849.

Ninguem lhe estranhou que tivesse nascido em França; ninguem lhe atirou em rosto o labéo de *frade estrangeiro*. Entrou para a Ordem Benedictina e logo lhe aproveitaram as especiaes aptidões, encarregando-o de reorganisar a bibliotheca do mosteiro.

Mais ainda, senhores : o governo imperial, julgando que ao recondito do cenobio não se deveram limitar os serviços do illustre monge, em 1850 o nomeou professor da 2ª cadeira de geographia e de historia do collegio de D. Pedro II. E com que termos, senhores, naquelle tempo se acolhia e honrava o *monge estrangeiro!* Era inspector geral da instrucção publica o sr. Joaquim Caetano da Silva, valente restaurador do nosso direito na secular questão de limites com a Guyana Franceza, autor da obra monumental *L'Oyapoc et l'Amazone*, trabalho de tão elevado merito que, quando o sr. barão do Rio Branco propugnava a nossa causa, acertado julgou incluir, por extenso, o livro de Joaquim Caetano na memoria comprobatoria do bom direito brasileiro... Pois, senhores, o dr. Joaquim Caetano, communicando a Frei Camillo a nomeação que este não solicitara, usou das seguintes palavras : « Felicito-me com este collegio pela preciosissima acquisição que faz na pessoa de Vossa Senhoria Reverendissima, »

Pouco depois, e indo, sempre solicito, ao encontro do saber e da virtude, o finado Imperador, o sr. D. Pedro II, de gloriosa memoria, nomeou Frei Camillo bibliothecario da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, cargo de que elle tomou posse em 1853, que exerceu dezesete annos, até a sua morte, em 1870, e no qual teve longo ensejo de patentear todos os bellos dotes da sua poderosa intelligencia.

Com estes factos, que ligeiramente rememoro, uma cousa se prova, meus senhores : que o odio ao estrangeiro não é uma tradição, mas antes modernissima anomalia na Ordem de S. Bento, e cá fóra entre seculares. Foi preciso que se escancarassem as portas da nossa nacionalidade pela naturalisação tacita e quasi obrigatoria, para que se venha agora agitar nas ruas, como um facho demagogico e incendiario, essa distincção de brasileiros natos e naturalisados, fazendo-se do local do nascimento um motivo de suspeição e de odio! (*Applausos.*)

Descendo pela série dos tempos eu vos peço, senhores, que em pensamento nos transportemos aos campos de batalha do Paraguay. Alli, na confusão dessa tremenda luta, nas linhas de fogo varridas pela fuzilaria nas ambulancias mal seguras das granadas homicidas, não raro, no mais acceso dos combates, entre o relampear do ferro e a caligem da fumaça, alguns homems vericis occupados em levar conforto aos feridos e o perdão de um Deus misericordioso ao soldado arquejante e moribundo. No enthusiasmo do seu piedoso dever, esses homens, sublimes na sua temeridade, nem cuidavam dos perigos que de todas as partes os ameaçavam; e diante delles, por onde quer que passavam, abatiam-se as espadas, desviavam-se as bayonetas, como que pezarosas da sua missão de morticinio. (*Muito bem!*) Occore-me o nome de um desses homens : chamava se Frei Caetano de Messina; era o outro Frei Fidelis d'Avola. O governo imperial, não podendo pregar-lhes ao peito o distinctivo dos bravos, deu-lhes honras de coronel. Sob o regimen da Republica, Floriano Peixoto, que, apezar dos seus desvairos e crimes, tambem foi soldado valoroso, elevou-lhes as honras do posto ao generalato. Mas esses homens, senhores, não eram brasileiros natos; tinham nascido ambos na Italia : eram *frades estrangeiros* (*Applausos.*)

Vamos adiante. Estamos quasi chegados aos nossas dias. Quando um finado Bispo desta diocesse, o sr. conde de S. Agostinho, deliberou concentrar na casa do Rio Comprido os dous seminarios, o maior e o menor, foram dispensados do exercicio do magisterio os padres lazaristas, que no largo da Mãe do Bispo tinham até então servido.

A um delles conheci muito, era o padre Hehn. Nascêra em 1848, na Allemanha, naquella antiga cidade de Koeln, ou Colonia, patria de S. Bruno, creador das austeridades da Cartucha. Veiu para o Brasil em 1873. Regeu cadeiras de philosophia, theologia e outras materias no seminario de Diamantina e aqui no do Rio. De suas illibadas virtudes dá prova o facto de o ter escolhido para seu confessor D. Pedro Maria de Lacerda, Bispo desta diocese, em cuja timida consciencia parece que com a santidade recresciam os temores do demerito. Em poucas palavras: era o padre Hehn um homem de saber e de bem, na mais completa accepção da palavra.

Dispensados os seus serviços pedagogicos, para onde pensaes que foi elle? Para a Europa onde tinha familia? Não — que outra e mais chegada familia lhe deparava a Providencia. Foi trabalhar como capellão no Hospital da Misericordia.

Manejava este padre, com rarissima pericia, muitissimos idiomas. Ao hospital affluem, como sabeis, individuos de todas as nacionalidades, naufragos que batidos pelo tufão da desgraça alli chegam de todas as partes do mundo. Que tristeza, naquellas extensas enfermarias, onde tantos de vós haveis estado, ou levados pela caridade ou pelo dever profissional, — que tristeza para o enfermo arredado de seu paiz, em não encontrando, longe delle, quem lhe entenda a lingua e lhe faculte a troca de pensamentos! Ser comprehendido é meia con-

solação. Por isto junto á cabeceira dos enfermos se multiplicava o padre polyglotta. Um dia succumbiu-lhe o organismo ao insulto de uma dessas violentas pyrexias que a sciencia baptisa com mil nomes, mas que para aquelle batalhador foi o termo e a corôa dos combates... Morreu em 1893. Ao seu leito de morte aproximou-se um amigo obscuro, curvou a sua fronte de peccador, implorando uma benção; e daquelles labios prestes a cerrarem-se ouviu uma phrase como esta: « Morro feliz porque trabalhei pela nossa religião e pela nossa patria. » Nossa patria! Era o Brasil, patria nossa e tambem delle, do « padre estrangeiro. » (*Muito bem!*)

Eu receio, senhores, offender respeitaveis susceptibilidades, quando não eu vos monstraria, sem sahirmos da benemerita Congregação da Missão, esse veneravel padre Julio Clavelin, francez de nascimento, mas honra do nosso magisteiro, gloria e modelo do nosso clero (*Muito bem!*) — o padre Clavelin, que de serviços á educação da mocidade conta cerca de meio seculo — e tão venerando, sob a sua aureola de cabellos brancos, que eu sempre lhe beijaria as mãos, si acaso m'o permittisse a sua modestia, para lhe agradecer o muito que tem feito pelo nosso Brasil. (*Applausos.*)

Mas por não tratar sinão dos mortos, senhores, consenti que vos conduza á beira de dous tumulos recentemente fechados... Um delles é o daquelle optimo padre Lourenço Rossi, da Sociedade de Jesus, — um *estrangeiro* tambem — mas que no Brasil fundou o collegio Anchieta e, poucos dias antes que a morte o salteasse no meio de nós, ainda nos prestava o auxilio de sua abençoada intelligencia para o generoso tentamen de uma Academia de Commercio. (*Muito bem!*)

O outro tumulo, senhores, cerrou-se, ha poucos dias, sobre os despojos mortaes do irmão Jules Andronic. A

instancias do nosso amado Arcebispo vieram elle e outros irmãos maristas dirigir o collegio diocesano de S. José. O irmão Andronic trabalhou muito, mais do que comportava a sua compleição, robusta na apparencia, mas grandemente combatida pela acção do clima. Em menos de tres dias adoeceu e morreu. Os thesouros que entre nós roubou, couberam todos no humilde esquife que do hospital da Gambôa o levou ao cemiterio... (*Sensação.*)

Estou cansado, senhores, de citar-vos padres, frades, congregados estrangeiros, que têm sido amigos e bemfeitores do Brasil: — e, em contraposição, eu desafio quem quer que seja a me apontar qual o « frade estrangeiro » que ao Brasil tenha vindo locupletar-se com dinheiros da Egreja, e nova harpia dos altares, arrebatar as riquezas do culto para opulentar a si ou á sua familia! (*Muito bem*)! Nomes, datas, factos — tenho o direito de exigil-os, e desdenho essa vã declamação que apenas pode embair os papalvos desoccupados! (*Applausos*).

Demais, senhores, os que têm propensão e gosto para exclusivismos nativistas, pelo menos devem ser logicos, e dos seus principios derivar todos os consectarios.

Aos que me dizem que todo frade, padre ou congregado, é um perigo, uma abominação, um monstro, eu comprehendo: elles são francamente do partido de Satan contra a Cruz... Mas se me dizem que o inimigo não é o frade, em geral, mas só o « frade estrangeiro », bem vêdes que a questão muda de face, e que deixa de ser anti religiosa para ser propriamente nativista, « jingoista » ou «boxer». Neste caso, porém, eu não sei porque só contra os frades se deva irritar essa disforme hypertrophia do patriotismo.

Em verdade eu vos pergunto: admittida, de facto, a separação da Egreja do Estado (de facto, porque eu nunca a admittiria em principio, como fazem mal-avi-

sados catholicos) admittida tal separação, — que é que mais póde influir na mentalidade nacional, o frade, o homem da Egreja, ou aquelles que mais directamente collaboram na opinião e na vida politica e social do paiz?

Seria, pois, preciso, senhores, que a propaganda que eu combato arvorasse como bandeira a eliminação dos principios constitucionaes que, para todos os effeitos, menos para a eleição aos cargos de presidente e vice-presidente da republica, não estabelece distincção entre brasileiros natos e naturalisados.

Seria preciso arrancar da nossa historia algumas de suas paginas mais fulgorosas, e privar-nos agora de valiosos companheiros. Deveriamos entrar pelas confrarias e ordens terceiras e dellas expellir, pela arruaça, os honrados portuguezes, que tanto contribuem para o esplendor do culto e a caridade hospitalar. Entráriamos, outrosim, pela Academia das Lettras, e a Filinto de Almeida, brasileiro naturalisado, teriamos de bradar que, portuguez, não lhe cabe a honra de sentar-se ao lado de Lucio de Mendonça, o nativista (*Muito bem!*). Nos annaes da nossa administração delir-se-ia, por exemplo, o nome de um Calogeras, que era grego, nos do magisterio, a memoria de Tautphoeus, um allemão; nos do parlamento, os feitos de um Abaeté, portuguez, e até mesmo os do segundo José Bonifacio, que viu a luz do dia em Bordéos...

Que digo, senhores? Teriamos de apagar, por tal processo, luminosos trechos da nossa historia militar. Sem amesquinhar os meritos pessoaes do sr. marechal Mallet, ex-ministro da guerra e a quem tive a honra de ter por mestre, posso dizer que boa parte da sua notoriedade vem do glorioso guerreiro que foi seu pae. Ouve-se ainda em torno do nome de Mallet o temeroso estrondar da artilheria-revólver que espedaçava as hostes inimigas

em Tuyuty... Mas, senhores, o pae do nobre ex-ministro da guerra nasceu em França, era um « militar estrangeiro ».

E em nossa gloriosa marinha? Greenfell era inglez; Joaquim José Ignacio, visconda de Inhauma, nasceu em Portugal... Que brilhante gloria, meus senhores, a da estupenda batalha do Riachuelo, da qual se derivaram todos os mais triumphos da campanha do Paraguay; Mas quem lá vemos no passadiço do « Amazonas » realizando aquelle temerario feito, só muito mais tarde copiado pelo admirante Teghetoff na batalha de Lissa? Francisco Manuel Barroso, depois barão do Amazonas — um portuguez de nascimento, senhores, e cuja glorificação, a predominarem estreitas idéas nativistas, deve agora cesar porque foi um « marujo estrangeiro »! (*Muito bem!*)

Accresce que, no sentir geral dos homens deste seculo, não ha poder moral mais efficaz do que a imprensa diaria, o jornalismo. O frade préga no templo aos que lá o queiram ouvir; mas o jornalista insinua-se na opinião de toda a gente, cria um ambiente moral que vos impregna sem que o sintaes, e ao qual mui difficilmente se resiste. Os meus amigos jornalistas, em quem posso dar de vez em quando uns piparotes, que elles não levam a mal, porque somos da mesma familia (*Riso*), os meus confrades sabem disto e todos os dias o apregoam. As locuções — « sacerdocio da imprensa, templos da opinião publica » — e outras quejandas já passaram á categoria de vulgaridades, de chapas, como se costuma dizer. Ora, eu não sei porque a taes sacerdotes não se deva applicar a regra nativista que ora se invoca contra os habitantes dos cenobios. (*Applausos prolongados.*)

No « Jornal do Commercio », onde trabalhei dez annos a autoridade suprema cabia ao dr. Luiz de Castro, não

o nosso excentrico collega wagnerista, mas seu illustre e pranteado pae. Era um brasileiro naturalisado, e todavia eu vos declaro que sabia dar á folha a direcção mais honestamente patriotica que ella tenha tido (*Approvações.*)

Não leio assiduamente o » Paiz » mas posso dar noticia de que durante a revolta, e mesmo depois, os artigos mais vehementes, mais inflamados, mais tetanicos em prol do florianismo, eram de outro portuguez, o sr. Salamonde.

Na « Tribuna » floreia agora o sr. Alcindo Guanabara. A este confrade conheço desde os seus mais tenros annos; e asseguro-vos que elle é feitura espiritual do velho F. Guilherme dos Santos, pae de um dos actuaes directores da « Noticia » e portuguez dos quatro costados, sob cuja inspiração fez o sr. Alcindo as suas primeiras armas no jornalismo, escrevendo convencidas paginas contra a abolição do captiveiro... Já vêdes que bem conheço o meu pessoal (*Hilaridade.*)

Finalmente, senhores, nesta negregada questão, os mais fortes inimigos do « frade estrangeiro » homisiam-se nas devesas e fraldas da « Gazeta de Noticias ». Optimamente ! Mas a « Gazeta » é uma creação de Manuel Carneiro e Elysio Mendes, ambos portuguezes ; e, o que mais é, o actual director da mesma « Gazeta », o sr. Henrique Chaves, (a quem quero muito bem) é um brasileiro naturalisado, isto é, um « estrangeiro », na linguagem dos propagandistas, a quem abre suas columnas de honra ! (*Muito bem !*) Por isto, quando todas as tardes havia *meeting*, eu tambem tive meus impetos de convocar um, bem nativista, bem jacobino, mas para depôr o Henrique Chaves. (*Hilaridade*).

Diante desta falta de logica, senhores, não ha receiar

o perigo de semelhante propaganda, porque ella se esborôa ao menor embate da logica.

Por minha parte, eu, que desejo, que solicito, que de braços abertos recebo toda coadjuvação do estrangeiro para a prosperidade material e moral da minha patria, não posso repellir a do religioso, cuja serena esphera de acção está muito acima dos tiros de nativismo.

O direito internacional, senhores, procurando definir a zona dos mares territoriaes, diz que aguas desta ou daquella nação devem reputar-se as que demoram em uma faixa cuja largura seja o alcance de um tiro de artilheria. Além é o oceano, immenso, patrimonio commum de todas as nações... Pois bem! senhores, permitti que ao mundo moral, eu applique esta regra do direito. A alma humana, nas suas cogitações terrenas, é como o navio que costeia o littoral de um paiz: navega em aguas territoriaes. Quando, porém, á semelhança da nave que desfralda as brancas velas, ella toma os seus grandes vôos, os surtos da prece, demandando o infinito — oh! então não mais existem direitos territoriaes: estamos em meio do oceano, no oceano religioso, e postos entre o abysmo que nos reclama e o céo que nos protege! (*Applausos*),

Em religião, senhores, não distingo patrias ou nacionalidades. O meu Deus, o meu soberano e bemdito Jesus, não é um brasileiro: é um judeu. Todas as noites, neste mez de maio, eu e minha familia nos ajoelhamos diante de um altar enflorado e cantamos os louvores de uma hebréa, — Maria Santissima. O cabeça visivel da minha egreja não é brasileiro, é agora italiano, Sua Santidade Leão XIII... E o que profundamente deploro, meus senhores, é que em me pegando esta molestia de nativismo, e quando eu queira tomar um patrono celestial consoante a taes idéas, muito

embaraçado me verei, por que não ha no calendario um santo brasileiro! (*Riso...*) Reconheço os louvaveis esforços de certo confrade no jornalismo para canonisar um presidente da republica, mas sem a decisão final de Roma, não posso prestar culto a nenhum *santo varão*. (*Hilaridade.*)

Basta, senhores, e já me peza ter, por tanto tempo, abusado de vossa attenção (*Não apoiados; continúe!*) Comprehendo a vossa bondade; está chovendo muito lá fóra... (*Hilaridade*). Mas vae adiantada a hora, e não tenho o direito de reter os que podem melhor empregar o seu tempo. Demais, tenho dito o sufficiente para deixar demonstrado o meu theorema, tão evidente, aliás, que é quasi um axioma da religião do amor e da fraternidade universal.

— Sim, da fraternisação universal. Senhores, o christianismo tem sido o verdadeiro creador de todas essas liberdades modernas que a revolução pedantescamente préconisa como suas. Mais de um millenio antes de se proclamar a famosa « liberdade, egualdade e fraternidade » em terras de França, Jesus Christo havia ensinado que os homens são todos irmãos, e se somos irmãos, claro está que somos eguaes e que não nos podemos escravisar uns aos outros. A suppressão das fronteiras internacionaes é uma utopia na actualidade. Victor Hugo disse que anciava por que um dia não houvesse mais França, nem Allemanha, nem Inglaterra, mas os Estados Unidos da Europa. Era ainda mesquinho. Devêra ter dito — os Estados Unidos do Universo... Mas, senhores, este sonho ja está realisado pela nossa Egreja. O que cá fóra é simples miragem, uma nuvem rosicler, uma visão inattingivel, lá dentro reina e esplende como um principio vencedor.

Não foi á tôa, senhores, que o nosso Deus, tendo nas-

cido em uma baixura, em um estreito presepe, quiz
crucificado em um monte. Foi para que lá de cima n
amplexo amoroso, abrangesse a maxima parte da red
deza visivel. E nossa crença, senhores, ergue ainda m
alto a Cruz do SALVADOR, tão alto quanto o póde faze
nosso debil entendimento, para que dentro dos s
braços sacrosantos caibam todas as nações, congraça
na mesma Fé!

Clovis Bevilaqua

A SCIENCIA GERAL DO DIREITO SEGUNDO HERMANN POST (1)

O direito, sendo uma face da vida cosmica, desabrocha á tona da existencia sob um aspecto duplo; porque, conjunctamente, esponta na consciencia das agremiações humanas e na consciencia de cada individuo, que a reflecte como um lago reflecte as tintas do firmamento. E não é banal comparação rhetorica essa de que uso agóra, mas imagem que reproduz, com certa fidelidade, o facto que pretendo exprimir. Assim como o firmamento, que cobre uma determinada região, se reflecte nos lagos, nos tanques, nos charcos onde se agglomeram as aguas dessa região, similhantemente as consciencias individuaes de um meio social reflectem a consciencia juridica geral desse meio, ora extensamente ora em uma simples nesga minuscula; umas vezes limpidamente, outras vezes num espelho turvo de aguas limosas.

(1) *Juvistas philosophos*, Bahia, 1897.

Mas si o direito se manifesta sob essa feição dupla, forçoso é estudal-o seguindo os veios paralellos que elle vae creando na vida juridica da humanidade; um que se traduz nas idéas, nos sentimentos, nos varios modos de externação da consciencia individual, outro que se traduz pelos costumes juridicos, pelas leis, pelos codigos que se organisam entre os varios povos da terra; um que é intricado problema de psychologia, outro que é temeroso problema sociologico.

Uma sciencia geral do direito deve abranger, necessariamente, essas duas faces da externação da vida do direito humano, sendo, portanto, ao mesmo tempo, psychologica e sociologica (1), pois que tem, por objectivo, fixar todas as formas da manifestação da vida juridica humana, e a investigação das causas efficientes dessas manifestações.

Mas não ambiciona ella, de modo algum, seja empolgar a figura fugidia de um direito ideal, seja fornecer os elementos com que a philosophia juridica alcance esse resultado. Ao contrario, o espirito que lançar a vista sobre todas as formas juridicas que teem abrolhado e que ainda se alastram, em basta vegetação, pela face da terra, sentir-se-á para sempre curado desses tresvarios da imaginação, que não são outra cousa as concepções ousadas de um direito capaz de ser applicado a todos os povos. O que a sciencia poderá determinar, diz Hermann Post, é um direito natural para cada momento historico, deduzido da concepção dos homens de elevada educação juridica, que florescerem no seio de um certo povo, dentro dos limites de uma certa epocha; « mas esse direito natural significa somente um degrau

(1) *Ueber die Aufgabe einer allgemeinen Rechtswissenschaft*, Einl. p. 1.

no tempo, prompto a ceder amanhã seu lugar a outro (1) ».

A sciencia geral do direito vê desdobrar-se, deante de si, uma triplice ordem de investigações a realisar: Em primeiro logar, destaca-se o campo da consciencia individual; em segundo, o direito como um facto da vida social, isto é, em suas manifestações concretas de usanças e leis; em terceiro, o estudo da correlação entre a consciencia individual e o direito como regimen da vida social (2).

Vê-se claramente que, si sobre todas essas categorias diversas de investigações tem de apoiar-se a philosophia do direito, é com a primeira e a terceira que os seus contactos são mais intimos, havendo, muitas vezes, inevitaveis invasões reciprocas, da sciencia no dominio da philosophia e desta no dominio d'aquella. Entretanto a ordem menos explorada é a que necessariamente derrama jactos de luz mais intensa sobre as outras, é a do estudo das manifestações concretas do direito sob a forma de normas vigentes entre os varios povos da terra. Foi a ella que mais directamente se entregou o laborioso e potente espirito de Herman Post, accumulando documentos e preparando, pela analyse causal do direito — norma social, a elucidação dos outros aspectos pelos quaes a sciencia deve considerar esse phenomeno.

Estudando as normas juridicas pelo methodo historico e comparativo, foi destacando as affinidades ethnicas e juridicas, e chegou á concepção dessa modalidade especial da legislação comparada que denominou — *jurisprudencia ethnologica*, a qual consiste no estudo do dominio social do direito, mas que se não deve confundir com a historia do direito, porque esta, ainda que obedeça aos preceitos do methodo comparativo, se tem de

(1) *Op. cit.* p. 3.
(2) *Op. cit.* p. 4.

limitar a um grupo de povos, diz Hermann Post. Mas comprehende-se que esse grupo pode ser formado por todas aquellas nações que entraram com algum elemento para o patrimonio juridico da actualidade, por mais differentes, ethnica e culturalmente, que sejam. Uma historia geral do direito, partindo do homem prehistorico, deve atravessar as grandes civilisações antigas, desde o Egypto, Babylonia, India, Grecia e outras nações, antes de penetrar no mundo romano e germanico, para surgir nos tempos modernos. Assim o que distingue principalmente a jurisprudencia ethnologica da historia do direito, não é tanto a limitação do dominio desta, quanto o espirito de ambas. A jurisprudencia ethnologica, segundo a comprehendeu o inclyto jurista allemão, tem por objecto particular « aquellas normas e institutos juridicos que se repetem entre todos os povos da terra ; as variações dessas normas e institutos juridicos universaes com o seu desenvolvimento geral, segundo é produzido pela natureza peculiar de cada povo e pelas condições de sua existencia, não teem valor essencial, são somente os limites da variabilidade dos typos universaes ».

Essas normas e institutos geraes se movem dentro de circulos de organisação dos quaes dependem e com os quaes se acham em relação intima, porque o direito é — *uma funcção dos aggregados sociaes*, e sempre a humanidade viveu aninhada em aggregados sociaes.

. . . . . .

Através desses circulos de organisação, cada vez mais vastos e menos geraes, se manifestam e se agrupam as revelações da vida juridica, e estudar aquellas que se veem reflectindo e modificando por todos elles é a tarefa grandiosa e estupefaciente que é assignada á jurisprudencia ethnologica. Si é preciso ter coragem para

encaral-a desassombrado, é necessario ser dotado de uma extraordinaria energia mental para leval-a a fim. E foi essa vastissima construcção que levantou Hermann Post.

Mas, ainda assim, é o primeiro plano do magestoso edificio que constitue a sciencia geral do direito, segundo elle a concebeu e para cujo assentamento trabalhou emquanto vivo.

. . . . . .

NA HELLENIA (1)

Nessa noite, Crobylo teve um sonho extranho que lhe pareceu uma revelação.

Estava sentado sob um frondoso platano, em uma eminencia de onde se avistava, a um lado, o Pireu com as suas cabanas de pescadores, seus vastos armazens, suas extensas muralhas e os tres portos. Mais além a ilha Egina, que Pericles chamara a belide do Pireu, e o mar, vasto e azul, cortado por varios navios garbosos, cujos remos fendiam as aguas, unidos na distancia, num ompasso egual, similhando grandes aves marinhas a agitar as azas em demorado vôo á flor das aguas.

Sem que percebesse de onde viera, chega-se a elle Epicuro, com a mesma physionomia soffredora e nobre, o mesmo olhar doce e suavemente melancholico, e os labios encurvados pela mesma ironia fina que mais parecia effluvio de uma alma que soffre do que desillusão de um espirito que tudo sondou para tudo saber. Estavam sós. Epicuro pousou-lhe a mão no hombro e falou, numa voz persuasiva e acariciante.

— Buscas o repouso e a felicidade. E onde julgas que esteja a felicidade, e onde pensas que se esconda a paz do espirito, que é doce como um fructo sazonado? No

(1) *Phrases* e *Phantasias*.

prazer? Na volupia? No gozo fugitivo e vão dos sentidos? Aristippo e a eschola cyrenaica foram todos uns desvairados. Não afastes o prazer que te fôr deparado pelo mundo; mas colhe-o como quem colhe uma flor. Elle vem da natureza e foi ella que assim nos moldou a vida. Erigir porém a satisfacção dos desejos materiaes em principio fundamental de conducta, em base da moral, é um pensamento sujo que tresanda a vinho. O prazer physico, se é descommedido, exhaure e deixa um resaibo de fel; a volupia continua apaga o fogo da intelligencia, scentelha divina que nos destaca e eleva acima dos brutos e dos barbaros.

— Mas a religião? balbuciou Crobylo dominado mais pelo tom das palavras do que mesmo pelo que ellas significavam.

— A religião?... O philosopho teve um olhar mais condoido e uma ironia mais forte, porém uma doce ironia que não maguava. A religião?... Não atormentes os deuses com as tuas preces insensatas. Ephebos eternamente bellos, eternamente jovens, afogados na ebriedade de um gozo ideal, não podemos sequer imaginar que elles se rebaixem a se immiscuir com a nossa vida mesquinha que dilaceram as paixões e a duvida. Serenos e despreoccupados, elles vagam pelos intermundios, emquanto o lento curso das coisas se desdobra immutavel, impellido pela queda dos atomos en turbilhão.

— Mas a patria?

— Bella e nobre coisa é, por certo, servir aos seus, ser util á patria. Mas teriam sido felizes, Aristides banido, Themistocles, refugiado entre os Persas, Phocion, bebendo a cicuta preparada por aquelles mesmos a quem procurara servir, Demosthenes, suicidando-se no templo de Poseidon, na Calauria?... Não te descoroçoem estes exemplos, e serve a tua patria nobre

mente, como estiver em tuas forças; mas não supponhas que encontrarás ahi a felicidade. O favor popular é uma fonte inexgotavel de maguas e dissabores. O povo é inconstante e cruel; sacrifica, em uivos de colera, o idolo que adorara de joelhos no dia anterior. Que mortal foi mais endeusado pelos athenienses, do que Demetrio? E, no emtanto, que destino triste o seu!... Não procures o favor das turbas; segue impavido o teu caminho e deixa que a onda popular se espoje além, sem te arrastar no seu refluxo.

— E o que fazer? Onde beber, então, o goso que as almas procuram sedentas? Onde a felicidade? Onde a paz do espirito?

— Ha um vinho mais doce e mais delicado do que o que se extráe dos cachos da uva de Chio e que se bebe em taças lavradas. E' a practica do bem, é a virtude, a qual nos dá o gozo no momento actual, que passa rapido, e no passado, que subsiste pela revisão do que fizemos. Ninguem pode ser feliz sem ser justo! Existe um favor mais cubiçavel do que o da populaça de Athenas ou de qualquer outra cidade: é o da propria consciencia e o da consciencia dos que nos podem comprehender!

Colloquemo-nos acima do vulgo, sem despresal-o vaidosamente.

Libertemo-nos de suas inquietações crudelissimas e de seus temores infantis, creados pela ignorancia; mas não procuremos arrancar-lhe as illusões que lhe amenisam a existencia, uma vez que não é possivel inicial-o na religião da sciencia, que tem as suas provações como as outras os seus mysterios.

Envolvidos no sendal sereno da ataraxia que nos dá a contemplação das leis universaes da natureza grandiosa e vasta, da belleza ideal e da virtude, cortemos o cordão umbilical que nos prende ao mundo reduzido

de uma pequena cidade hellenica, e elevemos a vista mais ao largo, mais ao longe.

A suprema serenidade que só as almas superiores conhecem — eis a felicidade tangivel. O caminho que a ella nos conduz é essa necessidade faminta de conhecer o mechanismo da vida universal, alliada a essa outra necessidade de ser bom, de ser justo. Isto é a philosophia, é « a energia pela qual a razão conduz o homem á felicidade ». A philosophia é um rio de aguas claras e profundas, mas está longe, muito além, por traz de montes altissimos, de florestas rebarbativas.

O philosopho calou-se. E nesse momento assomou Telesippa, como se tivesse emergido do solo.

Tinha um sorriso victorioso aberto em flor na flor dos labios, e, arrepanhando um pouco a tunica que o vento do mar agitava, derramou a luz do seu olhar sobre as duvidas tormentosas de Crobylo. Fallou, radiosa: — Não rebusques mais nem desesperes. A felicidade sou eu! E' bem simples, podes crer: a felicidade sou eu. E, envolta em uma nuvem diaphana, trescalando myrrha, sorriu ainda, victoriosamente.

O philosopho, envolvendo os dois jovens no mesmo olhar compassivo, acenou com a sua bella cabeça de pensador, approvando:

— Amae-vos, disse, emquanto sois moços e a lyra de vossa alma tem vibrações para essa incomparavel ternura que transvasa dos seres quando se infloram para o amor! Amae, dissolvei o vosso ser em ondas de affecto! Sim, é isso. E' bem simples e é perfeitamente humano. Mas não esqueçaes a linha recta, e, sempre com os olhos fitos no alto, procurando comprehender a natureza e a vida, o real e o justo, segui o vosso caminho, unidos e felizes, desassombrados e inhesitantes.

. . . . . .

Coelho Netto

FIRMO, O VAQUEIRO

Sentados na soleira da palhoça, em face do verde campo, á hora vesperal em que os rebanhos recolhem, o velho Firmo e eu fumavamos, relembrando passagens alegres da vida de outr'ora.

Firmo era o meu companheiro quando eu ia passar as férias na roça. O que elle sabia de historias! e como as contava fazendo a voz enternecida e meiga para imitar as princezas que imploravam ou arremettendo com um vozeirão terrivel para que eu tivesse a impressão exacta do horrivel bradar dos gigantes anthropophagos. E não só historias dos livros, outras sabia que jámais em letras vira: a que descrevia a yara branca seduzindo o remador do Itapicurú e o conto do curupira, com que no bom tempo faziam cessar a minha impertinencia. Algumas eram inventadas por elle, diziam; outras o velho Firmo, vaqueano e andejo, aprendera por esses sertões de Deus por onde caminhara.

Andava pelos oitenta annos, mas quem o visse a cavallo, campo afora, não lhe daria de certo tanta idade. O diabo era o rheumatismó que lhe não deixava as pernas. No seu tempo ninguem levava a melhor ao Firmo do *Curral novo*. Raparigas que uma vez o viam montado no garboso *fabrica*, o laço em volta da cinta, a aguilhada firme sobre a coxa coberta de couro crú, perdiam-se de amor por elle.

Era um caboclo atirado, musculoso e rijo : grandes olhos negros brilhavam no seu rosto queimado pelos verões e os cachos do seu cabello rolavam-lhe pelos hombros largos.

Velho, embora, « ninguem lhe chegava ao pé sem muito geito » como elle mesmo dizia sorrindo com os seus dentes limitados, agudos como pontas de flechas. Apezar de alquebrado e enfermo andava com certa arrogancia e notava-se-lhe na voz, aspera e forte, o habito de commando.

Nos tempos de festa, quando vinham para a mesma eira moças do logar e moças de mais longe, Firmo saltava na roda, sapateando, rasgando na viola a *tyranna* dos campeiros, e quem ousava pegar no verso do caboclo?! As tabarôas morenas sorriam com os olhos fascinados e unidas desfaziam-se das flores para que o cantador pisasse sobre ellas... por isso o Firmo andava sempre de ponta com os companheiros e, mais de uma vez, o descante acabou varrido á faca; mas quem ficasse do lado do caboclo podia estar descansado — nunca fugiu de arrelía, fosse com um, fosse com mais.

Mãisinha, a velha mucama de casa, quando o via passar no caminho, curvado, pitando o seu cachimbo de taquara, dizia maliciosa :

— *Isso*, ahn! *isso* foi o diabo!

Firmo « vivia encostado no tempo de d'antes », a

saudade era o seu conforto. « Hoje em dia qu'é qu'a gente vê? má lingua e molleza só » dizia e citava os valentes d'antanho e mostrava as velhas gabando-lhes a belleza que a idade fanara : « Serapião, homem que nem o diabo!... Anna Rosa, essa curumba... foi mulata de dengue, era um motim aqui em cima por causa della. Philomena, com essa cara de peixe moqueado, teve o seu luxo e foi gente .. Eu tambem pisei duro, ora! » Firmo vivia das recordações. Passava os dias caminhando de um lado para outro, visitando as palhoças, ou á beira do rio para ver e ouvir as lavadeiras, quando se não mettia em casa a fazer bodoques para as crianças.

A' tarde sentava-se em um pilão quebrado, á porta da casa, e deixava-se estar inerte, os olhos ao longe: « Estava vivendo... » dizia quando eu lhe perguntava o que fazia alli sósinho. Estavamos, ás vezes, sentados juntos, elle a contar-me historias, quando nos chegava nitido e agudo o grito do campeiro. Firmo calava-se, um estremecimento agitava-o, os olhos dilatados recobravam o brilho antigo e punha-se de pé, devassando a paisagem triste, á luz do crepusculo.

De repente apparecia a nuvem de poeira annunciando o gado que chegava... uma mancha vermelha, uma mancha negra, outra e logo o magote, os bois juntos, emmaranhando os chifres; um mugia e outros mugiam levantando os focinhos, ou ferravam-se ás marradas, sendo ás vezes necessaria a intervenção do vaqueiro, que apartava os dois á ponta de vara. E a marcha aproximava-se morosa. Firmo ficava extasiado, acompanhando todos os movimentos da manada, inclinando-se para um lado, para outro, aspirando sofrego; de repente batia as palmas e juntava logo em seguida as mãos na bocca á guiza de portavoz, bradando :

— Eh! eh! eh cou! arruma! arruma! Eh! lou...

E ficava longo tempo excitado, a olhar. Não perdia uma só das peripecias e, se um touro espirrava, correndo aos galões pela campina, o velho entrava a bramar do outeiro, tão alto, tão alto, que as raparigas, que andavam na eira recolhendo a roupa ou soccando o arroz, paravam assustadas erguendo os olhos para o lado da palhoça do vaqueiro velho — mas ninguem o acommodava antes de ser laçado o boi fujão e quando o vaqueiro apparecia arrastando o animal laçado, Firmo suspirava baixinho:

— Ah! Nossa Senhora! meu tempo!

Foi pelo Natal que o vi pela ultima vez. Começavam os preparativos da festa, quando cheguei ao sitio. Nas casas dos escravos as velhas, á noite, ensaiavam as crianças. Na eira os rapazolas preparavam giráos; colhia-se o arroz novo para os presepes e de todos os lados, mal o sol fugia, começavam as toadas das cantigas ao *Deus Menino* e as falas dos infantes que figuravam no *Mysterio*.

Firmo estava doente, mal se podia mover: passava os dias na rêde. Subi, a vel-o, uma noite, justamente na vespera do grande dia: encontrei-o deitado, fumando, os olhos semi-cerrados.

— Eh! vaqueiro velho... Então, que é isso?!

— Estou derrubado, patrãozinho.

— Mas que diabo tem você?

— Molestia má, patrãozinho, e penso que desta feita me vou mesmo.

— Ora qual...

— Eu é que sei como me sinto, patrãozinho... Se até o *pito* me faz nojo...

— Pois eu preparei uma surpresa, que te vai fazer mais do que todas as *mezinhas* de mãi Tude. Quem está ahi fóra? adivinha!...

— Ah! patrãozinho, alguma alma boa... quem ha de ser?

— Raymundinho...

O velho sacudiu-se nervosamente na rêde, e voltando-se para o lado da porta, com um sorriso, perguntou:

— E onde está esse negro que não entra?

— Boa noite á gente da casa! disse da porta o cafuso.

— Entra, negro!

O cafuso, um codoense de fama, atravessou o limiar da porta:

— Então, tio Firmo, a febre pôde mais, heim?

— Sim, porque eu não vi quando ella entrou... quando não! Então, negro, que é que vamos fazendo?...

— Vim fazer a minha festa. Dizem que vão queimar fogaréos no *Curral novo*...

— Como vai Noca?

— Boa.

— E Anna? está na cidade, mais o pai?

— Hen, hen, affirmou o cafuso.

— Negro, você não vai d'aqui hoje. Ah! patrãozinho, vosmecê vai ver o que é um diabo. Negro, ajunta a madeira alli atráz da area...

— Está encordoada?

— O' damnado! Onde você viu viola de homem sem corda? e afinada. Ajunta.

O codoense agachou-se e apanhou a viola do vaqueiro e logo correu os dedos ageis pelas cordas.

— Passa p'ra luz, cafuso.

— Lá vou...

Sentou-se no centro da sala, cruzou as pernas, e tombando a cabeça gemeu a toada sertaneja.

— Anda com Deus.

— Lá vai; pigarreou e desferiu:

No coração de quem ama
Nasce uma flor que envenena.

— Eh! gritou o Firmo enthusiasmado, concluindo a quadra:

Morena, essa flor que mata
Chama-se paixão, morena...

— Pega, negro... não deixa o verso no chão!

De fóra, continuo e doce, vinha o côro longinquo das crianças em louvor de Jesus e, de vez em vez, reboava o mugido de um touro.

Quando o cafuso descansou a viola, Firmo disse da rêde com esforço, arrastando a voz fraca:

— Canta, canta mais, cafuso... Quem não tem Nosso Pai ouve a cantiga. Canta.

Era tarde quando desci o outeiro. Raymundinho lá ficou cantando.

No dia seguinte, á hora em que saia o gado, estava eu debruçado á varanda quando vi o cafuso que preparava o animal viajeiro:

— Raymundinho, como vai elle?...

De longe apontou para a palhoça:

— Sim.

O braço caiu-lhe, olhou-me algum tempo commovido; depois, saltando para o animal, levou o pollegar á bocca fazendo estalar a unha nos dentes: — A's quatro da manhã... Atirei um verso e disse, para bulir com elle: — Pega, velho! Não respondeu. Tio Firmo, mesmo velho e doente, não era homem para deixar um verso no chão.,. Fui ver, coitado...! estava morto. E deu de esporas para que eu não lhe visse as lagrimas.

Subi ao outeiro... Pobre Firmo! Lá estava no fundo da rêde, cercado de gente. Guardara o sorriso, morrera feliz, ouvindo os cantos do seu tempo e bem perto da casa o mugido dos rebanhos. E bem que choraram nessa noite os grandes bois, e diziam, entretanto, que elles

estavam louvando o Senhor Menino, chorando o companheiro é que elles estavam, os grandes bois que presentem todas as desgraças e que vêm a Morte passar, á noite, com a foice de rastro, atravez das campinas. Bem que choraram nessa noite os bois, de certo viram a Morte entrar na cabana de Firmo...

CEGA

I

A cabana, de reboco, colmada de sapê, ficava isolada n'um alto, entre viçosos cafeeiros de basta folhagem roçagante, aberta em saia. N'um cercado de céva o bacorinho coinchava, atolado na lama, focinhando regaladamente, O paiol, sob um alpendre de zinco, por onde trepava a ramada opulenta de um pé de maracujá, estava atulhado de espigas de milho e, na moenda tosca, d'entre os cylindros de madeira, pendiam bagaços esfarpados e resequidos de canna. Para um canto, o forno de barro erguia-se, alto como um cupim, sob a galhada protectora de uma velha mangueira.

Por entre os milhos, já seccos, gallinhas cacarejavam e um gato nédio dormia sobre a palha de café amontoada, como estrume, na raiz dos cafeeiros. Carreirinhos serpeavam por entre a plantação, levando ao mandiocal, á horta, á fonte, n'uma gróta recondita sombreada pelas samambaias e pelos inhames; outros subiam para o capoeirão frondoso, na lombada do outeiro, d'onde, á noite, desciam para a devastação da roça, pacas ariscas e tatús cavadores, onde ao amanhecer e á tarde nambús piavam tristonhamente e saracuras, aos bandos, levantavam a grita annunciadora das horas. Outra trilha,

aberta no meio da tiririca, descia para o tenro arrozal, n'um banhado, onde floriam aromalissimas e candidas açucenas; e mais largo, direito e limpo, o caminho que levava á estrada, em descida suave, toda marginada de laranjeiras e de limoeiros, até á cerca de espinhos que demarcava o sitio.

Para o fundo, num vallo angusto, o rio rolava por um leito pedregoso, salteado de rochas, em cujos dorsos, verdes de limo, fetos mimosos cresciam borrifados sempre pela garôa desprendida dos cachões espumantes da agua que se precipitava, aos gorgolões, de pedra em pedra, rumoroso.

Ao longe a larga e deslumbrante paizagem accidentada, de collinas e valles, d'um verde fino, macio como velludo, em nuances diversas, ora mais brando, ora mais intenso, até a linha cerulea das serras, sempre diaphanamente brumadas, com os seus dentes agudos e irregulares cravados no céo curvo. O gado, miudo e immovel, disseminado nos pastos, parecia de pedra; uma ou outra cabana, a casa branca e baixa de uma fazenda; e rutilo, quieto, como uma placa de metal polida e nitida, um açude espraiava as aguas adormecidas na solidão monotona das varzeas.

Anna Rosa e Felicia, mãi e filha, habitavam esse tugurio desamparado.

Anna Rosa, a mulata esbelta e forte no tempo dos dezoito annos, com a sua côr ardente de canella, com as suas tranças negras e luzidias, os seus grandes olhos cheios de quebranto, o seu collo farto e empinado nos corpinhos de cassa que pareciam arroxar a carne rija, os seus quadris robustos que tremiam ao bater faceiro do pé pequeno e trefego, a mais de um caboclo deixára o coração doido, apezar da molestia má que, por vezes,

dava com ella nos caminhos, como morta, a bocca cheia de espuma, os olhos revirados e retorcida toda como n'um estupor.

Embora! quem lhe visse a bocca pequena, carnuda e fresca, tão bem ornada que era um feitiço, quer sorrindo, quer atirando os muchochos despreziveis, quer mostrando, a rir, os dentes todos, pequeninos e brancos, brancos como a flor de laranjeira... Ah! quem visse ficava captivo da mulata.

Anna Rosa! Quanta trova rustica nascia d'esse nome doce, nos ranchos, nas bibocas dos montes, nos outeiros, onde quer que houvesse alguem que uma vez tivesse olhado a repariga, arisca como as juritys da matta.

Mas quem pôde gozar todo o seu dengoso amor foi Simão Cabiúna. Quando se soube que viviam juntos foi um espanto geral. « Que gosto! Mulher não vai com o carrapato porque não sabe qual é o macho. Com tanto rapaz apessoado, com tanto moço de posse, escolher um bruto, mal encarado, como esse caboclo goyano. Que gosto! Foi mandinga, por certo, que o bicho fez. O diabo tem oração p'ra tudo... se até brinca com cascavel, o diabo! murmuravam. »

Anna Rosa, porém, preferira o atarracado sertanejo a quantos lhe offereciam prendas nos leilões da festa do Rosario. « Tambem, com aquella baba peçonhenta quem queria a peste. Não era tão bonita assim... » os repellidos vingavam-se com esses e outros commentarios; alguns gabavam-se de Anna Rosa.

Simão, chamado o Cabiúna pela côr abaçanada do seu rosto, era goyano. Viera de lá, com uma boiada, para Minas e nunca mais tornou á terra « porque tinha uma morte », diziam á bocca pequena os sertanejos. Era um caboclo robusto e desempenado. Tão expedito n'um roçado como seguro no lombo liso d'um potro bravo e

ninguem como elle para atirar o laço — ia buscar um garrote pelos chifres n'uma manada, por maior que fosse e quem na viola lhe fazia frente? Cabra teso! com um foguinho trovava um dia e uma noite de enfiada.

Quem pegava com o caboclo quando elle caía sobre o instrumento, encardido, de andar de mão em mão e soltava a voz :

Quem muito se agacha, dona,
Nunca chega ao coração.
A mulher quer soberbia
Não quer ver humilhação ;
Ninguem derruba o novilho
Se não com o laço na mão.
Quem muito se agacha, dona,
Nunca chega ao coração.
Eêêh!

Com o cobre que tinha comprou as terras da banda do rio : seis alqueires com um bom pedaço de matta, e elle mesmo fincou os esteios da cabana, atirou o adobe ás ripas, cortou o sapê para a coberta e semeou o campo, levantando diante da casa, no dia em que Anna Rosa subiu para a sua companhia, um mastro de festa.

Atirado ao trabalho, ninguem o viu mais em pagodes. De raro em raro descia á villa, n'um macho, a fazer compras. Nem nas festas apparecia, Anna Rosa tão pouco : viviam lá em cima entocados e, se não fosse a belleza da roça, que se impunha como um testemunho de vida, ninguem diria que alli habitavam creaturas.

Cabras berravam, dous bois, uma vacca, appareciam nedios, pastando na vertente da collina; por vezes bacorinhos desciam até a cerca grunhindo, e o macho; eram os animaes do sitio.

Um dia, porém, Simão Cabiúna entrou na villa com

uma carrocinha que o macho tirava aos trancos, n'um galope frenetico, e parou á porta de Nhá Bemvinda, voltando com ella, na mesma tirada, aos solavancos, estrada fóra. « E' Anna Rosa com o mal, disseram logo os que o viram partir com a curandeira. E' a peçonha... » Mas, no dia seguinte, com a chegada da velha, a verdade espalhou-se : « Anna Rosa tivera uma menina. » E a curandeira, que tudo espionára, gabou a casa do caboclo — farta, tinha de tudo : carne e toucinho na corda, salmouras ; e que limpeza ! Os lençóes da cama eram alvos como algodão virgem, a camisa da mulata tinha um cabeção de crivo de mais de um palmo de largura. Até berço para a criança o caboclo fizera, de junco trançado. Uns grandes ! »

A cabana, de construcção provisoria, compunha-se de uma sala e dous quartos. A sala, espaçosa e clara, com duas grandes janellas, era ao mesmo tempo cozinha e dispensa. Em uma das faces o fogão : tres pedras em triangulo, sobre as quaes pousava a panella de barro, tres outras mais adiante para a chaleira, sempre ao fogo. Em cordas de tucum a manta de carne, o toucinho, as linguiças, o lombo, o bacalháo, as resteas d'alho e de cebollas ; o mais, para o consummo, era colhido na roça todas as manhãs.

O tecto, enfumarado, parecia tinto a piche, e reluzia. Uma mesa de pinho ennegrecida, duas cadeiras de assento de embira trançada, uma velha caixa, um tamborete eram a mobilia, e na parede a viola, o facão na bainha de couro e uma espingarda de dous canos. Em um dos quartos, illuminado por uma janella que abri para a matta, dormia o casal, pretegido por uma « *Co ceição* » no seu oratorio envernizado ; no outro quar guardavam as grandes arcas de roupa, a sella, os ferr da lavoura, as sementes.

Simão Cabiúna, nos primeiros dias do parto de Anna Rosa, apenas saía de manhã para soltar os animaes e á tardinha para recolhel-os. Tomou uma velha negra para o serviço de casa e feliz agarrava nos braços robustos a criancinha gabando-a, enlevado, orgulhoso; o mesmo choro da filha era para o caboclo motivo de festa, achava que parecia de uma creança taluda e annunciava: que haviam de ver a mulheraça que alli estava.

Ainda Anna Rosa guardava o leito quando uma tempestade violenta caiu, com aguaceiro e ventos. Os relampagos alumiavam sinistramente o interior da cabana e de dentro ouvia-se o jorrar encachoeirado das aguas que desciam da matta pela collina cavando a terra a ponto da arrastar as raizes de mandioca na enxurrada.

O rio grosso, barrento, roncava no vallo e as arvores curvadas pela ventania enchiam a escuridão d'um pavoroso barulho. E os trovões fortes, repetidos e prolongados em echos reboantes, succediam-se a mais e mais, tremendos.

Pelas taliscas da cabana, pelas frinchas do sapê o vento entrava zunindo; por vezes era tão violenta a lufada que os muros tremiam abalados como n'um terremoto. Diante do oratorio crepitava dia e noite a lamparina e Anna Rosa, apavorada, resava exclamando: « Misericordia! » e persignando-se sempre que a luz livida de um relampago clareava o quarto, offuscante e rapida. Queria a todos perto do leito, aconchegava a criança como para protegel-a do raio junto do coração; e o vento fóra uivava.

Dous grandes dias d'agua passaram e frios como se fossem de inverno. Cuidados não faltaram: os buracos calafetados com palhas de milho, um panno corrido para proteger o leito, uma fogueira accesa na sala proxima para aquecer o aposento onde a criancinha vagia no

berço, ora junto á mãi ou nos braços de Cabiúna, que a apertava de encontro ao peito, cantando as trovas antigas para adormecel-a; e n'uma corda, tirada d'um angulo a outro da sala, as fraldas arejavam, á falta de sol, até que a negra as enxugasse a ferro. De quando em quando Cabiúna entreabria a porta, lançava um olhar desconsolado ao sitio devastado pela tormenta, mas dava de hombros, resignado, recolhendo-se.

— Ora! uns pés de milho de menos, mas a terra ganha força. E corria ao berço e de cocoras com a sua voz forte de campeiro, ameigada para caricias, chamava a filha, ria-se vendo lhe os olhinhos innocentes que erravam como duas mariposas buscando luz.

— Eh! caboclinha bonita de seu pai! Eh! gente. A's vezes Anna Rosa intervinha para que elle deixasse a criança dormir e, mesmo do leito, ciciava ninando a filha que se debatia encolhendo e esticando as pernas e os bracinhos.

Uma manhã Anna Rosa despertou gemendo : dores fortes nas fontes, nos olhos, uma afflicção na cabeça. E com o dia as dores augmentaram a ponto de não lhe ser possivel amamentar a criança; enchia a casa de gritos agoniados agarrando, a cabeça com ambas as mãos, apertando-a.

Parecia que ia arrebentar, dizia. Chamassem nhá Bemvinda, pelo amor de Deus. Não podia mais : morria.

E de novo o macho partiu a trote, estrada fóra, a caminho da villa, levando a carrocinha aos solavancos.

A curandeira, mal chegou junto á cama, onde Anna Rosa estorcia-se implorando allivio, disse a Simão Cabiúna que era cousa grave : o parto que subira á cabeça; algum descuido, quebra de resguardo. E atirando o chaile para uma cadeira, em mangas de camisa, saíu para o campo, á cata de hervas para um chá forte recom-

mendando logo que dessem leite de vacca á criancinha porque os peitos da mãi iam seccar.

A negra, estonteada, atiçava o fogo para ferver a agua, acudia ao quarto, abria as arcas procurando baetas, resmungando rezas e esconjuros. Cabiúna, com as lagrimas nos olhos, pensando nas duas creaturas da sua affeição, saíu para ordenhar a vacca. Os gritos de Anna Rosa, agudos, desesperados, chegavam aos ouvidos do caboclo e elle, agachado, mugindo o animal que continuava a pastar tranquillamente, erguia os olhos ao céo com fervor, pedindo a Deus pela pobresinha.

Os pés escaldados em agua quente, Anna Rosa tomou a malga de herva cidreira adoçada a mel de abelhas e atabafou-se suando copiosamente: as roupas ficaram de torcer-se, a cama foi refeita, tão humida ficou; entanto, a dor continuava ainda que mais branda, em latejos como martelladas. Todavia, ao amanhecer, o somno deu-lhe um pouco de allivio, mas o choro da criança despertou-a commovida:

— Coitadinha de minha filha! Ah! nhá Bemvinda, deixa eu dar um pouco de mama agora, uma vez só... ella é tão pequenina ainda. Mas a curandeira oppoz-se.

— Que não; até podia fazer mal á criança. Cuidasse de ficar boa; a pequena já dera conta de uma chicara de leite fervido. Havia de criar-se. Deixasse-a por sua conta.

Cabiúna, pisando na ponta dos pés descalços, fumando sempre compridos cigarros de palha grossa, espiava á porta do quarto indagando da enferma e da filha e tornava á sala acocorando-se junto ao brazido a picar fumo ou alisando sobre a coxa, com o seu canivete de mola, as palhas para os cigarros. No terreiro os dous cães de caça *Batuque* e *Bocca negra* ladravam, de quando em quando, aos rumores da matta proxima.

No manhã seguinte Anna Rosa despertando, d'olhos abertos, com uma « zoada nos ouvidos », queixou-se de escuridão : — Nem sequer via o berço da criança; aquillo alli dentro estava como breu. Ao menos accendessem a lamparina da Senhora.

A negra, que passeiava um defumador com alfazema e capim cheiroso, acudiu :

— Que a lamparina estava accesa, até com azeite novo. Anna Rosa, amuada, insistia, teimava e exaltou-se com a negra a ponto de accordar a curandeira, prostrada de fadiga sobre uma esteira :

— Que é isso? Não se arrelie. Você não póde falar assim, menina. E Anna Rosa queixou-se da escuridão : — que a negra mentira dizendo que a lamparina estava accesa.

— Mas está accesa mesmo, creatura. Você está mas é com somno; dorme. Pois uma luz d'aquella você não vê, filha de Deus?

— Que luz, nhá Bemvinda?

— O' mulher !

— Não vejo luz nenhuma.

A curandeira ajudando-se com as mãos, ergueu-se pesadamente com um ai! suspirado e logo caminhou para o leito :

— Então você não esta vendo a luz?

— Não vejo, não, nhá Bemvinda. Vejo tudo negro, tudo negro, por Nossa Senhora!

— Espera ahi. E a velha, paciente, tomou a tijella onde a marca fluctuava sobre o azeite de mamona espichando uma chamma tremula n'um morrão em fórma de cravo e, caminhando para Anna Rosa, perguntou entre reprehensiva e carinhosa :

— Ainda não vê, cabeçuda?

— Não vejo não, nhá Bemvinda.

A curandeira ficou boquiaberta, esgazeada diante do leito onde a parturiente resmungava, de máo humor: — « Que não via, não via nada. Tambem tanto não. » A negra, parada, contemplava n'um silencio de espanto. A pouco e pouco, porém, como lhe voltasse a calma, a velha entrou a ruminar, mascando o fumo e, rebolando o seu pesado corpo obeso, repoz a lamparina no oratorio, dando de hombros, resmungando : — Então não vê?

— Já disse, nhá Bemvinha. Eu preciso mentir? Nem que eu fosse criança. Que cousa! E, com um muchocho, repuxando as cobertas, voltou-se para a parede, frenetica.

A velha saíu para a sala e, como a negra a interrogasse com os olhos attonitos, disse apenas, baixinho, meneando com a cabeça :

— Isso não é bom signal. Anna Rosa não está boa, não; não está nada boa. Você vai vêr. Deus queira que não venha por ahi alguma desgraça! E com o indicador na fronte. — Muitas perdem isso... ha tantos casos! Tomando da corda as roupas da criança agachou-se diante do fogo, atirando para as brazas punhados de alfazema e, ao fumo oloroso que subia, perfumou as fraldas e a camisinha passando-as e repassando-as na columna de fumaça morna e cheirosa.

Cabiúna voltava da roça, seguido dos cães, com uma enfiada de rolas no cano da espingarda quando a curandeira lhe communicou as suas apprehensões. O caboclo perplexo, o coração aos pulos, ouvia de olhos altos, hirto, n'um assombro.

— Doida! Anna Rosa doida? ! repetiu sem baixar a vista. E precipitando-se para a sala encostou a arma a um canto e entrou no quarto afflicto; ia falar á amazia quando a negra cochichou :

— Ella está passando pelo somno. Mas a mulata, que ouvia, acudiu irritada :

— Não estou dormindo nada. E' você, Cabiúna?

— Eu mesmo, flor. Ella voltou-se lesta e atirando os braços procurou-o. O caboclo inclinou-se para a caricia.

— Cabiúna, eu quero vêr minha filha. Nem isso essa gente deixa.

Cabiúna tomou a criança carinhosamente em ambas as mãos e apresentou-a : — Olha aqui, flor; olha aqui. Está com os olhinhos abertos.

— Dá cá ella... Mas está tão escuro! Sentou-se no leito recostando-se aos travesseiros e estendeu os braços recebendo a criança. Está tão escuro! Que horas são?

— Vai caminhando para o meio dia.

— Está tão escuro. Abre um pouco a janella. O caboclo, indeciso, acenou á negra para que chamasse a curandeira e, quando a velha appareceu, rezingando contra os cães que enchiam a casa de pulgas, disse-lhe :

— Ella quer que eu abra a janella.

— Póde abrir, está um dia de sol. E elle, contente por satisfazer á amazia e por ter, emfim, occasião de ver a filha á claridade, voltou a taramella e um raio de sol esguichou no quarto sombrio, fino, a principio, como uma fita, e alargando, alargando até que pela janella, francamente aberta, entrou a grande luz radiosa, deixando vêr o céo, muito azul, as arvores viçosas, as collinas remotas. A chamma da lamparina amortecia como um vagalume em noite de luar e a brisa dos campos, acariciante e morna, cheirando a silvados, arejou o quarto purificando-o. A criança, franzindo a fronte, offuscada pela violencia da claridade que as suas retinas reflectiam na primeira visão piscava os olhos chuchando a chupeta, e Anna Rosa, inclinada, d'olhos abertos, pediu de novo.

— Abre a janella, Cabiúna. Abre toda.

— Está aberta, flôr. Você não vê?

— Não vejo nada...

— Está aberta.

— Abre mais.

— Está toda. Ella então levantou a cabeça, apertada n'um lenço de ramagens d'onde lhe desciam para as costas as duas tranças negras e, d'olhos limpidos, enormemente abertos, fitou a janella longamente, sem pestanejar, n'uma esquecida fixidez de arroubo. O caboclo, oppresso, olhava; a curandeira e a negra pareciam atordoadas.

— Cabiúna, olha aqui. O caboclo inclinou-se para a enferma e ella, meiga, implorou: — Abre a janella...

— Está toda aberta, flôr. Olha o sol na cama; você não sente o sol? não vê?

— Não vejo nada. Cabiúna lançou um olhar angustiado á curandeira que meneava com a cabeça; a negra, de braços cruzados, olhava compadecida.

— Então você não está vendo a pequena?

— Está no meu collo, eu sinto mas não vejo, não, Cabiúna; por Nossa Senhora! Esfregou os olhos e de novo fitou a janella passando vagarosamente a mão pela face. — Eu estou sentindo o sol... De repente, n'um grito: — Cabiúna! ah! meu caboclo! Cabiúna... o sol está aqui, eu estou sentindo, mas não vejo. E atirando os braços n'um grande desespero bradou: — Ah! minha Mãi do céo! minha Mãi do céo!... eu estou céga! Gente! eu perdi a minha vista! eu estou céga. Ah! minha filha! Cabiúna! nhá Bemvinda! gente! eu não vejo mais, eu não vejo mais. Nem para vêr minha filha! Ah! minha Mãi do céo! Ah! minha Mai do céo! E, com uma voz surda, agarrando a cabeça, derreada sobre a criança que olhava tranquillamente, poz-se a dizer: — Anna Rosa não vê mais! Anna Rosa não vê mais... não vê mais!

não vê mais! N'um impeto, porém, sem lembrar-se da filha, quiz descer da cama. A curandeira acudiu amparando a criança e Cabiúna susteve a mulata :

— Que é isso, flôr? Que é isso?

— Ah! meu caboclo... eu estou céga; e sacudia anciadamente a cabeça. Eu estou céga... Sua Anna Rosa não vê mais, meu caboclo.

Cabiúna chorava em silencio, as lagrimas desciam-lhe dos olhos grossas, caindo gota a gota no leito. Ah! meu caboclo... aquella dor de cabeça, quando eu dizia a você que estava sentindo *a modo* de alguma cousa que me arrebentava por dentro. Eram meus olhos que estavam se apagando... eram meus olhos, coitada de mim! E que ha de ser de mim agora? Juntou as mãos como n'uma prece : — Que ha de ser mim?

Os que a ouviam não achavam palavras de consolo, Cabiúna forcejava com ella para que se deitasse, animando-a :

— Deus é grande, flôr! Mas a criança abriu n'um choro forte nos braços da curandeira.

— Chora, chora, minha filha. Sua mãi não póde mais vêr você. E estendendo os braços : — Dá cá ella, gente. Dá cá ella. E recebendo a criança, beijando-a soffregamente : — Ah! meu anjinho!... meu anjinho!

Mas o frenesi retomou-a : — Minha Nossa Senhora! que foi que eu fiz, meu Pai do céo? Cabiúna, meu caboclo, isso foi cousa feita, foi cousa feita, por inveja. E n'uma furia, os dentes cerrados : — E foi essa negra! Eu não quero mais esse diabo aqui. Foi ella, Cabiúna, a mandado.

A negra avançou chorando : — Ah! nhá Rosa... eu? eu! fazer mal a vamcê? Eu! Não diz isso não, nhá Rosa...

— Foi você! Cabiúna, manda ella embora.

A negra atirou-se de joelhos, erguendo as mãos, os olhos em pranto : — Nhá Rosa, por essa luz que me alumia, por essa imagem de Nossa Senhora... eu não quero mais me levantar d'aqui...

A curandeira interveiu : — Está bom : chega; deixa d'isso, gente.

— Mas dóe, nhá Bemvinda. Dizer que eu fiz mal... por que? Isso dóe, nhá Bemvinda. Eu nunca andei com porcaria. Cabiúna fez-lhe um gesto para que saisse e Anna Rosa, inquieta, apalpando-se, esfregando os olhos, murmurava. Teve um momento de silencio, de immobilidade.

Cabiúna retirou vagarosamente a criança do collo da enferma e entregou-a á curandeira. Anna Rosa parecia insensivel; o sol dava-lhe em cheio no rosto e o seu collo moreno, que a camisa desabotoada deixava em meia nudez, apparecia em dous globos rijos, cheios, em plena apojadura creadora.

O caboclo, com geito feminino, abotoou-lhe a camisa, cobriu-a, affagando-a sem falar para não dar a perceber que chorava. Elle sorria dolorosamente, franzia a fronte, rolava os olhos com angustia e lentas duas lagrimas despenharam-se-lhe das palpebras. Veiu-lhe então um accesso de choro e, por entre o pranto, ouvia-se-lhe o lamento surdo e desesperado :

— Misericordia divina! que ha de ser de mim? Céga! Para que fazerem mal aos outros assim, meu Senhor Jesus? Para que? Nem para criar minha filha! Ah! minha Nossa Senhora! antes eu tivesse morrido. E, desesperada, atirou-se ao leito soluçando. Mas começou a ranger os dentes, repuxando as cobertas com os dedos crispados, esticando as pernas e subito, voltando-se na cama hirta, retesada, levantou-se em arco firmada nos calcanhares e nos cotovellos fincados no colchão

e rugia, com um offêgo forte. Estrebuchos sacudiram-n'a, soltou um gritou opprimido, abateu pesadamente, arquejando e atirando as pernas e os braços começou em escabujamentos indomitos, resistindo aos pulsos do caboclo que procurava contel-a chamando-a, lembrando-lhe a filha, luctando com ella sem conseguir subjugal-a; e, quando a crise serenou, abrandando os movimentos, voltando-lhe a pouco e pouco a calma, n'um deliquio, n'uma especie de modorra, o caboclo, banhado em suor, dirigiu-se á curandeira :

— Nhá Bemvinda, pelo amor de Deus, diga a verdade : é cegueira mesmo ou é mal do parto?

— Ah! meu filho, e olhando-o com desconsolação : para dizer a verdade eu acho, para mim, que ella está céga. Está como a Therezinha. Alli só Deus.

— E essa negra? indagou o caboclo com voz surda.

— Coitada da pobre de Christo! Não pensa n'isso. Para que havia ella de fazer mal á Anna Rosa? com que fim? Coitada da pobre de Christo! Essa molestia dá assim mesmo, ás vezes é um ar... Therezinha não cegou brincando? Quem ia fazer mal á Therezinha, uma criança que nem era ainda moça. Molestia de Deus, meu filho! Molestia de Deus. Que se ha de fazer?

E o caboclo, acabrunhado, saiu a passos lentos para o terreiro e, cruzando os braços, trincando os labios, os olhos perdidos, começou a chorar silenciosamente diante dos cães que o festejavam, alheios á grande dor que prostrava a alma forte do sertanejo ousado. E a tarde, pelo céo violaceo, começava a ennevoar-se.

« PELO AMOR »

(Scena I)

A *sentinella* com a sua alabarda, passeia lentamente ao longo da plataforma.

A voz do *bobo*, que canta nos bastidores, á direita, vem aproximando-se.

O BOBO

Eh! sopra vento do Norte
Traze a minha dôce amada.
Sopra mais! Inda mais forte!
Vúu! Vúu!
Eia! rispida nortada!
Traze a minha dôce amada!

(*A sentinella sopra o oliphante justamente quando o bobo apparece.*)

La ri la ri la! (*Detendo-se.*) Tão só! nem sequer a tua sombra te acompanha porque já se vai recolhendo á noite como um regato se recolhe ao oceano... Um regato?! que digo eu! a gotta d'agua d'um regato. Boa tarde, vigia cégo. Quem chamas com tamanha atoarda? Se o appello da tua trompa fundida póde chegar ao céo vê se consegues deter o sol como o homem da floresta entorpece o aspide com o seu cálamo. Vê se o detens para que me não venham pôr nas mãos um pesado cirio á hora em que o senhor houver de passar por estes corredores tisnados de treva. Sopra com mais alento! põe todo o ar dos teus pulmões no oliphante. Ah! Ah! pobre vigia cégo! Teu grito não chega ao horizonte e, vê tu, a palavra que um homem pronunciou mui longe, em remotissimas éras, quando ainda os deuses andavam pelo mundo, chegou até nós, posto que elle não tivesse um

bronze soante e fallasse tão baixo que os discipulos, para o ouvirem, cercavam o tronco do limoeiro a cuja sombra elle discorria. Esse homem, mais louco do que eu, chamou-se Socrates. A cicuta adormeceu-o e a sua palavra ainda sôa, enche o mundo... e o teu grito? de que serve reboar n'um bronze ôco? és capaz de estourar sem que consigas mover o pastor que abebera o rebanho na ribeira da serra. Queres que o dia torne ao céo? Pobre louco! Houve um rei asiatico que açoutou os mares, ha um soldado caledonio que brama chamando o sol como os montarazes chamam os cães da matilha. Pobre louco! (*A sentinella faz soar o oliphante.*)

Pôe a rosa dos ventos na tua trompa que tem a fórma graciosa de um vaso e ainda assim não conseguirás levar o som á linha do horizonte. Soldado, aproveita melhor o teu instrumento, enche-o de vinho, emborca-o, e se puderes beber sem que uma gotta se te derrame pelo peito, rejubila porque tua esposa não te é infiel, mas que te não succeda o que tanto pasmo causou ao rei Arthur que, por muito amado julgar-se, não guardava suspeita e fazendo a experiencia encharcou-se de vinho. Queres que o teu grito resôe sempre? Queres que o ar do teu peito forme uma atmosphera? Fal-o passar pela alma como fazem os philosophos e os poetas. (*Senta-se no ehão e cantarola.*

Eh! sopra vento do Norte
Traze a minha dôce amada...

A Sentinella. — Porque não vais com as tuas jogralices alegrar a gente da cozinha?

O Bobo. — Porque não quero interromper a unica cousa séria da vida. Sabes tu, vigia cégo, porque trazes no punho esse espiculo aguçado e á ilharga tão pesado montante e o peito encastoado nessa couraça

luzida e um craneo de aço e guantes e rebraços e perneiras e todo esse pesado aceiro offensivo et defensivo? Dizem-te que és o defensor da vida do teu senhor e da vida dos solarengos. Agora vamos lentamente como quem joga uma partida difficil! Que é a vida? Não é a virtude — o bandido repudiado que traz o stygma na espadua, vive. Não é a mocidade — um centenario, como teu avô, que não achou ainda um tumulo que o quizesse, vive. Não é a belleza — as bruxas que voejam á noite dansando na bruma dos ares, vivem, emtanto, só com descobrirem o rosto hediondo, matam os que, por má sorte, nelle põem os olhos. Não é a força, a criança ahi está, fragil como uma promessa. Não é a luz — o cégo, esse eterno noctivago, vive. Que é então a vida? é a pança! O bandido róe as raizes e os tuberculos sylvestres quando se lhe esquiva a caça; o velho rumina; a bruxa tem como amphytrião o sepulchro; a criança pendura-se á teta materna como uma parasita; o cégo fareja a mesa e tudo quanto vive devora. Olha a terra quantas boccas tem escancaradas; olha o mar como passa a sua lingua verde pelas areias como uma féra que lambe a presa antes de engulil-a... olha o dia devorando a noite, olha a noite devorando o dia. O mundo é uma grande pança cheia de pequeninas panças. O inverno é o periodo da digestão universal. Tu não defendes o direito, nem a justiça, nem a religião, nem tudo isso junto que é a moral — tu defendes a pança... e a pança é uma divindade que tem um tabernaculo, a cozinha, e um altar, a mesa. O cozinheiro é um hierophanta. Queres fazer um homem honrado? enche-lhe a pança. Olha, as cidades não se rendem ás armas, rendem-se á fome... A pança é saturnina: quando não acha que devorar, devora-se. Repara no miseravel das estradas; é um esqueleto com

alma... e a carne? foi roida pela pança que se adiantou ao verme. A pança, soldado...

Eia! rispida nortada
Traze a minha dôce amada...

Esta é a verdade, vigia cégo.

A SENTINELLA. — Porque me chamas de cégo?

O BOBO. — Porque não vês, dadá...

A SENTINELLA. — Como não vejo?

O BOBO. — Lança os olhos alem... que vês?

A SENTINELLA. — A campina.

O BOBO. — Isso tambem eu vejo e não sou sentinella, sou um pobre louco. Vê bem...

A SENTINELLA. — Vejo os casaes que fumegam, a nevoa que vem çobrindo os montes, o rio... um rebanho...

O BOBO. — Mas é para isso que estás armado? Quem vem lá?

A SENTINELLA. — Ninguem...

O BOBO. — Ah! ninguem... Não vês então que vem chegando a noite? Tu não vês. Se a Morte passasse por aqui não a verias nem a sentirias. O que tu fazes é andar com os olhos tontos d'um lado para outro, justamente como os dor cegos. Annuncia a Morte! vê se podes aperceber o amanhã. Não pódes... como tambem não podes ver o que fazem as abelhas no seu cortiço... (*Levanta-se e avança para o soldado com a mão no peito.*)

Olha, tenho aqui um cortiço — tenta ver o trabalho da abelha. (*O soldado ri.*) Ris... pensas que digo insanias... pois ouve lá. O cortiço é o coração, a abelha é a alma, o mel é a lagrima, a cera é a saudade com que é feito o cirio que illumina os defunctos. Então? és cego como os ingratos. O que tu fazes qualquer cão faria com mais segurança e sem tanto apparato. Uiva, a lua não tarda.

A SENTINELLA. — Porque não fallas de outras cousas? Conta-me alguma historia da montanha.

O BOBO. — Queres uma historia? Então ouve lá... Estás olhando o céo?

A SENTINELLA. — Sim...

O BOBO. — Vai-se tornando escuro... sabes porque? Porque vem chegando o velho Cháos. Olha a estrada branca, vês? é a sua immensa barba. E' um velhinho, pai da lua, que é uma donzella pallida. O sol anda louco de amores por ella e procura-a no céo afflictamente apparecendo sempre com fausto para tornar-se digno da bem amada, mas, o velho Cháos, que é avaro, vendo-o tão prodigo, não lhe quer dar a mão da filha para que se lhe não escôe o thesouro em dissipações. Assim, logo que o sol recolhe-se elle tranca-se no seu quarto immenso, espalha as suas moedas que são as estrellas e põe-se a contal-as. Nota que nas noites de lua cheia as estrellas são poucas. Mas quando a lua, mal entreabre a porta do quarto, mostrando uma nesga da face surprehende-o com toda a fortuna, rebolcando-se nella, tentando contal-a, trabalho que nunca leva a termo porque o sol apparece e o velho não só esconde as moedas como a filha. E nessa lida ingrata andam os dois — o prodigo a gastar, o avaro a accumular. Que bello seria se o sol casasse com a lua e viessem filhos... Que preferias tu, soldado? sóes ou luas?

A SENTINELLA. — Sóes...

O BOBO. — Pois eu preferia uma perna de carneiro... (*Estira-se no chão, atirando ao ar o seu gorro.*) Onde deixaste tua mulher?

A SENTINELLA. — Em casa...

O BOBO. — Não sabia que moravas com o teu vizinho... (*Vendo alguma cousa no chão com espanto.*) Oh! Oh!

Domicio da Gama

NOTA PARA O MEU MELHOR LEITOR

. . . . . .

Escolhi-o para representante d'essa especie, particularmente cara ao escriptor, de leitor affectuoso e sympathico, que ainda nas páginas falhas descobre o que quizemos exprimir, de leitor attento sobre todos, que no livro cheirando a tinta nova busca a frescura de emoção e a sinceridade e a pureza immaculada do coração que não envelhece. Em casa e por fóra a gente sempre carece d'essa attenção benevola, para acreditar na efficacia do proprio esforço. É ella que suppre a falta de encommenda do sermão inconclusivo e sem moralidade, embora cheio de intenções e de apologias vagas, que é o livro de imaginação.

Ha quem sempre sinta o dever de escrever para o publico, para um grande numero de pessoas, que lhe são desconhecidas, mas que imagina esperando respeitosamente, anciosamente, a emoção ou a doutrina nova trazida pela sua obra. E não é preciso ser Châteaubriand ou o Papa para ter d'essas orgulhosas certezas, que dão

tanta segurança ao estylo. Nas publicações a pedido dos jornaes, no tempo do Imperio, quanta gente vinha espontaneamente expôr « a S. M. o Imperador e ao publico » a origem, a historia e a discussão das suas difficuldades domesticas, dos seus conflictos e pendencias com vizinhos, casos sem duvida muito interessantes, porém absolutamente particulares e pessoaes. Nem sempre o leitor do jornal tomava nota do que se estava passando de tão palpitante actualidade nos arredores do articulista, e acontecia mesmo que S. M. o Imperador lhe não dava a sua paternal consideração. Mas o homem lá tinha o seu contentamento, que era o desabafo virtual ao ouvido benigno do Chefe do Estado e da Opinião, a exposição do seu aggravo, a reclamação do seu direito, a expressão da sua indignação, do seu enthusiasmo ou do seu desejo.

O individuo que facilmente « sahe pelos jornaes » é como o escriptor que tem certeza de ser lido, como o orador ou o saltimbanco que fala ou que joga, sem olhar para a sala, sem mesmo verificar se tem ouvintes ou assistentes : cada um d'elles crea ou diz que crea o seu auditorio abstracto.

Commigo não se dá o mesmo. Eu tenho a abstracção difficil, em se tratando de pessoas. Não sei escrever senão para as que conheço, e só para ellas escrevo. Fico naturalmente muito pago da attenção que os extranhos me prestarem, mas emquanto a elles não chego, a minha sympathia está com os que vivem no meu pensamento em vulto bem nitido, povoando-me a memoria, enchendo-a de figuras, de gestos familiares, de vozes caras, que me discutem os conceitos e as suas formas, que me insufflam coragem e infundem a confiança que me falta, que me sacodem e despertam para a lida, que são a razão de ser do meu trabalho e que nunca me abandonam ao

desconsolo da solidão affectiva. A forma, a côr, a expressão dos olhos que me lerão eu careço de conhecer, de ter presentes ao espirito quando escrevo de coisas sentidas. São assim as melhores cartas aquellas em que mandamos ás pessoas amigas impressões, sentimentos e idéas de cujo acolhimento affectuoso estamos seguros. Um livro de emoção não obedece a outro estimulo. De sorte que se póde dizer que a obra de um escriptor depende grandemente dos seus leitores, isto é, d'aquelles para quem elle usa escrever.

Generalisando o meu caso para os escriptores de meia força creio que acerto. Para os genios ha outra medida e outro criterio. O arranco d'esses dá para transpôr até a barreira das linguas. Quem olha a multidão de muito alto não distingue mais as figuras; percebe apenas o formigar da gente. Mas em compensação póde assim acompanhar os grandes movimentos das massas, seguir a direcção das irreprimiveis correntes humanas. É natural, portanto, que a expressão d'essa contemplação panoramica do mundo seja differente da do estudo de scenas e visagens curiosas. Falam os genios a nações e a raças, em allocuções soberbas; nós falamos modestamente ás pessoas que nos querem ouvir. Eu então falo a muito poucos. Dizem que ha um passarinho que sabe contar até sete. Aquelle pobre escravo negro, que uma noite vimos morrer, cansado de comer terra, não contava mais do que tres. Qual será a contagem da sabedoria? Tres ou mesmo sete nos parece muito pouco; mas na vida do sentimento já não é a solidão, já é ter quem nos responda...

Dizia eu, pois, que o escolhi para lhe explicar as faltas e os excessos d'este livro, que é como um album, sem mais laços que os dos cadernos que compõem o volume, e que apenas encerra algumas scenas e visagens curiosas,

paizagens e retratos physicos e moraes, sem tenção de doutrina nem presumpção de clareiar cantos obscuros da alma humana.

São historias curtas, são páginas destacadas do grande romance da vida, em que todos nós collaboramos, e que alguns mais ambiciosos pretendem escrever sósinhos.

De serem curtas não tenho que me desculpar, se n'ellas parecer bem indicado o desenho das figuras, discriminada, simplificada a acção moral, livre das imposturas do sentimento humilde. Num d'esses magazines americanos com que Você contenta a sua moderada curiosidade do mundo exterior li uma theoria justificativa da historia curta. Dizia o homem que as dimensões reduzidas do conto põem-no todo sob a apreciação do leitor e facilitam a sua intelligencia immediata : no romance longo as demoras e vadiações da acção se comprazendo em incidentes e episodios lateraes fatigam a attenção de quem lê, se não fatigaram antes a idealisação do escriptor. Reduzida de area, cresce de intensidade a cultura psychologica, afina-se pela escolha comparativa, pelo estudo minucioso dos elementos da emoção, e se condensa na scena ou nas scenas capitaes e definitivas. No conto não póde haver enchimento; falta o espaço para as linhas superfluas, quanto mais para as paginas de ligação. O conto é, pois, para o autor uma disciplina e para o leitor moderno, falto de tempo e de attenção fugitiva, um resumo de emoção intensa e breve.

Ora de tudo isto eu conclúo, muito contra o meu desejo de concordar com o critico americano, que quem tem talento de romancista escreve romances e que as grandes pinturas muraes não valem menos nem são menos actuaes do que os bellos quadros de cavallete. Sómente, eu sinto a responsabilidade de escrever um romance, de compôr um livro com uma acção seguida e de o fazer de maneira

insufficiente. Para a execução do romance um grande e prolongado esforço é necessario. Quantos são, porém, os que possuem a reserva de enthusiasmo ou de orgulho que dure annos sobre o mesmo objecto? Vivemos todos tão abertos á discussão dissolvente, tanto nos abeiramos du turbilhão do mundo, que elle nos atordôa e fascina e tira a segurança da nossa integridade. Em plena agitação podemos tomar notas, registrar gestos, delinear planos, esboçar figuras, dramatisar uma scena. Para mais seria preciso recolhimento, o orgulhoso recolhimento que não conhecem os que só na vida consciente acham a razão da vida.

Não podendo escrever grandes composições, numerosas de personagens e de movimentos, contentei-me com a pagina de album, mais facil e accessivel, com a scena ou mesmo o simples gesto indicativo do sentimento que anima e dá vida á creatura da ficção. Penso que assim sou mais respeitoso da intelligencia dos que me lêem e lhes deixo campo á imaginação creadora. Se eu não sómente esboçasse, mas ainda fixasse estas vagas figuras na sua attitude definitiva, typica, é provavel que a minha obra perdesse em transmissibilidade (deixe passar o que ahi ha de pretencioso), e se immobilisasse e endurecesse e se isolasse. Emquanto se não precisa a indicação de uma maquette sobre o banco de um estatuario, o prazer do contemplador intelligente e afinado é completal-a ao sabor da sua invenção pessoal.

O meu desejo seria que estes contos tivessem a amabilidade maxima de fazer trabalhar imaginações, suggerindo-lhes idéas, evocando memorias, recordando e creando. Forma, lingua, composição litteraria, são coisas incertas e transitorias, e já se pode prevêr o tempo em que as paginas mais simples d'este livro parecerão ridiculamente *preciosas*, fóra da moda, até que a

distancia no passado lhes confira a veneração attribuida aos classicos.

Até lá, porém, elle poderia ser divertido, no sentido da variedade dos seus casos sentimentaes, não no da jovialidade, que lhe falta. E os motivos d'essa falta são fundamentaes.

Eu quiz escrever um livro que, senão forte e saudavel, fosse ao menos impessoal, sem sombra pessimista nem desencanto nascido da contemplação prolongada da vida e dos seus vãos cuidados.

E, relendo as paginas aqui colligidas, verifico que em tantos « ensayos de estylo » apenas falam em conclusão implicita a philosophia pessoal e a consequente amargura. Porque é que, sendo tão vário de assumptos, nunca parece luminoso e alegre este trabalho feito aliás em camara clara? Sem duvida porque a claridade e a alegria não existem litterariamente, diria o pensador cheio de soberba e presumpção que fui aos vinte annos. Demonstrava eu então a inferioridade litteraria da alegria e da claridade por improvaveis applicações psychologicas da theoria das vibrações sonoras e luminosas. Essa explicação se reduzia a apresentar as notas agudas da escala musical e as raias claras do espectro solar como menos numerosas, e d'ahi, ao cabo de uma argumentação de simples materialista, como menos emocionaes e menos estheticas, portanto. O engano era puramente da observação individual, perdoavel sem duvida em quem ainda acreditava que a verdade existe por si mesma e que theorias valem fóra dos theoristas. Praticando o mundo, aprendi depois essa coisa tão simples para quem não fosse psychologo e « abstracteur de quintessence » e que vem a ser : ha diversidade nas capacidades perceptivas, isto é, ha o surdo para quem o som não existe e ha o genio musical vivendo sob a obsessão do numero e

rithmo e harmonia; ha o cego insensivel ás ondas luminosas e ha o colorista que desespera de exprimir os cambiantes da luz. Se V. ainda admitte uma phrase da minha linguagem de outrora : eu tinha subjectivado os agentes da sensação e dado mais valor á minha sombra que á luz exterior.

Nos Conselhos de Monella vem escripto: « Si tu regardes en toi, que tout soit blanc ». E' um voto de quem sente que a sombra maior é a interior. Essa é no entanto a minha escuridão familiar, em que me movo sem tropeços, numa segurança relativa, pois nella vivo e lido e canto e falo a mim mesmo e me faço companhia e guarda contra os phantasmas da Pena, desde que a ella me acolhi, no dia da Intelligencia. Sem duvida não é sómente a minha vida que a povoa, sem duvida forças e influencias de origens longinquas, inaccessiveis ao meu conhecimento, compõem o que imagino ser a minha actividade consciente. Mas, extranhas ou ingenitas, as idéas que surgem á claridade indecisa da minha consciencia têm a sympathia maior de parecerem geradas do meu entendimento. O apagamento e a incerteza são caracteristicos da sua physionomia original ou marcas da passagem atravez de meu negrume interior. Creio mesmo que porque ahi se tisnaram é que tomam vulto e se destacam no turbilhão indistincto das formas incessantemente creadas e desfeitas na vibração cerebral. De sorte que por se encorparem e perderem a transparencia e a leveza immaterial, por serem escuras, é que ellas são perceptiveis. Nem se deduz inferioridade d'esse incidente de coloração. E' tão alada a mariposa parda quanto a mais brilhante e vistosa das borboletas diurnas. O que importa dizer que a gravidade, o abaixamento do tom reflexivo, não é forçosamente significativa de amortecimento e depressão. Significará quando muito attenção maior,

demora na contemplação, e será attitude respeitosa do espirito. A verdade — que neste caso é o sentimento ou a opinião do maior numero — a verdade é que o grosso da gente simples e assisada extende o campo da claridade e da alegria muito além das raias de sombra e tristeza estabelecidas pelos contemplativos e melancolicos. E' assim que o « jeune homme toujours triste » da canção do Chat Noir, de tão falso e desajudado do senso normal da vida, faz rir mesmo os que se acham frequentemente no seu estado doentio de exacerbação da sensibilidade moralista.

Supponho que escrevendo este ultimo qualificativo toquei o amago da questão, que é funda e vasta como todas as que se referem á alma e ao sentimento das gerações de uma epocha. Não receie que me atreva a estudal-a nesta breve nota. Peço-lhe apenas que considere um pouco a arte e a litteratura barbaras (chamo assim ás producções em que a tenção doutrinaria ainda não predomina e que se destinam sobretudo a despertar emoções), os cyclos poeticos e as canções que para nós representam a força imaginativa de um povo. E compare-as com as obras das mesmas raças em periodos de maior afinação, senão de maior civilisação — que é outra palavra com que não devemos bulir imprudentemente — obras em que já entra um excesso de alma e de preoccupações moraes. Ponha a Odysséa, os Hymnos Orphicos, o Romanceiro do Cid defronte do Childe Harold, do Intermezzo e da Legenda dos Seculos, e verá logo que a alma e as suas agonias, a duvida, a preoccupação dos destinos, a discussão dos problemas moraes nellas implicitos pesam sobre as obras de Byron, de Heine e de Victor Hugo e as escurecem e melancolisam. Ou ha menos sensibilidade na alma antiga ou ha mais intelligencia da expressão nos modernos: a verdade é que a

queixa sem resignação d'estes toma sempre ares de quem sabe o que é o melhor, e o ensina, sem esperança de que a Divindade o aprenda. Dahi a impressão geral de desconsolo e de fadiga, a fadiga prévia do vão esforço, que resulta das obras de emoção em que se conta do homem e das suas illusões. Só a visão rapida, só o exame superficial e inattento deixa á comédia dos enganos o seu aspecto comico.

Ora, pois, se estes contos não sahiram brilhantes de forma e joviaes de humor, é que na minha humilde sinceridade não soube escrevel-os de fóra de mim, é que o meu respeito pela creatura humana não me consentiu vêr a comédia no soffrimento. As grandes maguas e as pequenas penas valem o mesmo para a piedade. Se um sentimento anima estas páginas escriptas em annos differentes e sobre themas diversos, esse é o da compaixão pela miseria do desejo não contente, sentimento caridoso, que exclue a dureza rigorosa do julgamento. Que exclue tambem o pessimismo. O espectaculo incessantemente repetido das fallencias da ambição pessoal serviria apenas para provar que o fim da vida não é a felicidade definitiva e consciente do individuo, porém que da esperança, do sonho do melhor, do incontentamento de cada um de nós se gera o movimento que aproveita á especie. São deducções largas e solemnes, fóra de afinação com os casos do Barão de Itapuca e do João da Matta. Mas a gente bem póde sobre um pedaço de giz refazer os systemas cosmogonicos. O ponto está em achar-se nisso graça e divertimento. Divertiu-se V. com os meus pequenos dramas? Chorou, sorriu ou scismou sobre elles? Qualquer d'esses reflexos dos estados de espirito em que os escrevi bastaria para a sua conservação em livro. E, sendo de leitura recreativa, esse attestaria ao mesmo tempo o profundo interesse que tomei

pela vida sentimental do meu semelhante, mostraria, sob a fingida isenção da ironia e a segurança artificial das phrases, toda a anciosa preoccupação do bem, e a incerteza dos fins e a agonia de não haver remedio para as penas cujo consolo não póde vir de fóra. Sendo impessoal, seria um livro humano.

Seria...

OUTR'ORA

Foi por uma tarde triste de Maio que João da Serra tornou a vêr a casa em que nascera.

As emoções da volta á casa paterna têm sido desmoralisadas pela exploração litteraria. Hoje é preciso ser um coração simples ou um espirito forte para sentil-as com pureza e sinceramente, sem disfarces nem adulterações. E' raro que um bacharel esteja numa d'estas condições. João da Serra era um bacharel recem-formado. A sua volta á fazenda quasi abandonada pelos seus e que elle mesmo deixara aos doze annos, não era uma phantasia de poeta; era uma jornada de viagem mais longa e nada mais. Entretanto, como á frontaria dos edificios, á superficie dos monumentos, que os estios douram, que os invernos tisnam, o tempo superpõe á segunda visão das cousas e dos logares da infancia uma patina prestigiosa, que é o sentimento da vida que sobre tudo aquillo passou. Sentimento personalissimo, de uma pungencia motivada, romantismo áparte. Quando somos capazes de experimental-o é que já por dentro nos vae qualquer cousa em crepusculo e as horas d'alma melancolicas vêm chegando. Sem falar no enternecimento de quem torna a encontrar-se — e quão mudado! — dentro do horizonte dos seus primeiros dias, que não mudou.

João da Serra estava nesse estado d'alma : muito

do por sensações renovadas, amplificadas, a que sistia, por achar indignas da sua sensibilidade de n feito, e ao mesmo tempo amollecido com essa agem da geographia da sua infancia. Tambem se a dizer e talvez mais rigorosamente ainda : amol- e sacudido pelo cansaço da longa jornada, pelas ›ras de trote da sua mula viageira. Ha ahi com que ›rmalise a sensibilidade mais calma e normal. las duas horas de marcha, a vigesima ponte ver- , sobre cujo estrado de madeira as patas ferradas trella cadenciaram dois compassos de samba já i mais do que uma mancha vaga na visão e um rufo › de tambor perdido entre montanhas. E o resto gem uma successão interminavel de voltas de ca- , desenrolando-se em paizagens pouco variadas: az da cerca forrada de trepadeiras salpicadas de nulas roxas e alaranjadas, a casinha de palha e com o seu coqueiro e as suas bananeiras ao canto, ıngeiras carregadas de fructa amarella, sobre um de montanhas sem caracter... De tantas que assim ıl poderia elle dizer, ao fim de meia hora, se foi um ho rusguento que veiu ladrar-lhe ao focinho da ›u se um bando de garotos a lhe pedir vintens. Na emoria ficava tudo confuso, mal impresso, como as isões de sonho. Horas e horas a andadura do ani- embalou, sem que elle sahisse da mesma mazurka ›pera em Botafogo — uma conversa preciosa e como um romance mundano de Balzac. Depois, › sahiu d'ella, com o derreiamento atroz entrou-lhe ação de que os doze annos de ausencia tinham as e de que aquella tinha sido e era a eterna, de e e para sempre, paizagem dos seus dias vazios, ›rios vãos reduzidos a um vulto minimo, sob a o formidavel do tempo. E, com a idéa de não ter

vivido, voltou-lhe a humildade antiga, os sentidos, a contemplação de menino. Estava preparado para o ajoelhamento ao limiar da morada paterna...

Não se ajoelhou, porém. Ao virar un morro, viu-a de leguas de distancia, como um ponto branco perdido n'uma paizagem larguissima, por onde se lhe espraiaram os olhos e o bando das saudades. E mal se tinha affirmado nella, com a vista ainda offuscada pela grande luz do descampado, uma voz que o interpellava quebrou-lhe a emoção : « Agora é só mais um instante... Em boa hora esteja com Deus Nosso Senhor na sua casa, seu Joãosinho ! »

Joãosinho procurou com os olhos o que assim o interpellava e viu, sentado á beira da estrada, confundindo-se quasi com a côr da herva secca, sobre a qual as suas roupas tristes e a sua posição prostrada não faziam vulto, um velho muito velho e muito pobre, que elle não conhecia. Analysado, era uma bella academia de santo, enrugado, emaciado, encanecido, uma cabeça dolorosa e um grande corpo ossudo, accusando-se em linhas violentas, quasi tragico, por baixo das roupas remendadas e sem côr. No todo era uma mancha parda, em que, desde os pés poeirentos calçados de alparcatas até ao rosto exsangue e terroso, aos olhos de uma tinta indecisa, amortecidos e a meio occultos sob as pesadas palpebras rugosas, notava-se o desbotamento absoluto de toda a côr cantando as alegrias de viver, sentia-se a poeira das jornadas sem conta sob os sóes implacaveis, a sombra e o tisne das longas invernadas ao pé do fogo nos pousos, a passagem eloquentemente silenciosa dos annos...

João da Serra estacou a mula e tocou no chapéu :

— Boas tardes, meu velho. Não sei donde me conhece...

— De pequenino, na sua casa. Agora, que está homem

e barbado, é o retrato do seu pae! Depois, bem conheço a mula... Eu sou o José Ramos, o Poeta.

Na memoria do bacharel foi como se aquelle nome abrisse uma janella, á qual se debruçou sofregamente. Um salto de vinte annos para traz e o viajante achou-se um homemzinho de quatro annos, vivendo a vida resumida e originalmente intensa da contemplação infantil. Pôz-se a refazer o scenario d'esse longo sonho e, ainda bem lhe não precisava a memoria a grande varanda escura dos serões antigos, já um vulto apparecia nella, que lhe abria para o fundo, para longe, para as regiões inexploraveis dos sonhos sonhados, a fresta da phantasia sobre os campos da legenda inverificavel, perspectivas moventes, extranhamente illuminadas, por onde a sua almasinha independente e rebelde ás correcções da realidade gostava de esvoaçar, ébria de liberdade, de loucuras inconsequentes. Esse vulto, já velho, já encanecido, já triste das tristezas seculares, era o do José Ramos, poeta.

João da Serra o esquecera, esquecendo os seus primeiros dias. Com elles elle jazia sepultado, sob infinitas camadas superpostas, na estratificação incessante do Tempo irreprimivel. E agora lhe apparecia de repente, no minuto mesmo em que avistava o seu ninho antigo, apparecia-lhe como um espectro familiar guardando-lhe o horizonte da infancia. O abalo foi tão forte que o cavalleiro ficou um longo minuto, tomado de emoção, com a mão na crina da mula, firmado no estribo esquerdo e um pouco curvado, no movimento de quem se apeia. Depois, reflectindo, indireitou-se na sella e disse ao velho :

— Se vêm cá para casa, dou-lhe garupa e o levo.

José Ramos respondeu, sem se mecher :

— A Estrella não dá garupa, Nhosinho, e eu já não sou

cavalleiro. Lá para as dez horas estou chegando. Sempre é bom mandar prender os cachorros...

Mas já o bacharel tinha descoberto o que procurava com os olhos : uma rabeca, que elle bem conhecia, alli estava embrulhada num sacco; via-se-lhe o punho ennegrecido, ao pé do alforge do forasteiro.

— E uma serenata para mim em chegando : não se esqueça, poeta... disse, pondo-se a caminho.

Uma risadinha frouxa foi a resposta. O velho tambem se arrumava para partir.

Algumas horas depois, tendo jantado, João da Serra sentou-se nos degraus da larga escada de pedra que dava para o terreiro, a conversar com o pae, ou antes, a ouvil-o discorrer sobre questões de politica geral européa. Mas evidentemente as tricas e finuras de Bismarck e Gortschakoff lhe não occupavam a attenção. Havia nessa hora questões mais graves para o bacharel : saber por exemplo, de quem era a voz grave, quasi solemne, do escravo que, passando, depois do *louvado seja*, perguntava affectuosamente pela saude do senhor moço. Já de alguns indagara, que julgava reconhecer, e o pae lhe respondera que tinham morrido.

Eram lacunas sentimentaes, falhas na vida da sua infancia, que parecia retomal-o áquella hora familiar da passagem dos escravos *salvando* aos senhores. Mesmo os grillos antigos tinham ficado e a roncaria dos sapos na varzea escura, em que vagavam phosphorescencias de pyrilampos. Na grande sala desguarnecida e nua, sem um quadro nas paredes, sem um tapete no chão, sem um ornato sobre as mesas, uma unica vela ardia tremula e triste a um canto, projectando sobre o tecto em telha van a sombra obliqua da grande travessa do meio. Como elle conhecia aquillo! como sentia identica a impressão d'aquella casa soturna hoje, soturna ha vinte annos

Menos soturna outr'ora, talvez, quando não podia comparal-a a outras mais confortaveis, não tão impressivas. Depois, havia alli cousas que só para elle tinham uma voz, que lhe recordavam, que lhe contavam historias indiziveis. Historias singelas como as que mais o são, cosidas de uma só linha, na sequencia das creações do desejo, historias mais cantadas do que contadas e por musica sem tom nem thema, rithmada ao pulsar do coração. Justamente quando o pae do Joãosinho entrava na intrincada questão dos Balkans, um como longo suspiro correu pela folhagem do arvoredo que vestia a lombada do morro ao nascente e uma aragem leve levantou-se, a bafejar primeiro, como se fosse o halito da Noite, a soprar depois, ás lufadas sem força, preguiçosas, como um distrahido abanar de leque. A chamma da vela teve um sobresalto e começou a agitar-se, inquieta ou importunada por aquelle sopro e as sombras das vigas contra o tecto puzeram-se a dansar silenciosamente um passo incerto e sem cadencia. Ou a cadencia era marcada por aquella aldraba, que lá para os fundos, no escuro de um quarto aberto, martellava por traz de alguma janella, desolada, lugubremente... Pancadas abafadas, cavas, rapidas, como o pregar cauteloso de um esquife : até a indicação dos golpes falhos, das martelladas em falso... Definiu-se então a harmonia imprecisa num fundo de marcha funebre não instrumentada. Os suspiros do vento, a agitação da luz, a gesticulação desvairada das sombras familiares eram explicados por esse esquifamento cujas martelladas se ouviam. Sómente, de quem era ou de que era o funeral? João da Serra o ignorava, mas presentia-o, pois que uma immensa piedade, pena a que só faltava um nome para explodir em pranto, lhe amollecia o coração. O pae concluia a sua dissertação :

— Se como eu tu tivesses acompanhado de ha trinta

annos para cá a marcha da Questão do Oriente, estaria convencido de que dalli hão de vir todas as complicações e quem sabe mesmo se uma transformação completa na carta da Europa.

O bacharel murmurou, oppresso :

— Aquella aldraba...

— Ainda te lembras della? Põe-se a bater assim sempre que venta de Léste. Mas tu deves estar cansado : vae dormir. Aqui a gente se levanta cedo.

João da Serra deitou-se pensando no vento Léste. Era outro evocador, outro esquecido, outro que não mudara, como o *poeta*. As historias, as cantigas, a voz surda e quebrada de um, como as rajadas, a roncaria oceanica do outro e o seu longo sussurro desabrido, fóra dalli perdiam toda a influencia. Mas escutem só esta voz que fala nas copas das arvores retorcidas, sacudidas, descabelladas agora pela rajada irosa. Arripia o pensar que aquelle estrondo póde querer dizer alguma cousa! Alguma cousa... muitas cousas, cousas terriveis, que gestos furiosos acompanham. De encontro ao fundo do horizonte, pallejante agora á sahida da lua, a ramada alta de uma coirana figura um longo perfil humano, uma face dolorosa. Aos empuxões do vento um ramo superior feito em mão espalmada esbofeteia aquella face, cruelmente, encarniçadamente... Ha recúos, movimentos de lucta, retorcimentos tragicos — e o esbofeteiamento prosegue odioso, pungente, opprimindo a contemplação como um pesadelo. O alarido silencioso de um drama horrifico passava pelo ar. João da Serra sentia-lhe os echos pavorosos no cerebro percutido por baques, choques, golpes surdos, ais, suspiros de agonia, choros dilacerantes, e, peior do que tudo, a ancia offegante das fadigas sobrehumanas, e a espaços um som que o gelava de horror, um *han* inexprimivel, como de peitos de

titans esmagados sob o desmoronamento dos céus.

Muito tempo durou aquillo — minutos ou horas. Depois, o vento acalmando, a zoeira do coqueiral foi diminuindo e as copas das arvores retomaram as suas linhas serenas. De tempos a tempos ainda vinha uma lufada sacudil-as, como o soluço que sobrexiste aos grandes prantos. Mas finalmente tudo se aquietou e, através do largo panno de vidraça sem cortinas, João da Serra teve a visão em recorte negro do horizonte das suas noites de outr'ora. Havia mudanças, reconheciveis pelas linhas dos caixilhos estreitos, que lhe quadriculavam o céu : montanhas sumidas sob ramos que cresceram, arvores novas, um tecto de casa a um canto... Mas o aspecto geral era bem aquelle; nem lhe faltava o prestigio do luar, nem, para completar-lhe a volta ao passado, lhe faltava a musica! Alli a tinha elle, a musiquinha ridicula, que lhe dizia tanto no outro tempo, que ainda mais lhe dizia nessa noite... Como envelhecera a rabeca esganiçada e rouca! como enfraquecera e se tornara hesitante e falha a arcada do menestrel! A toada elle conhecia bem, e, se havia notas perdidas, mais recuava isso a musica na distancia, na edade, dando-lhe a feição ineffavel das ruinas vislumbradas entre brumas. João da Serra levantou-se e foi olhar pela vidraça. De pé junto á cancella do terreiro branco de luar o José Ramos, de rabeca sob o queixo, lhe enviava a serenata pedida. Alguma musica de canção d'outro tempo, monotona nos seus requebros, afogada num vago, tremor e doloridamente desafinada. A claridade da lua fazia negro o vulto do poeta musico e um ponto brilhante na extremidade do arco dansava-lhe á roda, como querendo envolvel-o numa filigrana luminosa. A mão empunhando o arco descahiu, a cabeça inclinada para a rabeca ergueu-se e se apresentou direita á luz da lua : o menestrel cantava.

João da Serra levantou a vidraça e, debruçando-se, levou as mãos em concha ás orelhas, para entender o que cantava o velho. Conhecia! conhecia! Era a canção da cortezia á entrada da casa hospitaleira, a solicitação redigida sem humildade, em versos de rimas pobres, mas cheios de confiança, com um sentimento antigo de hombridade nas relações entre o pobre e o rico.

O pobre de pé no chão
Tambem é filho de Deus...

Era bem aquillo. Sem azedume, lembrando ao rico o seu dever... pagar-lhe-hia em canções o agazalho. E a rabeca estribilhava rapida, contando as estrophes, que a voz ensurdecida e tremula do cantor desfiava plangente. Por ultimo a copla da boa-vinda ao filho da casa, uma improvisação pobrissima. A porta se abria e o menestrel entrava. Tinia louça na sala de jantar, ouviam-se algumas phrases cochichadas para não incommodar ao dono da casa, e depois tudo recahia no grande silencio da noite cheia de vozes, que tanto perturbava ao bacharel.

Era a noite d'outros tempos, a mesma luz, os mesmos sons, os mesmos aromas e a sua agonia era de sentil-a tão assim. Os annos decorridos, as coisas que aprendera, os passos que dera no caminho da vida não representavam pois um progresso, que assim volvia e involuntariamente á penumbrosa e confusa psychologia da sua infancia? Metaphysico, elle admittia a identidade das essencias, mas não a identidade dos modos. E agora esse recordar tão intenso, não podendo ser a renovação da vida irrenovavel, só podia ser o estacionamento, a não passagem do Tempo, a irrealidade da sua existencia emquanto andara por fóra... e quem sabe se mesmo emquanto cá estivera! Eram umas conclusões apavo-

rantes, mas não havia meio de as corrigir. Se elle já sentia que não era dono do corpo que tinha, sem poder fazer concordar a sensibilidade nervosa com a percepção della! Nem a alma que tinha de creança se achava á vontade naquelle grande corpo de homem extranho, Havia alli zombaria de algum máu genio. Lembraram-lhe as historias de encantamento e, com uns restos de logica a guial-o entre escuridão da loucura, começou a implorar ao Tempo a sua libertação d'esse tormento, ao Tempo que se encarnara no velho menestrel. E com ais e soluços, num pranto de afflicção immensa, levantou um clamor :

— Velho, soccorro! Livra-me d'esta miseria de não ser eu quem sou! Tempo, que tudo fazes, que tudo podes, muda-me no que devo ser. Faze-me mais novo ou mais velho... mais novo e mais velho... differente... mas harmonisado o corpo com a alma! Transforma-me, Poeta... para que eu não soffra mais este tormento de não me amar! Soccorro! que me não entendo! E morro, se me não acodem com luz...

O pae do allucinado lhe acudiu, quando já rasgava o corpo com as unhas, furiosamente, a tropeçar pelos moveis no escuro, procurando o quarto em que devia dormir o menestrel.

Veiu um medico, curaram-lhe a febre, que durou longos dias, com accessos de delirio, e algumas semanas depois no Rio de Janeiro, em roda de lettrados, João da Serra explicava o seu caso de allucinação. Um dos ouvintes, um pouco distrahido, perguntou, para ter uma historia completa :

— Mas que tinha de particular o José Ramos para assim te impressionnar?

— O José Ramos, menestrel, não existia. Quando o vi sentado á beira do caminho, já era a febre que me

trabalhava. Tinha morrido ha mais de dez annos o velho que andava pelas casas contando historias, ensinando a fazer doces e ajudando a comêl-os. O meu delirio foi que o idealisou...

— E pedias ao Tempo a solução de uma grande questão, João, disse outro. Não era sem razão o que pedias...

— Pois a loucura não é a razão deslocada?... concluiu o philosopho do grupo.

DISCURSO DE APRESENTAÇÃO NA ACADEMIA BRASILEIRA

Meus senhores,

E' uso consagrado nas recepções academicas começar o novo socio o seu discurso com palavras de modestia e gratidão, humildes agradecimentos á illustre companhia, pela eleição que o promoveu a augusto. Eu não seria sincero, se fizesse o mesmo. A alegria de pertencer á Academia Brasileira não se mistura em mim com o desvanecimento de quem se considera exaltado de nivel inferior, nem com o orgulho aristocratico, descabido na Republica das Lettras. Ainda que me faltem titulos para affirmar, com o nosso batalhador collega estrangeiro, que « deve ser da Academia, pois que a Academia existe », não me admira o ser desta academia. Desta e não de outra, onde me não julgasse em casa e no meu logar, amparado pela confiança affectuosa num valor não provado por obras e actos capitaes, apenas presentido, desejado sympathicamente, na presumpção da convergencia dos esforços differentes para um ideal commum.

Esta sympathia, esta confiança, este amparo já de ha

muito eu sentia disseminadamente, e bem sabia distinguil-os da vaga e incerta approvação do publico : posso agora objectival-os, retraçar-lhes a origem prestigiosa, agora que vos reunistes e me chamastes para o vosso lado.

Julgo ter passado a edade das generalisações ambiciosas, do atrevimento ás affirmações categoricas : entretanto, acredito agora, como nos meus principios acreditava, na objectivação social da arte. E sobre este ponto de finalidade esthetica, deixae que, rompendo os habitos da modestia brasileira, eu fale de mim por um momento, « neste momento solemne », para vos provar a minha perseverança de doutrina academica.

Eu ja fiz parte, fui mesmo presidente perpétuo — aos dezoito annos — do Gremio Litterario Jardim de Academus, que tinha vinte socios, todos de edade muito proxima á edade do presidente. O Jardim de Academus era nos fundos de um segundo andar que dava para as officinas da *Gazeta de Noticias*, e, vindo dos quatro cantos da cidade, portadores do oleo puro para a lampada da idéa, alli nos reuniamos uma vez por semana.

Ainda não abaixavamos os olhos para essa miseria da dominação pelo jornalismo, ainda não cuidavamos dos meios de conquistar o mundo, e já pensavamos em reformal-o. Estudavamos para esse fim a politica e a historia, a religião e a arte, physiologia e grammatica, os modos de ser e os problemas dos destinos, a poesia.

Eramos theoristas doutrinarios, eramos materialistas, socialistas, nihilistas e, por uma generosa inconsequencia, eramos nacionalistas. Numa noite escura e quente, em que nos achámos quasi tão numerosos como hoje e o piano da vizinha enchia o corredor com a musica excitante de uma polka á moda, nós, commovidos e sinceros, affirmámos a existencia de uma literatura nacional.

Esse voto em que o enthusiasmo juvenil pesava mais que o estudo attento dos nossos elementos literarios, esse voto dos meus dezoito annos pensativos e ardentes, tem sido, sem parecel-o, uma das raras responsabilidades moraes da minha vida de abstenção e de reserva. Foi elle, certamente, o que me distrahiu da mathematica, que me levaria á industria, para a litteratura, que ainda não sei aonde me leva. E' caso aqui de dizer-se que, se a literatura nacional existia, eu devia trabalhar para ella, provar a sua existencia aos incredulos.

Nada existe tão bem como aquillo que queremos que exista; como um fundador de religião que não prégasse e só esperasse depois de convencer-me, tomei sobre mim, dentro de mim, o encargo da nova crença. Quem sabe se na obscura causalidade universal o voto dessa noite dos tempos heroicos do Jardim de Academus não influiu para a constituição desta Academia, na hora em que a literatura brasileira sentiu que vivia, e quiz viver nacionalmente? O elogio funebre que fiz de Franklin Sobral Bittencourt, cabeça e coração do nosso grupo, que a sua morte dispersou, foi uma oração piedosa, mas não desconsolada. Ainda na memoria dos mortos queridos encontra amparo a esperançosa mocidade.

Nós lhe promettêmos continuar a sua obra de missionario da fé na Patria e nos seus altos destinos; promettêmos aprender a ensinar a palavra divina da crença no melhor, escrevel-a nos monumentos, para que seja venerada, entoal-a rithmada em canções de marcha, que nos quebrasse os tédios, que nos désse alento na fadigosa jornada da vida.

Se bem cumprimos todos essa promessa não sei, que nos separámos logo á primeira encruzilhada, e não sei onde param hoje todos os companheiros do gremio. Agora que me acho entre vós, grupo de gente illustre e

provecta, e vejo que pondes todos a vossa segurança e mestria nos officios intellectuaes ao serviço do mesmo idéal do mallogrado Franklin, venho para vos falar de outro coração violentamente amoroso do bello e do bem e que estalou á pressão excessiva das paixões generosas. Esta approximação de situações, de pessoas e de estados de espirito me faz pensar que o Jardim de Academus foi como o meu seminario menor e que esta solemnidade é a da minha ordenação de lettrado.

Venho falar-vos de Raul de Avila Pompeia e, opprimido pela grandeza da tarefa, quasi me arrependo de a ter solicitado do collega que primeiro a tomára para si. Anima-me, porém, a esperança de que me perdoeis a deficiencia do esforço pela estreiteza do tempo, pelo quasi improviso desta oração; anima-me, sobretudo, a certeza de que o pouco que eu disser de Raul Pompeia vós completareis com as vossas reminiscencias pessoaes, mais antigas, ou mais modernas, que, com risco embora de avelhentar o retrato, só do Pompeia de ha doze annos falarei com inteira segurança.

Foi esse tempo em que o conheci, talvez o mais fecundo da sua breve existencia. Escreveu elle então *O Atheneu* em tres mezes, num arranco magnifico que se não reproduziu. E ao mesmo tempo revia as provas de uma edição das *Canções sem metro,* para as quaes procurava ainda epigraphes, « porque com epigraphes », dizia elle, « póde-se concentrar num livro toda a poesia humana ». Não encontrou sem duvida todas as de que carecia, pois que em oito annos o livro não ficou prompto. Quereria acaso que ficasse sendo esse o seu livro e deixal-o-ia para ser acabado em tempos serenos. Entretanto, foi escrevendo a *Boceta de Pandora*, na *Gazeta de Noticias*, os folhetins do *Jornal*, prefacios patrioticos, contos de esthetica vária, redigiu *A Rua*, dispersou-se em notas de

critica e artigos de polemica; foi professor de esthetica, director de estatistica, de bibliotheca e de jornal official, deixou-se arrastar pela logica irresistivel ás derradeiras e nefastas consequencias dos seus principios philosophicos, e, combatente leal, perdida a serenidade conservativa, esse coração de doçura foi invadido pelo « odio santo, que é apenas uma fórma militante do amor », mas que é corrosivo e traz comsigo os fermentos de autodestruição...

Seria muito longo e não affirmo que não seria fastidioso em discurso academico o estudo do processo psychologico que transforma em odio, revelado por manifestações negativistas, o culto da suprema belleza e da justiça. Entretanto, póde descobrir-se, e basta indicar aqui, a eiva do destino funesto na propria violencia adorativa desse culto.

Na sua meticulosa honestidade de poeta pensador, Raul Pompeia descia sempre ao que julgava ser os fundamentos inabalaveis da Sciencia. Um dia encontrei-o que estudava a theoria das vibrações.

« Neste estudo encontro eu toda a esthetica e a propria vida », explicava elle, « porque a arte reproduz vibrações, e vibrar é viver. » Isto mesmo canta na harmonia austera da prosa uma das suas canções, a que serve de epigraphe uma quadra prestigiosa de Baudelaire :

Comme de longs échos qui de loin se confondent
Dans une ténébreuse et profonde unité,
Vaste comme la nuit et comme la clarté,
Les parfums, les couleurs, et les sons se répondent.

« Vibrar é viver. A vida vibra. No abysmo ethereo á musica das espheras ou no segredo subterraneo dos sepulcros, na luz, na chamma, no perfume, no som, na putrefacção.

« Vibra á semelhança na alma.

« Psyché é o enthusiasmo ou a melancolia. Ha clarins e lampejos solares no enthusiasmo; na melancolia adagios que agonisam e sombras mortas. E entre os extremos alcances matizam-se as cadencias do coração — musicalmente, como se diz do som; em gradação de côres, como se diz da luz; entre a lyrica intensidade rutilante e a vibração angustiada e tarda das elegias cresce a symphonia chromatica das paixões. »

Quem diz paixão diz violencia de desejo, diz incontentamento de goso, e depressão moral, e abatimento, succedendo á exaltação e ao enthusiasmo. Raul Pompeia era um apaixonado. Porque era sincero e puro dava-se todo ao seu affecto, de cada vez objectivado em vão. Não comprehendia na sua singeleza — porque a sua complicação psychologica era toda de apparencia — não sentia que a paga do amor é o proprio amor, e — novo Pygmalião creador da belleza em sonho — queria receber da fugitiva bondade, da precaria justiça, da incerta humanidade, a volta do seu ardente culto, remedio ás suas ancias de paixão. Isso imprime ás suas melhores paginas de contemplação a tinta escura do pessimismo, que era o fundo da sua philosophia. Não do pessimismo que nega o progresso, mas do que se queixa dos soffrimentos da jornada. Desde a canção dos *Fructos verdes* este gemido se exhala de não ver cumpridas as promessas da Esperança:

« Em meio do caminho da vida encontrei as confissões do coração humano, a que vinha do norte, a que vinha do sul, a que vinha do oriente, a que vinha do occidente.

« Eram como quatro irmans, muito velhas, envelhecidas de seculos e ainda mais de amargura e de meditação. E seguiam em extase, somnambulas, olhos no céu, como arguindo o mysterio dos astros. Na terra eram seus passos como sem destino; erravam sobre os seixos asperos e os

cardos, e os pés sangravam na gasta sandalia da humildade. E murmuravam em prece: « Esperança! esperança! » todas quatro, a que vinha do norte, a que vinha do sul, a que vinha do oriente, a que vinha do occidente.

« Sob um mesmo céu tropical, entre as cinzas aéreas do mez de agosto, cahia uma tarde dolorosa. Na linha do horizonte fechava-se uma cinta de nevoas côr de cobre, por egual, como se o dia sem occaso se fosse sumindo ao mesmo tempo por todos os lados; e os matizes do crepusculo condensavam-se para baixo, horrivelmente, céu em maceração de tortura, horizonte de gangrena, triste acabar da luz.

« Sentiam-se as cidades, ao longe, na penumbra murmurante, ouriçadas de torres ou minaretes. E de longe, como um echo distante, chegavam destroços de mil rumores humanos — a voz de todos os desgraçados, dos cégos sem sol, dos famintos sem trigo, dos suaves sem carinho, dos humildes sem amparo, dos altivos sem triumpho, dos triumphantes atraiçoados, dos traidores em agonia de remorso, todas as escalas do gemido e do lamento.

« As confissões do coração humamo iam dizendo, entretanto:

« Esperança!

« Esperança! esperança! Vesperas verdes primaveraes, confiantes do outono certo, eternas vesperas venturosas da ventura!

« Mas eu não vi na terra um unico passaro que se nutrisse dos fructos verdes... promettedores. »

Pelo livro todo das *Canções* as notas dominantes são as graves, de vibração profunda, como assenta á musica do pensamento de que a alma humana é o thema.

Pompeia era torturado pela curiosidade ardente de conhecer o outro lado, o interior, a alma das cousas; soffria a obsessão do mysterio da vida, que a nós nos deixa resignados, senão indifferentes.

Havia nelle a agitação de uma alma divina, orgulhosa, dominadora, que não queria ser possuida sem

possuir e para a qual a posse não existia sem o conhecimento. Esse orgulho defensivo, conciliavel com a ternura exuberante, o levava a affirmar o que queria que fosse a realidade, talvez pela idéa obscura de que elle assim seria por força do seu desejo.

E' o que explica a violencia espasmodica do seu estylo, mesmo nas paginas que deveriam ser serenas, a constante postura em guarda dos seus periodos, como nos dramas a preparação, a espectativa do lance que vae mudar a situação, retesa a linguagem, tira-lhe o tom descuidoso e a naturalidade de quem fala no presente, ignorante do que vem depois. Nos hymnos, nas expansões lyricas em que o affecto implora o carinho e a alma vencida se faz mansa e humilde e esquece o soffrimento na esperança, ainda na delle estremece e soluça a memoria dos passados transes, palpita o receio da desillusão futura.

Na *Canção do Azul*, por exemplo:

« Encantamento do meu olhar, vem ungir os meus olhos! Longe a obsessão dos lugubres lamentos e o torvo pranto dos assombrados da morte... Basta-me junto a mim o saudoso phantasma do teu sorriso.

« Vem! braços abertos! Nelles transporta-me o coração em cruz — angustia e gloria de um calvario novo, ignorado de Deus! »

Em outro poeta se levaria á conta de extrema mocidade este lyrismo sombrio e tumultuoso. Em Raul Pompeia, porém, o estylo é característico e tambem se poderia dizer que nelle havia de durar sempre a mocidade, se é proprio da mocidade sentir vivamente e exprimir sentimentos com intensidade proporcional á da sensação. Nem se diga que é facil produzir effeitos litterarios no claro-escuro prestigioso de uma psychologia incerta, em que o poeta tudo crea: as pessoas e o meio

favoravel a situações e sentimentos improvaveis. O autor do *Atheneu* tambem sabia fazer o retrato, com a exaggeração do traço physionomico, que aconselhava o pintor Lawrence. Mas o pintor inglez escolhia na figura o traço de belleza, porque para elle a arte de representação era um fim. Raul Pompeia entendia que a arte, que tem um fim social, devia representar o que o artista tivesse em mente, que seria bello quando avultasse e vivesse, livre de regras estreitas, fóra das contingencias da esthetica corrente. E fazia caricaturas por vezes, por vezes desenhava imagens encantadoras, e numas e noutras se encontra sempre a marca do artista genial, do que se inspira da vida para produzir a emoção, que é uma das razões da vida.

Não era sómente o homem o que elle sabia representar. Um periodo de paizagem de nevoeiro, em que a bruma apparece como subjectivada, bastará para exemplo da sua arte pantheista:

« Não sei que penetrante analogia me impressiona no espectaculo das nevoas fluctuantes, que vão sem rumo e sem fórma pelo ar; que se conglobam, que se dispersam, que se derramam de cima como a dissolução do céu sobre a terra; que se elevam da relva, como se o solo fumegasse; que tombam em silencioso desmoronamento e que se erigem subito em fabulosos castellos como por effeito de uma suggestão de sonho; que se equilibram em torre e que rojam depois no chão, larvejando, vermitando em convulsões torcidas de reptil; que vivem materialmente e sem nenhuma propriedade da materia; silenciosas, impalpaveis, illimitadas, como sombras apenas, — nem isso! que seria demasiado concreto — como a pura transparencia, como deveriam avultar os espiritos se tomassem corpo e se nos afigurassem comtudo na imagem indefinida da immaterialidade, como fórmas, se é possivel dizer, de abstracção, com um aspecto inexprimivel de representação psychologica, a ponto de se não saber decididamente se existe de facto na natureza, ou se apenas as sonhamos em

nosso coração, especie de scena moral da tristeza no mundo, tristeza diffusa, sentimento disperso, ou antes, materia cosmica de sentimento sombrio, que ainda ha de existir, ou que tem já existido. »

Um periodo destes, como um desenho de estudo de um grande pintor, já seria representativo de uma alta personalidade literaria. Em tudo o que Pompeia escreveu se encontram analogos, de tonalidade vária e de valor seguro. E *O Atheneu*, que foi o unico livro completo que nos legou essa fecunda e generosa intelligencia, está cheio de eguaes chamadas á attenção em cada pagina.

Eu disse « generosa intelligencia », e empreguei o adjectivo para contestar a opinião que dá *O Atheneu* como um monumento de odio que se vinga. Fossem taes embora o estimulo e a tenção, e ainda lhes serviria de justificativa a belleza da obra. Mas, seria um mesquinho movel e uma baixa empreza para tão peregrino e puro espirito, e das suas origens se envenenaria o livro, que ninguem seria capaz de reler se o não animassem outros sentimentos.

Collecção de retratos em caricatura ou em proporções naturaes; album de figuras miudamente desenhadas ou de perfis rapidos; galeria de quadros maravilhosos em que a maneira chega a impressionar independente do assumpto, com proveito manifesto para o artista; livro de satyra, mas da satyra que se contenta com o riso e perde com elle a força para ir até ao insulto; em que a comedia das ambições mesquinhas, dos appetites disfarçados ou cynicos, do egoismo feroz e dos temores vis se desenvolve ao lado do drama da escravidão das almas, das individualidades tolhidas na sua expansão, desviadas viciosamente, feridas, humilhadas, espesinhadas pelo desprezo generalisado do educador mercenario;

livro de doutrina moral e de esthetica, em que se ensinam as grandes syntheses do espirito humano e as pequenas lições das cousas; livro de ironia, livro de piedade e de ternura, « chronica de saudades » realmente, saudades não do que foi, mas do que poderia ser essa passagem inolvidavel através da primeira camada da sociedade, em que todos os elementos da Cidade se acham reunidos e ainda não existe o cidadão; livro de poesia, livro denso e suggestivo de fundas meditações, como poucos se encontram nas litteraturas todas, é O *Atheneu*.

Pompeia se descarregou nelle de um mundo de idéas que não achariam logar em outro. A saturação de conceitos alli parece natural e vem a tempo em um livro que trata da vida de collegio, da formação do espirito. O proprio estylo imaginoso, sempre attento ás approximações grotescas ou lyricas, pela força da disciplina metaphorica, tufante de intenções, attinge as alturas da consideração devida ás cousas artificiaes bem sustentadas.

E seria mesmo artificial? A exuberancia e a sensibilidade de Pompeia poderiam acaso conter-se nas peias da linguagem comedida e moderada? A violencia, que nos perturba, ainda quando seja uma manifestação de belleza, porque nos invade a admiração e se nos afigura ephemera e insincera, a violencia deixa de o ser quando é a expressão normal, o modo de ser de um grande artista, e a ella nos acostumamos como á voz retumbante de um cantor.

Se della mais cedo morre o artista — fatalidade de machina em trabalho assiduo e sob alta pressão constantemente — dessa vida curta embora, a obra que fica é da maior belleza a enriquecer o espolio das gerações humanas.

Meus senhores, o elogio de Raul Pompeia não está feito, que este discurso não é senão uma nota desconcertada e rapida e demasiado incompleta sobre uma parte apenas da sua obra dispersa e vária e mal conhecida. Compondo-o entre os alvoroços e perturbação de uma volta á patria, ao cabo de longa ausencia, e as preoccupações da nova e proxima partida, só delle fiquei contente com as horas que assim passei no convivio de tão puro e gentil espirito e dos que me ajudaram a entendel-o. Possa esta tentativa falha estimular os mais capazes a erigir-lhe o monumento perenne.

OS VENTOS

> Eu sei o que me contaram os ventos, que andam çá e lá, abaixo e acima, de um tempo a outro tempo, e sabem muito porque são testemunhas de tudo. A dispersão não lhes tira a unidade, nem a inquietação a constancia.
>
> MACHADO DE ASSIS — *A lagrima de Xerxes.*

Da minha mesa, a um canto da grande sala vasia, ouço lá fóra o estrugir do vento. Voz amiga! Já, de fóra de mim, fala-me alguem no silencio. Este tufão de pavoroso estrondo é um *tutti* na orchestra descommunal das brisas, compondo sobre o fundo de sombra a harmonia que, unico, eu sei.

Unico! — e esta certeza dilata-me o coração numa ancia de gritar como se grita cantando de alegria até á nota que chora. Unico! — sei que não ha nem haverá dous; sei que nunca mais a materia descobrirá entre as suas combinações infinitas a formula que me creou, miseravel producto de espanto e de angustia, que é a dor de sentir a vida. Unico! — quando no dia final das vidas todas joeirar-se a poeira dos mundos lá estará o

meu Atomo Central, irreductivel, de cantos impuiveis, com a sua physionomia de mysterio indecifravel, dissidente, inconciliavel, differente, pensando, querendo, vivendo, creando, clamando pela sua existencia tormentosa contra a serenidade suprema do aniquilamento eterno, como um novo demonio oppondo a sua eterna queixa á beatitude eterna. Unico, eu sei e posso sentir e dizer o que dizem os ventos, menos o intraduzivel da sua lingua, menos o inaudivel, o inimaginavel e o impensavel do que elles cantam, rhapsodas imcomparaveis.

E ainda no que não entendo gozo, ainda na turvação da sombra infinita que elles rolam comsigo todo eu palpito a um vislumbre de chamma fugitiva, ainda mais me deleito na incerteza de entender, com o prazer requintado de quem ouve bellos versos em lingua mal sabida. Assim não me desencanta a excessiva clareza, a rasura dos lagos de poesia, cujo fundo transparece. Tenho sombra, profunda, infinita... Abriga-me, sombra! consola-me, sombra! e pela orchestra atroadora dos ventos dá que eu sinta o choroso acalentamento da magua antiga que me punge.

São estes os velhos amigos da antiga casa. Bemvindos, ventos! Fazei fallar esta velha taciturna. Desentranhae-lhe as historias hoje tristes das alegrias que aqui foram. Recordae-lhe, recordae-me, enchei-a de vozes, que a minha imaginação a povôa de visões. Crueis visões, saudosas visões, são as figuras da minha historia familiar vivendo nas scenas inolvidaveis o que hoje evoca esta ventania desabrida como um pranto de desespero. A grande voz do espaço conta-me o passado e o explica. Entendo-o todo agora. Ai! tarde... Não me vale saber o irrevogavel, valha-me o choral-o e vivel-o de novo na saudade.

Recúo de vinte annos. Vinte annos no infinito do tempo não se contam; contam-se no cemiterio onde mais tumulos alvejam; contam-se nos écos funebres da casa despovoada. Foi um tempo em que a rude seccura austera d'este ninho de pedra nada tinha para mim que não sorrisse, na alegria dos dias luminosos. Todos luminosos os de que me lembro, para obumbrar-me as alegrias de hoje dez ou doze bastam. E assim o passado se compõe de quadros soltos na memoria, com as lacunas que a imaginação preenche, nunca fiel. Os mais passaram, obliterados ao attrito dos factos novos. A morte começa desde a memoria. Jámais será sensação a memoria d'ella. Oh! voluptuosidade das sensações primeiras! Poesia que exprimisse o desabrochar de uma alma cantaria o hymno da Esperança e da Alegria. Tudo no contentamento de viver. Reviver... Quem diz que é reviver chorar?

Quando cheguei, ha algumas horas, a casa me recebeu mal, com a physionomia hostil de ruina desamparada, o desconforto, a tristeza sombria que as tapéras têm para os estranhos. Cheguei de tarde, com o sol baixinho. Emquanto o pagem lá para as cozinhas preparava o café, andei a abrir portas e janellas, para que désse ar e luz na casa mofenta e escura. Occupado nesse trabalho, endurecia-me contra a diluencia da saudade, que a melancolia da hora favorecia. Pensava nas paginas chorosas dos poetas romanticos, as visitas á casa paterna, com ditos musicaes e de bella alma... tinha um receio ridiculo das lagrimas lamartineanas. Entretanto, quando o sol morrente pelas portas abertas em galeria alongou num derradeiro raio o clarão vermelho dos occasos de de outr'ora, senti o estremeção do passado, que dóe.

Daquelle lado, sobre a marqueza que ainda lá está a um canto da grande sala, minha cabeça emmagrecida,

exsangue, consumida de febre, torcia-se nesta hora, ha longos annos, para seguir com o olhar persistente, doloroso, quasi anciado, a marcha da tira de purpura collando-se á parede em frente, subindo tremeluzente, já falhada de sombra, escurecendo aos pequenos arrancos, como soluços, até á borda dourada de uma moldura, onde um derradeiro reflexo chammejava. O ensombramento da noite má entrava-me na alma antes das cigarras entoarem o lamentoso unisono de vesperas. No esmagamento dos pesadelos febris a agonia daquelle raio de sol vermelho manchava-me de sangue as visões terriveis. A facha de purpura abafava-me, havia um presentimento de gritos vindo de muito fundo, muito longe, de soluços sem consolo, de sobresaltos convulsos precedendo o espasmo atroz das catastrophes nervosas. Depois o descoramento, o apagamento do ultimo clarão vinha-me tambem no exgottamento nervoso, no collapso donde emergia alta noite transido, com a bocca resequida mastigando o vasio, com o gosto sem sabor do nada. E chorava. Desconsoladamente, miseravelmente chorava, até afundar-me de novo na lethargia das madrugadas de insomnia.

Era sem duvida soffrimento de mais para uma creança. Vieram os Ventos arrastando nuvens que esponjassem as sanguinolencias dos occasos, que chorassem sobre as minhas penas, acalmando-as. O tempo passou. Cresci e medrei. E os Ventos ficaram meus amigos. Ensinaram-me a sua lingua e a symbolica obcura dos seus movimentos. O que os livros e as pessoas me diziam era muito menos do que o que elles me insufflavam nas noites tragicas de temporal, nas tardes luminosas que a nordestia ainda faz mais claras.

De noite a escuridão familiar do terreiro era visitada pela sombra do espaço, que os ventos do descampado

mpanhavam num cortejo estrepitoso e triumphal. s grimpas da serra, emmaranhadas num frenesi de rror ao coqueiral guardando a casa em renques solemes, a voz da treva infinita passava, ora magestosa e enta, uma nota profunda e prolongada, ora ao arrancos e saltos, caprichosa e louca, vocalisando do grito ao suspiro, virtuore incomparavel. E como se pelo ar confrangido fluctuasem véus levissimos, que a ventania arregaçasse, por momentos a escuridão parecia rarear, para adensar-se logo, temerosa e torva.

Encolhido a um canto da escadaria de pedra, eu acompanhava com os olhos e os ouvidos meio allucinados o desfilar vertiginoso das rajadas. Eram várias de corpo e de caracter. Emquanto uma desgrenhava irosamente a copa de um coqueiro, as palmas do coqueiro ao lado moviam-se apenas, com um preguiçoso abrir e fechar de leque. Zunia-me uma nos ouvidos e fustigava-me o rosto, aspera e fria, com uma vaga salsugem de refegão marinho. Cahia bruscamente e succedia-lhe a caricia de uma lufada leve e morna, embebida de aromas da terra e exalação de flores. O movimento da sombra era feito de grandes golpes de aza e de adejos rapidos. As vozes eram o alarido da multidão immensa de todos os sons reaes e imaginarios, que o temporal trazia desde os confins da terra, por cima dos turbilhões da vida, de silencio a silencio. O que ellas me diziam era vago e obscuro, interpretativo como as falas de uma sibylla. N'ellas havia drama, e a chave do drama ainda me era desconhecida.

A voz dos ventos diurnos era, porém, clara e seren larga e monotona como o canto de um poema lyric Quando elles se levantavam de tarde, o movimento d ondas da folhagem fazia o ar mais vivo, enchend de reflexos e adoçando a dureza da claridade fixa

sol. Saudade de outros climas, nostalgia de terras não vistas mas sonhadas, imaginadas por noções ajuntadas uma a uma, de campinas verdejantes entre montanhas alterosas, com cidades soberbas cheias de bella gente passeiando entre jardins magnificos e palacios de marmore, e uma vida de festa e riso sob um céu benigno, — era a canção maravilhosa dos ventos que de dia passavam.

Sómente, elles passavam sempre, e me ensinavam a resignação á partida, á fatalidade da passagem irrevogavel. Um dia transpoz aquella porteira, partindo em jornada mysteriosa, um cavalleiro de cabellos brancos, cuja mão beijei de coração partido, sem esperança de o tornar a ver. Quizeram socegar-me, zombaram da ternura que não soffresse um appartamento de horas. Mas um vento presago do Norte soprava ás lufadas banzeiras, morno e grave... Dias depois a sombra nos entrava em casa, atrás do mensageiro da má nova, e vestiamos luto.

Um por um foram partindo todos, e levaram aos bocados a alegria da casa antiga. A cavallo uns para a jornada do mundo, alvoroçado o coração com os ardores da conquista, cheia a cabeça de planos ambiciosos; deitados outros e immoveis nos seu caixões, as mãos cruzadas na renunciação suprema... A derradeira que acompanhei na ultima viagem fôra-me a fonte da vida e a luz da minha alma. Quando subi a encosta, de volta á casa, onde só eu ficava, a Nordestia me veiu ao encontro e aconselhou-me :

« Não vale a solidão voluntaria a quem ignora o mundo. Vai tu tambem e experimenta a vida. Voltando, aqui nos acharás para te consolar da solidão, para te acompanhar e te falar no silencio. »

Pelo caminho que seguiram todos, tambem eu desci

o outeiro da illusão. Sómente, me faltava o desapego com que os outros deixaram o seu ninho para não voltar. Eu tinha de voltar, que assim me instruiram os Ventos. A vida estranha me seria apenas a lição dos homens e das cousas, que em casa resumiriamos.

Parti e voltei agora, ao cabo de longos annos, para achar-me pouco mudado no immudado theatro da minha infancia. E aqui chegam os amigos Ventos. Ventos! a vida não me foi boa nem má, foi o que tinha de ser — escassa em contentamentos, banal em desenganos. Não vos trago o coração sangrando de feridas tragicas, nem etherisado de enthusiasmos sublimes, que me causasse o estrondo da batalha secular. Uma só lição aprendi. E foi que me enganava quando cria que o mundo fosse mais interessante do que eu mesmo e digno de attenção. Agora sei o contrario.

Uma pausa entre duas rajadas da procella, e, no meio silencio ainda estrondoso, ouço o velho Nordeste que me fala:

« Conquistaste o direito á solidão. Vive agora comnosco e para sempre. Estuda-te, que nós te explicaremos a ti mesmo. E quando te purgares de desejos vãos e de illusões mortaes, nós te arrebataremos um dia nas nossas azas, e voarás comnosco pelo espaço, na viagem eterna, sem rumo e sem destino. »

Eduardo Prado

NO INSTITUTO HISTORICO

As bondosas expressões com que sou acolhido pelo illustre e sabio presidente do Instituto, augmentariam, se fosse possivel, o meu desvanecimento pela honra insigne de ser recebido entre os socios desta erudita companhia. Para merecer esta honra creio não poder allegar titulo algum mais valioso do que a alta estima em que, como todos os que cedo amaram as coisas patrias, sempre tive os grandes serviços já prestados por vós, senhores, á nossa historia.

Fundado por patriotas, numa epoca de patriotismo, tendo por fim a investigação do passado; illustrado pela cooperação de grandes brasileiros; prezado pelos sabios, este Instituto, votado ao estudo de historia, é já, elle proprio, um largo pedaço da historia do saber brasileiro.

Poderá talvez uma fatalidade destructora, pesando sobre nós, pôr fim, senhores, á vossa digna e longa carreira; poderão ser fechadas as vossas portas; poderão o vosso archivo e a vossa bibliotheca ser dispersos; poderão os nossos successores ou talvez os nossos proprios

os vêr a summa desgraça da fragmentação da Patria rasgada a sua tunica inconsutil. Todas as catastrophes podem ser imaginadas, mas imperecivel será a memoria dos vossos serviços, porque sempre haverá quem no mundo queira saber o que foi o Brasil e nenhum estudo da nossa historia será uma obra de boa fé, se deixar em olvido os vossos serviços ou prescindir dos materiaes inestimaveis que tendes reunido. Poderá, quem sabe, apagar-se do coração dos homens futuros o sentimento da Patria, mas, se dentre elles surgir, nesta terra, algum psychologo que, com a reverencia devida ás grandes coisas mortas, quizer escrever a historia do patriotismo brasileiro, uma pagina e das mais bellas, será, senhores, em honra vossa.

A convicção de que, entrando para esta sociedade, venho partilhar da herança, de honra e de patriotismo que vos deixaram os vossos antecessores, a certeza que de vós muito tenho que aprender, fazem-me considerar um dia feliz este em que me recebeis nesta casa.

Para quem tem tido uma vida por tantas partes dispersa, a quietação deste remanso da turva corrente contemporanea offerece muitas consolações e muitos encantos. O uso da vossa bella bibliotheca, o accesso dos vossos preciosos manuscriptos, são grandes felicidades para quem ama o estudo do Brazil. Demais, senhores, o mal de muitas almas brasileiras é o acharem-se desprendidas do passado e desenraizadas da terra

Somos um povo cada dia mais desnacionalisado e est casa é uma grande escola de nacionalismo. Tive, muito intensa, esta impressão a primeira vez que ne penetrei, e sempre que transponho a sua velha port e subo os degráos da sua escada, feitos de rija mad brasileira e obra da tosca e solida carpintaria colonial. esta casa um convento, e neste facto está um d

symbolo : o de ter sido a sociedade brasileira uma obra do catholicismo e o do destino ter reservado, a estas paredes, desde que se ergueram, a sorte de servir de asylo á paz e ao estudo, Mais tarde, na sequencia da historia colonial, um arco ligou esta casa ao palacio dos Vice-Reis, quando cá veiu ter o proprio Rei Portuguez. Ao compassar das sandalias dos frades succedeu, e ntão nesta parie do palacio, o riso das criadas e açafates de D. Maria I, aqui alojadas. No pavimento abaixo de nós, imaginamos a velha Rainha, com a cabeça tragica e encanecida, toucada de branco, apoiada aos vidros da janella, e com o olhar de que fugira a intelligencia do mundo a fitar, longa e silenciosamente, o mar e o céo resplandecentes, aquellas ondas, aquelle sol e aquellas novos contornos de terras que não eram as ondas, nem o sol, nem as terras do Tejo. E quem sabe se nellas não procurava ler o destino da sua raça, que fôra transmudada do velho mundo para o mundo novo através do Oceano?

Hoje, nesta vasta bibliotheca, não ha sómente livros que nos falam do passado do Brazil. Ha outros que, pescrevendo o Brazil, nos deixam advinhar o que elle dóde ser no futuro. Olham-nos, com as suas orbitas sem vista, os bustos brancos e impassiveis dos Brazileiros illustres que engrandeceram esta sociedade. Ha, nesta sala, como que um ensino perenne de patriotismo, ha aqui na physionomia das cousas e dos homens uma como que attitude de adoração perpetua da Patria. Não é, porém, esta casa sómente um templo do patriotismo; é uma escola de muitas das virtudes que elle exige. Se a lealdade e a gratidão fossem de todo banidas deste paiz, deve-se dizer, para honra da raça humana, que encontraram um abrigo no Instituto Historico e Geographico Brazileiro. Não é só a imagem de um grande

Principe que o Instituto mostra, conservando no seu lugar de honra o busto do seu generoso, magnanimo e admiravel protector. Mostra aos contemporaneos e á posteridade um grande exemplo de abnegação e desinteresse, exemplo que, seja qual fôr a ironia amarga dos contrastes, ou o sarcasmo pungente das comparações, não será perdido no futuro. Aquella simples cadeira, para sempre vasia, vale mais do que um throno resplendescente: é uma cadeira de onde sempre se ouvirá uma lição perpetua e eloquentissima, a lição do exemplo da virtude.

Tudo isto augmenta a minha gratidão pela honra que me fazeis admittindo-me entre vós. E creio, senhores, que nenhum agradecimento poderá tomar fórma que vos seja mais grata, do que a promessa affirmativa que vos faço de uma constante dedicação pelos estudos da historia Brazileira, estudos que foram sempre a seducção do meu espirito. Separado dos que, bem perto de nós, fazem, por actos, a Historia, mas não indifferente á angustia dos que soffrem com o mal feito dessa historia, volverei sempre os olhos para o passado longinquo da Patria, passado que é glorioso e cujo estudo, a mim, e a todos, dará sempre a força de que hoje mais carecemos: a de não desesperar do futuro!

A ILLUSÃO AMERICANA

Pensamos que é tempo de reagir contra a insanidade da absoluta confraternisação que se pretende impor entre o Brazil e a grande republica anglo-saxonia, de que nos achamos separados, não só pela grande distancia, como pela raça, pela religião, pela indole, pela lingua, pela historia e pelas tradições do nosso povo.

O facto do Brazil e dos Estados Unidos se acharem no

mesmo continente é um accidente geographico ao qual seria pueril attribuir uma exagerada importancia.

Onde é que se foi descobrir na historia que todas as nações de um mesmo continente devem ter o mesmo governo? E onde é que a historia nos mostrou que essas nações têm por força de ser irmãs? Em plena Europa monarchica não existem a França e a Suissa republicanas? Que fraternidade ha entre a França e a Allemanha, entre a Russia e a Austria, entre a Dinamarca e a Prussia? Não pertencem estas nações ao mesmo continente, não são proximas vizinhas, e deixam, porventura, de ser inimigas figadaes? Pretender identificar o Brazil com os Estados Unidos, pela rasão de serem do mesmo continente, é o mesmo que querer dar a Portugal as instituições da Suissa, porque ambos os paizes estão na Europa.

A fraternidade americana é uma mentira. Tomemos as nações ibericas da America. Ha mais odios, mais inimisades entre ellas do que entre as nações da Europa.

O Mexico deprime, opprime e tem, por vezes, invadido Guatemala, que tem sangrentissimas guerras com a republica do Salvador, inimiga rancorosa do Nicaragua, feroz adversaria do Honduras, que não morre de amores pela republica de Costa Rica. A embrulhada e horrivel historia de todas estas nações é um rio de sangue, e um conttinuo morticinio. E onde fica a solidariedade americana, onde a confraternisação das republicas?

A Colombia e Venezuela odeiam-se de morte. O Equador é victima, nunca resignada, ora das violencias colombianas, ora das pretensões do Perú. E o Perú? Já não assaltou a Bolivia, já não se uniu depois a ella n'uma guerra injustissima ao Chile? E o Chile, já não invadiu duas vezes a Bolivia e o Perú, não fez um horroroso morticinio de bolivianos e peruanos na ultima guerra,

talvez a mais sangrenta d'este seculo? E o Chile não tem sómente estes inimigos! o seu grande adversario é a Republica Argentina. Este paiz, que tem usurpado territorios á Bolivia, obriga o Chile a conservar um exercito numeroso, e ninguem ignora que um conflicto entre aquelles paizes é uma catastrophe que, de um momento para outro, poderá rebentar. O dictador Francia, o verdugo taciturno do Paraguay, que Augusto Comte colloca entre os santos da humanidade venerados no calendario positivista (1), por odio aos argentinos e aos outros povos americanos, enclausurou o seu paiz durante dezenas de annos. A Republica Argentina é a adversaria nata do Paraguay. Lopez atacou-a, e ella secundou o Brazil na sua guerra contra o Paraguay. E que sentimento tem a Republica Argentina pelo Uruguay? Não ha um só homem de estado argentino que não confesse que a suprema ambição do seu paiz é a reconstituição do antigo vice-reinado de Buenos Ayres, pela conquista do Paraguay e do Uruguay.

Eis-ahi a fraternidade americana.

Voltado para o sol que nasce, tendo, pela facilidade da viagem, os seus centros populosos mais perto da Europa que da maioria dos outros paizes americanos; separado d'elles pela diversidade da origem e da lingua; nem o Brazil physico, nem o Brazil moral formam um systema com aquellas nações. Dizem os geologos que o Prata e que o Amazonas foram em tempo dois longos mares interiores que se communicavam. O Brazil, ilha immensa, era por si só um continente. As alluviões, os levantamentos do fundo d'aquelle antigo Mediterraneo soldaram

(1) E' antiga, como se vê, a predilecção positivista pelos despoas sul-americanos.

o Brazil ás vertentes orientaes dos Andes. Esta juncção é, porém, superficial; são propriamente suas e independentes as raizes profundas e as bases eternas do massiço brazileiro. Por isso não vem até as praias brazileiras as convulsões volcanicas do outro systema. Quando muito, chegam as vibrações longinquas, tenues e subtis que os instrumentos registram, mas que os sentidos não percebem. Conta o missionario jesuita, Samuel Fritz, que em 1698, uma terrivel erupção andina transmudou o Solimões, o rio brazileiro, n'um « ric de lama », e que, apavorados, os indios viam n'aquillo a colera dos deuses. Parece que, na ordem politica, taes têm sido as erupções hespanholas e revolucionarias que, afinal, conturbaram as aguas brazileiras. A torrente, porém, não é só de lama, porque é de lama e é de sangue.

Estudem-se, um por um, todos os paizes ibericos americanos. O traço caracteristico de todos elles, alem da continua tragi-comedia das dictaduras, das constituintes e das sedições, que é a vida d'esses paizes, é a ruina das finanças.

E na ruina das finanças o ponto principal é o calote systematico, o roubo descarado feito á boa fé dos seus credores europeus. Os ministros da fazenda das republicas hespanholas, por meio de emprestimos que não são pagos, têm extorquido mais dinheiro das algibeiras européas do que jamais a Europa tirou das minas de oiro e prata da America. Tomemos os phantasticos orçamentos d'estes paizes; e, no meio dos deficits pavorosos e das mais indecentes falsificações, na irregular contabilidade publica que conservam estes paizes, onde os dinheiros do estado são gastos e apropriados pelos presidentes com uma sem-cerimonia de que é incapaz o Czar da Russia, o que é que vemos? Lá está o celeberrimo orçamento da guerra a tudo devorar. Lá estão as

as dos generaes, as centenas de coroneis e os
res de officiaes.
a prova de que não existe a fraternidade americana.
as nações americanas vivessem ou podessem sequer
como irmãs, não precisariam esmagar de impostos
ribuinte nem arrebentar os respectivos thesouros,
dando os credores com a compra d'esses arma-
s e apparatos bellicos tão destruidores da prospe-
nacional.
lemos agora da grande republica norte-americana,
mos quaes os sentimentos de fraternidade que ella
emonstrado pela America latina, e qual a influen-
oral que ella tem tido na civilisação de todo o
ente.

ultimo quartel do seculo passado, homens extraor-
os, da velha estirpe saxonia, revigorada pelo puri-
no, e alguns d'elles bafejados pelo philosophismo,
am nas treze colonias inglezas da America do
. Resolveram constituir em nação independente a
atria, e não lhes entrou nunca pela mente fazer
ytismo de independencia ou de fórma republicana
erica. Nem isso era proprio da sua raça.
im que tiveram em vista foi um fim immediato,
to e pratico. Fazendo a independencia da sua
, tinham como alliados os reis de França e de
nha. Como poderiam elles querer que este ultimo,
n eram gratos pela sua intervenção em favor da
endencia, perdesse as suas ricas colonias ameri-
? Se alguna sympathia houve entre elles pela
ipação de outros paizes da America, essa sympa-
ppareceu trinta ou quarenta annos depois quando
a a America latina, á custa de sacrificios, ultimava
independencia sem auxilios norte-americanos.

E' altamente comica a ignorante pretensão com que escriptores francezes superficiaes procuram ligar a revolução americana á revolução franceza, querendo por força que as idéas revolucionarias francezas tenham influido na America, quando, a ter havido alguma influencia, foi antes da America sobre a França. A pessoa de Franklin, com os seus calções pretos, sem espada ao lado, nem bordados, nem plumas, com os seus grossos sapatos de enfiar, com o seu prestigio de sabio e de libertador, passeando através das galerias de Versailles; a fama de ter elle sido um simples operario na sua mocidade, isso sim foi uma influencia real em França. Quando elle, no seu scepticismo cheio de bonhomia, ria-se da pomposa divisa que lhe arranjou Turgot o celebre: *Eripuit cœlo fulmen sceptrumque tyrannis*, — dava uma prova de que ao seu terrivel bom senso não escapava a insensatez suicida da aristocracia franceza. Quando rebentou a revolução, quando ella começou a matar e incendiar, houve em toda a America uma grande sympathia por Luiz XVI e Maria Antonieta, os antigos alliados, os generosos protectores da independencia americana. Pouco tempo depois o governo de Washington rompeu relações diplomaticas com a republica franceza. Onde a solidariedade republicana, onde a fraternidade?

Vejamos na historia: Que auxilio prestou o governo americano á independencia das colonias ibericas da America — Qual tem sido a attitude dos Estados Unidos quando estes paizes têm sido atacados pelos governos europeus — Como os tem tratado o governo de Washington — Qual tem sido o papel dos Estados nas luctas internacionaes e civis da America latina — Qual a sua influencia politica, moral e economica sobre estes paizes.

Tudo o que se vae ler n'este trabalho é referente a

esses pontos, que serão todos discutidos, embora nem sempre na ordem da sua enumeração.

A' Inglaterra principalmente, e não aos Estados Unidos, deve a America latina a força moral que lhe permittiu fazer a sua independencia. Foi William Burke a primeira voz que na Europa se declarou em seu favor escrevendo um vibrante pamphleto, advogando a independencia da America do Sul (1), o Abbé de Pradt e posteriormente Canning, que foi quem praticamente tornou possivel, isto é, tornou effectiva e certa esta independencia, já officialmente aconselhada por Lord Wellington no congresso de Verona (2).

A independencia das nações latinas da America em nada foi protegida pelos Estados Unidos.

A Inglaterra deveram então serviços consideraveis as nações que luctavam pela sua emancipação politica.

O Sr. Carlos Calvo diz que a attitude dos Estados Unidos e a proclamação da doutrina de Monröe pesaram de uma maneira decisiva no animo do governo inglez quando este, em agosto de 1822, pelo orgão de Lord Wellington, tomou no congresso de Verona a defeza dos paizes hispano-americanos, contra quem a Santa Alliança pretendia intervir em favor da Hespanha.

Esta affirmação é erronea. Em primeiro logar a chamada doutrina de Monröe só foi proclamada pelos Estados Unidos quinze mezes mais tarde, isto é, em dezembro de 1823. E qual foi a attitude dos Estados Unidos em relação ás colonias revoltadas? Um auctor hispano-americano, o Sr. Samper, da Colombia, diz : « Enquanto á

(1) WILLIAM BURKE, *South american independence, or the emancipation of South America, the glory and interest of England*, London, 1807.

(2) CHATEAUBRIAND, *Le congrès de Vérone*, chap. XVI.

los Estados-Unidos, es curioso observar que siendo esa potencia la más interesada en favorecer nuestra independencia, bajo el ponto de vista político y no poco bajo el comercial, se mostró sin embargo mucho menos favorable que Inglaterra, indiferente por lo común hácia nuestra revolucion y muy tardía en sus manifestaciones oficiales, como parcimoniosa en procurar-nos los auxilios de armamento que solicitabamos, con nuestro dinero, de los negociantes y armadores » (1).

Muito antes da mensagem de Monröe, o embaixador americano Rush tinha recebido de Canning a confidencia de que a Santa Alliança pensava em intervir na America a favor da Hespanha, e Canning acrescentára estar disposto a se oppor directamente a esse plano se tivesse a cooperação dos Estados Unidos. Rush mandou as declarações de Canning ao seu governo, que as recebeu com grande satisfação porque até áquella occasião, segundo o contou depois Calhoun, que fazia parte do gabinete, os Estados Unidos não tinham julgado prudente intervir em vista do grande poder da Santa Alliança. Monröe tratava os seus secretarios com consideração diversa da que usam os semi-barbaros presidentes de outras republicas da América com os irresponsaveis que se prestam a ser seus ministros; communicou a noticia de Londres ao gabinete, e consultou a Jefferson se devia acceitar o proposto auxilio da Inglaterra (2). Até então, a attitude dos Estados Unidos tinha sido toda de reserva, de abstenção, e, para uma nação que se quer apresentar como a protectora dos latinos-americanos, é forçoso con-

(1) J. M. Samper, *Ensayo sobre las revoluciones politicas y la condicion social de las republicas hispano-americanas*, pag. 195. París, 1861.

(2) Von Holst, *Constitutional History of the U. S. of America*, vol. I, pag. 420; Jefferson's, *Works*; vol. VII, pag. 315 e 316.

fessar que essa politica não era de fraternidade, mas sim de egoismo. Ainda em 1819 o governo americano recusára receber os consules nomeados por Venezuela e pelo governo de Buenos Ayres, allegando varios pretextos (1), e só a 9 de março de 1823 é que reconheceu a independencia das republicas hespanholas.

Fortalecido e animado pela iniciativa da Inglaterra, em 2 de dezembro de 1823, o presidente Monröe disse na sua mensagem :

« Devemos declarar por amor da franqueza e das relações amigaveis que existem entre os Estados Unidos e aquellas potencias (européas), que consideraremos qualquer tentativa da sua parte para estender o seu systema a qualquer parte d'este hemispherio como cousa tão perigosa para a nossa tranquilidade como para a nossa segurança. Com as colonias existentes e as dependencias das mesmas potencias não temos intervindo nem interviremos. Em relação, porém, aos governos que declararam a sua independencia e que a têm mantido, independencia que, depois de grande reflexão e por justos principios, nós reconhecemos, toda interferencia, por parte de qualquer potencia européa, com o fim de opprimil-os e de qualquer modo dominar os seus destinos, não poderá ser encarada por nós senão como uma manifestação pouco amigavel para com os Estados Unidos. »

Eis ahi a famosa doutrina!

A nunca assás ludibriada e escarnecida ingenuidade sul-americana viu n'esta declaração um compromisso formal, solemne e definitivo, de alliança com os Estados Unidos, alliança tão sensata aliás como a do pote de ferro com o pote de barro. Ha setenta e um annos que o governo americano tem accumulado declarações sobre

(1) *Annual register of the year* 1819. 1820; pag. 233, London.

declarações, que equivalem quasi que a retractações; ha sententa e um annos que escriptores, oradores, politicos americanos explicam que aquillo não é um compromisso nem uma alliança; ha setenta e um annos que por palavras, actos e omissões, o governo de Washington praticamente demonstra a significação restricta, e por assim dizer, platonica das palavras de Monrõe, e ainda hoje, ha quem tenha a superstição de tomar aquillo ao pé da letra. A estulticia parece que é invencivel.

. . . . . .

O furor imitativo dos Estados Unidos tem sido a ruina da America. Pericles, no seu celebre discurso do Ceramico, disse: « Dei-vos, ó athenienses, uma constituição que não foi copiada da constituição de nenhum outro povo. Não vos fiz a injuria de fazer, para vosso uso, leis copiadas de outras nações. » Ha muita grandeza na exclamação do genio grego. Ha uma presciencia de tudo quanto descobriu a sciencia social moderna que, afinal, se póde resumir n'isto: As sociedades devem ser regidas por leis saídas da sua raça, da sua historia, do seu caracter, do seu desenvolvimento natural. Os legisladores latino-americanos têm uma vaidade inteiramente inversa do nobre orgulho do atheniense. Gloriam-se de copiar as leis de outros paizes!

Todos os paizes hespanhoes na America, declarando a sua independencia, adoptaram as formulas norte-americanas, isto é renegaram as tradições da sua raça e da sua historia, sacrificando ao principio insensato do artificialismo politico e do exotismo legislativo.

O que colheram d'esse absurdo, diz a triste historia hispano-americana d'este seculo. O Brazil, mais feliz, instinctivamente obedeceu á grande lei de que as nações devem reformar-se dentro de si mesmas, como todos os organismos vivos, com a sua propria substancia, depois

já estarem lentamente assimilados e incorporados á a vida os elementos exteriores que ella naturalmente ver absorvido. No Brazil tivemos a independencia, acto logico do desenvolvimento da sociedade colonial; a monarchia mantida foi o respeito da tradição e a conservação do paiz na sua indole historica que ninguem póde mudar. O constitucionalismo e o systema parlamentar adoptados foram, até certo ponto, uma revivescencia do passado, uma reproducção das côrtes lusitanas, e cousa que muito se harmonisava com a organisação quasi espontanea, mas sempre representativa, e mais poderosa do que se julga, dos governos municipaes e locaes da colonia.

As idéas liberaes do seculo, consagradas nas instituições coevas da independencia, acharam uma base historica em que se firmaram. E isto deu ao Brazil setenta annos de liberdade.

Mais tarde, foi em 1889 commettido no Brazil o mesmo grande erro em que os hispano-americanos tinham caído no primeiro quarto do seculo, isto é, quando artificialmente se quiz impôr ao Brazil a formula norte-americana.

A perda da liberdade foi a consequencia immediata, fatal, da desgraçada idéa. E nós, tardiamente, fomos tomar parte na fastidiosa e desalentadora tarefa em que vivem, ha noventa annos, os hispano-americanos, isto na longa, vã, tormentosa, sangrenta e já degradante e inutil tentativa, quasi secular, de querer implantar na America latina as instituições de uma raça estranha.

O grande orador americano Henry Clay fallava, uma vez, em 1818, no congresso americano em favor das colonias hespanholas revoltadas contra a metropole: « Acredita-se geralmente em nosso paiz que os sul-americanos são muito atrazados e supersticiosos para se

constituirem em nações livres. É uma injustiça. E a prova de que elles não estão tão atrazados é que estão adoptando as nossas instituições e as nossas leis (1). » O insigne historiador Von Holst diz que Clay affirma um contrasenso; porque esta imitação servil, essa sim, é prova de incapacidade (2).

O Mexico copiou pois a constituição norte americana. Uma disposição constitucional dizia mais que o presidente era inelegivel para o periodo presidencial immediato á sua presidencia. D'ahi o hybrido e immoralissimo pacto de Diaz e de Gonzalez. Diaz elege Gonzalez com a condição de Gonzalez eleger de novo a Diaz. E isto dura ha mais de vinte annos. Agora, parece que Diaz não quer largar, e já fez reformar a constituição, revogando a incompatibilidade, vae-se fazer reeleger, e Gonzalez vae ficar logrado. Falla-se já em revolução gonzalista, e o estado de sitio funcciona no Mexico com a mais invejavel regularidade.

Eis-ahi o serviço que os Estados Unidos prestaram ao Mexico livrando-o de um governo que, embora incriminado de estrangeiro, foi o mais brando, o mais civilisado, n'uma palavra, que jamais teve aquelle desgraçado paiz. E não se limitaram a isso os bons officios da irmã republica. Depois de haver retalhado o territorio mexicano em 1848, e sobretudo depois da victoria definitiva da republica no Mexico, os Estados Unidos constituiram sobre aquelle paiz um verdadeiro protectorado, que mexicanos imprevidentes foram aceitando, sem ver que era a ruina e o descredito da sua patria. O duumvirato Diaz-Gonzalez attrahiu para o Mexico uma nuvem de aventureiros que, patrocinados pela legação

(1) Henry Clay, *Speeches*, vol. 1, pag. 89 e 90.
(2) Von Holst, *Constitutional history of the* U. S., vol. 1, pag. 415.

americana, apresentavam-se querendo concessões e privilegios, que lhe eram dados a troco de favores pessoaes, de acções beneficiarias e de outras mil fórmas da fraude financeira. O Mexico a pretexto de armarem-no com todos os instrumentos modernos de progresso, foi a presa submissa e opima dos americanos. Tudo foi ali objecto de privilegio, tudo motivo para concessões com garantia de juros e outras vantagens onerosas para o thesouro. Os concessionarios corriam para New-York, e na bolsa de Wall Street obtinham dos incautos o dinheiro que desejavam. Quer imperasse Diaz ou reinasse Gonzalez o methodo era sempre o mesmo. Muitas vezes, membros do governo de Washington eram socios d'essas alcantinas, e se o governo mexicano fazia alguma pequena difficuldade em entregar o dinheiro, logo agia sobre elle a pressão diplomatica. Diaz e Gonzalez amontoavam grandes fortunas e Washington rejubilava. Os jornaes americanos annunciavam com enthusiasmo os progresso da iniciativa americana, dizendo que a conquista financeira do Mexico era apenas o preludio da conquista politica que mais tarde viria. N'esse tempo, o illustre Lerdo de Tejada que vivia em New-York exilado, dizia a quem escreve estas linhas : « Os generaes mexicanos, no meu tempo, roubavam nas estradas: agora roubam nas companhias. É um progresso. » A principal figura d'esta roubalheira, figura pouco sympathica, mas parece que um pouco innocente n'esses crimes, foi o general Grant. Aquelle soldado feliz era um homem de curta intelligencia, ignorante em materia de negocios e, em todo o caso, um individuo sem grandes delicadezas. Logo que se tratava de um assalto qualquer ás piastras mexicanas, o iniciador da idéa ía ter com o general Grant, e este logo dava-lhe o seu nome, o seu prestigio e a sua influencia. Chegou então ao aug e a

jogatina e a immoralidade. O Mexico, a pretexto de applicação no seu solo de capitaes *yankees*, era praticamente governado pela legação americana. O Mexico deixou de ser dos mexicanos. Alguns patriotas protestavam; mas os generaes Diaz ou Gonzalez dispunham logo do recurso de prender os patriotas e de proclamar o estado de sitio. O illustre orador, o notavel poeta do Mexico, o Sr. Altamirano, no meio do abaixamento geral, ergueu, contra a alliança americana, a sua voz eloquentissima: «Não! » bradava elle no congresso « mil vezes a nossa pobreza antiga do que a ignominia que presenciamos. O leão mexicano era livre na liberdade ampla das nossas serranias. O estrangeiro desleal e corruptor tem-no agrilhoado, e julga-se ainda seu bemfeitor, dizendo que são de oiro as cadeias com que o subjuga! Não! *Vincula quamvis aurea tamen vincula sunt!* » Emquanto esta voz illustre se levantava no Mexico, em New-York, n'um grande banquete de confraternidade (financeira já se vê) entre figurões americanos e notaveis mexicanos, banquete presidido pelo general Grant, o Sr. Evarts, um dos mais conhecidos estadistas americanos, antigo secretario de estado, usava de linguagem que bem justificava a indignação patriotica de Altamirano. O Sr. Evarts passava por ser o homem mais espirituoso dos Estados Unidos, mas muitas vezes apesar de homem letrado, tocava as raias da vulgaridade. Isto é muito commum nos Estados Unidos. Ha ali muita gente com reputação de espirituosa, mas n'aquelle paiz que, tendo tido a honra de ser a patria de Edgard Poë, deixou-o morrer na miseria e no desprezo geral, negando-lhe até hoje um monumento, as chocarrices dos *professional wits* ou espirituosos de profissão, são muita vez acolhidas com enthusiasmo, Eis o que dizia o Sr. Evarts, entre as gargalhadas dos *yankees* e os sorri-

sos, amarellos, dos mexicanos : « A doutrina de Monröe é por certo uma boa cousa, mas como todas cousas boas antiquadas, precisa de ser reformada. Essa doutrina resume-se n'esta phrase : A America para os americanos. Ora, eu proporia com prazer um additamento : Para americanos, sim senhor, mas, entendamo-nos, para os americanos do norte (*applausos*). Comecemos pelo nosso caro vizinho, o Mexico, de que já comemos um bocado em 1848. Tomemol-o (*hilaridade*). A America Central virá depois, abrindo nosso appetite para quando chegar a vez da America do Sul. Olhando para o mappa vemos que aquelle continente tem a fórma de um presunto. Uncle Sam é bom garfo; ha de devorar o presunto (*applausos e hilaridade prolongada*). Isto é fatal, isto é apenas questão de tempo. A bandeira estrellada é bastante grande para estender a sua sombra gloriosa de um oceano a outro. Um dia ella fluctuará unica e unica e ovante do polo norte ao polo austral. »

Commentarios são estes do sentimento geral do povo americano.

Em 1836 no congresso americano, exclamava o senador Preston :

« A bandeira estrellada não tardará em fluctuar sobre as torres do Mexico, e d'ali seguirá até ao cabo Horn, cujas ondas agitadas são o unico limite que o *yankee* reconhece para a sua ambição. »

Affonso Arinos

JOAQUIM MIRONGA

O sol estava querendo sumir, quando eu encostei a porteira. Pulei da sella e amarrei no moirão o ruço pedrez — bicho malcriado, reparador, mas de espirito. No lombo desse pagão eu comia doze leguas, de uma assentada. Olhei a frente da casa, puz a mira no alpendre e não vi ninguem. — Uai, Joaquim, ahi tem cousa! Entrei bem subtil, reparando d'uma banda e outra.

« Patrão velho, na hora em que eu estava arreiando o pedrez, tinha chegado perto de mim, dizendo : — Olha lá, Mironga, não me vás sahir um perrengue!

— Perrengando, perrengando, meu branco, eu entrei lá dentro. Vossemecê ha de vêr, com o favor de Deus. »

— Olha o café, Joaquim, sem te cortar a conversa — disse um caboclo meão, de chapéo de couro e sugigóla. E estendeu o cuité fumarento, onde parecia ainda borbulhar o liquido.

Na varanda da frente, a gente do retiro estava reunida para ouvir o Joaquim. Era tempo de vaquejada e todo o dia havia um caso novo, uma chifrada de marruaz,

sagem bem feita com algum garrote bravo. A
era comprida, defendendo-a do máu tempo a
imalha, apoiada em columnas de madeira la-
resas a estas, dua ou tres rêdes, tecidas de
burity, embalavam o somno da camaradagem,
inava o jantar depois de um dia fadigoso, em
do na verdade déra que fazer.
s, esse gado de beira rio Preto não era caçoada.
dia, no cerrado do Periquito, os vaqueiros topa-
rez alevantada, que fez o diabo.
Joaquim não era homem de ficar quieto assim,
ga para o ar, como qualquer tiú ao sol. Era pre-
iar a rapaziada na vespera de qualquer trabalho
icil.
dia seguinte, o patrão tinha marcado uma cam
cerrado do Garapa, onde havia um cambaúbal
r medo. E as rezes velhacas sovertiam-se lá-
que só mesmo o capêta podia com ellas.
o ia ficando lusco-fusco, o povo campeiro che-
a a banda de fóra, atiçava o fogo e pegava a
sos, a passar em revista os successos da vida
m.
ga, vaqueiro meio maduro, era respeitado por
fama e pelo conceito de que gosava junto do

mo ia dizendo, encostei a porteira ao batente
subtil.
teo estava soturno. Nem viva alma. Isso no
s guerras bravas da éra de quarenta e dous.
elho andava amoitado. Amoitado é um modo
porque elle dormia, lá de vez em quando, num
le palmito no meio do mato, mas zanzava de
la para outra o dia inteiro, sem perder de vista
retiro onde estava a familia. Eu não lhe dei-

xava a costella : vivia rente com elle para o que désse viesse, porque, Deus louvado, nunca me desprezou, nos da familla servimos até á morte a gente do patrão isso desde meus velhos.

« Quando entraram lá na cidade as forças do defunto coronel Joaquim Pimentel para agarrarem os rebeldes, patrão velho teve aviso. Elle era homen de opinião e não fugia assim com dous arrancos. E demais d'isso, a patrôa estava chegadinha a ter menino, esse pedação de moço que vocês vêem aqui hoje — Sô Néco.

« Um dia, nós já tinhamos jantado na fazenda e eu tinha descido para o quarto dos arreios, quando, na estrada que vem da Barra da Egua, olhando pelo caminho afóra, eu enxerguei uns cavalleiros chegando devagar, como quem não conhecia bem o logar e desconfiava de alguma cousa. Subi arriba e mostrei os cavalleiros ao patrão.

— Aquillo não é senão escolta e é para prender vossemecê.

« Para que falei, meu Deus! foi uma trabusana levada em casa. A patrôa tomou um susto muito grande e desandou a chorar ; as mucanas trançavam pelos quartos, correndo.

« Com pouca duvida, accenderam o cirio bento junto da imagem do menino Jesus e a patrôa tirou reza, acompanhada das mucamas e dos negrinhos. Patrão velho não sahiu do alpendre. Gritou pelos companheiros e pela negrada.

— « Hoje é dia! — disse eu cá commigo.

« Tudo quanto era clavinote, trabucos e bacamarte sahiu para fóra. Qual, gente! nem eu gosto de lembrar desse tempo!

« Sô moço, Sô Juca, filho mais velho do patrão, ainda não tinha, a bem dizer, nem buço de barba. Era espiga-

ıo e animado. Eu sei quanto me custava ter mão se menino nos dias de vaquejada. Não havia garrote ; elle não quizesse esperar na ponta da vara, nem vallo chucro de que elle não quizesse tirar a nica. Ia beirando pelos dezeseis annos, mas não mostrava.

« Oh! meu S. Sebastião, advogado dos afflictos! ıando me acóde á lembrança essa éra amaldiçoada, nto a modo de um travo na boca. »

Resfolegou forte o Mironga e, tirando o cigarro da fita lo chapéo, bateu fogo, puxando fumaça.

A camaradagem, mudando de posição e concertando-se nos logares, murmurava :

— Esse Joaquim é da pelle, é da pelle do diabo! Elle já tem visto cousas!

« Vocês sabem, continuou o Joaquim, que a frente da fazenda, além dos muros de pedra, tinha o cercado feito com toradas de madeira de lei. Aquella segurança toda era por não deixar o gado romper, quando investisse, na arrancada. Valeu-nos Deus que era assim. Estivemos engambellando a escolta um dia e metade de uma noite, debaixo de fogo. A soldadesca era toda de cavallaria, mas não era gente curraleira e, por isso, não conhecia nossas batidas. Não foi custoso mitrar áquelles diabos. E esse rio Preto — bem eu gósto delle! — foi a nossa salvação. Elle passa nos fundos da fazendo, fechando uma manga de pôtros separados das eguas.

« Anoitecemos e não amanhecemos na fazenda. Com o escuro, ganhamos uma trilha pela manga abaixo — eu, patrão, patrôa, meninos, mucamas, toda a gente de dentro; os campeiros e os negros ficaram entretendo a soldadesea, rebentando as pipocas toda a hora.

« Você lembra, Pio, daquella canôa em que o patrãosinho caçou anta rio abaixo?

— Ora! pois então!?

— « Foi nella mesmo que estivemos passando o povo para a outra banda, eu no varejão e Bazilio no remo. Quando chegámos do outro lado, adeus escolta! Não havia ponte, nem váu. Se elles quizessem nos perseguir haviam de atravessar o rio a nado, ou, quando não, rodear as cabeceiras, porque as nossas canôas ficaram muito bem escondidas do outro lado.

« Ganhámos, sem maior novidade, a barranca fronteira e pousámos num retiro da outra banda, a duas leguas do rio.

— « Até elles passarem tambem, temos tempo — dizia commigo.

« Sô moço sô Juca, desde a hora da sahida, ficou meio esturdio, sempre de cara fechada. Elle tinha teimado muito com o patrão velho, querendo ficar. Dizia que aquelles demonios de caramurús não haviam de tomar conta da fazenda assim, com dous tiros e meio. Mas o patrão ficou brabo com elle e não lhe tirou mais os olhos de cima até passarmos o rio. O patrão sabia que o mocinho não era brinquedo e que, se não lhe tivesse mão, era bem capaz de voltar para a fazenda a puxar briga com os caramurús da escolta.

« Arranchamos no retiro, e a familia toda acommodou-se como Deus foi servido. O patrão estava acostumado a lidar sempre e aproveitou o tempo para cuidar da criação empastada naquella redondeza.

« Nisto, as cousas principiaram a apertar.

« A gente que tinha ficado do outro lado do rio tomou conta da fazenda, depois de uma resistencia grande. Quem poude fugir, fugiu; o restante que não morreu na briga ficou agarrado pela escolta. Os ladrões do inferno já tinham carneado muita rez boa da fazenda e acabado com a capadaria do chiqueiro. Essas cousas chegaram ao conhecimento do patrão e o fizeram ficar irado. A pa-

ôa ia tendo mão nelle todo o dia, porque elle virava, ıexia, d'aqui p'r'alli, e falava sempre em acabar com .quillo de uma vez, morrendo ou dando uma licção ıquelles excommungados.

« Ha muita gente traiçoeira neste mundo, como vocês sabem. Um desalmado desses, que Nosso Senhor já chamou a si — Deus te perdôe! — deu denuncia do retiro onde estava o patrão. Com pouca duvida, nós soubemos que na Tapéra, a umas quatro leguas do retiro, estava se ajuntando um magote de caramurús para virem prender o patrão. Esses diabos tinham uma sêde na gente do patrão, porque diziam que elle fôra o rebelde mais destemido destas beiradas.

« Patrão ficou dasatinado de raiva. Quiz por toda lei dar caça aos caramurús, mas a patrôa ficou de tal modo, que nós estavamos vendo a hora em que ella cahia para traz, morta. Por isso, o patrão não teve outro remedio senão ir tenteando, como Deus ajudava. Vendo que nós eramos cercados de uma hora para outra e que uma desgraça ia acontecer, elle me chamou a um canto e disse :

— « Joaquim, eu fiz tenção de não cahir nas unhas daquelles diabos e não ir parar na cadeia. Mas as cousas estão muito feias. Se não fosse a dona... Olha : disfarça de qualquer geito e entra na Tapéra, assim como quem vai de passagem. Assumpta bem e apanha as tenções delles. Vê quantos são, se estão bem armados... Tu não és tolo e sabes bem o que eu quero. Precisamos saber o que elles pretendem, para nós podermos desmanchar a esparrella...

— « Vossemecê me conhece, meu amo. Fique socegado. Eu arranjo as cousas.

« A conversa ficou ahi.

« Commigo não se precisa de muita explicação.

« Corri ao quarto e tirei minha capanga, minha com-

panheira velha. Puz dentro della polvora, chumbo grosso e uma bucha de paulista. Num bolsinho de dentro, guardei um pedaço de fumo e palhas. — « Estou prompto » — ia dizer, quando dei com os olhos no Moysés, meu clavinote, que dormia enferrujado no canto. Pareceu-me que o páu de fogo falava — « tambem quero ir, Joaquim. » — Eu lhe fiz a vontade.

« Areiei a arma bem areiadinha, limpei-lhe os ouvidos, puz um pedra nova em baixo do cão e carreguei-a. Alli por perto havia um jambeiro com fructas; apanhei uma e, depois de escorvar bem a arma, joguei o jambo para o ar, lá em cima, metti a arma á cara e fiz fogo : a fructa espatifou-se toda.

— « Está bom, sô Joaquim, disse commigo, você está meio turuna na pontaria! Isto é que serve. »

« Amarrei o clavinote nos coldres da sella, apertei bem o pedrez, corri os olhos no peitoral e na retranca, passei por cima da sella um pellego bom e apertei de novo o pedrez com a sobre cinxa.

« De arma de fogo eu não gosto muito, mas minha vara de vaqueiro, minha vara de derribar, peior do que uma azagaia, essa eu não deixo! Desembainhei o ferrão da ponta e dei uma chuçada num portal. O ferro estava firme e amollado.

« Esse arranjo todo pouco durou.

« Apalpei, por ultimo, meu rosario do pescoço e pulei no lombo do pedrez.

— « Êta, mundo! Chegou a hora!

— « Sô moço sô Juca andava farejando esse negocio e me atormentou muito para eu contar a conversa que tive com o patrão. Rondou sempre por perto de nós, para ver se apanhava qualquer cousa. O menino mordia os *beiços, arrancava* as cabellos, esbravejava, fazia tudo

para saber, porque elle queria ter uma embarruada com os caramurús. Eu nunca vi mocinho assim.

« Uma cousa me dizia que esse menino ia fazer alguma. « Hei de ir! hei de ir! » — falava elle, com os dentes cerrados, batendo com a mão direita fechada na palma da mão esquerda.

— « Hei de ir! »

— « Vossemecê não vai nhonhô, porque meu amo não quer. »

« Elle desconversou e sumiu.

« Quando eu já estava longe, ouvi um tropel de cavallo atrás de mim. Era sô moço que vinha num cavallinho castanho carêta, corredor que nem um veado. O mocinho vinha debruçado p'ra frente, de redea bamba e o cavallo parecia que roçava a barriga no chão na corrida.

« No eu sahir, sô moço já tinha o cavallo prompto, escondido. Ganhou o rasto e bambeou as rédeas. Não foi preciso mais nada.

— « Ora já se viu! Virgem Nossa Senhora, como é que está para ser? »

— « Não tem nada, Joaquim, vamos embora. Eu te mostro que já sou duro. »

« Cá dentro, o coração me pulou de alegria, de ver a disposição do menino. Carreguei-o nestes braços e era a minha menina dos olhos. « Ora! lá se avenha! o que ha de ser tem muita força, pensei eu; não tive culpa da vinda delle. Se elle veiu, é porque gosta devéras deste mulato velho. »

— Está bom, nhonhô, vossemecê agora me ha de ouvir. Quando chegarmos á Tapéra, quem entra primeiro sou eu. Vossemecê fica amoitado alli por perto. Se os homens me prenderem ou me matarem, vossemecê percebe logo, porque isso não demora. Então, vos

semecê dá de rédeas p'ra trás e toca a bom tocar até chegar á casa, para avisar a meu amo.

— « Has de ver que eu já sou duro, Joaquim. Vamos embora. »

« Com pouca duvida entramos em terra da Tapéra.

— « Póde ter algum espia por ahi, meu patrãozinho. Vamos cortar pelo cerrado afóra e ganhar a estrada que vem da Boa-Vista; enganamos os diabos, porque elles ficam pensando que somos viandantes sahidos do Vão. »

« Assim fizemos.

« Antes de confrontarmos com a fazenda da Tapéra, eu fiz sô moço entrar num capãozinho de matto e ficar ahi amoitado. De lá elle via a casa e o curral da frente.

« Entrei, como já contei, sem vêr ninguem. Subi a escada e gritei : — O' de casa! — Uma porta abriu-se e um caboclo de beiço rachado appareceu, respondendo : — O' de fóra! Entra e vem tomar congonha, que está no cuité —.

« Entrei e vi na sala de fóra passante de vinte pessas; uns agachados, outros de pé; os homens estavam resmungando baixo. Pelas paredes havia muita arma dependurada nos tórnos. Os homens me repararam de baixo p'ra cima, de cima p'ra baixo, me estudando.

« Ainda que mal pergunte, quem é você, rapaz? disse com máu modo um sujeitinho bexigoso, com os cabellos já pintando. »

— « Eu sou Manoel João, para o servir. Assisto no Vão, perto do arraial de Marinhos e vou buscar um sal á cidade. Venho vindo escoteiro, mas o carro vem atrás e deve chegar nestes dous dias. »

— « Você não sabe que estamos em guerra e que aqui não passa gente sem minha licença? »

— « Mas, meu patrão, manda quem póde. Não estou fóra disso. »

— « E se eu te segurar aqui ? »

— « Póde que fique seguro ; mas hei de porfiar por sahir e — quem porfia mata caça ».

« Eu fiquei activo, correndo os olhos nos homens e chegando devagarinho para a porta. Já tinha na mente o jogo que havia de fazer com aquelles diabos.

« O homem esteve, esteve, esteve... Depois, encruzou as pernas em riba do banco onde estava sentado e disse :

— « Tu sabes alguma cousa desses chimangos por ahi ? »

— « Meu patrão, eu sou de longe ; estou muito fóra disso. Tenho ouvido rosnar uma cousa e outra, mas não ponho sentido em falas e ditos do povo. »

« Mal tinha acabado de dizer isso, quando appareceu de repente na porta um fula magricella, por nome Anselmo. Esse desavergonhado tinha trabalhado junto commigo uns dias, numa arribada de gado, quando eu fui levar uma boaida do patrão á Pratinha. O diabo me encarou um bocado, depois disse :

— « Aqui, Joaquim ? Você já largou o sargento-mór (era meu patrão) ? Que diabo de cousa traz você cá ? »

« Não foi preciso mais nada. Sô Chico Duarte, capitão daquelles jagunços, gritou logo :

— « Então, maroto, tu querias me lograr, eim ? Péga esse cabra ahi, minha gente ! »

« A cousa ferveu logo.

« Anselmo fez menção de me agarrar num pulo.

« Eu tinha deixado meu clavinote amarrado nos coldres e a vara de ferrão encostada lá fóra. Voei logo á porta. Quando Anselmo me quiz abotoar, juntei-o pelos peitos e num empurrão mandei-o á parede.. Isso tudo foi assim — zás ! Pulei pela escada abaixo e ganhei a sella do pedrez. O matungo estremeceu debaixo dos

arreios e, bufando forte, largou na carreira. Curvei-me sobre o pescoço do animal e gritei-lhe ao ouvido — « upa, meu pedrez! salva teu dono! » Bichinho fiel! A porteira não era alta e elle voou por cima della, cahindo do outro lado.

« Nisto, as pipocas rebentaram da frente da casa. A noite ia fechando, e os homens, atirando das janellas e do alpendre meu vulto que fugia, erraram fogo. Eu virei a cara para traz e acenando-lhes com a mão, gritei: — Até logo, meu povo!

« Ahi, uma buzina tocou forte da banda da casa, dando alérta. Os caramurús tinham gente na tocaia, pela redondeza, vigiando; acudiram logo.

« A lua, na barra do céo, alumiou um vulto de cavalleiro que crescia para mim, na carreira. E mais outro e outro.

« Um cavalleiro, cruzando na minha frente, gritou:

— « Pára, ladrão, que eu te faço comer terra já! »

« Eu torci o cavallo, colhi a vara de ferrão e peguei o homem pela volta da pá. Elle deu um urro e escangotou. Seu cavallo, desgovernado, correu p'r'uma banda. Não vi se o homem cahiu, mas gostou pouco da chuçada. Cheguei as esporas no vasio do pedrez e joguei-o para a frente, á disparada. — Que é de sô moço? que será delle? onde estará agora? — Topei um redomoinho de cavalleiros deante de mim. Chegando mais perto, vi que eram só dous que pelejavam e ouvi a voz de sô moço sô Juca, dizendo: — « Cheguem, caramurús do inferno! » Meu cavallo passou rente do delle e eu piquei com o ferrão a anca do castanho carêta, que extendeu por alli fóra com sô moço, na horinha mesma em que echoava um tiro de bacamarte.

« No meio do tropel da corrida, me pareceu ouvir perto de mim um gemidozinho. Olhei para os lados e vi

sô moço emparelhado commigo. — « Não é nada » — pensei. E corremos e corremos obra de meia legua.

« Adeante, num escampado — ninguem nos perseguia mais — eu olhava sô moço e reparava que sô moço estava calado. Não extranhei muito...

— « A lua subia, e pela beira dos capões, os peixe-fritos cantavam...

« Mais adeante, na descida de um corrego, eu voltei para sô moço e disse em tom de brinquedo :

— « Esteve feia a cousa, eim ? Mas nós não somos caçoada de ninguem. »

— « E' » — disse elle co' a vozinha sumida.

« No subir um tópe, me pareceu que elle esbarrou o cavallo.

— « Que é que vossemecê tem ? »

— « Nada ».

— « Então, toque o animal. »

« E fomos indo...

« D'ahi a pouco, elle andava penso p'r'um lado, meio envergado, como quem estava curtindo uma dôr muito grande.

« Eu, achegando-me para elle, disse :

— « Conta, meu sinhôsinho, conta a seu mulato velho o que vossemecê está sentindo. »

« Elle endireitou o corpo logo, respondendo :

— « Nada, Joaquim. Eu não te disse que era duro ? »

« Fomos embora.

« Com pouco, alcançou-nos um pé de vento bravo. As folhas e os gravetos do chão subiam em revoada ; nossos cavallos, abicando as orelhas p'ra frente, levantaram as cabeças e rincharam forte.

« Tinhamos de dobrar um serrote por uma ladeira esperta ; no meio, um murundú fazia a trilha acotovellar para dar passagem aos cavalleiros. Quando o animal de

sô moço torceu de repente, para voltear o murundú, eu vi sô moço cambalear. Dei um arranco e amparei-lhe o corpinho franzino, puxando-o fóra dos arreios e sentando-o no cabeção de minha sella. O castanho, solto, correu na frente.

« Quando sô moço debruçou sobre mim, falou-me com uma voz que nunca mais me sahiu dos ouvidos e me corta até hoje o coração — « Está doendo, Joaquim!... » Eu me apeguei com Senhora da Abbadia do Muquem e bradei alto :

— « Santo do céo! tem dó de nós ! »

« Sô moço deu mais um gemidozinho, muito fraco. Parecia um carneirinho novo, sem mãi, que vai querendo morrer por falta de leite e de calor... »

Neste ponto, a voz do velho campeiro tornou-se profunda como a das enxurradas que tombam, guéla abaixo, nos socavões da serra.

Nenhum campeiro mais recostado.

Todos, de pé, apertavam-se ao redor do Mironga, estendidos os pescoços, os semblantes mal assombrados pintando-lhes os sentimentos da alma.

— « Quando eu segurei sô moço por baixo dos braços para tiral-o da sella, senti as mãos molhadas. Apalpei e reconheci que não podia ser suor. Tirei fogo e vi minha mão direita vermelha de sangue !... »

Erecto no meio dos companheiros, o capataz daquelles homens bravios tinha o semblante demudado e a voz entrecortada pelos offegos do largo peito hirsuto.

O fogareiro acceso avermelhava aquelles rostos, que formavam circulo ao redor do Mironga ; todos mudos, attentos, como os guerreiros das tribus barbaras ouvindo ao chefe valente as peripecias dolorosas da peleja recem-ferida.

— « Excommungados, malditos caramurús ! Ficaram

satisfeitos os demonios e não buliram mais com o patrão... »

Fóra, na orla do campo, os guarás famintos uivavam dolentemente, do meio da sombra.

O velho campeiro não falava mais.

A's interrogações de tantos olhares, de tantas boccas semi-abertas, Joaquim Mironga respondeu com estas ultimas palavras, apontando para o céo recamado de estrellas:

— Lá, naquelle campo azul, junto com os anjos, pastorando o gado miudo...

PEDRO BARQUEIRO

Eu lhe conto — dizia-me o Flor, quasi ao chegarmos á Cruz de Pedra. « Naquclle tempo eu era franzinozinho, maneiro de corpo, ligeiro de braços e de pernas. Meu patrão era avalentoado, temido e tinha sempre em casa uns vinte capangas, rapaziada de ponta de dedo. Eu tinha uma *meia legua*, trochada de aço, que era meu osso da correia. » E, concertando o corpo no lombilho, soltou as redeas á mula ruana, que era boa estradeira. Inclinou-se para um lado, debruçando-se sobre a côxa, e apertou na unha do pollegar o fogo du cigarro, puxando uma baforada de fumo.

« Estavamos, um dia, divertindo-nos com os ponteados do Adão, á viola. Eu estava recostado sobre os pellegos do lombilho, estendidos no chão. A rapaziada toda em roda. Pouco tinhamos que fazer e passava-se o tempo assim.

« Eis se não quando entra o patrão, com aquelles modos decididos, e, voltando-se para um moço que o acompanhava, disse: « Para o Pedro Barqueiro bastam

estes meninos! » apontando-me e ao Paschoal com o indicador; « não preciso bulir nos meus *peitos largos*. O Flor e o Paschoal dão-me conta do crioulo aqui, amarrado a sedenho. »

« Para que mentir, patrãozinho? o coração me pulou cá dentro, e eu disse commigo — estou na unha! O Paschoal me olhou com o rabo dos olhos. Parece que o patrão nos queria experimentar. Eramos os mais novos dos camaradas, e nunca tinhamos servido senão no campo, juntando a tropa espalhada, pegando algum burro sumido. Eu tinha ouvido falar sempre no Pedro Barqueiro, que um dia apparecéra na cidade sem se saber quem era, nem donde vinha. Cheguei uma vez a conhecel-o e falámo-nos. Que bôa peça, patrãozinho! Crioulo retinto, alto, troncudo, pouco falante e desempenado. Cada tronco de braço que nem um pedaço de araroei.

« Estou com elle deante dos olhos, com aquella roupa azuleja, tingida no Barro Preto; atravessado á cinta um ferro comprido, afiado, alumiando sempre, maior que um fação e menorzinho do que uma espada.

« Esse negro mettia medo de se ver, mas era bonito. Olhava a gente assim com ar de soberbo, de cima para baixo. Parecia ter certeza de que, em chegando a encostar a mão num cabra, o cabra era defunto. Ninguem bulia com elle, mas elle não mexia com os outros. Vivia seu quieto, em seu canto. Um dia, pegaram a dizer que elle era negro fugido, escravo de um homem lá das bandas do Carinhanha. Chegou aos ouvidos do patrão esse boato. Para que chegou, meu Deus! O patrão não gostava de ver negro, nem mulato de prôa. Queria que lhe tirassem o chapéo e lhe tomassem a bençam.

« D'ahi, ainda contavam muita valentia do Barqueiro, nome que lhe puzeram por ter vindo dos lados do rio

S. Francisco. Essas historias esquentavam mais o patrão que eu estava vendo de uma hora para outra estripado no meio da rua, porque erà homem de chegar quando lhe fizessem alguma.

« Tanto eu como Paschoal tinhamos medo de que o patrão topasse Pedro Barqueiro nas ruas da cidade.

« Subiram de ponto esse nosso receio e a ira do patrão, quando se soube de uma passagem do Pedro, num batuque, em casa de Maria Nova, na rua da Abbadia.

« Chegára uma precatoria da Pedra dos Angicos e o juiz mandou prender a Pedro. Deram cêrco á casa onde elle estava na noite do batuque. Ah! meu patrãozinho! o crioulo mostrou ahi que canella de onça não é assobio. Não é dizer que estivesse muito armado, nem por isso : só tinha o tal ferro, alumiando sempre ; e com esse ferro deu pancas.

« Quando cercaram a casinha e lhe deram voz de prisão, o negro fechou a cara e ficou feito um jacaré de papo amarello. Deu frente á porta da rua e encostou-se a uma parede. Maria Nova estava perto e me disse que elle cochichou uma oração, apertando nos dedos um *bentinho*, que branquejava na pelle negra de sua peitaria lustrosa.

« Chegaram a entrar a casa tres homens da escolta, e todos tres ficaram estendidos. Pedro tinha oração, e muito boa oração contra arma de fogo, porque José Pequeno, caboclinho atarracado, ao entrar, escancarou no negro o pinguélo de um clavinote e fez fogo. Pedro Barqueiro caminhou sobre elle na fumaça da polvora e, quando clareou a sala, José Pequeno estava escornado no chão como um boi sangrado.

« Dous rapazinhos quizeram chegar ainda assim, mas a Pedro Barqueiro descadeirou um e pôz as tripas de fóra

a outro, que escaparam, é verdade, mas ficaram lá no chão gemendo por muito tempo.

« D'ahi para cá, Pedro evitava andar pela cidade, onde só apparecia de longe em longe, e á noite. Mas todo o mundo tinha medo delle e vivia adulando-o.

« Um dia, como já lhe contei appareceu lá em casa moço pedindo auxilio a meu patrão para agarrar o negro. Era mesmo escravo, o Barqueiro; mas ha muitos annos vivia fugido. Já lhe disse que o patrão queria tirar o topete ao valentão, e, para isso, escolheu pobre de mim e Paschoal.

— Que dizes, Flor? fallou o patrão rindo-se.

— Uai, meu branco, vossemecê mandando, o negro vem mesmo, e no sedenho.

— Quero ver isso.

— Vamos embora, Paschoal!

« Quando iamos a sahir, o patrão bateu-me no hombro e, voltando-se para o moço, disse muito firme : « Póde prevenir a escolta para vir buscar o Barqueiro aqui, de tarde. Hão de dar duzentos mil réis a estes meninos. »

« Desci ao quarto dos arreios, passei a mão na *meia legua* e no facão e apertei a correia á cinta.

« Paschoal já estava na porta da rua, assobiando. Tinha por costume, nos momentos de aperto, assobiar sempre uma trova, que diz assim :

« Na matta de Josué
Ouvi o mutum *gemê;*
Elle geme assim :
Ai-rê-uê, hum! airê! »

Quando Paschoal me viu, soltou uma risada.

— Estás doido, rapaz! gritou-me!

— Porque?

— Queres mesmo enfrentar com o Pedro Barqueiro?... Elle faz de nós passóca. A cousa se ha de fazer de outro modo.

« Paschoal tinha tento e eu sempre tive fé nelle. Era um cabritozinho mitrado. Sahia-lhe cada idéa... Mandou-me guardar a *meia legua* e o facão. Depois, foi á venda, escolheu anzóes de pesca e veiu para casa encastoal-os. Eu, nem bico! Ajudei a acabar o serviço, certo de que Paschoal tinha alguma na mente.

— Deixa a cousa commigo, ajuntava elle.

« Isso ainda era cedo; o sol estava umas tres braças de fóra, no tempo dos dias grandes. Lá por casa madrugavamos, sempre, para ir ao pasto e trazer os animaes de trato.

— « Vamos fazer uma pescaria », disse-me o Paschoal. « Alli para os lados do Baptista, perto de um baruzeiro grande, ha um poço, onde as curumatans e os piáus são como formigas. O rancho do Pedro Barqueiro fica perto. Elle mora só e eu conheço bem o logar. Pela astucia, havemos de prendel o. Quando eu gritar — segura, Flor! — tu agarras o negro, mas, segura rente! »

« E fomos. Nessa hora me veiu bastante vontade de fugir ao perigo, de ir passear, porque tinha como certo succeder-nos alguma. « Que é lá Flor! » — disse de mim para mim : « Um homem é para outro. » E, depois, o Paschoal não me deixava nas embiras. Quando descemos o Gorgulho e fomos virando para o lado do corrego, fiquei meio sorumbatico. Nesse tempo, eu andava arrastanda a aza á Emilia, filha do José Carapina. Era uma rôxa bonita devéras, e não estava muito longe de me querer. Posso dizer mesmo que na vespera olhou muito para mim, ao passar com a saia de chita sarapintada de vermelho, umas chinellas novas de cordovão amarello. Ah! que peitinho de jaó, patrãozinho! empinado, re-

dondo, macio como um couro de lontra. Com o devido respeito, patrãozinho, eu estava na peia, enrabichado, e foi nesse mesmo dia que ella me deu esta cinta de lã, tecida por suas mãos, que guardo até hoje. « Ai! rôxa da minha paixão » — pensava eu — « como hei de morrer assim, fazendo cruz na bocca? » O diabo da idéa me atarantou pelo caminho e cheguei a dar tremenda topada numa pedra, no meio da estrada. Curvei-me sobre a perna, agarrei o pé com as mãos e estive assim dançando sem querer, um pedacinho de tempo. Depois, levantei a cabeça. Paschoal sentára num barranco e encarava para mim, rindo. Levantei a cabeça e olhei para cima assumptando. No céo galopavam umas nuvens escuras, a modo de um bando de queixadas rodando pelo campo.

« Um vento aspero passava, arrancando de genipapeiro as fructas maduras, que esborrachavam no chão assim — pof! — espantando as juritis que andavam esgaravatando a terra e comendo grãozinhos. Duas seriemas guinchavam, esguelavam. Depois, vi que estavam brigando — me lembra como se fosse hoje — e uma avançava para outra dando pulinhos, sacudindo as azas, com o cocuruto arripiado e os olhos em fogo. O coração pareceu dizer-me outra vez — « olha, Flor, o que vais fazer ». Nesse entretanto, o Paschoal, que me encarava sempre do ponto onde estava sentado, gritou-me :

— « Esqueceste a cabeça nalgum logar? Vamos embora, que vai tardando já. »

« Fiquei descochado; cahi em mim e fui marchando disposto. D'ahi em deante, fui brincando com o Paschoal, que era muito divertido e tinha sempre um caso a contar. Chegando em baixo, arregaçamos as calças e descemos o corrego, cada um com seu anzol na vara, ao hombro.

« Era preciso que ninguem desconfiasse do nosso conluio para prendermos o Pedro Barqueiro.

Ahi, quasi que tinhamos esquecido o perigoso man-
o, tão differente andava a conversa com as caçoadas
Paschoal.

Para encurtar a historia, patrãozinho, achámos Pe-
o Barqueiro no rancho, que só tinha tres divisões : a
la, o quarto delle e a cozinha.

« Quando chegámos, Pedro estava no terceiro debu-
lando milho, que havia colhido em sua rocinha, alli
erto.

— Vocês por aqui, meninos? Olhem! vão alli áquelle poço, para baixo da cachoeira. Tem lá uma lage grande e de cima della vocês podem fazer bichas com os piáus.

— « Louvado seja Christo, meu tio! » havia dito o Paschoal, e nisto o imitei.

— « Se quizerem comer uma carne assada ao espeto, tirem um naco; está na fumaça, por cima do fogão, uma boa manta. Olhem a faca ahi na sala, se vocês não têm algum caxerenguengue. »

Paschoal entrou e viu recostado a um canto da parede o ferro alumiando. Pegou nelle, sahiu pela porta da cozinha e escondeu-o numa restinga, ao fundo. Depois, me assobiou, eu acudi e fui procurar a *lazarina* de Pedro — boa arma, de um só cano, é verdade, mas comedeira.

— Ha alguma jaó por aqui, tio Pedro? perguntou Paschoal.

— Nem uma, nem duas, um lote dellas. Se você quer experimentar minha arma, vá lá dentro e tire-a. Não errando a pontaria, você traz agora mesmo uma jaó.

— Quero matar um passarinho para fazer isca, meu tio.

— Pois vá, menino.

« E Paschoal descarregou a arma.

« Pedro tinha-se levantado e falava com Paschoal d vão da porta de entrada.

« Era hora.

« Paschoal me fez um signalzinho, eu dei volta e entrei pela porta do fundo para agarrar o Barqueiro pelas costas. A combinação era essa. Emquanto Paschoal o foi entretendo, eu fui chegando soturno, e quando elle gritou — « segura ! » eu pulei como uma onça sobre o negro desprevenido.

« Conheci o que era homem, patrãozinho ! Saltando-lhe nas costas, dei-lhe um abraço de tamandúa no pescoço. Mas o negro não pateteou, e, mergulhando commigo para dentro da sala, gritou :

— Nem dez de vocês, meninos ! Ah ! se eu soubesse... »

« Patrãozinho, eu sei dizer que o negro me sacudiu para cima como um touro bravo sacode uma garrocha. Mas eu via que, se o largasse, estava morto, e arrochei os braços.

— « Chega, Paschoal ! » gritei.

— « Eu quero manobrar de fóra. Animo ! Segura bem que nós amarramos o negro. »

« Que tirada de tempo ! O negro, ás vezes, abaixava a cabeça, dando de pôpa, e minhas pernas dançavam no ar, tocando quasi o tecto do rancho. Lutámos, lutámos, até que Paschoal poude metter um tolete de páu entre as canellas do Pedro, de modo que elle cambaleou e cahiu de bruços. Nós dous pulámos em riba delle. Eu, triumphante, gritava : « Conheceu, crioulo ? Negro é homem ? » Elle era teimoso, porque dizia ainda : » Nem dez de vocês, meninos ! Ah ! se eu soubesse... »

« Paschoal trazia á bandoleira um embornal para carregar peixe e veiu dentro delle escondida uma corda de sedenho, cumprida e forte.

« O Barqueiro estava no chão ; e foi preciso ainda fazermos bonito para amarral-o.

« Agora, puxe na frente, seu negro! » — gritou-lhe o Paschoal.

« Haviamos juntado os braços delle nas costas e apertámos com vontade. Ficou completamente tolhido.

« Eu ia segurando a ponta do sedenho e levava o negro na frente. Mesmo assim, houve uma hora em que elle me deu um tombo, arrancando de repente a correr. Por seguro, a corda estava-me enrolada na mão e eu não a larguei. Nesse instante, Paschoal tinha corrido atraz delle e lhe descarregado na nuca um tremendo murro, que o fez bambear um pouco e me deu tempo de endurecer o corpo e segurar firme a corda.

« O Barqueiro, depois que sahiu do rancho, não piou.

« Chegámos á casa de tarde e o negro ia no sedenho.

— « Eu não disse », gritava o patrão muito contente, « que só bastavam esses dous meninos para o Barqueiro? Está ahi o negro. »

« E o povo corria para ver, e a frente da casa do patrão estava estivada de gente.

« Recebemos os duzentos mil réis.

« Tinha-me esquecido de contar-lhe que eu fizera uma promessa á Senhora da Abbadia, de levar-lhe ao altar uma vela, se voltasse são e salvo. Cumpri a promessa no dia seguinte e arranjei uma festinha para a noite. Queria um pé para estar com a Emilia.

« Comprei um trancelim de ouro para aquella rôxa de meus peccados e um chale azul. Ella era esquiva. Fez muito momo nessa noite, e não me quiz dar nem uma boquinha, com o devido respeito ao patrãozinho.

« Sahi da casa de José Mendes, onde dei a festa, quando os gallos estavam amiudando.

« A estrella d'Alva, no céo escuro, parecia uma garça lavando-se na lagôa. O orvalho das vassouras me molhou as pernas e eu estremeci um bocadinho. Entrei nur

becco que ia sahir na rua de Traz, onde eu então morava.

« Ia meio avexado e peguei a banzar. Emilia! Emilia do coração! porque me amofinas com esse pouco caso? E desandei a cantar, bem chorada, esta cantiga:

Tá trepado no páu,
De cabeça p'ra baixo,
Com as azas cahidas
Gavião de pennacho!
Todo o mundo tem seu bem,
Só pobre de mim não tem!
Ai! gavião de pennacho!

« De repente, pulou um vulto deante de mim. Quem havia de ser, patrãozinho? Era o Pedro Barqueiro em carne e osso. Tinha, não sei como, desamarrado as cordas e escapado da escolta, em cujas mãos o patrão o havia entregado.

« O ladrão do negro tinha oração até contra sedenho!

« Sem me dar tempo de nada, o Barqueiro me agarrou pela golla e me sugigou. Levantou-me no ar tres vezes, de braço teso, e gritou-me:

« Pede perdão, cabrito, desvergonhado, do que fizeste hontem, que te vou mandar para o inferno! Pede perdão já! »

« A gente precisa de ter um bocado de sangue nas veias, patrãozinho, e um homem é um homem! Eu não lhe disse páu nem pedra. Vi que morria, criei animo e disse commigo que o negro não me havia de pôr o pé no pescoço.

« Exigiu-me elle, ainda muitas vezes, que lhe pedisse perdão, mas eu não respondi. Então, elle foi me levando nos braços até uma pontezinha que atravessava uma perambeira medonha. A bocca do buraco estava escura como breu e parecia uma bocca de sucuryú querendo me

engulir. Suspendeu-me arriba do guarda-mão da ponte e balançou meu corpo no ar. Nessa hora, subiu-me um frio pelos pés e um como formigueiro me passeou pela regueira das costas até á nuca; mas minha bocca ficou fechada. Então, o Barqueiro, levantando-me de novo, me pousou no chão, onde eu bati firme.

« O dia estava querendo clarear. O negro olhou para mim muito tempo, depois disse :

— Vai-te embora, cabritinho, tu és o unico homem que tenho encontrado nesta vida!

« Eu olhei para elle, pasmado.

« Aquelle pedaço de crioulo cresceu-me deante dos olhos, e vi — não sei se era o dia que vinha raiando — mas eu vi uma luz esturdia na cabeça de Pedro.

« Desempenado, robusto, grande, de braço estendido, me pareceu, mal comparando, o Archango São Miguel sugigando o Maligno. Até claro elle ficou nessa hora!

« Tirei o chapéo e fui andando de costas, olhando sempre para elle.

« Veiu-me uma cousa na garganta e penso que me ia faltando o ar.

« Insensivelmente, estendi a mão. As lagrimas me saltaram dos olhos, e foi chorando que eu disse :

— Louvado seja Christo, tio Pedro!

« Quando cahi em mim, elle tinha desapparecido. »

Filinto de Almeida

A RAIVA DE NIZE

Quando te eu fallo de carinho e enleio
Respondes irritada e desdenhosa?!
Emfim, o espinho é natural na rosa
E ama a serpe esconder-se em morno seio.

No meio de um myrtal em flor, no meio
De uma seára provida e viçosa,
Ás vezes surge a planta venenosa
E sapos coaxam no mais claro veio.

Venus, a doce e branda, contam poetas,
De onde em onde tambem se encolerisa;
Nas flores mesmo ha coleras secretas.

Raiva, pois, meu amor piza e repiza,
Não me arreceio do furor que affectas :
Que é o vendaval? a colera da briza.

BALLADA

A RODOLPHO AMOEDO

Por noite velha, no castello,
Vasto solar de meus avós,
Foi que eu ouvi, num ritornello,
Do pagem loiro a doce voz.
Corri á ogiva para vel-o,
Vitraes de par em par abri,
E ao ver brilhar o meu cabello
Elle sorriu-me, e eu lhe sorri.

Venceu-me logo um vivo anhelo,
Queimou-me logo um fogo atroz;
E toda a longa noite vélo,
Pensando em vel-o e ouvil-o a sós.
Triste, sentada no escabello,
Só com a aurora adormeci...
Sonho... e no sonho, haveis de crel-o?
Inda o meu pagem me sorri!

Seguindo a amal-o, com disvelo,
Por noite velha, um anno apoz,
Termina emfim o meu flagello,
Felizes fomos ambos nós...
Como isto foi, nem sei dizel-o!
No collo seu desfalleci...
E alta manhã, no seu morzello,
O pagem foge... e inda sorri.

Dias depois, do pagem bello,
Juncto ao solar onde eu o ouvi,

Ao golpe horrivel do cutello,
Rola a cabeça — e inda sorri !...

SAHIMENTO

Quando tu sahiste a utima vez de casa,
Do pó libertado o espirito gentil,
Punha o sol no poente uma irritante brasa
E eram já seis dias que morrera Abril.

Na dilacerante, horrivel despedida,
Todos te diziam consternado adeus.
Ella soluçava, triste e dolorida,
E sem ar anciavam peitos que eram teus.

Na capella ardente crepitavam cirios,
Numa cruz morria o Christo de marfim.
Coberto de flores, de crueis martyrios
O teu pobre corpo repousava emfim.

Como consolaras corações maguados,
Como havias feito, compassivo, o bem,
Entre os teus amigos, de olhos marejados,
Muita pobre gente estava alli tambem.

E uma pobre velha, humilima e demente,
Quando tu passaste, hirto no teu caixão,
Disse-te um adeus com tibia voz tremente,
Acenando um lenço que tinha na mão.

Tu depois partiste no coche funereo,
A descer ladeiras da banda do mar...

. ias longe para o cemiterio
ıda o pobre lenço se agitava no ar.

passar o enterro por uma outra rua,
ɔorta que vieste muita vez abrir
ı creancinha que era filha tua
ıntava o coche, coitadinha, a rir!

mas da tragedia que então vi passada,
uctuosa dôr, das lagrimas dos teus,
ıa minha mente ficará gravada
elhinha doida que te disse adeus...

TRECHO DE CHRONICA

·o sentado á minha banca de trabalho, depois
osado a tarde mirifica no alto de um *plateau*
Lapa, (que domina a bahia e a barra, a ver
ra a Europa um paquete do Pacifico e a ver
ıtro das Messageries, tendo acima de mim o
: argenteo da lua e atraz de mim o sol de ouro
har no poente esbraseado. Uma fresquissima
·inha afaga-me voluptuosamente o rosto e traz-
rando cheiro de mar alto. No monte relvado
ıanças a rir.
ɜ a noite começa lá em baixo na cidade porque
ɔes de gaz principiam a mostrar na meia pal-
repusculo as suas luzinhas minusculas. Cá em
a claro. Sento-me sobre a alfombra verde e
o longamente, absorvido e extactico, esse es-
marinho sempre novo, que basta desviar
ɔlhos por um instante para já estar mudado —
: um barco que viamos de escorço, avançando
virou de rumo e vemol-o agora na horisontal,

de perfil, com o sol a dar-lhe de chapa no costado, doirando-o todo como uma joia; ou porque uma lanchinha, trefega e rapida, que estava atraz de Villegaignon, surgiu de repente, cortando as aguas mansas, assobiando alegre, como uma garota, e esfogueteando por entre os vasos de guerra ou os grandes e negros transatlanticos...

Deixo-me estar, olhando, dando um longo banho á vista, a fumar, esquecido do mundo e das coisas, esquecido principalmente de que estou dentro de uma fornalha que a agua bemdicta refrescou e que amanhã, se a bondade celeste a deixar seccar de todo, me hade torrar a mim e aos outros e encher-nos o corpo de microbios e a alma de tédio, fornalha que em logar de cinzas tem lixo, detrictos de cosinha, cães mortos, carnes em decomposição, fétidos e miasmas, intendencia, prefeitura, eleições, o diabo! mas o diabo classico, nauseabundo, cornudo e capripede, transformista, que ora é a peste, ora é o roubo, ora é a discordia, ora é a vexação, ora é a miseria e por fim é ainda a tortura e a morte.

Bemdicto sejas-tu, ó Mar puro, intemeratas, immaculaveis aguas azues! Bemdicto, monstro benefico, Hercules alimpador de terrenos e estirpador de maleficios, que nos libertas o pensamento e nos tiras da imaginação a ignominia da terra com o só mostrar do teu grandioso vulto ondulado. De ti deriva perenne e rutila, a grande Poesia balsamica, purificadora das almas, a Poesia sem versos, que todos sentem, todos amam, ainda os mais rudes entendimentos, os mais duros corações, as almas mais contorcidas de egoismo. Olhos que te não saibam ver, bom Amigo, não merecem o supremo beneficio da luz, e deveriam ter palpebras de bronze, como as estatuas, mas cerradas, indestructivelmente ligadas na contextura rija do metal.

O PRESIDENTE EM MORRO VELHO

(Excerpto de uma descripção da viagem do Sñr Campos Salles presidente da Republica, a Minas Geraes, em Março de 1899.)

A's 9 horas chegamos á estação de Honorio Bicalho, em frente da qual nos esperam setenta animaes arreiados para nos conduzirem a Morro Velho. O dr. Pederneiras, do *Jornal do Commercio*, que é homem pesado e edoso, pede a Alcides Medrado, redactor da *Revista Industrial*, de Ouro Preto, que lhe escolha um animal forte e manso. Eu peço um que não seja mais bravo que eu, e sobretudo, que seja cavallo. Tenho levado a vida a luctar com burros e tomei birra a esse quadrupede.

Mas ha um assalto aos que parecem melhores; o Alcides ataranta-se; eu, que me entregara á sua experiencia, espero ser servido. Mas reparo em que os animaes devolutos vão rareando. Alcides evaporou-se. Cavallo já não ha nenhum.

Diviso um muar que me parece bôa pessoa e atiro-me a elle. Monto, e parto no coice da comitiva. O animal é ligeiro, mas teimoso como um homem.

Debalde pretendo afastal-o da linha da cavalgata que atira sobre mim um *simoun* de pó finissimo, sequissimo e amarellissimo.

Verifico que o burro tem opiniões firmes e resolvo-me a não contrarial-o; não tenho chicote nem esporas, mas, como sou critico de profissão, valho-me do meu officio e metto-lhe as botas.

Reconheço, com prazer, que é um animal de dignidade, estuga o passo, sempre na recta, e vae furando, vae furando por entre os companheiros, e em pouco tempo colloca-se, com certo orgulho que se lhe vê nas orelhas, á frente da comitiva.

Dou com o meu amigo Alcides, que me olha, sorrindo atravez das lunetas, e me diz, desculpando-se:

— Ora, não pude arranjar o que você queria...

— Não faz mal. Este é burro e tem os defeitos da especie; mas encontrei-lhe qualidades excepcionaes, que o tornam digno de ser cavallo. Se fosse meu haveria de promovel-o.

— Mas é trotão como um demonio!

— E eu esqueci-me de deixar o figado na mala: levo-o em sôpas. Em chegando ao Rio hei de arranjar um figado novo.

De repente attingimos o alto da collina que subiamos e avistamos o *buraco* em que está situada a antiga Congonhas do Sabará, actualmente Villa Nova de Lima. Milhares de foguetes rechinam, sobem, estoiram no ar. Bombas de dynamite rebentam com fragor. Vamos descendo a encosta, mas lentamente. A' entrada da povoação ha um portico embandeirado, sobre o qual está escripta esta delicada palavra — *Welcome*. O caminho está ornado por filas lateraes de bandeirolas, como a nossa rua do Ouvidor em dias de festa. E ao estralejar dos foguetes e ás saudações enthusiasticas do povo entramos na villa. Seguimos uma curva, chegamos a uma pequena praça que tem ao fundo uma larga vivenda assobradada, com uma grande varanda de lado a lado, abrigada por um alpendre corrido, sustentado por columnas de madeira, e litteralmente coberta por trepadeiras. E' o *cottage* de M. George Chalmers, o engenheiro chefe, o director supremo dos grandiosos trabalhos da mina do Morro Velho, pertencente á St John d'El Rey Mining Company Limited.

Apeamo-nos e, pelo angulo esquerdo da frente, entramos na varanda. Ha vermouth, aguas mineraes, refrescos. O sr. Presidente entra em um vasto quarto

atapetado e refaz a sua toilette. Pelas paredes, grandes gravuras inglezas, uma representa a coroação da rainha Victoria, outra o seu casamento com o principe Alberto. Nós vamos lavar as mãos e o rosto em um lavabo improvisado no quintal do fundo, onde ha umas dez bacias e outras tantas toalhas. Na frente, logo á entrada, um pequeno museu mineralogico; sobre uma mesa alguns exemplares de esqueletos e caveiras de pequenos quadrupedes, de quadrumanos e de algumas aves. Na parede, um grande desenho representa comparativamente a profundidade dos dois poços da mina; vê-se á direita o perfil do Corcovado com a base no mar; os poços, partindo de trinta metros acima do apice da montanha, cortam-na em toda a altura e descem pelo mar dentro! E' colossal, porque os dois furos foram na sua maior extensão brocados na rocha viva.

Fóra da sala, á esquerda, pequeno jardim, com lagos rectangulares e ao meio um repuxo em que a agua cae sobre blocos de cristal de rocha.

Mais atraz uma bella piscina, de uns quinze metros de comprimento por uns tres de largura, com agua corrente. E' alli que mr. Chalmers se banha e nada todas as manhãs e sempre que sae do interior da mina.

Annuncia-se o almoço, que é servido numa sala que se extende á esquerda, no fundo do jardim. A ornamentação é toda industrial.

Ao fundo, sobre um socco de vinte toneladas de minerio, vê-se um grande cubo dourado que representa em volume o ouro extrahido da mina velha, de 1836 a 1886, data em que um incendio e uma innundação a destruiram; em uma das faces do cubo está escripta a importancia d'esse ouro — Lb. 5.178.657. Em volta das paredes da sala, em desenhos geometricos, está representado em barras douradas o ouro extrahido até agora da mina

nova, cujos poços foram começados em 1889. Almoçamos com excellentissimos vinhos.

. . . . . .

Guiados por mr. Chalmers, que é levipede e anda como um galgo, chegamos rapidamente ao edificio principal, onde o minerio é reduzido a pó e o ouro separado em grandes peneiras rectangulares, que substituem as antigas bateias manuaes. O que nessas peneiras se vê é um lodo escuro, muito fino, coberto de agua...

O vil metal sae da lama. Os machinismos são indescriptiveis para um leigo; e eu, que antes de os ver li a descripção minuciosa e o menos technica possivel, de um profissional, confesso que não entendi nada. Mr. Chalmers andava sobre os machinismos como se atravessasse com pressa Trafalgar Square ou Picadylli.

Com elle á frente nós subiamos, entre machinas, a varios andares, sobre prateleiras, para tornar a descer; galgavamos espaços, passavamos pontes, pulavamos corrêas de transmissão, evitavamos polias que zuniam furiosas, paravamos a espaços para apreciar um machinismo, e tornavamos a correr, a saltar, a subir, a descer, — isto no meio de um fragor tempestuoso, formidavel, ensurdecedor e apavorante de bater de ferros, de britar de pedras, de choques de madeiras, que nem nas batalhas homericas, nem no derrocamento de Carthago, nem no inferno do Florentino poderiamos imaginar.

Mr. Chalmers explica ao Presidente os machinismos, berrando; mas o Presidente nada ouve, percebe-lhe apenas, como eu, o mover dos labios — e segue-o.

A força que acciona todos estes machinismos é transmittida do poderoso motor hydraulico por um só cabo transmissor, de aço, de 3/4 de pollegada de diametro; a sua velocidade é aproximadamente de 1.650 metros por minuto.

Visto o engenho formidando, tonitroante, dos 100 pilões, percorremos outras officinas e paramos na de fundição. Lá estão, sobre uma mesa, algumas barras de ouro, de 11 libras de peso, ainda quentes. Ceus, quantas futuras libras esterlinas! O chefe d'essa officina chama, porém, a attenção do Sr. Campos Salles para um quadrado de papel branco, de 2 metros por face, que está extendido no chão, com as extremidades grudadas a um caixilho. A um signal do chefe, dois operarios inclinam uma caldeira suspensa num eixo central e d'ella jorra para um buraco aberto no solo — fogo liquido. E' ferro fundido. Escorre num largo jacto, lançando faiscas a distancia, estrellejante, como um sol desfeito em escorias, maravilhosamente bello! E logo o quadrado de papel se incendia, se consume ao fogo liquido, e no logar que elle occupava apparece em grandes lettras rubras uma saudação ao Brasil e ao seu presidente.

O effeito que esta scena produziu é indescriptivel. Um grande *Viva*, unisono, rompeu de todas as boccas, e uma salva de palmas, vigorosa e enthusiastica, estrepitou no recinto.

. . . . . .

A um lado das officinas ergue-se a montanha em cujo vertice estão abertos os dois poços. Na base d'esta montanha ha como que uma entrada de tunel pequeno, de 3, 30 m. de altura por 4, 30 m., de largura. E' a galeria que leva a uma vasta camara subterranea, por onde passam os poços.

Esta galeria tem duas linhas ferreas de 2 pés e 2 pollegadas de bitola, sobre a qual rodam os carros que conduzem o pessoal e o material.

A' entrada da galeria espera-nos um carro estreito e comprido, de um só banco duplo em que se assentam umas vinte pessoas, costas com costas. Operarios a pé,

aos lados, impellem o carro para dentro da galeria, e em menos de cinco minutos percorremos os 312 metros, até á camara, fartamente illuminada por lampadas de Edison. E' com respeito e em silencio que fazemos esta pequena viagem.

Na camara dão-nos lanternas e conduzem-nos ao primeiro poço, que se não vê, porque a *gaiola*, um carro ascensor de dois bancos por lado, onde se sentam quatro pessoas, tapa-o inteiramente com o soalho ao nivel do solo. Tenho a fortuna de ser dos primeiros a entrar. Positivamente, não tenho medo : costumado a navegar com inglezes, conheço-lhes a prudencia e a segurança com que fazem tudo. Todavia, o coração palpita-me com um pouco mais de violencia, pela commoção.

Mr. Chalmers recommenda-nos cuidado com as mãos e os braços, que não fiquem fóra do carro. — E attenção.

Dá-se o signal, e a gaiola desce rapidamente. Ninguem falla; o descenso faz-se sem ruido ; ouve-se a respiração das quatro pessoas. E' solemne.

Em dois minutos a gaiola pára em uma vasta galeria; abrem-nos a porta e sahimos.

E' a mina !

Estamos no veeiro principal, dentro da rocha, na entranha dura do minerio que dá o metal resplandecente. A galeria é alta e larga. Caminhamos.

Aos lados homens atacam a rocha. Um segura a broca entranhada na pedra, para cima ; outro, com um pesado martello, tange na extremidade do ferro grandes pancadas cyclopicas, compassadamente. O ruido é secco. Mais adeante outros homens applicam ás paredes brocadores mechanicos, accionados por ar comprimido. São apparelhos longos e complicados, que furam o minerio a pequenas pancadas crebras, para a applicação da dynamitte que, detonada pela electricidade, ha de estilhaçar

a rocha. Vamos até o fundo da galeria, illuminada á luz electrica.

Lá o espectaculo é mais grandioso. Homens trepados pelas pedras atacam violentamente o limite da rocha, brocando á mão, ás martelladas rapidas. Ha o ruido grande e solemnissimo do trabalho. O ar é um tanto denso; a atmosphera pesa; os pulmões respiram com difficuldade o ar artificial levado á mina pelas machinas pneumaticas. Ao contrario do que eu suppunha, a rocha é branca, d'uma brancura fosca, como que velada. O sr. Presidente da Republica tem pressa, mal vê a mina, volta. De novo entramos na gaiola, e pouco acima paramos para ver outra galeria. Vemol-a a correr. Volvemos; subimos. Estamos na camara central, um pouco atordoados pelo espectaculo, nunca antes visto, e agora apenas entrevisto, e tão fugazmente, devido á pressa presidencial, que d'elle só trazemos uma idéa geral, perfunctoria, imperfeitissima. O tempo foi insufficiente para fixar na memoria mais que os contornos do quadro grandioso, as linhas salientes, os motivos do primeiro plano. E' pena.

Não vimos as minucias do colossal trabalho, não ouvimos o estalar da rocha ao fragor da dynamitte percutida, não observámos os trabalhadores, não examinámos os machinismos, não assistimos ao transporte do minerio nos carros especiaes. Estamos roubados. A nossa curiosidade volta cheia de interrogações; e o nosso doentio instincto d'arte volve desapontado e insatisfeito.

Não outhorgámos a esta obra estupenda do engenho humano, da audacia intelligente, da sciencia triumphante, a importancia que ella merece. Vimos tudo mal e incompletamente, como *mirones* despreoccupados, sem intelligencia nem vontade de saber. Mas, porque havemos de ser nós incontentaveis, se o chefe da nação,

que não é menos intelligente que nós, se contentou? Vamos embora.

De novo tomamos logar no carro longo e estreito, que os trabalhadores impellem no tunel de entrada, e sahimos para o ar, o ar limpido e leve de um dia temperado, que os nossos pulmões aspiram a largos haustos, como uma novidade deleitosa.

Garcia Redondo

O TESTAMENTO DO TIO PEDRO

A' beira da estrada, batida do sol e da chuva, exposta ao granizo, sem arvores em torno, sem uma horta, sem um jardim, isolada na planicie limpa quasi árida, ficava a choupana do tio Pedro.

Ladino, indolente e supersticioso, o velho possuia apenas essa palhoça, uma vacca, que a mulher ordenhava nos felizes tempos de cria, e um cão leproso, que latia muito á lua mas que não mordia. Nada mais.

De que vivia o casal? De uma chaga que o tio Pedro tinha na perna e que alimentava, mantendo-a sempre aberta, roxa e pustulosa com o succo irritante de hervas causticas. Quatro farrapos em torno, a perna exposta á porta, mostrando aos transeuntes a nojenta ulcera coberta de pús e de moscas, e eis a fonte de renda que dava a pitança ao casal. De resto, uma velha carabina auxiliava a caridade publica fornecendo para os dias de festa pratos saborosos de caça do campo. O podengo mantinha-se á custa do proprio esforço, perseguindo o tatú na planicie e mendigando ossos, aqui e ali, pelas

herdades da visinhança. Quanto á vacca, tinha sempre na frente do seu estomago a vasta extensão da campina onde retouçava o broto tenro da *barba de bóde*.

A chaga do tio Pedro começara pequenina e insignificante. Um dia, ao saltar uma cerca, um espinho entrara-lhe na perna esquerda, um pouco acima do tornozelo. Tio Pedro sentiu a dôr mas não fez caso. No dia seguinte, a perna estava vermelha, bastante quente e inflammada e todavia no logar onde entrara o espinho só havia um ponto escuro, um pequenino ponto azulado, que lembrava a picada de um alfinete.

Depois, esse ponto começou a purgar e a engrandecer, mas o calor passara. Volvido um mez, o ponto escuro já tinha o diametro de uma moeda de nickel de 100 réis, mas apresentava indicios de querer cicatrizar. Foi quando a mulher do tio Pedro — uma velhinha encarquilhada, mais ladina ainda do que o marido — attentando no tamanho da chaga, que lembrava o do nickel teve a ideia luminosa e pratica de extrahir nickeis da ferida. E expôz a sua ideia ao marido, que a achou explendida. Começaram então os dois na faina ardorosa de impedir a cicatrização da chaga. Ao principio, lembraram-se da ortiga, cujos pellos excretam um liquido urente, que irrita e queima; e applicada a planta á chaga, esta effectivamente augmentou. Mas a ortiga produzia dôres, cousa de que o tio Pedro não gostava. Procuraram então outras hervas que, alimentando a chaga, não produzissem dôres. Com labôr e paciencia acharam. Estava garantida a subsistencia do casal.

Vagarosamente, maciamente, com a lentidão da lesma, começou essa chega a lastrar pela perna acima como um lichen; ao fim de alguns mezes, tinha rodeado o tornozelo e, passado um anno, já invadia a região da tibia e do peroneo até meio. Mas não doía e chamava o nickel.

Todavia, á medida que a chaga augmentava, tio Pedro diminuia em peso e descorava; mas, como na choupana não havia balança nem espelho e o appetite era bom, tio Pedro não se apercebia da fuga das côres nem do desfalque em kilogrammas. Pelo seu lado, a ardilosa mulher do tio Pedro, que tinha o defeito organico de ser myope, tambem não via... senão a ferida, essa amada ulcera, que não fechava nunca e que lhe proporcionava meios de ter o estomago farto e de dormir noites tranquillas.

Demais, a magreza e a pallidez macilenta do velho augmentavam o effeito da chaga, armando á compaixão do transeunte, forçando-o a dar com maior liberalidade a esmola.

Nessa exploração feliz, o casal atravessou trez annos sem soffrer privações. A ferida chegava então ao joelho, começava a dobrar a rotula e ameaçava invadir a coxa mal fornida de carnes. Quasi reduzido á pelle e ao osso, tio Pedro já sentia uma fraqueza que o intimidava. Foi quando elle percebeu que o peso lhe mingoava e que, com a fugo do peso, o alento desapparecia.

Teve então a ideia, de impedir a marcha ascendente da ulcera, reduzil-a mesmo, fazendo-a retroceder até ao meio da perna. Assim como assim, tanto vinha o nickel com uma chaga de dois palmos, como uma de quatro pollegadas. Mas, ou porque a ferida já se habituasse a subir, ou porque a mulher do tio Pedro não descobrisse a herva que devia fazel-a descer, o certo é que a chaga lastrou sempre e, depois de galgar o joelho, invadiu francamente a coxa. E o peior é que, quanto mais mezinhas lhe applicavam para fazel-a seccar e retrahir-se, mais ella purgava, avançando sempre.

No começo do inverno, quando a primeira geada cobriu a planicie, crestando as hervas tenras e devorando assim a provisão da vacca, tio Pedro percebeu que já

lhe era difficil sahir da cama e arrastar-se até á porta da choupana para expôr a ulcera. Teve então a primeira suspeita do seu proximo fim e chamando a mulher pediu-lhe que procurasse um tabellião e o levasse á choupana.

Um tabellião!... para que?

Teria o tio Pedro uma fortuna occulta, conservada pela sua avareza no fundo de algum buraco, sem que a mulher o soubesse jamais?

O velho nada explicou e a mulher, sempre ladina, alentada pela esperança de uma riqueza inesperada, que depois da morte do marido viesse supprir a falta da chaga pingue, prestes a desapparecer para sempre, nada inquiriu. Foi ao povoado e de lá trouxe o tabellião.

O que se passou entre o notario e o moribundo, a mulher do tio Pedro só o soube depois que o velho fechou os olhos para sempre.

O finado tinha feito testamento e este testamento era assim redigido :

« Deixo uma vacca, uma espingarda e um cão; á minha mulher deixo o cão, e do producto da venda da vacca e da espingarda mandará ella rezar missas pelo descanço da minh'alma. »

Era só isto. Nada de mais conciso, nada de mais previdente, nada de mais liberal.

Sorridente e ironico, o tabellião perguntou á viuva se ella, como legataria e testamenteira, estava resolvida a satisfazer as disposições um tanto extravagantes e mesmo illegaes do testamento do seu defuncto marido. E a velha encarquilhada, sem mostrar pesar nem espanto, respondeu serenamente « que sim ».

Oito dias depois, realizava-se a feira mensal no povoado e a mulher do tio Pedro, de espingarda ao hombro, como uma vivandeira, tangendo na sua frente a vacca e acompanhada pelo cão, seguiu para a feira e ali procurou lo-

gar azado para realizar a venda das cousas que levava.

Um comprador apresentou-se e indagou do preço da vacca.

— Doze vintems, respondeu, muito séria, a mulher do tio Pedro.

— Doze vintens!!... repetiu o camponez, olhando admirado para a velha.

— Sim, senhor, doze vintens, nem mais nem menos, mas tem um a condição, respendeu a velhita, sem se perturbar com o olhar desconfiado do camponio.

— E qual é a condição?

— E' esta : quem comprar a vacca ha de comprar tambem a espingarda e o cão.

— Hom'essa!...

— E' como lhe disse; a vacca só será vendida juntamente com o cão e com a espingarda.

— E qual o preço, bôa mulher, da espingarda e do cão?

— A espingarda — treze vintems, o cão — trezentos mil réis.

Cada vez mais espantado, sem comprehender o estratagema da legataria finoria, o camponio pôz as mãos nas ilhargas e desatou a rir, a rir, de tal sorte, que atrahiu a attenção de toda a feira.

E dahi a pouco, toda a gente que alli estava, sabia este caso original e extranho; que a viuva do tio Pedro exigia doze vintens pella vacca, treze pelo cão, *sub conditione, sine qua non*, de vender tudo ao mesmo comprador.

Como a vacca era nova, com fama de bôa leiteira e valia bem os trezentos mil e quinhentos réis (que era o preço de tudo), o camponez, depois de muito indagar inutilmente pela razão da original exigencia da velha, fechou o negocio, pagando a quantia pedida, e da feira partiu levando a vacca, o cão e a espingarda.

Então, a viuva do tio Pedro, visivelmente satisfeita e com a consciencia tranquilla, foi em demanda da casa do vigario da freguezia e perguntou ao bom padre :

— Senhor vigario, seria V. Rev.ma capaz de dizer, por quinhentos réis, uma missa por alma do meu Pedro, que Deus haja na sua sancta guarda?

O vigario, que ignorava o que se passara e que sabia das circumstancias precarias da velha, respondeu logo:

— Com todo o prazer, bôa mulher; onde não ha el-rei o perde.

— Pois então, aqui tem os quinhentos réis, senhor vigario, e queira dizer a missa por alma do defuncto Pedro.

D'ahi, partiu logo para a casa do tabellião, com o fim de provar perante testemunhas que havia satisfeito as disposições testamentarias do seu finado marido.

E foi assim que a espertalhona viuva do tio Pedro demonstrou que o cão leproso, que o marido lhe deixara, valia quasi tanto como a chaga que ella alimentara durante trez annos, chaga essa que o velho, egoista e avaro sempre, levara para debaixo da terra, talvez com o intuito de explorar com ella, no outro mundo, a caridade das almas imbecís ou demasiado compassivas.

TRES CHARUTOS

Tres annos havia já que eu não visitava o meu amigo Eduardo da Silveira — quando, uma noite, ao entrar no meu quarto, encontrei sobre o criado-mudo um cartão postal desse velho camarada olvidado que dizia o seguinte :

« Por Jupiter!... Parece que estamos de relações cortadas!... Ha umseculo que não appareces. Vem amanhã

almoçar commigo e traze o teu xadrez de algibeira para jogarmos uma partida sob a mangueira frondosa do meu jardim. Estou agora á rua de S. Clemente, N... em um ninho minusculo, mas confortavel e tranquillo. Cá te espero sem falta. »

Fui, e quando entrei sem ceremoniosamente no gabinete de trabalho desse ditoso rapaz, envelhecido prematuramente nos gosos da vida elegante, encontrei-o de *robe-de-chambre*, sentado em frente á sua secretária e pondo em ordem alguns papeis dentro de uma gaveta estreita, comprida e funda.

Cahimos nos braços um do outro e depois das exclamações habituaes: — « Até que afinal!... — Mas... como estás velho!... — Como estás mudado!... » etc., Eduardo fez-me sentar a seu lado, dizendo-me:

— Deixa-me concluir o arranjo desta gaveta e estou todo ao teu dispor.

E tagarellando, tagarellando sempre, com a sua inextinguivel *verve*, o meu velho amigo ia passando para dentro da gaveta uma montanha de papeis que se avolumavam sobre a secretária, quando, de repente, os seus dedos pousaram sobre um enveloppe largo e bodujo, que parecia conter um objecto duro.

— Ah! cá estão, cá estão elles... E' uma preciosidade!... exclamou.

E passando-me o enveloppe:

— Sabes o que é isto?

Tomei o enveloppe e apalpei-o:

— Serão charutos?... inquiri duvidoso.

— Exactamente, são tres charutos que têm uma historia triste. Custaram-me tres contos de réis.

Encarei-o, admirado, sem comprehender.

— Espera, espera um pouco; eu conclúo já esta taréfa e depois contar-te-hei esse caso.

E, sorrindo, abriu o enveloppe e delle tirou tres pequenos charutos, castanhos e esguios, apertados por uma cinta de papel branco, onde havia estes dizeres:

Herança da Palmyra
Rs. 3:000$000, — 16 de Março de 1891.

— Aqui os tens; admira-os, emquanto acabo com isto.

E continuou na sua taréfa de ordenar os papeis dentro da gaveta, emquanto eu examinava curiosamente os charutos, sem atinar com o motivo de tão elevado custo.

Cinco minutos depois, Eduardo empurrava a gaveta e voltando-se para mim dizia-me:

— Sou todo teu agora. Vamos portanto á historia dos charutos, que naturalmente te está intrigando. Lembras-te da minha afilhada Palmyra, filha da Martha do *Recreio Dramatico*?

— Tenho uma lembrança vaga.

— « Pois bem: essa criança, ha tres annos, ficou orphã de mãi que, como sabes, morreu tisica; e a pobre Martha, que eu tanto amei nos tempos em que a sua graciosa figura fascinava os ociosos da rua do Ouvidor, vendo-se definhar, poucos dias antes de morrer mandou-me chamar, pediu-me que velasse pela Palmyra e entregou-me tres contos de réis, fructo das suas economias e unica herança da filha.

« Acceitei o encargo, e no dia em que conduzi a linda e voluptuosa Martha á sua ultima morada trouxe a filha para minha casa. Não sahi nessa noite muito de industria para distrahir e consolar a pobre criança que me fôra entregue e que, ferida cruelmente pela morte da mãi, tinha cahido em um desespero bem facil de ser comprehendido por aquelles que já perderam o unico ente querido que lhes restava. Mas, no dia seguinte, depois

do almoço, sahi, levando no espirito a preoccupação de collocar a pequena fortuna da pobre orfan em condições de lhe produzir a maxima renda possivel. E, então, cogitando durante o dia inteiro no melhor emprego para esse capital, lembrei-me de comprar com elle uma pequena propriedade, bonitinha e bem tratada, que, um mez antes, eu vira no Engenho Novo e cujo preço não excedia então de quatro contos. Era possivel que a propriedade ainda não tivesse sido vendida e tambem não era impossivel que, em tal caso, o proprietario fizesse abatimento no preço, cedendo-a pelos tres contos. Não me enganei, porque, indo nesse mesmo dia ao Engenho Novo, lá combinei a compra pelos tres contos, ficando assentado que a escriptura seria lavrada no dia seguinte.

« Dei, nessa mesma tarde, a noticia á Palmyra; e no dia immediato, depois do almoço, metti na minha carteira os tres contos e parti em direcção ao cartorio onde a escriptura devia ser assignada. Mas, ao sair de casa, encontrei, junto ao portão do jardim, a Palmyra de physionomia abatida e de olhos vermelhos. Chorara evidentemente e no seu olhar havia ainda uma tristeza infinda. Commoveu-me o pesar dessa infeliz orfan e, procurando consolal-a, attrahi-a ao meu peito e beijei-a. Notei então que a cabeça e as mãos da criança estavam quentes e perguntei-lhe se sentia algum incommodo. Respondeu-me que nada sentia, mas pediu-me que não saisse, que ficasse com ella, que estava com medo de ficar só. E recomeçou a chorar. Tranquilisei-a, e desculpando-me com a necessidade de estar na cidade, nesse dia, á hora marcada para assignar a escriptura, parti, promettendo que voltaria cedo e que a levaria ao heatro.

« A Palmyra ficara junto ao portão do jardim, e do

carro, em que entrei, ainda a vi durante algum tempo, seguindo-me com os seus olhos vermelhos e tristes. Quando o carro começou a occultar-se ao dobrar a primeira esquina, eu vi o braço dessa criança erguer-se para agitar um lenço na direcção que eu levava.

« Confesso-te que nesse momento, tive impetos de retroceder, mas lembrei-me do meu compromisso relativo á escriptura e deixei-me conduzir á cidade, promettendo a mim mesmo regressar o mais cedo possivel.

« Na cidade, encontrei um bilhete do dono da propriedade cuja compra eu ajustara, desculpando-se de faltar ao *rendez-vous* que me havia marcado e pedindo-me que voltasse ao Engenho Novo para entender-me com elle sobre assumpto de interesse commum.

« Fui, e depois de resolvida com o proprietario uma pequena difficuldade relativa a uma hypotheca que pesava sobre o immovel, assentamos de novo que a escriptura seria passada no dia immediato, sem falta. Na volta, muito satisfeito com a solução desse negocio, fui jantar ao Club, resolvido a partir immediatamente depois para casa, a fim de conduzir a Palmyra ao theatro. Mas, no Club jogava-se, e da sala do jantar eu ouvia o ruido das fichas e a vozeria dos pontos em torno da mesa da roleta, em uma sala proxima. De estomago cheio, bem disposto e satisfeito, depois do jantar, quiz ariscar uma centena de mil réis e dirigi-me á sala do jogo. Quando entrei, um dos pontos, o Boaventura, aquelle Boaventura das suissas vermelhas e do dedo torto, disse-me : — Em quarenta e quatro bolas, dadas até agora, já sairam todos os numeros, menos o 9 — Essa revelação deu-me um palpite : jogar no 9 obstinada e exclusivamente. E comecei a jogar n'esse numero, onde, para principiar, apostei tres fichas de 1$. Não veio o 9, e na segunda parada eu arriscava seis fichas, depois

nove, depois doze, continuando assim até 100$, que era o maximo permittido. Durante uma meia hora mantive-me nesse jogo, mas depois, já dominado pela febre querendo readquirir o perdido e ter lucro, comecei a fazer jogo largo, e em cada parada arriscava o maximo. Na minha frente, um rapaz de dezoito annos, ainda imberbe, louro, de olhar brilhante, amontoava uns sobre outros cartões do valor de 50$ e tinha um grande lucro, calculado pelos pontos em cerca de doze contos, adquirido com uma entrada de 20$ apenas. Pela originalidade do seu jogo, que consistia em apostar exclusivamente nos zeros e nas côres, esse ponto feliz era o alvo das attenções de toda a sala, principalmente do banqueiro, que não perdia de vista a montanha de cartões de 50$, que elle accumulava na sua frente e sobre a qual pousava a sua mão alva e tremula. Na sala, completamente cheia, fazia um calor abrazador e a atmosphera, carregada do fumo do tabaco e das emanações da carne, abafava e entorpecia os sentidos. De vez em quando, um creado do Club percorria a sala offerecendo refrescos e charutos aos pontos. Ouvia-se um vozear continuo, exclamações de prazer ou de decepção dos jogadores, á mistura com o ruido das fichas e com a voz do banqueiro annunciando os numeros e fazendo os pagamentos. Ás onze horas da noite, consultei a carteira: dos tres contos de Palmyra só possuia quatrocentos mil réis! O 9 tinha engulido o resto e até esse momento a bola havia girado setenta e seis vezes sem cair nelle!...

« O que me restava em dinheiro dava apenas para quatro paradas, se eu persistisse em jogar o maximo.

« Ora, evidentemente, as probabilidades a favor do 9 augmentavam, e por isso arrisquei ainda e continuei a apontar nesse numero.

« Na ultima parada, quando nada mais tinha do que

cem mil réis que eu, com mão convulsa, depositei no centro do quadrado em que estava o 9, o banqueiro annunciou o 2. Levantei-me então. O rapaz que jogava na minha frente e que já estava na *déveine* disse-me: — Uma vez que o senhor abandona o 9, vou agora nelle. — E fez a mesma parada que eu fizera até esse momento. Conservei-me ainda na sala para assistir a essa jogada e, por uma ironia da sorte a bola cahiu no 9. Sahi desalentado, e para castigar o corpo fui para casa a pé, pensando na pobre orfan confiada aos meus cuidados, cuja herança eu acabara de dissipar estupidamente. Que dia e que noite tristes deveria ter passado essa criança, isolada, reclusa no meio de uma casa silenciosa, sem distracções, inteiramente entregue á sua dor!... Este pensamento affligiu-me. Quando entrei em casa, o creado communicou-me que a Palmyra estava doente. Cheio de remorsos, fui vel-a. Estava deitada na sua pequena cama de mogno e ardia em febre. Um medico, que mandei chamar a toda a pressa, diagnosticou a variola. Torturado pelo remorso e atormentado por presentimentos máos, passei o resto da noite ao lado dessa infeliz, que delirava chamando repetidas vezes pela mãe. No dia seguinte, o diagnostico confirmava-se: a variola apparecia. Durante uma semana censervei-me á cabeceira da doente, servindo-lhe de enfermeiro e disputando-a á morte. Mas, de nada serviram a minha dedicação e os cuidados do medico, porque, ao cabo desses sete dias a desventurada Palmyra exhalava o ultimo suspiro, horrivelmente desfigurada e chamando sempre, até o ultimo momento, pela mãe, que ella via nos seus delirios e que certament tambem chamava por ella lá do humilde jazigo, onde dormia o eterno somno. Nessa mesma tarde cumpri a piedosa missão de depositar a filha ao lado da mãe

no cemiterio de S. João Baptista da Lagôa e, quatro mezes depois, sobre a terra que guarda os ossos dessas duas infelizes, fiz erguer um mausoléo modesto, mas elegante, cujo custo importou exactamente em tres contos de réis. »

E como o Silveira cessasse de falar e ficasse com os labios um pouco tremulos e os olhos mais brilhantes do que o costume , parecendo ter dado fim á narração, disse-lhe :

— É na realidade commovente e historia que acabas de contar-me; mas o que tem tudo isso com estes charutos ?

— Ah ! sim, tens razão. E' que na manhã seguinte á noite em que perdi a herança da Palmyra, encontrei no mesmo bolço que gardara o dinheiro, em vez dos tres contos de réis, esses tres charutos que me foram offerecidos pelo creado do Club durante o jogo e que eu machinalmente aceitei e guardei. E, como os charutos estavam ali substituindo a quantia perdida, rotulei-os com esse distico que ahi vês e no dia em que levei a pobre criança ao cemiterio, sobre a sua sepultura jurei que nunca mais tornaria a jogar. Nunca mais joguei, de facto, a não ser o xadrez como exercicio mental e, para recordar-me sempre do triste episodio que te acabo de narrar, conservei esses tres charutos que effectivamente me custaram um conto de réis cada um. São um tanto caros, não achas?

— Pelo contrario, acho-os baratissimos. Quantos contos de réis terias tu perdido na roleta, de então para çá, se estes tres charutos te não tivessem custado a herança da Palmyra ?...

O Silveira fez um signal de assentimento e, tomando silenciosamente os charutos, beijou-os e metteu-os na gaveta da sua secretaria, que só então fechou a chave.

Meia hora depois, à sombra convidativa da frondosa mangueira do seu jardim minusculo, e em frente a um taboleiro de xadrez, meditavamos no *mate* que deviamos dar um no outro, emquanto as cigarras chiavam alegremente abançoando essa alma boa de solteirão solitario.

Graça Aranha

AS RAÇAS E O PROGRESSO

MILKAU. — Um dos erros dos interpretes da historia está no preconceito aristocratico com que concebem a idéa de raça. Ninguem, porém, até hoje soube definir a raça e ainda menos como se distinguem umas das outras; fazem-se sobre isto jogos de palavras, mas que são como esses desenhos de nuvens que alli vemos no alto, apparições phantasticas do nada... E, depois, qual é a raça privilegiada para que só ella seja o theatro e o agente da civilisação? Houve um tempo na historia em que o semita brilhava em Babylonia e no Egypto, o hindú nas margens sagradas do Ganges, e elles eram a civilisação toda, o resto do mundo era a nebulosa de que se não cogitava. E, no emtanto, é junto ao Sena e ao Tamisa que a cultura se exgotta hoje n'uma volupia farta e alquebrada. O que eu vejo n'este vasto panorama da historia, para que me volto ancioso e interrogante, é a civilisação deslocando-se sem interrupção, indo de grupo a grupo atravez de todas as raças, n'uma fatal apresentação gradual de grandes trechos da terra, á sua luz e

calor... Uns se vão illuminando, emquanto outros descem ás trevas...

LENTZ. — Até agora não vejo probabilidade da raça negra attingir á civilisação dos brancos. Jamais a Africa...

MILKAU. — O tempo da Africa chegará. As raças civilisam-se pela fusão; é no encontro das raças adeantadas com as raças vírgens, selvagens, que está o repouso conservador, o milagre do rejuvenescimento da civilisação. O papel dos povos superiores é o instinctivo impulso do desdobramento da cultura, transfundindo de corpo a corpo o producto d'essa fusão que, passada a treva da gestação, leva mais longe o capital accumulado nas infinitas gerações. Foi assim que a Gallia se tornou França e a Germania, Allemanha.

LENTZ. — Não acredito que da fusão com especies radicalmente incapazes resulte uma raça sobre que se possa desenvolver a civilisação. Será sempre uma cultura inferior, civilisação de mulatos, eternos escravos em revoltas e quédas. Emquanto não se eliminar a raça que é o producto de tal fusão, a civilisação será sempre um mysterioso artificio, todos os minutos rotos pelo sensualismo, pela bestialidade e pelo servilismo innato do negro. O problema social para o progresso de uma região como o Brasil, está na substituição de uma raça hybrida, como a dos mulatos, por europeus. A immigração não é simplesmente para o futuro da região do paiz um caso de simples esthetica, é antes de tudo uma questão complexa, que interessa o futuro humano.

MILKAU. — A substituição de uma raça não é remedio ao mal de qualquer civilisação. Eu tenho para mim que o progresso se fará n'uma evolução constante e indefinida. N'esta grande massa da humanidade ha nações que chegam ao maior adeantamento, depois definham e

morrem, outras que apenas esboçam um principio de cultura para desaparecerem immediatamente; mas o conjuncto humano, formado dos povos, das raças, das nações, não pára em sua marcha, caminha progredindo sempre, e os seus eclipses, os seus desmaios não são mais que periodos de transformações para epochas fecundas e melhores. É a fatalidade do Universo que se cumpre n'esse todo que é uma parte d'elle... Quando não ha um trabalho á flôr das coisas, luminoso e doce, ha uma elaboração subterranea, tenebrosa e forte. Ás vezes, é n'um ponto isolado da superficie que se dá a opacidade das trévas, e pela fusão um povo ahi se fórma recapitulando a civilisação desde o seu ponto inicial e preparando-se para levar o progresso mais longe que os povos geradores...

LENTZ. — Como? Então o contacto dos povos da arte com os selvagens determina um precipitado que excede áquelles na capacidade esthetica?

MILKAU. — A arte, Lentz, póde diminuir ou augmentar em alguma das suas expressões, segundo varias solicitações do meio e da epocha, mas pelo facto de não florescer certa fórma de Arte, o progresso artistico não deixa de ser maior. Si a verdade estivesse na conclusão contraria, então a humanidade teria retrocedido depois do periodo do grego, e da renascença, porque até agora a historia não conta epochas tão felizes para a Esculptura e para a Pintura.

LENTZ. — Mas toda a questão está na comprehensão do progresso moral.

MILKAU. — Quando a humanidade partiu do silencio das florestas para o tumulto das cidades, veiu descrevendo uma longa parabola da maior escravidão á maior liberdade. Todo o alvo humano é o augmento da solidariedade, é a ligação do homem ao homem, diminuidas as

causas de separação. No principio era a força, no fim será o amor.

LENTZ. — Não, Milkau, a força é eterna e não desaparecerá; cada dia ella subjugará o escravo. Essa civilisação, que é o sonho da democracia, da fraternidade, é uma triste negação de toda a arte, de toda a liberdade e da propria vida. O homem deve ser forte e querer viver, e aquelle que um dia attinge a consciencia de sua personalidade, que se entrega a uma livre expansão dos seus desejos, aquelle que na opulencia de uma poesia magica crêa para si um mundo e o gosa, aquelle que faz tremer o solo, e que é elle proprio uma floração da força e da belleza, esse é homem e senhor. O fim de toda a sua vida não é a ligação vulgar e mesquinha entre os homens; o que elle busca no mundo é realisar as expressões, as inspirações da Arte, as nobres, indomaveis energias, os sonhos e as visões do poeta, para conduzir como chefe, como pastor, o rebanho. Que importa a solidariedade e o amor? Viver a vida na egualdade é apodrecer n'um charco...

MILKAU. — Toda a marcha humana é uma aspiração da liberdade; esta é o verdadeiro apoio, o estimulo, a razão de ser de uma sociedade. A ordem não é um principio moral; é apenas um factor preexistente e indispensavel ao conceito social; não póde haver sociedade sem ordem, como calculo sem numeros; a harmonia existirá por momentos, mesmo n'um regimen de escravos e de senhores, mas será instavel, e sem a liberdade não ha ordem possivel; a busca e a realisação da liberdade como fundamento da solidariedade são o fim de toda a existencia... Mas para ahi chegar, que caminho não percorreu o homem!... A liberdade é como a propria vida, nasce e cresce na dôr...

LENTZ. — Oh! mas essa dôr deita gottas de amargura

sobre a victoria. Não, o verdadeiro homem é o que se libertou de todo o soffrimento, aquelle cujos nervos não se contráem na agonia, o que é soberano, o que é omnipotente, o que tem sua integridade completa e fulgurante; o que não ama, porque o amor é um desdobramento doloroso da personalidade.

MILKAU. — O que nos une solidariamente na humanidade é o soffrimento. Elle é a fonte do amor, da religião e da arte, e não se póde substituir a sua consciencia fecunda pelo imperio de uma sensibilidade feroz.

LENTZ. — Quanto a mim, penso que devemos voltar atraz, apagar até aos ultimos traços as manchas d'esta civilisação de humildes, de soffredores, de doentes, purificar-nos do seu veneno, que nos mata depois de nos entristecer.

MILKAU. — Eu vejo na exaltação das tuas palavras que ha em nós uma tristeza diversa deante do quadro da vida dos homens... mas sempre tristeza e desespero. O mal é universal, ninguem está satisfeito por estes tempos; todos se lamentam, e nem senhores, nem escravos, nem ricos, nem pobres, nem cultivados, nem simples têm o seu quinhão de alegria, de satisfação, como queriam. E quando n'uma sociedade o individuo soffre, essa gotta de agonia é bastante para condemnar todo o fundamento da communhão. Ha uma crise em tudo, o proprio solo é vacillante e tremulo, o mundo está abalado, a atmosphera é irrespiravel. No meio de confusas aspirações, n'este contacto extranho de sentimentos tão varios, póde-se acaso fundar a harmonia socegada e doce da vida? A religião foi-se; ella é do tempo e, como o proprio tempo, uma vez perdida, não volta mais... Uma civilisação de guerreiros persiste no meio do surto da alma pacifica do homem. Tudo se confunde, se mistura e se repelle n'um torvelinho de desespero... A sombra do

passado penetra demasiado na morada do homem moderno e enche-lhe a casa de espectros e visões, que o detêm e o perturbam. E o futuro, mensageiro do gesto consolador, vem avançando a medo como um ladrão nocturno... Mas eu não esperei o seu passo vacillante e tardo : despi a minha roupagem pesada, e lepido então fui buscar o perfume e os alimentos que, vagaroso e divino, elle vem trazendo aos homens. E como dentro em mim é doce a salvação!

LENTZ. — E para ahi chegares?... Deixaste patria, familia, sociedade, uma civilisação superior?

MILKAU. — Deixei o que era vão.

LENTZ. — E á Europa, e á Allemanha nada mais te prende?

MILKAU. — Sómente o que ellas têm de grande no Passado. Mas isto é o incorporeo, é o invisivel, e eu não preciso de me sentar sobre as ruinas para amal-o. E' a obra da imaginação e da memoria. O meu culto ao que é humano é activo, reside na dupla consciencia da continuidade e da indefinidade do progresso. O que a Europa nos mostra, como fórma da vida, é apenas um prolongamento desharmonico das forças de hontem e das solicitações do presente.

O PRESENTE

E Milkau disse ao brasileiro :

— Essa Europa, para onde d'aqui se voltam os vossos longos olhos de sonhadores e moribundos, as vossas cançadas almas, cobiçosas de felicidade, de cultura, de arte, de vida, essa Europa tambem soffre do mal que desaggrega e mata. Não vos deixeis deslumbrar pela exhausta pompa de sua civilisação, pela força inutil dos

seus exercitos, pelo lustre perigoso do seu genio. Não a temaes nem a invejeis. Como vós, ella está no desespero, consumida de odio, devorada de separações. Ainda alli se combate a velha e tremenda batalha entre senhores e escravos... Não ha calma para a consciencia, não ha tranquillidade no goso, quando ao vosso lado sempre alguem morre de fome... E' uma sociedade que acaba, não é o sonhado mundo que se renova todos os dias, sempre joven, sempre bello. E ainda para manter taes ruinas, os governantes armam homens contra homens e entretêm-lhes os ancestraes appetites de lobos com a pilhagem de outras nações. Tudo o que se apresenta á flor da vida não corresponde mais aos fundamentos da Vida... As leis, nascidas de fontes impuras para matar a liberdade fecunda, não exprimem o novo direito; são o escudo perturbador do governo e da riqueza, e quem diz auctoridade diz posse, diz servidão e destruição. Por taes leis os povos chegaram a esse excesso de grandeza que é o primeiro toque da decadencia. Por ellas tudo se baralha, toda a humanidade parece sem raizes na terra, passando, como si estivesse para morrer, sem cuidar dos que vêm surgindo após. Está vacillante, inquieta, n'esse momento indeciso em que não teme mais a justiça vingadora e postuma, que amedrontava no passado os espiritos, e nem pratica a maravilhosa justiça que vae chegar amanhã para dar a todos o que é de todos.

« Nada corresponde ao Tempo. O espirito que morreu, ainda anima debilmente o mundo... As raças deixaram de ser guerreiras e ainda se armam!.. Os povos abandonaram a religião e conservam os templos e o sacerdocio... A arte não exprime a vida, nem a alma do momento; a poesia volta-se para o passado e a sua lingua subtil, fina e mesquinha, sem seiva nem vigor, não é a lamina poderosa e refulgente onde se reflecte a imagem dos novos

homens. E por tudo isto que enlanguesce e definha, passa o veneno sensual, morbido e perfido, tirando a força ao homem e a bondade ao leite da mulher... Não a temaes, que vos não póde escravisar; antes que se erga contra vós, ella se despedaçará. Não longe, os seus exercitos não se poderão mover, pois como a essas figuras carbonisadas desentranhadas da terra do passado, um sopro de vento os reduzirá a pó, o sopro bemfazejo que tudo invade, tude vence, como o bafo sagrado das divindades do futuro, e que são as forças redemptoras da sciencia, da industria, da arte, da intelligencia, do odio e do amor e de mil outras potencias ainda incognitas, mysteriosas e santas...

O FUTURO

— Não te cances em vão... Não corras... E' inutil... A terra da Promissão, que eu te ia mostrar e que tambem anceoso buscava, não a vejo mais... Ainda não despontou á Vida. Paremos aqui e esperemos que ella venha vindo no sangue das gerações redimidas. Não desesperes. Sejamos fieis á doce illusão da Miragem. Aquelle que vive o Ideal contráe um emprestimo com a Eternidade... Cada um de nós, a somma de todos nós, exprime a força creadora da utopia; é em nós mesmos, como n'um indefinido ponto de transição, que se fará a passagem dolorosa do soffrimento. Purifiquemos os nossos corpos, nós que viemos do mal originario, que é a Violencia... O que seduz na vida, é o sentimento da perpetuidade. Nós nos prolongaremos, desdobraremos infinitamente a nossa personalidade, iremos viver longe, muito longe, na alma dos descendentes... Façamos d'ella o vaso sagrado da nossa ternura, onde depositaremos tudo

que é puro, e santo, e divino. Approximemo-nos uns los outros, suavemente. Todo o mal está na Força e só) Amor póde conduzir os homens...

« Tudo o que vês, todos os sacrificios, todas as agonias, toda as revoltas, todos os martyrios são fórmas errantes da Liberdade. E essas expressões desesperadas, angustiosas, passam no curso dos tempos, morrem passageiramente, esperando a hora da resurreição... Eu não sei si tudo o que é vida, tem um rythmo eterno, indestructivel, ou si é informe e transitorio... Os meus olhos não attingem os limites inabordaveis do Infinito, a minha visão se confina em volta de ti... Mas, eu te digo, si isto tem de acabar para se repetir em outra parte o cyclo da existencia, ou si um dia nos extinguirmos com a ultima onda de calor, que venha do seio maternal da Terra ; ou si tivermos de nos despedaçar com ella no Universo, desaggregar-nos, dissolver-nos na estrada dos céos, não nos separemos para sempre um do outro nesta attitude de rancor... Eu te supplico, a ti e á tua ainda innumeravel geração, abandonemos os nossos odios destruidores, reconciliemo-nos antes de chegar ao instante da Morte...

ELEGIA

« Não, eu não te fujo, doce Tristeza! Tu és a reveladora do meu ser, a razão da minha energia, a força do meu pensamento. Sobre ti me reclino, como si fôras um insondavel e voluptuoso abysmo; tu me attráes, e estendo-te os braços n'esse doloroso e invencivel amor, com que o sonho ama o passado, a morte ama a vida. Antes de te conhecer, perfida illusão me entorpecia os sentidos, e a minha frivola existencia foi a lugubre marcha do inconsciente risonho por um caminho de dôres

N'esse momento eu ainda te não buscava, sol moribundo! No meu rosto se estampava o riso continuo e fatigante, e elle afastava de mim os homens, para quem a eterna alegria é morte... Mas tu, Tristeza, não estavas longe. Tu te sentaste á minha porta, n'uma postura de resignação e silencio. E como esperaste! Um dia a alegria, de cançada, se extinguiu, e então sôou para mim a hora da paz e da calma. Entraste. E como desde logo amei a nobreza do teu gesto! Oh! Melancolia! minha alma é a morada tranquilla onde reinas docemente. »

Milkau caminhou ainda illuminado pelos ulimos clarões da luz. No céo não passavam mais os bandos das aves. O sol resvalára de todo no fundo do horizonte. A aragem se calára... O debil vagido da cachoeira ia-se perdendo para sempre. E Milkau scismava :

« A dôr é boa, porque faz despertar em nós uma consciencia perdida; a dôr é bella, porque une os homens. E' a liga intensa da solidariedade universal. A dôr é fecunda, porque é a fonte do nosso desenvolvimento, a perenne creadora da poesía, a força da arte. A dôr é religiosa, porque nos aperfeiçôa, e nos explica a nossa fraqueza nativa.

« Tristeza! tu me fazes ir até ao fundo das remotas raizes do meu espirito. Por ti comprehendo a agonia da vida; por ti, que és o guia do soffrimento humano, por ti, faço da dôr universal a minha propria dôr... Que o meu rosto não mais se desfigure pelas visagens do riso cançado e matador; dá-me a tua serenidade, a tua séria e nobre figura... Tristeza, não me desampares... Não deixes que o meu espirito seja a preza da vã alegria... Curva-te sobre mim; envolve-me com o teu véo protector... Conduze-me, oh! bemfazeja! aos outros homens... Tristeza salutar! Melancolia... »

A JUSTIÇA

— A quem o diz? É sempre assim entre nós: não ha um processo em que se possa fazer justiça. Digo-lhe isto eu, que sou juiz. Que exprimem as minhas sentenças sobre a verdade dos factos? Nada... Não pense que não desejaria reagir. Mas é inutil; quando recebo uns autos, ha n'elles tal tecido de mentiras que tenho de capitular. É de desesperar, não é?

— É horrivel!,..

— Um paiz sem justiça não é um paiz habitavel, é uma agglomeração de barbaros... affirmou Maciel no seu pendor para generalisar.

— No Brasil não ha lei, e ninguem está garantido, continuava. O processo é feito de tal maneira que tudo vae em perigo. Olhe, si aqui um homem entender se apossar da propriedade de outro, encontra no nosso systema de justiça, no modo por que se faz o processo, apoio para a sua intenção. E si esse homem é um potentado, ninguem o póde embaraçar. Nem eu mesmo... concluiu.

— No mundo inteiro a justiça é uma illusão, interrompeu Milkau.

— Mas no Brasil a situação é ainda peior, porque não se trata de raros eclypses de justiça.

Milkau, sem dizer nada, ficou pensativo, ouvindo o joven magistrado que proseguia n'um impulso de confissão, de desabafo.

— Isso, que chamamos nação, não é nada, repito; aqui já houve talvez uma apparencia de liberdade e de justiça, mas hoje está tudo acabado. É um cadaver que se decompõe este pobre Brasil... Os urubús ahi vêm...

— De onde?

— De tode a parte, da Europa, dos Estados Unidos... E' a conquista...

— Não creio, assegurou Milkau.

— Virão. Como poderemos nós subsistir desta fórma em que vamos? Onde a base moral para mantermos a nossa independencia no exterior, si aqui dentro estamos na desordem e no desespero? O que se dá no paiz é uma verdadeira crise do caracter. Não ha uma virtude fundamental...

— Um caracter de raça, explicou Milkau.

— Sim, meu amigo. Aqui, a raça não se distingue pela persistencia de uma virtude conservadora; não ha dois brasileiros eguaes; sobre cada um de nós seria futil erguer o quadro de virtudes e defeitos da communhão. Onde está, mudando de ponto de vista, a nossa virtude social? Nem mesmo a bravura, que é a mais rudimentar e instinctiva, nós a temos com equilibrio e constancia, e de um modo superior. A valentia aqui é um impulso nervoso. Veja as nossas guerras, de quanta cobardia nos enchem a lembrança!... Houve tempo em que se proclamava a nossa piedade, a nossa bondade. Collectivamente, nomo nação, somos tão máos, tão hystericamente, inutilmente máos!...

Calou-se, como levado a tristes recordações. Milkau, compadecido das torturas d'aquella alma de brasileiro, fitava-o com immensa sympathia.

— Repare o que se passa com o patriotismo, proseguiu depois Maciel. No Brasil a grande massa da população não tem esse sentimento; aqui, ha um cosmopolismo dissolvente, não que seja a expressão d'uma larga e generosa philosophia, mas simples symptoma de inercia moral, indicio da perda precoce de um sentimento que se devia casar com o estado atrazado de nossa cultura. Note que os poucos patriotas que temos, são ainda homems de odios, de sangue, emfim logicamente selvagens.

— Não ha duvida, ponderou Milkau, interessado n'esta analyse franca de Maciel, que ha profunda disparidade entre as varias camadas da população. E a falta de homogeneidade será talvez a maior causa deste desequilibrio, desta instabilidade...

O juiz reflectiu e, desbruçando-se um pouco sobre a mesa, voltado para Milkau, replicou a este n'um tom mais decisivo e vibrante:

— Tem razão. O aspecto da sociedade brasileira é uma singular physionomia de decrepitude e de infantilidade. A decadencia aqui é um mixto doloroso de selvageria dos povos que despontam para o mundo, e do exgottamento das raças acabadas. Ha uma confusão geral. As correntes da immoralidade vagueam sobre a sociedade e não encontram resistencia em nenhuma instituição. Uma tal nação está preparada para receber o peior dos males que póde cahir sobre o mundo: a geração dos governos arbitrarios et despoticos. Si a sociedade é uma obra de suggestão, que se póde esperar dos sentimentos, da idealisação das massas incultas, quando a imaginação d'ellas é deslumbrada pelo espectaculo da mais desbragada perversão dos governantes? Que reacções sobre cerebros obscuros não provocará o desamor d'esses conductores das gentes, ao ideal, ás coisas superiores, e seu apego ás posições e ao ganho? E não é só o governo. É a magistratura subserviente e apparelhada para explorar os restos da fortuna privada, são os funccionarios, os militares, o clero, tudo n'um declive em que se vão resvalando, horrivelmente deformados...

Levantou-se muito nervoso, abriu a janella que dava para o rio, e poz-se a mirar absorto e vago a cachoeira, emquanto a claridade da tarde, mansa e suave, invadia o aposento. Milkau, sem se mover do seu logar, encheu-lhe-os ouvidos de louvores á natureza.

E Maciel voltou-se :

— Ainda é uma vantagem viver-se na roça nesta hora tenebrosa. Ao menos, temos a benignidade da calma e a tranquillidade da familia. E por quanto tempo, não sei... O clima... A peste se apodera do corpo miseravel da nação... A familia vae sendo demolida pela força imperiosa dos vicios.

Parou, e como resumindo todas as suas decepções e anhelos, murmurou n'um desalento :

— O meu desejo é largar tudo isto, expatriar-me, abandonar o paiz, e com os meus ir viver tranquillo n'um canto da Europa... A Europa... A Europa! Sim, ao menos até passar a crise...

E quando ia sendo arrebatado pela expansão dos seus mais intimos anceios, Maciel conteve-se com esforço, ficou repentinamente mudo, fitando com os olhos vermelhos e humidos o extrangeiro. Milkau falou-lhe com brandura ; e as palavras cahiam frescas e consoladoras sobre os campos desertos d'aquelle coração.

— Não quero diminuir, disse elle, a exactidão dos seus conceitos. Mas lembre-se de que não ha nada fixo e eterno : tudo vae de passagem, tudo está sempre em crise, procurando perpetuas e incessantes combinações de ser. Por outro lado, esse terror que nos vem dos acontecimentos presentes, é tambem um pouco uma questão de perspectiva. Quando estamos dentro d'elles, tudo se mostra grandioso ou ridiculo, terrivel e formidavel, tudo parece ir acabar n'uma desaggregação irremediavel ; mas no futuro elles minguam á força de distancia, parecem normaes e suaves, e nós começamos a louval-os, como uma engenhosa e admiravel expressão dos melhores tempos, que são sempre os passados. Deixa que lhe repita uma velha imagem ? É assim como si estivessemos no mar, no meio das ondas e dos ventos : o espec-

taculo do oceano enche-nos a alma de terror, porém depois que o atravessamos e o olhamos de longe, as ondulações das vagas são como um leve sorriso.

E Maciel tambem sorriu, festejando a metaphora.

— Muito bem, replicou, tornando-se subitamente jovial; mas aqui se passa uma verdadeira tormenta..,

— É natural, e não podia ser de outre modo. Do que tenho observado e adivinhado um pouco, é ella consequencia da primitiva formação do paiz. Desde o principio houve vencedores e vencidos, sob a fórma de senhores e escravos; desde dois seculos estes luctavam por vencer aquelles. Todas as revoluções da historia brasileira têm a significação de uma lucta de classe, de dominados contra dominadores. O povo brasileiro foi por longos annos apenas uma expressão nominal de um conjuncto de raças e castas separadas. E isso se mantería assim por muitos seculos, si a forte e imperiosa sensualidade dos conquistadores não se encarregasse de demolir os muros da separação, e não formasse essa raça intermediaria de mestiços e mulatos, que é o laço, a liga nacional, e que, augmentando cada dia, foi ganhando os pontos de defesa dos seus oppressores... E quando o exercito deixou de ser uma casta de brancos e passou a ser dominado pelos mestiços, a revolta não foi mais do que a desforra dos opprimidos, que fundaram desde logo instituições destinadas a permanecer algum tempo, pela sua propria força de gravidade, n'uma harmonia momentanea com os instinctos psychologicos que as crearam... Era preciso esse choque do inconsciente para se fazer o que se buscava desde seculos por outros meios: a nacionalidade!...

— Bravo! applaudiu Maciel. Está ahi a explicação do triumpho e do prestigio do nosso « Maracajá ».

— É o representativo, affirmou Milkau, tambem gracejando.

— Vejo bem que é isso mesmo, commentou o juiz. Era preciso formar-se do conflicto de nossas especies humanas um typo de mestiço, que se conformando melhor com a natureza, com o ambiente physico, e sendo a expressão das qualidades médias de todos, fosse o vencedor e eliminasse os extremos geradores. Perfeito... Reparemos que Pantoja não é um caso isolado. Os que tendem a nos governar, e que nos governam com melhor acceitação e exito, são desse mesmo typo de mulatos. O Brasil é, enfim, d'elles...

Paulo Maciel deteve-se um momento, e depois, emquanto olhava para as mãos brancas e longas, continou com um sorriso ironico:

— Não ha duvida... Si eu tivesse algumas gottas de sangue africano, com certeza não estaria aqui a me lamentar... O equilibrio com o paiz seria então definitivo... Pantoja, Brederodes... estes não marcham firmes e seguros?.... Não são os donos da terra?... Porque não nasci mulato?...

O pequeno mundo da colonia, tangido pelo escrivão, representou-se no espirito de Milkau como um resumo bem claro de todo o paiz. Todos os nacionaes que alli dominavam, sahiam fatalmente do nucleo da fusão das raças, emquanto aquelle joven de uma intelligencia mais fina, de uma sensibilidade maior e mais distincta, era aniquilado, vencido pelos outros. Tinha razão? Faltava-lhe a gotta de sangue negro para que tudo n'elle se equilibrasse?

O ANJINHO

Quando morre uma creança, nós tambem morremos um pouco n'ella, porque ahi morre uma illusão nossa.

No outro dia foi o enterro. Toda a gente da cidade,

n'uma espontanea unidade de sentimentos, participava de um mesmo pezar, tornando a tristeza collectiva.

A manhã era limpida, lavada e azul. Uma banda de musica alegre, ruidosa, como nos enterros de anjos, puxava o prestito, em que o povo vinha sorumbatico e lugubre. Foi um luto geral na povoação espantada com a catastrophe: as escolas fecharam-se, e grupos de meninos vestidos de branco enfileiraram-se alongando o cortejo; osa rmazens tambem cessaram o trabalho e de todas as casas e lojas vinha gente encorporar-se ao enterro, mesmo os inimigos e competidores do pae de Fritz, que traziam flôres, suspendendo confrangidos e aterrados os seus odios.

As auctoridades brazileiras vieram, excepto Brederodes, que não perdoava ao extrangeiro nem mesmo na desgraça. E a marcha ia n'essa mistura de amargura, ruido e musica alegre, desenrolando-se pela rua principal do povoado. Entre os que carrevagam o esquife estava Joca, a mirar embevecido o seu amado menino vestido de marinheiro e embarcado como n'um brinco infantil n'aquella gondolasinha dourada e vermelha, em viagem para o céo...

Quando deixou a rua á margem do rio, o enterro tomou a direcção da cadeia, que ficava perto do cemiterio. Lá, á prisão chegou primeiro matinal e alviçareira a musica, e Maria, que tudo ignorava, sentiu uma fresca claridade n'alma com aquellas caricias do som immortal. E despercebida, attrahida por este, veiu a grade e poz-se a mirar... O enterro vinha vindo marcial e solemne... Maria espreitava; o seu olhar de allucinada sahia violento pelas grades da prisão e repousava ardente no morto... Ainda alli na morte passava o triumpho, a victoria da força e da felicidade... Ella ouvia agora, confundidas na harmonia dos sons, outras vozes abafadas,

cavernosas... Vinham de longe, do desconhecido, mas tão persistentes, tão terriveis que dominavam os cantos dos instrumentos... E Maria, na sua sensibilidade desvairada, ia ouvindo, ia vendo o enterro do proprio filho, levado pela musica macabra do resfolegar dos porcos... Com o rosto decomposto, os cabellos pendentes, a bocca cerrada, n'uma contorsão, ficára hirta, agarrada ás grades... Da multidão, só Milkau olhava para ella, tomado de uma compaixão infinita. Os mais, apavorados e rancorosos, desviavam-se da figura infernal da desgraçada... A colonia passava, unida na piedade como no odio.

PANTHEISMO

LENTZ. — Não, não! A vida é a lucta, é o crime. Todo o goso humano tem o sabor do sangue, tudo representa a victoria e a expansão do guerreiro. Tu eras grande quando a tua sombra sinistra de solitario passeava nos Alpes e amedrontava os ursos. Mas quando o amor penetrou em ti, começaste a minguar; a tua figura de homem vae se apagando, e eu verei o teu semblante um dia sem luz, sem vida, sem força, mirrado pasto da tristeza.

MILKAU. — O principio do amor me sustenta e protege. Eu sou d'aquelles que foram por elle consolados... Ia terminar o drama intimo do meu espirito e concluir-se a passagem dolorosa de um estado de moral hereditaria para uma consciencia pessoal. Reflectindo sobre a condição humana, o meu pensamento se esclareceu, quando vi a marcha da humanidade partindo da escravidão inicial... No principio era o cháos; massas informes apresentavam-se como manchas de nebulosas cobrindo a terra: pouco a pouco d'esta confusão cosmica os homens

se destacaram, e as personalidades surgiram, emquanto os outros ainda jazem informes na materia geradora. Mas um dia chegará tambem para estes a hora da creação; o amor os reclamará á vida, pois crear homens é a sua obra. Um dia será a subordinação de tudo a todos para maior liberdade de cada um. É a parabola que descreve a vida, da grande escravidão para a maior individualidade...

LENTZ, *olhando a floresta.* — Vê como tudo te desmente. Esta matta que atravessamos, é o fructo da lucta, a victoria do forte. Cem combates travou cada arvore d'estas para chegar á sua esplendida florescencia; a sua historia é a derrota de muitas especies, a belleza de cada uma é o preço da morte de muitas coisas que desde o primeiro contacto da semente poderosa foram destruidas... Como é magnifica aquelle arvore amarella!

MILKAU. — O ipê, o sagrado páo d'arco dos gentios d'esta terra...

LENTZ. — O ipê é uma gloria de luz; é como uma umbella dourada no meio da nave verde da floresta; o sol queima-lhe as folhas e elle é o espelho do sol. Para chegar áquelle esplendor de côr, de luz, de expansão carnal, quanto não matou o bello ipê... A belleza é assassina e por isso os homens a adoram mais... O processo é o mesmo por toda a parte; e o caminho da civilisação é tambem pelo sangue e pelo crime. Para viver a vida é preciso ir até ao ultimo gráo de energia, é preciso não a contrariar. Aquelles que cruzam as armas, são os mortos. Os grandes seres absorvem os pequenos. É a lei do mundo, a lei monarchica; o mais forte attráe o mais fraco; o senhor arrasta o escravo, o homem a mulher. Tudo é subordinação e governo.

MILKAU, *olhando a matta.* — A natureza inteira, o

conjuncto de seres, de coisas e homens, as multiplas e infinitas fórmas da materia no cosmos, tudo eu vejo como um só, immenso todo, sustentado em suas infimas moleculas por uma cohesão de forças, uma reciproca e incessante permuta, n'um systema de compensação, de liga eterna, que faz a trama e o principio vital do mundo organico. E tudo concorre para tudo. Sol, astro, terra, insecto, planta, peixe, féra, passaro, homem, formam a cooperação da vida sobre o planeta. O mundo é uma expressão da harmonia e do amor universal. (*E apontando para a vegetação no alto de uma rocha.*) Na verdade, a vida dos homens na terra é como a d'aquellas plantas sobre a pedra. O cume da montanha era uma lage esteril, e sobre ella não fructificavam as sementes de arvores e de grandes plantas trazidas pelos passaros e pelos ventos. Um dia, emfim, touxeram elles sementes de algas e vegetaes primitivos, para os quaes o mineral da terra é um alimento. Muito tempo passado, quando aquellas sementes primeiro rejeitadas foram de novo para alli carregadas, já encontraram a terra formada pelas algas e sobre ella medraram, espalhando pnlo chão a sombra, protegendo os primitivos moradores da pedra, que então ousaram crescer, entrelaçando-se nos troncos das arvores, no corpo de suas filhas. Do muito amor, da solidariedade infinita e intima, surgiu aquillo que nós admiramos: um jardim tropical expandindo-se em luz, em côr, em aromas, no alto da montanha núa, que elle engrinalda como uma corôa de triumpho... A vida humana deve ser tambem assim. Os seres são deseguaes, mas, para chegarmos á unidade, cada um tem de contribuir com uma porção de amor. O ma está na força, é necessario renunciar a toda a auctoridade, a todo o governo, a toda posse, a toda a violencia. É preciso não perturbar a harmonia dos movimentos e

da espontaneidade de todo os seres. Deante da obra da civilisação o papel de cada um é egual ao do outro: a acção dos grandes e dos pequenos confunde-se no resultado. A historia testemunha que a cultura não é sómente a obra do crime e do sangue; ao lado da coacção moral concorrem as alavancas da sympathia. A obra do passado é ainda veneravel, porque é sobre ella que se fundará o futuro. Não amaldiçoemos a civilisação que nos veiu no sangue antigo, mas façamos que este sangue seja cada dia mais amoroso e menos carniceiro. Que os nossos mais entranhados instinctos da animalidade se transformem no vôo luminoso da piedade, da dedicação e do amor...

OS PYRILAMPOS

Maria voltára á estrada, e ainda continuava mesmo offegante a correr, fugindo espavorida para longe d'aquelle ponto. Na sua carreira chegou até uma pequena matta que o caminho cortava. A claridade da tarde ahi dentro esmorecia ainda mais. Maria parou, com medo de penetrar na sombra, e, postada na abertura da floresta, tomada de um calafrio, espiou para dentro, até perder os olhos na outra longinqua porta de luz. Pela estrada interior iam e vinham borboletas enormes, azues e pardas, n'um vôo captivo e arquejante... Maria ficou pregada à beira da matta, sem animo para entrar, sem animo para fugir, e uma inexplicavel e funda attracção por aquelle sombrio e tenebroso mundo a retinha extatica... Das mãos tremulas e despercebidas cahiu-lhe a trouxa de roupa. Exgottada de forças, aterrada, vendo-se colhida em pleno deserto pela noite, desamparada, batida, a mesquinha derreou-se aos pés seculares de uma arvore, e de olhos dilatados, ouvidos apurados, ella

espreitava o rumor e o curso das coisas... E o poder de visão redobrava á medida que a sombra surgia mysteriosa nos meandros da floresta, como o bafo vaporoso, impalpavel da Terra... Na sua imaginação perturbada sentia a natureza toda agitando-se para suffocal-a. Augmentavam as sombras. No céo, nuvens colossaes e tumidas rolavam para o abysmo do horizonte... Na varzea, ao clarão indeciso do crepusculo, os seres tomavam ares de monstros... As montanhas, subindo ameaçadoras da terra, perfilavam-se tenebrosas... Os caminhos, espreguiçando-se sobre os campos, animavam-se quaes serpentes infinitas... As arvores soltas choravam ao vento, como carpideiras phantasticas da natureza morta... Os afflictivos passaros nocturnos gemiam agouros com pios funebres. Maria quiz fugir, mas os membros cançados não acudiam aos impetos do medo e deixavam-na prostrada em uma angustia desesperada.

Os primeiros vagalumes começavam no bojo da matta a correr as suas lampadas divinas... No alto as estrellas miudas e successivas principiavam tambem a illuminar... Os pyrilampos iam-se multiplicando dentro da floresta, e insensivelmente brotavam silenciosos e innumeraveis nos troncos das arvores, como si as raizes se abrissem em pontos luminosos... A desgraçada, abatida por um grande torpor, pouco a pouco foi vencida pelo somno; e deitada ás plantas da arvore, começou a dormir... Serenavam aquellas primeiras ancias da Natureza, ao penetrar no mysterio da noite. O que havia de vago, de indistincto, no desenho das coisas transformava-se em limpida nitidez. As montanhas acalmavam-se na immobilidade perpetua; as arvores esparsas na varzea perdiam o aspecto de phantasmas desvairados... No ar luminoso tudo retomava a physionomia impassivel. Os pyrilampos já não voavam, e myriades e myriades

d'elles cobriam os troncos das arvores, que faiscavam cravados de diamantes e topazios. Era uma illuminação deslumbrante e gloriosa dentro da matta tropical, e os fogos dos vagalumes espalhavam ahi uma claridade verde, sobre a qual passavam camadas de ondas amarellas, alaranjadas e brandamente azues. As figuras das arvores desenhavam-se envoltas n'uma phosphorescencia zodiacal. E os pyrilampos se incrustavam nas folhas e aqui, alli e além, mesclados com os pontos escuros, scintillavam esmeraldas, saphiras, rubins, amethystas e as mais pedras que guardam parcellas das côres divinas e eternas. Ao poder d'essa luz o mundo era de um silencio religioso, não se ouvia mais o agouro dos passaros da morte; o vento que agita e perturba, calára-se... Por toda a parte a bemfazeja tranquillidade da luz... Maria foi cercada pelos pyrilampos que vinham cobrir o pé da arvore em que adormecêra. A sua immobilidade era absoluta, e assim ella recebeu n'um halo dourado a cercadura triumphal; e interrompendo a combinação luminosa da matta, a carne da mulher desmaiada, transparente, era como uma opala encravada no seio verde de uma esmeralda. Depois os vagalumes incontaveis cobriram-na, os andrajos desappareceram n'uma profusão infinita de pedrarias, e a desgraçada, vestida de pyrilampos, dormindo imperturbavel, como tocada de uma morte divina, parecia partir para uma festa phantastica no céo, para um noivado com Deus... E os pyrilampos desciam em maior quantidade sobre ella, como lagrimas das estrellas. Sobre a cabeça dourada brilhavam reflexos azulados, violaceos e d'ahi a pouco braços, mãos, collo, cabellos sumiam-se no montão de fogo innocente. E vagalumes vinham mais e mais, como si a floresta se desmanchasse toda n'uma pulverisação de luz, cahindo sobre o corpo de Maria até o sepultarem n'uma tumba

magica. Um momento, a rapariga inquieta ergueu docemente a cabeça, abriu os olhos, que se deslumbraram. Pyrilampos espantados faiscavam relampagos de côres... Maria pensou que o sonho a levára ao abysmo dourado de uma estrella, e recahiu adormecida na face illuminada da Terra...

O silencio da noite foi perturbado pelas primeiras brisas, mensageiras da madrugada. As estrellas abandonam o céo, os vagalumes vão se apagando medrosos e occultando-se no segredo das selvas, emquanto os seus derradeiros lampejos na matta se misturam ao clarão do dia nascente, formando uma luz turva, indecisa, incolor. Na arvore que agasalha Maria, começa o canto dos passaros, e, sem tardar, de todos os galhos da floresta sáe uma nota musical, que enche os ouvidos da mulher com o accento de uma felicidade inextinguivel. E aves surgiam, e tudo se esclarecia de outra luz, e o ruido começava, e um perfume concentrado durante a noite espalhava-se, capitoso, pelo mundo despertado. Abandonada pelos pyrilampos, despida das joias mysteriosas, Maria foi emergindo do sonho, e a sua innocencia de todo o peccado, a sua perfeita confusão com o Universo acabou ao rebate violento da consciencia. E a infatigavel memoria lembrou-lhe a agonia. Maria conheceu-se a si mesma. Arrancada pelo pavor dos perigos porventura passados n'aquelle deserto, ergueu-se de um salto e partiu correndo. E emquanto atravessava a matta, apezar do medo que a tomára, na sua lembrança persistia um clarão, que lhe descia d'essa miragem entrevista no espectaculo da noite maravilhosa. E quando chegou aos caminhos descobertos, já encontrou o sol, a cuja temivel potencia morreu toda a illusão do sonho.

O PASSADO E AS PATRIAS

— Que consolo senti na casa d'esse velho! Parecia ter penetrado um instante no passado intacto da *minha patria*.

— Mas é préciso não amares demais esse passado, observou Milkau.

— E porque não me retemperarei nas fontes da minha raça? perguntou Lentz, com um tom emphatico de superioridade.

— Porque? Porque, respondeu Milkau, o que estimas n'esse passado é exactamente o que elle tem de humilhante e vergonhoso. Amas o seu espirito de destruição, o demonio que o agitava, a alma senhoril, a servidão, a guerra, o sangue, tudo o que separa e destróe... Dia a dia será reduzido o campo da veneração pelas instituições da Antiguidade. Amemos o sacrificio feito pelo amor humano, a sciencia, a arte... Mas aquelle amor inconsiderado por tudo o que é passado, tudo que foi, é um dos sopros mais poderosos para a desordem universal. E eu tenho que o estudo das coisas antigas, o prestigio das proprias lettras mortas são outros tantos venenos que acobardam a alma do homem de hoje e dão um encarto crescente ao mysterio da Auctoridade... Os que se collocam no passado, aquelles cujas almas se fazem artificialmente antigas, esses são os verdadeiros inimigos do genero humano, são os pregadores da desordem, os prophetas do tedio e da morte.

— Tu sabes bem, interrompeu Lentz, não é tudo do passado o que eu amo, mas regosijo-me quando testemunho n'elle a ostentação das fortes qualidades humanas da nossa Patria.

— E que beneficio resulta d'essa força, d'essa grandeza da Patria?

— Oh! Exactamente o que n'ella venero é a tendencia imperial, a fibra bellicosa, a expansão universal, a tenacidade, o genio militar, a disciplina...

— Mas que é a Patria?

— A Patria... ora, Milkau, tu não sabes? É a raça, uma civilisação particular que nos fala no sangue, o nosso eu, a nossa propria projecção no mundo, a somma de nós mesmos multiplicados ao infinito. Não ha ninguem que fuja da sua atmosphera... Immortal!

— Não, meu querido Lentz, a Patria é uma abstracção transitoria e que vae morrer... Sobre ella nada se fundou. Nem arte, nem religião, nem sciencia. Nada, absolutamente nada tem uma fórma elevada, sendo patriotico. O genio humano é universal... A Patria é o aspecto secundario das coisas, uma expressão da politica, a desordem, a guerra. A Patria é pequenina, mesquinha, uma limitação para o amor dos homens, uma restricção que é preciso quebrar.

A TERRA DE CHANAAN

Elles disseram que ella era formosa com os seus trajes magnificos, vestida de sol, coberta com o manto do voluptuoso e infinito azul; que era amimada pelas coisas: sobre o seu collo agua dos rios fazem voltas e outras enlaçam-lhe a cintura desejada; as estrellas, n'uma vertigem de admiração, se precipitam sobre ella como lagrimas de uma alegria divina; as flôres a perfumam com aroma extranho, os passaros a celebram; ventos suaves lhe penteam e frisam os cabellos verdes; o mar, o longo mar, com a espuma dos seus beijos afaga-lhe eternamente o corpo...

Elles disseram que ella era opulenta, porque no seu bojo phantastico guarda a riqueza innumeravel, o ouro puro e a pedra illuminada; porque os seus rebanhos fartam as suas nações e o fructo das suas arvores consola o amargor da existencia; porque um só grão das suas areias fecundas fertilisaria o mundo inteiro e apagaria para sempre a miseria e a fome entre os homens. Oh! poderosa!...

Elles disseram que ella, amorosa, enfraquece o sol com as suas sombras; para o orvalho da noite fria tem o calor da pelle aquecida, e os homens encontram n'ella, tão meiga e consoladora, o esquecimento instantaneo da agonia eterna...

Elles disseram que ella era feliz entre as outras, porque era a mãe abastada, a casa de ouro, a providencia dos filhos despreoccupados, que a não engeitam por outra, não deixam as suas vestes protectoras e a recompensam com o gesto perpetuamente infantil e carinhoso, cantam-lhe hymnos sahidos de um peito alegre...

Elles disseram que ella era generosa, porque distribue os seus dons preciosos aos que d'elles têm desejo; a sua porta não se fecha, as suas riquezas não têm dono; não é perturbada pela ambição e pelo orgulho; os seus olhos suaves e divinos não distinguem as separações miseraveis; o seu seio maternal se abre a todos como um farto e tepido agasalho... Oh! esperança nossa!

Elles disseram estes e outros louvores e caminharam dentro da luz...

A DANSA

Durante algum tempo ninguem se moveu e a musica proseguia solitaria nos seus largos e chorosos compassos. Mas, de repente, como um fauno antigo, Joca

dulou na sala e principiou a dansar. A sua alma nativa esquecia por um momento essa dolorosa expatriação na propria terra, entre gente de outros mundos. Arrebatado pela musica que lhe falava ás mais remotas e immorredouras essencias da vida, o mulato transportava-se para longe de si mesmo e transfigurava-se n'uma altiva e extraordinaria alegria. Todo o seu corpo se agitava n'um só rythmo; a cabeça erguida tomava uma expressão de prazer illimitado, a bocca entreaberta, com os dentes em serra, sorria; os cabellos inquietos, em desordem, ou empinados e eriçados, ou molles cahindo sobre a fronte; os pés voavam no assoalho e, ás vezes, paravam, sacudindo os membros n'uma dansa desenfreiada; as mãos, ora baixas, estalando castanholas, ora unidas, sahindo dos braços retesados, ora espalmadas no ar, e n'esse gesto, ébrio de musica, perfilado nas pontas dos pés, elle parecia, com os braços abertos, querer voar. Umas vezes, corria pela sala saracoteando o corpo, com os pés juntos n'um passo miudo e repinicado; outras, obedecendo ao compasso da musica, vinha languido, requebrado, de cabeça inclinada e olhos compridos, e achegava-se a alguma mulher, quasi de rastos, suspenso, querendo arrebatal-a n'uma volupia contida, mas que se adivinhava febril, vertiginosa. Depois, erguia-se n'um salto de tigre, retomava a sua doidice, n'um grande ataque satanico, agitava-se todo, convulso, tremulo, quasi pairando no ar, n'uma oscillação de todos os nervos, rapido, imperceptivel, que dava a illusão de um instantaneo repouso em pleno espaço, como a dansa de um beija-flôr. N'esse momento a orchestra podia parar, fazer um silencio que desequilibrasse tudo, Joca não perceberia a falta dos instrumentos, pois todo elle, no seu corpo triumphal, na sua alegria rara, no impulso da sua alma, vivendo, espraiando-se na velha dansa da

raça, todo elle era movimento, era vibração, era musica.

A scena continuou algum tempo con esse unico personagem. Joca procurou um par, uma mulher que acudisse aos seus appellos, que correspondesse aos seus movimentos. Ninguem veiu, ninguem sentiu o impeto de sacudir-se, de remexerse ao rythmo d'aquella dansa. Todos tinham curiosidade e nada mais. Desolado, tomado de uma repentina tristeza, de uma saudade das suas companheiras de mocidade, das mulheres negras, que sentiam como elle, pouco a pouco foi cançando... O peito offegava, as pernas morenas não se retesavam com a mesma energia de pouco antes, com a flexibilidade vigorosa do páo d'arco...

Derreiando o corpo combalido, o ultimo interprete das dansas nacionaes foi cedendo o terreno aos vencedores, emquanto outra musica, outra dansa, invadia o scenario. Era a valsa allemã, clara, larga, fluente como um rio.

A IMMOLAÇÃO

Ao amanhecer de um dia de nevoeiro, a paizagem perdêra o seu contorno exacto e regular. As linhas definitivas dos objectos se confundiam, as montanhas enterravam as cabeças nas nuvens, a cabelleira das arvores fumegava, o rio sem horizonte, sem limite, como uma grande pasta cinzenta, se ligava ao céo baixo e denso. O desenho se apagára, a bruma mascarava os perfis das coisas e o colorido surgia com a sombra n'uma sublime desforra. Por toda a parte manchas esplendidas se ostentavam. E sobre a campina esverdeada, vaporosa, uma d'essas manchas, ligeiramente azulada, movia-se, arqueava-se, abaixava-se, erguia-se e se ia lentamente dissipando. O sol não tardou a vir, e a natureza sacudiu-se,

a nevoa fugiu, o céo espannou-se e se dilatou em maravilhosa limpidez. A mancha movel sobre a planicie se definiu no perfil de um pobre cavallo que passeiava na verdura os seus olhos de velhice e fadiga, tristes e longos. De passada, com os tumidos e negros beiços, affagava a herva, triturando-a com fastio e desanimo, emquanto a sua attenção de cavallo experimentado estava voltada para a cabana, a cuja porta os seus donos, os novos colonos magyares, o miravam com interesse. A neblina leve, veloz, vinha distrahil-o d'aquella postura de curiosidade humilde, e acariciava n'um frio electrico o seu pello ralo e falhada. Estremecia n'um goso manso, e extendendo o focinho, arregaçando os beiços, sensual e grato, beijava o ar. Não mais encontrava a nevoa, que fugira para os montes, levada pela brisa, como si fosse o imperceptivel véo que envolvesse alguma deusa errante e retardada. Um raio de sol, porém, descêra a brincar-lhe nos olhos e incendiava-lhe a pupilla. Meiguices da natureza.

Um dos jovens magyares, levando uma corda, caminhou para o cavallo. O animal entregou-lhe a cabeça n'uma mistura de abandono e tedio. O rapaz passou-lhe o cabresto e o levou ao poste fronteiro á casa, onde o amarrou. Os colonos tinham resolvido principiar n'aquelle dia a plantação do prazo, e o velho deu ordem de partir para a queimada. Os filhos armaram-se das ferramentas de lavoura, o cigano, sahindo de sua modorra e apenas armado de um chicote, acompanhou os outros, que, desamarrando o cavallo, seguiram com elle para o roçado. As raparigas que ficavam em casa cheias de instinctivo pavor, viam o grupo afastar-se vagorosamente.

Chegaram ao aceiro que, aberto como uma larga ferida sobre o dorso da terra, era um sulco de alguns metros de largura, circumdando a quemaida. Da matta carboni-

sada ainda resistiam de pé alguns troncos despojados, ennegrecidos. Milkau e Lentz, passeiando áquella hora, passaram perto do roçado e viram chegar ahi o grupo dos vizinhos.

— Ainda bem, disse Milkau, elles vão trabalhar; fazia-me dó vêr esta gente apathica, irresoluta, entorpecida na preguiça.

— Mas para que trazem elles quasi arrastado aquelle cavallo? perguntou Lentz.

E os dois se afastaram um pouco e ficaram a distancia, acompanhando os movimentos do grupo.

O velho colono segurou o animal pelo cabresto e o collocou no meio da valla. Os filhos puzeram-se de lado, n'um recolhimento religioso. O pae puxou o cavallo para a frente. De chicote em punho, o cigano seguia atraz, e a primeira vergastada, cortando o ar n'um sibillo, cahiu em cheio sobre o animal. Este, como arrancando-se de si mesmo, pinoteou assustado. Novas lambadas foram arremessadas por mão vigorosa. Estirou o cavallo o pescoço para a frente, abaixou-se, alongou-se, encostando quasi o ventre á terra, como para se libertar do flagello que lhe vinha do alto. Os seus membros se extorciam, confrangidos sob a dôr immensa. E desapiedadamente, puxavam-no para deante, levando-o ao furor do açoite. N'aquelle sacrificio cumpria-se uma missão sagrada: ligava-se á nova terra o nervo da tradição da terra antiga. Quando os antepassados tartaros desceram do planalto asiatico, e no solo europeu renunciaram á vida errante dos pastores, para lavrar o campo e buscar na cultura a satisfacção da vida, sacrificaram aos deuses o velho companheiro de peregrinação nos brancos steppes. E, assim, a immolação ficou sempre no espirito dos descendentes como um dever, cujas raizes se extendem até ao fundo da alma das raças.

Continuava o grupo a caminhar. O velho, como um sacerdote, conduzia a victima, seguida do cigano, em cujo rosto se recompunha a antiga expressão infernal e terrivel dos antepassados, n'um retrocesso harmonico e rapido, produzido pelo singular effeito da paixão sanguinaria. Os outros assistiam mudos á cerimonia. O chicote vibrava incessante; as suas pontas de ferro cortavam o lombo do animal. O ar leve e frio, penetrando nos fios de carne viva, causava uma dôr fina, aguda, acerba, e a vista e o cheiro do sangue excitavam ainda mais a energia do flagellador. Vieu-lhe uma hysterica insensibilidade, uma rudimentar anesthesia, uma assassina obsessão. Estonteou-o uma vertigem, mas o açoite não parou. Os sulcos na carne abriam-se mais fundos; o sangue escorria frouxo. Mofino de dôr, o cavallo proseguia arrastado, regando a terra. Gottas vermelhas respingavam sobre a descoberta cabeça do velho magyar, de uma brancura de açucena. As suas narinas se dilatavam em languido goso. Cavos gemidos resoavam no peito da besta. E no seu olhar infinito de moribundo se traduziam os humildes protestos e os timidos appellos de misericordia.

E o relho soava, emquanto o martyr ia lento, de pescoço estirado, pernas tropegas, esvaindo-se pelas veias abertas, como torneiras de sangue. O cigano mais terrivel, mais feroz, transfigurava-se, e da sua garganta afinada irrompeu brusco, sonoro, o canto de guerra dos velhos tartaros. O chicote cruel e rapido marcava o compasso d'esse rythmo extranho. O contagio do furor se apoderou dos outros, que, immobilisados, assistiam ao sacrificio. E embriagados pouco a pouco pelas phrases da musica, pela suggestão do rito, pelo odor de carne sangrenta, acompanhavam o canto, n'um côro infernal. O animal, exhausto, cahira de lado, como um peso inerte.

O açoite inexoravel ainda o levantou uma vez, e no solo, como n'uma veronica, ficou estampada a imagem do seu corpo, impressa em sangue. Proseguia sem interrupção, fogoso, lugubre, o canto que feria asperamente o ar, e era o echo da melodia satanica da morte. O cavallo deu mais alguns passos, cambaleando como um allucinado, e afinal prostrou-se sobre a terra. Arquejante, resfolegando n'um espaçado estertor, morria vagarosamente. Nas suas pupillas de moribundo se photographaram n'um derradeiro clarão as physionomias dos algozes. E esta imagem medonha, que se lhe guardára no interior dos olhos, era a infinita tortura que o acompanharia além da propria morte, presidindo á dolorosa decomposição da sua carne de martyr.

Cessaram as vozes. Os homens agruparam-se em torno do cadaver, rezando como phantasmas loucos. Poças e fios vermelhos manchavam o sulco. A camada de argilla, lisa, escorregadia como uma couraça, tornava o seio da terra impenetravel ao sangue, que, sorvido pelo sol, se evaporava e dissolvia no ar. Era a rejeição do sacrificio, o repudio da immolação, rompendo a cruenta tradição do passado. A nova Terra juntava a sua coutribuição aos limpidos ideaes dos novos homens...

— E para que? dizia Milkau commovido até ás lagrimas, e para que a tortura, a fecundação pelo sangue, si Ella, risonha e alegre, como uma rapariga bella e fresca, lhes daria o seus fructos, cedendo tão sómente ás brandas violencias do amor?...

A CIVILISAÇÃO LATINA E A ALMA BRAZILEIRA

DISCURSO PROFERIDO NA INAUGURAÇÃO DO CONGRESSO LATINO EM 15 DE ABRIL DE 1903 NO CAPITOLIO DE ROMA.

Creio que nós estamos aqui principalmente para nos conhecermos e, sendo assim, nada póde haver mais fecundo que a esterilidade dos Congressos... Fundar a amizade, approximar os homens uns dos outros sem rancor e com desprezo de quaesquer limitações de patria, de religião e de lingua, vale por todas as obras capitaes das conferencias deste genero. O mais é o pretexto que buscamos para nos fitarmos de perto e talvez succeda que os motivos por que nos convocam não tenham a energia inspiradora da realidade, não corram clamando por nossas forças como um sentimento amado e ardente, e sejam apenas os murmurios dos sonhos de uma anceiada melancolia... E' a sombra do Passado, longa, doce, mysteriosa, que vem perturbar o homem moderno. E aqui neste santuario a sua suggestão é perfidamente dominadora; envolto na penumbra, o espirito mergulha no extase de uma scisma infinita; o subtil veneno das cidades mortas introduz-se em todos os sangues e nessa hora de debilidade geram-se as pequenas vidas, mesquinhas, subalternas que se alimentam do pó das ruinas, das fórmas extinctas, que se nutrem do esthetismo negligente, monstruosa e fabulosamente andrógyno... E tudo vai enlanguescendo á implacavel humidade dos seculos que se filtra desde longe até ás almas mofinas, tudo vai se deformando horrivelmente, emquanto a Vida, a verdadeira, a grande, não cessa a

infatigavel e maravilhosa resurreição e arrebata num vôo luminoso os deuses, os homens e as coisas... Não somos apenas os contempladores da historia, somos tambem os seus factores e não voltaremos ás inspirações que já viveram. Em cada instante que passa o homem, como o rio, não é mais o mesmo...

E no emtanto receio que estejamos sacrificando a uma abstracção morta. Quem distingue hoje a civilisação latina da civilisação de todo o Occidente? Ainda é o criterio antigo que serve para assignalar na massa da cultura universal a presença do espirito latino, a que se attribuiam os instinctos da organisação, da ordem e da clareza. Esse criterio é unicamente retrospectivo, perdeu o valor diante da feição actual das instituições, cuja generalisação determinou o cunho de um só typo de sociedade com os mesmos esplendores e as mesmas miserias... O genio romano está ahi em toda a parte, animando nações e raças indistinctamente, como um dos elementos de uma complexa e unica atmosphera e quando se o quer separar e se fala em refazer a civilisação helleno-latina, como se fosse possivel distingui-la, isola-la, commette-se um erro profundo de critica que é felizmente esteril. Temos de aceitar a civilisação como um facto integral que o tempo formou de mil espiritos, de mil esforços, de mil temperaturas para realizar um só todo intrinsecamente unido, como a propria sociedade de que é a expressão.

No terreno propriamente dos estudos, a feição latina só foi exclusiva emquanto toda a instrucção se fundava nas « humanidades ». Esses estudos que, alimentados da inspiração antiga, produziram o classicismo, fonte perniciosa da autoridade intellectual, perderam a sua grande significação. Elles foram sempre mais formaes que positivos, applicavam-se aos elegantes e engana-

dores exercicios de uma mentirosa abstracção, ignorando a natureza e as leis da vido a que se conservavam desdenhosamente estranhos. Procediam do principio que exaltava o homem e os fructos do espirito humano, eram o resultado da concepção dualistica, do Universo. *Homo et anima vili*... Mas quando a vida inteira, cosmica passou a ser o facto indistincto e capital da investigação, as « humanidades » desceram das regiões aérias e se dissolveram ao sopro forte das novas tendencias. As abstracções cederam as realidades. Comprehendeu-se que não ha dous mundos diversos, separados, um physico e material, outro moral o immaterial; chegou-se ao pleno monismo. O conhecimento dilatou-se e o espirito do homem foi julgado como uma força nas forças do Universo.

A sociedade já tinha inevoravelmente substituido as linguas antigas, quando a destruição das « humanidades » lhes veio completar a ruina, eliminando mesmo nos estudos aquellas que foram o veio, o « flumen » portador da cultura entre as gentes.

Cumpria-se a fatalidade da lei da existencia, que manda tudo viver em infrangivel harmonia, mandamento esquecido aqui, quando contra o mundo, contra a historia, contra todas as imperiosas alavancas se prescreve que o latim seja resuscitado como a lingua internacional da intelligencia... O espirito volta-se para a idade media e scisma á sombra dos claustros, e se esgueira até ao laboratorio do alchimista abstruso, e sofrego se debate na allucinada paixão dos theosophos... Os ouvidos emchem-se da lingua da religião, dos mysterios e dos sacramentos, lingua dessa poesia desfallecida e artificial de que a alma de cansada desertou... A maioria dos homens não soffre as ancias dessa visão; sabe que finalmente attingimos a uma indestruc-

tivel argamassa entre a sociedade, a sciencia e a arte, e não póde haver uma lingua internacional para os conhecimentos, para a litteratura, que não seja necessariamente viva. O nosso saber, a nossa poesia, como a nossa sympathia, o nosso odio se expressarão por uma só lingua ou por muitas, todas ellas palpitantes, rubras, fluidas, linguas de ferro, linguas de destruição, linguas de amor, onde os mil nervos, que são os nossos, encontrem o teclado feliz e mysterioso para as suas vibrações infinitas...

Assim, tudo que veio da antiguidade latina se vai dissolvendo no curso da existencia, sem esperanças de resurgir integralmente; mas transformando-se, morrendo, toda aquella potente força não se extinguirá, ella injectou no sangue das gerações o seu filtro ardente e vivificador, como o sol que desapparece deixando alvoroçadas e quentes as entranhas da Terra... Porque o grande facto da civilisação latina foi o desabrochar consciente, decidido e amplo do sentimento da sociabilidade. Por esse espirito tudo tinha simpre um interesse forte e immediato na vida romana, mesmo as instituições mais esquivas e apartadas entravam como elemento integrante da communhão; tudo era eminentemente collectivo, religião, estado, poesia, direito, tudo era nervo de sympathia, expressão de uma liga universal. Foi esse vigoroso sentimento que incorporando ao christianismo todas as velhas religiões do Estado e transmudando pelo influxo de seu sopro fecundo aquella nova e resumida seita em uma ampla e frondosa religião produzio uma das grandes maravilhas da historia... Por esse espirito nada morria; a substituição era continua, a transformação perenne e verdejante. Nós hoje, vindo aqui nos conhecer, nos associar, celebramos na sua expressão mais profunda o genio latino e o prolonga-

mos. Os barbaros encheram o mundo do espirito de independencia individual, cujo engrandecimento exclusivo seria a esterilidade e a destruição da vida collectiva, espirito por mil faces bemfazejo, uma sorte de divindade sempre presente, alerta, vivaz, genio velador da personalidade humana, que a defende do automatismo romano e a protege da tenebrosa escravidão do Estado... E tal alliança, subtil e indefinivel do individualismo e da sociabilidade, distingue a época moderna da civilisação latina, sem a eliminar inteiramente, porque a porção que della trazemos é a mais fertil, a mais luminosa e tanto se ajusta ao mundo e vai se espalhando pelo futuro que não tememos dizer que jámais desapparecerá. A cultura ha de ter eternamente a marca latina, porque cada vez mais se torna social.

Tudo nos liga, a nós brazileiros, ao genio romano. O vaso onde se cozinha a nossa nacionalidade, foi fundido na fôrma latina, e quem nos impelle é a força motora desse genio do Occidente europeu, perpetuamente creador. Em nossa lingua, como em uma téla mysteriosa, estão esculpidos magicamente, indelevelmente, os vultos da poesia e da philosophia antiga. No confuso murmurio de nossa linguagem barbara ouve-se de quando em quando um éco veneravel e suggestivo das mesmas vozes que falaram nesse passado de onde viemos. E até quando no infinito do tempo aquellas figuras, estas vozes encantaram os nossos sentidos mais profundos, estremeceram as nossas intimas e remotissimas cellulas?

Na hora sempre inquieta do presente nós assistimos á terrivel e pertinaz invasão do estranho em nossa casa. Todos na vida aspiram ao repouso, á criação de si mesmo, e os povos que não podem parar, que não chegam a se formar definitivamente, esses condemnados ao continuo movimento das marés humanas soffrem um triste sup-

plicio... Mas em cada padecer ha sempre um instante de estranho gozo... Para nós esse momento, que é sagrado, porque é o desejado e fugitivo momento de delicia, apparece quando a perturbação nos vem de uma raça da mesma origem. Então a minha Terra se consola de outros contactos, que intrinsecamente lhe repugnam, e se ergue amorosa e num gesto de delirio resgata todos os seus soffrimentos, e fresca e resplandescente se entrega áquelle que a busca partindo do velho mundo, cujas raizes mergulham nas aguas mysteriosas e murmurantes do passado commum... E ella se funde com os homens latinos nesse amor invencivel e superior ao tempo e á morte, amor integral e cosmico...

Se na extraordinaria e avassaladora confluencia das especies humanas ainda é possivel suppôr-se a marcha isolada de uma raça, deve-se acreditar por força desta incorporação que o renascimento da alma latina se esteja trabalhando nos paizes sul-americanos. Elles ainda atravessam o fervido periodo da nebulosa originaria, mas avançam e se affirmam como os herdeiros parciaes da latinidade immortal. Já se percebe dentro do tumulto dos factos que a historia tem os seus processos inexoraveis, como a propria vida, e não se está longe de admittir que o phenomeno tão complexo e assombroso da civilisação seja o resultado dos choques intimos e dolorosos da fusão das raças. Talvez seja preciso para o vôo da cultura, esse encontro dos povos antigos com as raças incultas, e a historia repete-se, recapitula-se para levar mais longe a parabola fantastica, que a humanidade vem desenrolando. Sem este choque o mundo não teria sahido do circulo primitivo, onde estaria apodrecendo surdamente. Falta ás nações latinas da Europa o sangue rejuvenescedor das raças novas e ainda rudimentares. O milagre da renascença foi o resultado demorado, mas fatal,

da fusão do genio romano com a virgindade do espirito barbaro. Hoje as emigrações se fazem em sentido inverso da antiga, é a cultura que tem sede e fome de carne e alma selvagem, é ella que busca os barbaros, a nós americanos, que passaremos para as nossas fibras a civilisação accumulada na alma dos progenetores e a desenvolveremos longamente, emquanto estes arrastaram faculdades sem vigor e sem elasticidade capaz de remodelar a vida... E se dentro do seu esgotamento ainda uma voz surja para reerguer as forças moraes e estabelecer uma nova ordem, uma nova fórma de harmonia entre os homens, ainda assim esses povos que jazem no Mediterraneo sagrado vão morrendo e não têm mais energia para reflorescer mesmo ao sol daquelle ideal de immensa liberdade e de profundo amor... Criaram esse bemaventurado modo de viver, sem delle se impregnarem, como o Oriente produzio o Christianismo, a que ficou estranho, e foi mais tarde o alento das novas raças vindas para a fatalidade da cultura.

Nós carregaremos comnosco o genio latino. Elle que já nos veio sem pureza, maculado por varias cohabitações seculares, não será aquelle mesmo do passado, e irá se combinando com outras forças secretas. A nossa alma é multipla, mysteriosa e estranha. Ella tem no seu firmamento uma infinidade de deuses... Quando eu quero buscar as divindades que me agitam as cellulas inconscientes, e me exaltam e me governam, não ergo os olhos para o céo, volto-me para o abysmo insondavel do meu espirito... E curvado sobre este mundo longinquo, ora sou deslumbrado vendo desfilar fórmas luminosas e docemente plasticas, ora espio curioso sombras satanicas que se embuçam nas trevas, me atormentam com os seus esgares infernaes, ora de horror se me fecham vertiginosas, devorantes as palpebras dos meus olhos avidos ante

as visagens tremendas e escancaradas de monstros de fórmas nunca imaginadas... Tudo é a minha alma, tudo é a alma tenebrosa de minha raça... E neste cháos as divindades se confundem, se emmaranham, se combatem ferozmente... E os meus olhos se habituam á treva, ao espanto, á agonia... E quando as sombras passam ellas me fitam amorosamente numa ancia de posse exclusiva e dominadora. O meu corpo é o desejo de cada uma... Todas procuram reduzir-me, vencer-me e eu sou o pasto de suas ambições e perfidias... Eu quero me arrebatar de mim mesmo e fico delirante chamando-as. Ao meu appello ellas correm supplices... Lá no fundo do circulo umas são embaciadas, quasi indistinctas, como se fossem as almas das nebulosas geradoras, outras fluidas mandam-me o seu halito sem fórma, como a alma dos ventos, outras deslisam como aguas, e aquellas surgindo do limo da terra, tão verdes como as arvores... E aspectos colossaes se agitam anonymos, animaes, e quasi como almas humanas. Não tremo porque ellas não avançam nessa vastidão de seculos, entorpecem na nevoa sem fim. Mais perto surgem outras... Aquella é negra e tingida de sangue, primitiva e ardente, tem na retina aguda a visão do deserto devorador que a persegue implacavel; aquella é negra tambem e é branda, é um feitiço, e se despedaça eternamente para dar a vida que outras lhe bebem no sangue generoso... Essa é a alma rubra que se encheu da voz do trovão, que se amedronta ao rumor da floresta, que é encarniçada em sua força e que se destruio sem nunca ter cedido ao affago de almas estranhas... E os meus olhos chamam sempre, e todo o mundo interior se esclarece fantasticamente; tudo é luz, tudo é gloria, tudo é criação. Vão vindo almas nobres, altivas que me avassalam e me inspiram. Uma confabulou com a divindade no deserto, solenne, severa,

mostra-me a immensidade cheia do Espirito. E os meus olhos inquietos se desviam do seu olhar duro e matador e sorriem volvidos para a alma branca que infiltrou de sonho o mundo das aguas e o mundo das terras; que se cobrio de neve para ser mais pura e mais alma, e viveu na carne das mulheres douradas... Essa cresceu na solidão, de onde tudo surge agudo e intenso, entendeu os astros na noite maravilhosa, e docil balbuciou orações submissas á fatalidade, e meiga, na lubricidade do sol, impregnou de volupia o mundo todo e o proprio céo... E a alma grega, a alma latina, magestatica e senhora que venceu, dominou e agazalhou o Universo...

Tal é o ser estranho e numeroso da minha raça. Assim, não será mais o espirito da sua infinita posteridade.

Guimarães Passos

A' terra torna o que da terra veio;
A agua que sae do vasto mar, um dia
Mais pura do que quando ao céo subia
Tórna de novo ao primitivo seio.

Assim todo o momento de alegria
Que feliz de illusões eu via cheio;
As horas de ventura e de receio,
Tudo eu te entrego, como te pedia.

De ti nem quero a pallida lembrança;
Viverei sem uma unica esperança
Sem o minimo amor d'uma mulher.

Mas no teu peito que viveu mentindo
Põe uma cruz — ao mundo prevenindo
Que és o sepulcro do teu proprio ser.

TEU LENÇO

Esse teu lenço que eu possúo e aperto
De encontro ao peito quando durmo, creio
Que hei de um dia mandar-t'o, pois roubei-o
E foi meu crime, em breve, descoberto.

Lucto comtudo, a procurar quem certo
Possa n'isto servir-me de correio;
Tu nem calculas qual o meu receio,
Se, em caminho, te fosse o lenço aberto...

Porém, o' minha vivida chimera!
Fita as bandas que habito, fita e espera,
Que, enfim, verás em tremulos adejos,

Em cada ponta um beija-flor pegando,
Ir o teu lenço pelo espaço voando
Pando, enfunado, concavo de beijos.

GRAÇA!

No inverno, montes e rios
Ficam brancos, tudo é neve...
Mas, passam-se os tempos frios,

Volta o sol, e, dentro em breve,
O monte brilha em verdura;
A agua, que o gelo reteve,

O curso antigo procura,
Correndo pelos desvios,
Tranquillamente murmura..

Correm limpidos os rios
Que o sol no inverno conteve :
Derreteu-se toda a neve...

O inverno da nossa ausencia
Poz-te o coração em gelo...
Tem um pouco de clemencia!

O fogo do meu anhelo,
O ardor de minha paixão,
O inferno atroz do meu zelo,

Movendo-te a compaixão,
Acabem-me a penitencia,
Abrandem-te o coração!

E, de teus olhos clementes,
Desçam em doce fulgor
Duas lagrimas trementes,

— Tão ungidas de paixão —
Que, vindas cheias de amor,
Venham cheias de perdão!

AMOR, AMOR...

E assim vamos nós dois junctos vivendo
Quanto distantes poz-nos o destino,
Tu, do prazer bebendo o licor fino,
Eu, da tristeza o negro fél bebendo.

Busquei-te como o exhausto beduino
O *oásis* fresco busca em febre ardendo;
E hoje, se acaso, vou teu rosto vendo
A agrura a mais terrivel me propino.

Mais tu me foges, menos te procuro;
Ora contentes, ora descontentes
Fitamos ambos o horizonte escuro.

Ris-te, eu rio — que risos differentes!
Tu, por mostrar-me um coração impuro,
Eu, por mostrar-te vingativos dentes.

FATALIDADE

Porque a sorte nos fez tão differentes
E os nossos corações tão concertados?
Teus olhos dão allivio aos desgraçados
E os meus veneno ás almas innocentes.

Devo causar horrôr ao teus parentes
Roubando-te os carinhos e os cuidados,
E os gozos que me dás são compensados
Pelos desgostos que por mim tu sentes.

Sorte maldita! porque assim feriste
Em dois extranhos fundo amor, tão fundo
Que, prever não podeste o seu fim triste?

Maldize, pomba, a sorte desalmada
Que me fez o homem mais feliz do mundo
Fazendo-te a mulher mais desgraçada.

QUEM É QUE SE FIA EM SONHOS?

I

Laura... E' melhor que eu te diga
Quem era esta rapariga,
Que tinha apenas quinze annos
Quando esta historia começa,
E já virava a cabeça,
De sacros e de profanos.

Nem a propria Sulamita
Tinha uma côr tão bonita,
Os olos que Laura tinha;
Se não nascesse tão pobre,
Diria ao homem mais nobre:
— Tenho em frente uma rainha.

O manto dos seus cabellos
Descia-lhe aos tornozellos,
Envolvendo-a em ciume infindo,
Deixando os pés, dous pombinhos,
Espiando com os dous biquinhos
Aquelle rosto tão lindo.

Mais do que a Venus de Milo
Só tinha os braços... e aquillo
Que não tem nenhuma Venus
Que no marmore repousa,
Que tem de mais... muita cousa,
E muita cousa... de menos.

Para encurtar pormenores:
Era entre as moças melhores
A melhor da mina terra.

Por causa della os rapazes
Faziam continuas pazes,
Vivendo em continua guerra.

Quando punha as mãos no cravo,
Deixava o mais livre, escravo,
Os mais alegres, tristonhos,
Porque aquella rapariga
Tinha sempre uma cantiga:
« Quem é que se fia em sonhos?...

II

Sonhos que vêm e que vão,
Todos elles são apenas
O rumurejo das pennas
Das azas do coração.

Um dia vem, outro váe,
Este triste, aquelle bello,
E em todos sobe um castello
E um castello em tudos cáe.

Laura, ao envez das demais,
Passava os dias serenos,
Sempre acreditando menos,
Sempre suspeitando mais.

Que a sorte é meiga e mendaz,
Traidora, quando é risonha.
E, mormente, quando sonha
Uma moça com um rapaz.

Laura, portanto, com dez
Sonhava, ou com cem, de sorte
Que, como a Estrella do Norte,
O mundo via a seus pés.

« Sonhei », dizia-lhe alguem,
« Comtigo dias risonhos... »
« Quem é que se fia em sonhos?... »
Cantava Laura tembem.

III

Era a mais simples de todas
E de todas a mais bella,
Fulgia como uma estrella
Nas mais escolhidas rodas.

Não eram setins, nem rendas
Que lhe davam formosura,
Laura fazia figura
Sómente por suas prendas.

Seus hombros nunca souberam
O que é calor de velludo,
Mas tinham seus hombros tudo
Que as ricas nunca tiveram.

Os homens vinham de longe,
Mas quando perto chegavam,
Os mais pandegos trocavam
O aspecto pelo de um monge.

Porque Laura, a todos rindo,
Laura de todos zombava;
Se qualquer se apresentava,
Dizia a qualquer : — Bemvindo!

Mas no rosta da bregeira,
Havia sempre um sorriso
Que transtornava o juizo
Do pobre p'ra a vida inteira.

E os desgraçados tristonhos,
Saíndo, só se lembravam
Daquella vóz, que escutavam :
« Quem é que se fia em sonhos ?... »

IV

A sua casa modesta
Parecia um palacete,
Quando havia alguma festa;
Porém, acabada esta,
Roncava fóra o cacete.

Cabeças, pernas quebradas...
Cada qual no seu rabicho
Não calculava as pauladas,
Eram festas acabadas,
Pancada de criar bicho.

« Mas muito póde uma estima »,
Commentava o populacho,
Que pelo bom-senso prima :
« Ella — dormindo, lá em cima,
Elles — no páu, cá em baixo ! »

De manhã, os namorados
Estavam todos de molho,
Cheios de pannos salgados,
Este com os queixos quebrados,
Aquelle cégo de um olho.

E Laura, de manhã cedo,
Dando alpíste ao tico-tico,
Pensava no Luiz, no Alfredo,
No Manduca, no Azevedo,
No Quincas, no Gil, no Chico...

E, alheia a todos, abrindo
Os labios sempre risonhos,
Ia á janella sorrindo,
A' meia vóz desferindo:
« Quem é que se fia em sonhos?... »

AS PEROLAS

Para fallar com franqueza eu parára sem intenção em frente á vitrine, que era toda um incendio de pedrarias; e emquanto o meu amigo pensava talvez, em constellar o collo de sua amada, eu imaginava o que seria uma noite com estrellas verdes de esmeraldas com estrellas encarnadas de rubis, com estrellas azues de saphyras...

Ah! um ceu com scintillações multicores!

E meu coração dizia-me « Não te basta, poeta, a areia de prata das noites de verão!? Tu não levas, desgraçado, horas perdidas sonhando, com os olhos pregados no firmamento!?

E já não comparaste os bellos olhos da tua amante aos formosos gemeos, Castor e Pollux, tranquillos, no ceu tranquillo!? »

— « Tu, meu amor, é verdade, és mais bella que todos os astros... E essas pedras ridiculas, que valem ao teu lado? » Respondia ao meu coração, reconciliando me com elle.

— Entrem, que verão melhor.

Interrompi o sonho. Meu amigo olhou para dentro. Entramos. Era a joalheira, quem assim nos fallara.

Compondo um gesto galante, ainda rapido, pensei. — « Não é que as mercadorias dão aos seus donos semelhanças... »

Talvez o meu amigo, nesse momento encontrasse affinidade entre as quitandeiras e as aboboras: eu só

acreditava que a mulher que tinha joias, tinha um pouco dellas. E, com um sorriso :

— Perolas, senhorita.

— Perolas, cavalheiro.

Logo suas mãos esguias e claras, sem uma veia saliente, sem um angulo, de unhas breves e roseas, abriam caixinhas de velludo, em cujo fundo purpureo ou negro, fulgiam em voltas, em fios as mais ricas perolas.

Meu amigo examinava as perolas, eu examinava os olhos da joalheira, baixos, com as longas pestanas pretas, como quebra-luz, illuminando os collares. Sua bocca, era como se fosse fendida naquelle instante: vertia sangue; o nariz afilado e recto: as faces de uma frescura de flor da madrugada; os cabellos, entre o castanho e o fulvo, batidos da luz, coroavam-n'a como um halo suave de livro de Horas.

Ella levantou os olhos, eu baixei os meus.

— Não são tão bellas?

— Mas... balbuciei (emquanto a mim proprio dizia-me: minha amante é mais bella).

— Mas...? perguntou a joalheira.

— Quizera mais iguaes, muito iguaes...

Caixas e caixas estenderam-se abertas sobre a pellucia do balção.

— Mais iguaes, insistia eu.

— Mais iguaes não tenho, cavalheiros.

— Perdôe-nos, suppliquei-lhe sorrindo.

— Não têm de que, respondeu-nos com um sorriso.

— Aqui estão! exclamei, apontando-lhe a bocca, onde fulgiam seus dentes claros, iguaes, branquissimos. Eil-as! Eil-as!

Ella, corou, e rubra, apertando os labios, escondeu os dentes, como duplo fio de perolas num estojo carmesim.

— Não se vendem... murmurou.

Inglez de Souza

XICO FIDENCIO

(FRAGMENTO)

. . . . . .

Que dia estupido aquelle! Silencio na rua, silencio na casa! Nem ao menos a Maria Miquelina, de ordinario palradora, queria falar agora! Amuada, pois que o professor lhe desprezara o almoço, sentara-se se a um canto da casa de jantar e fazia rendas, silenciosa e trombuda.

Francisco Fidencio voltára da varanda, e passeava a sala de visitas, onde dava as aulas, cruzando-a em todos os sentidos, parando ora deante d'uma mesa, ora em frente a um quadro, umas vezes ante a porta cerrada, como se tivesse vontade de sahir, outras vezes defronte á janella aberta, para olhar a rua, silenciosa e molhada.

Era uma sala pequena, mal caiada, de terra batida, coberta de palha de pindoba escura, uma sala miseravel de pobre habitação sertaneja, mas com pretenções a aposento decente. A mobilia constava de dois compridos bancos, postos um atraz do outro, perto d'uma grande mesa de pinho mal envernizado. Outra mesa pequena

collocada a um angulo da sala era servida por uma cadeira, a unica existente, de palhinha branca, de uso antigo. Sobre as duas mesas havia tinteiros, papeis, alguns livros velhos. Da parede do fundo pendiam, em quadro de madeira preta, uma lithographia ordinaria representando o conselheiro Joaquim Saldanha Marinho, e mais abaixo, n'um pequeno quadro de moldura dourada, muito gasta, uma gravura burlesca e desrespeitosa, intitulada — *O sonho de Pio IX*. N'uma das paredes lateraes, pendentes d'um pequeno cabide de bambú falso, estavam um chapeu de homem, um guarda-chuva de alpaca côr de pinhão e uma opa de irmão do Santissimo, ostentando audaciosamente o seu encarnado vivo, ferindo os olhos. Ao lado, sobre um caixão virado, uma rima de jornaes em desordem sustentava um candieiro para kerozone, sem *abat-jour* e com a chaminé rachada. Na parede fronteira, n'uma lithographia de jornal caricato, pregada com quatro obreias verdes o Papa Ganganelli fulminava com os raios pontificios a Companhia de Jesus.

No chão mal varrido, com grandes manchas pretas feitas pelos pés molhados dos alumnos de latim, pontas de cigarros e palitos de phosphoro fraternisavam. Uma gallinha com pintos ciscava em baixo da mesa grande, cacarejando.

Francisco Fidencio lembrara-se de matar as longas horas desoccupadas lendo alguma cousa. Mas que leria? Os ultimos jornaes chegados do Pará já haviam sido inteiramente devorados, lera-os todos e nada achara n'elles que lhe prendesse a attenção, e menos ainda merecesse segunda leitura. Os de Manáos tambem nada traziam de novo. As costumadas descomposturas ao Presidente da provincia, uma noticia ou outra e os annuncios banaes, em letras grandes, espaçadas. De livros

estava farto. Bastava-lhe a massada de os ler obrigatoriamente na aula, todos os dias, para leccionar os discipulos. Não iria agora dar-se ao luxo de estudar a lição do dia seguinte! Nada, que elle não era o seu collega Annibal Americano!

Podia escrever para occupar-se. Foi á pequena meza do canto da sala, abriu uma gaveta, tirou algumas folhas de papel, caneta e penna, puxou a cadeira de palhinha, sentou-se e traçou sobre a alvura do papel em tiras as seguintes palavras :

« Ani.° redactor ».

Depôz a penna, cruzou os braços sobre a mesa, e pôz-se a soletrar aquellas palavras, muito aborrecido.

Que diabo escreveria elle? Contaria o mau tempo que reinava em Silves, a falta do pirarucú e a carestia da farinha? Que lhe importava isso? Que interesse tinha em noticiar cousas tão banaes aos seus leitores, e que graça achariam estes em conhecer taes borracheiras?

Só havia um assumpto possivel, em que poderia espraiar-se, lançando um bello artigo capaz de fazer sensação. Esse assumpto era Padre Antonio de Moraes. Mas, havia um mez que Padre Antonio chegara, e Xico Fidencio ainda não pudera formar delle um juizo definitivo, nem achara motivo para um pequeno artigo. Bem não queria dizer do vigario, porque isso era contra os seus principios. Para dizer mal era preciso uma base, um motivo, um pretexto ao menos, e essa base, esse pretexto não apparecia.

Por isso andava o Xico Fidencio muito descontente: por isso, talvez, se aggravara a hepatite.

Todo aquelle mez passara Padre Antonio de Moraes em projectos de reforma da parochia, em assear o templo, em confessar beatas, examinar creanças ao catecismo,

dizer missas e cantar ladainhas. A população estava muito satisfeita. Nunca vira um vigario assim tão serio e zeloso, tão activo e pontual. Pela manhan a missa, rezada de vagar, a durar vinte minutos pelo menos, macerando os joelhos do povo nos tijolos da Capella-mór. Em seguida, a confissão longa, minuciosa, cheia de conselhos paternos e de reprehensões bondosas. A Maria Miquelina fôra confessar-se, a mandado do professor, e voltara maravilhada. Ao meio-dia a aula dos pequenos; á noite a ladainha, puxada pelo vigario em pessoa, á luz duvidosa das lampadas de azeite de mamona... isto um mez a fio... uma delicia! no dizer da senhora D. Eulalia, Beatas velhas e beatas novas bebiam os ares pelo Padre Vigario, rapagão de vinte e dois annos, sympathico, bem apessoado e de mais a mais um santo! Sempre serio, bondoso, paternal, caminhando de olhos pregados no chão, falando baixinho, *minha filha, minha irman*, em voz suave e melliflua, que fazia correr um calafrio pela espinha dorsal das devotas, acostumadas ás graçolas chocarreiras do defunto Padre José. D. Cyrilla, mulher do capitão Fonseca, D. Dinildes, irman do *Mappa Mundi*, e a famosa D. Prudencia, viuva de Joaquim Feliciano, não se fartavam de gabal-o, admirando-lhe a barba bem escanhoada, o cabello luzidio e penteado, a batina nova, a alva camisa engommada, os sapatos envernizados a capricho, o todo de petimetre de sotaina, que contrastava de modo frisante com as sobrecasacas domingueiras, compridas e lustrosas, e com as largas calças e os sapatos grossos, de couro crú, dos rapazes mais atirados da terra. E o mulherio todo as secundava nos elegios ao padreco. Até a Maria Miquelina, a negregada! tinha as suas sympathias pelo trocatintas do vigario!

Tanto enthusiasmo das mulheres teria certamente despertado o ciume e o odio dos homens, se, pelo seu pro-

cedimento — irreprehensivel — não lhes tivesse Padre Antonio captado a benevolencia.

Nenhuma fraqueza lhe conheciam. Essa virtude inexpugnavel causava pasmo ao Xico Fidencio, desnorteava-o. Na sua opinião todos os Padres eram mais ou menos como os cardeaes do quadro de moldura dourada, sotoposta ao retrato do Ganganelli Brazileiro ; uns pandegos que bebiam champagne abraçando irmans da caridade. Entretanto com Padre Antonio de Moraes não se dava isso. A Luiza Madeirense perdera completamente os seus requebros, as suas provocações impudentes. Nem sequer lhe consiguira apanhar a freguezia do engommado, que fôra dada á mulher do collector, senhora quarentona e respeitavel. D. Prudencia debalde gastara duzias de ovos em compoteiras de cocada amarella, com que o Macario sacristão apanhava azias desesperadas. S. Revdm.ª lh'as agradecia pelo portador, mas não a visitava. Todo entregue aos trabalhos do culto, parecia superior ás fragilidades humanas. Andava atarefado, embebido na preoccupação de regularisar o serviço da Igreja. Parecia querer ser um parocho modelo, solicito, attento e dedicado.

Na sua casinha solitaria, acompanhado pelo Macario sacristão que lhe governava a casa, e servido por um preto velho que trouxera do Pará, levava a vida austera d'um Padre de S. Sulpicio. Jámais nenhum dos sujeitos que viviam em Silves da espionagem da vida alheia, nem o Maneco Furtado, nem o Cazuza dos Tamarindos, pudera, n'aquelle mez inteiro, divisar entre os humbraes da porta da entrada, ou na abertura da cerca do quintal, um vulto suspeito de mulher. Era simplesmente admiravel.

O Macario sacristão, empazinado de gulodices, palitando os dentes, satisfeito do mundo, clamava na villa

que nunca vira um homem assim, que um Padre d'aquelle feitio era uma cousa espantosa. E batia-se, em discussões calorosas, com os maliciosos que, mais por pirraça ao sacrista do que por convicção, notavam a facilidade que havia em passar, sem ser visto, da casa do vigario para o quintal da Luiza Madeirense. O Macario punha a mão ao fogo pela castidade de S. Revdmª. E' verdade que havia tentações... a Madeirense fazia o diabo! E uma certa viuvinha então? Era querer e estava feito, mas não! S. Revdmª não queria. Macario desafiava a toda a gente a que o pilhasse em falso. E elle proprio, Francisco Fidencio Nunes, o terrivel inimigo dos Padres, que escrevia correspondencias para o *Democrata*, de Manáos, em que vasava a bilis revolucionaria e atheista, *para esfregar aquella sucia*, era obrigado a confessar que ou Padre Antonio era um santo ou um verdadeiro ministro do altar!

O professor ergueu-se desanimado, deixando cahir a caneta que tinha entre os dedos. Foi á varanda, onde a Maria Miquelina, sentada a um canto, tendo diante de si uma grande almofada branca, fazia rendas de bico, silenciosa e trombuda.

— Então o tal Padreco é mesmo um Sant'Antoninho, Maria Miquelina!

A mulata não respondeu.

— Tens as bananas atravessadas na garganta, rapariga? Olha que se me móes, não janto.

As bananas estavam perdidas, mas era preciso salvar a honra do pirarucú fresco, que a caseira guardara para a refeição da tarde, fritando-o em fino azeite doce. Estava de tentar.

— Olhe, seu Xico, disse a mulata depois d'uma pausa; vuncê sabe que eu não gosto de homens de saia. Mas o vigarinho é um santo, lá isso ninguem me tira.

O professor voltou para a sala, sentou-se de novo á mesa, pegou na penna e começou a escrever :

« O escriptor destas modestas e despretenciosas linhas... »

Mas largou a caneta, sem animo de proseguir. Não queria elogiar o Padre, não queria compremetter-se. De mais, estava com um *ferro*, por causa da Maria Miquelina! E não se conformava facilmente com os olhos baixos e o falar mellifluo d'aquelle Padre elegante e bello.

Havia um anno que o Xico Fidencio se estabelecera em Silves, espantando os pacatos habitantes da villa com as suas theorias irreverentes e ousadas, fascinando-os, tinha presumpção disso, com o seu verbo colorido e ardente, espicaçando-lhes a molle indifferença com o aguilhão das suas criticas acerbas e dos seus sarcasmos ferinos, dominando-os pelo espirito desembaraçado de convenções e dos prejuizos da estreita vida de aldeia.

Era natural do Rio de Janeiro, carioca da gemma. Aquillo, sim, é que era terra! Cursara dois annos da antiga Escola Central. Não gostara das mathematicas, era mais amigo das sciencias sociaes, e se fôra rico, teria ido estudar a S. Paulo, teria entrado para a troça do Varella, do Castro Alves, teria sido talvez um Alvares de Azevedo. Era porém, muito pobre. Um tio, que o ajudava, fartara-se de o aturar e puzera-o fôra de casa, quando sahira reprovado em calculo differencial, ao 2.° anno. Arranjaram-lhe um lugar de caixeiro de armarinho á rua do Cano, mas não ficara no emprego mais de tres mezes. O patrão era um gallego, burro como seiscentos gallegos e mal creado como todos os da sua igualha. Xico Fidencio não estivera para o aturar, e despedira-se da casa, passando-lhe uma descompostura descabellada. Um dos freguezes do armarinho, que tinha-

queixas do patrão, metteu-o de conductor n'um omnibus da carreira de S. Cristovão. Era uma vida deliciosa, divertida, cheia de episodios interessantes e que contribuira muito para a educação do Xico Fidencio. Ouvia tanta cousa! Estava a par da politica toda, conhecia todos os homens notaveis, sabia de mil pormenores da sua vida publica e particular. Soubera da resolução do Ministerio na crise bancaria de 1864, antes de publicada nos jornaes, vira o Christie furioso, por occasião do conflicto entre o Brazil e a Inglaterra, dera fógo ao José Liberato quando fôra pela primeira vez a S. Christovão! Era uma vida deliciosa, toda a gente o conhecia e o comprimentava, dava-lhe cigarros. Infelizmente fôra obrigado a deixal-a por intrigas d'um cocheiro, seu inimigo. Havia já dado um passo decisivo na vida... entrara para a maçonaria! E o primeiro beneficio que tirara d'essa acertada resolução fôra conseguir um lugar de dispenseiro a bordo do vapor *Santa Cruz*, da Campanhia Brazileira do Norte. Mais tarde, n'uma das viagens deixara-se ficar no Pará, porque enjoava muito, não nascera para a vida do mar. Tinha feito amizade a bordo com um deputado geral, cuja familia gostava das passas, nozes e figos seccos, com que Xico a presenteava generosamente. Obtivera uma cadeira publica, n'um arrabalde da capital, e a regêra durante um anno inteiro. Mas rompera a *questão religiosa*, e o Xico Fidencio, fiel aos seus principios, não transigira. Declarara guerra aberta ao Bispo e aos *homens de roupeta* que elle importava de Roma. A nomeação era interina, e o Presidente, um carola, que ouvia missa todos os domingos, quizera ser agradavel a D. Antonio, e demittira o professor amigo do livre exame. Ficara então sem recursos. Recorrera á maçonaria, mas a maçonaria era impotente na administração d'aquelle rato de sacristia que gover-

nava a provincia. Só podia obter um emprego no commercio, mas as suas aspirações não se davam com tal modo de vida. De mais, no commercio do Pará governavam os portuguezes, e o Fidencio, apezar de maçon *enragé*, nunca perdoara aos portuguezes os desaforos que soffrera do dono de armarinho. Antes morrer de fome do que, no seu paiz, sujeitar-se novamente a ser mandado por um gallego!

Emfim, Silves não pertencia ao Pará. O seu amigo Felippe do Ver-o-pezo, um portuguez excepcional, dissera-lhe que Silves era uma boa terra, não tinha um professor que prestasse, e offerecera-lhe uma carta de recommendação para o seu correspondente Costa e Silva. Viera para tentar fortuna, e aqui soubera grangear muita consideração, graças á sua incontestavel intelligencia e aos conhecimentos que obtivera na sua accidentada existencia.

A principio encontrara franca hostilidade, principalmente das mulheres, que o achavam antipathico e desagradavel, as lambisgóias! Como se elle não fosse da côrte do Rio de Janeiro, que ellas nunca haviam de conhecer! Depois embirraram com as suas idéas antireligiosas, porque as expunha com a maxima franqueza, a todo o momento, em qualquer occasião, sem resguardo das conveniencias devidas ás pessoas e aos lugares. Ninguem lhe dera discipulos, poucos o cortejavam, nenhuma familia lhe offerecera a casa. Até o proprio Costa e Silva, posto estivesse *arrochado* pela carta do Felippe do Ver-o-pezo, tivera certas friezas, porque era catholico, achava a religião necessaria, principalmente para o povo. Parecia que temiam a infecção das heresias d'aquelle inimigo da Igreja, já condemnado em vida ás penas eternas.

Fidencio ergueu-se de novo, foi á janella e cuspiu para fôra:

— Idiotas!

Voltou para junto da mesa, alliviado, preparou um cigarro, accendeu-o, sentou-se de novo, firmando-se sobre os pés trazeiros da cadeira, utilisada para balanço, e reatou o fio das suas recordações.

Alguns homens, na facil convivencia das portas das lojas, onde á tarde se renova diariamente o processo da syndicancia da vida alheia, começaram a gostar de ouvir dizer mal de tudo e de todos, com umas phrases novas, uns ditosinhos agudos, uma certa maneira de exprimir as idéas, entremeando calemburs com palavrões sonoros e sibilando muito os *ss*, que adquirira ao tempo de estudante e de caixeiro de armarinho. Conquistara a facil mentalidade dos bons matutos de Silves, posto não lograsse captivar-lhes o coração desconfiado. Mas o Xico Fidencio tinha tanta graça! Tinha uns modos não sei como, o diacho do mestre-escola! Sabia tão bem o ridiculo d'uma pessoa ou d'uma cousa, que os seus ataques eram irresistiveis. Os matutos reconheciam assim o seu incontestavel merito.

Um dia, lembrara-se de escrever uma *correspondencia* para uma folha de Manáos, a proposito da ultima sessão do Jury no termo, e dissera umas cousas agradaveis ao Juiz de Direito que lhe valeram a proposta para Adjunto do Promotor Publico, cargo que nunca fôra servido na comarca e de que não havia necessidade. E satisfeito com o resultado obtido puzera-se em activa correspondencia com o jornal de Manáos, o *Democrata*, *orgam politico*, *noticioso*, *commercial*, *scientifico* e *independente*, que lhe estampara a prosa, contente por ter materia nova com que encher as columnas da obrigação. As cartas do Xico Fidencio não seriam talvez muito lidas

na capital da provincia, mas em Silves eram devoradas avidamente, commentadas, discutidas durante quinze dias a fio. O seu estylo tinha umas vezes o sarcasmo ferino da conversação ordinaria, e outras, quando o Xico calçava as suas tamancas de jornalista grave, e queria discutir um assumpto com a seriedade necessaria, subia aos phraseados sonoros, recheados de declamações bombasticas, de trechos de bons autores, de citações novas, com muita erudição de idéas e palavras bebidas aqui e alli, na leitura de periodicos e pamphletos.

E eram exactamente esses artigos, de que mais se orgulhava, que reputava melhor, que lia e relia aos amigos, chamando-lhes a attenção para o phraseado cheio, para as referencias sabias e o rebuscado do estylo, os mais raros e os menos apreciados. O publico, ignorante e grosseiro, preferia as pilherias e as criticas mordazes, que iam subindo de tom até ao diapasão da descompostura, degenerando em maledicencias e calumnias. Tinha, porém, uma justificação para esses excessos: a necessidade de não poupar o inimigo, para não lhe morrer ás mãos.

Quando chegava o paquete e o *Democrata* apparecia, pequeno, massudo e mal impresso, coberto de *pasteis* e de falhas, como d'uma lepra incuravel, toda a gente queria saber se o *Constante leitor*, o pseudonymo do Xico Fidencio, escrevera a sua carta datada de Silves, com quem bolia, se desancava o Padre José ou o subdelegado, se falava na Luiza ou na D. Prudencia, se contava os novos amores do vigario, ou descobria as recentes ladroeiras do escrivão da policia.

Apezar d'esses triumphos, Francisco Fidencio Nunes sentia que pisava em terreno falso. Não contava com as sympathias da população, e teria de decidir-se em breve a procurar outro abrigo para a sua miseria e para o seu

deal de liberdade religiosa, tão mal amparado na povoação do lago Saracá. Não podia deixar de pensar que fôra enganado pelo Felippe do Ver-o-pezo. Sempre era gallego, e bastava.

O vigario vingava-se das correspondencias, fazendo-lhe uma guerra de morte. O collector, que era o homem mais importante do logar, não gostava d'elle, embora lhe tivesse medo. As mulheres eram-lhe hostis, não liam as suas cartas, não viam senão o homemzinho feio, que desrespeitava os santos e pregava heresias. Estranho á terra, sem ligações de familia na provincia, sem a tradição d'um passado qualquer que o protegesse, reconhecia-se fraco e dispunha-se a abandonar o campo, quando surgiu de chofre o segundo periodo da questão religiosa, ferida entre os bispos do Pará e de Olinda e a maçonaria.

A gente de Silves não tinha interesse algum na questão, mesmo porque o seu vigario, um pandego, valha a verdade! não se occupava muito de cousas da Igreja. Mas o espirito de partido, muito vivo nas povoações pequenas, o amor da novidade, o instincto de contradicção e de luta que divide os homens, mesmo desinteressados e indifferentes ao assumpto da discussão, fraccionaram a população em dois grupos. Um formara-se dos maçons, dos parentes dos maçons, dos inimigos pessoaes do vigario e dos rapazes mais ardentes e mais instruidos. O outro constituira-se com os homens timoratos e pacificos, que, de preferencia ás innovações, queriam viver com os Padres, acreditando, ou fazendo por acreditar, em tudo o que esses exploradores da humanidade dizem. Francisco Fidencio tornou-se naturalmente chefe do partido maçonico.

A luta, a falar a verdade, não passara do terreno do palanfrorio, consistira unicamente em discussões fortes

á porta do collector ou junto ao balcão do Costa e Silva e na insistencia dos maçons em acompanhar as procissões e Nossos Pais de balandrau e tocha. Francisco Fidencio era irmão do Santissimo. A sua brilhante opa encarnada, que por acinte tinha na sala, exposta a todas as vistas, apparecia em toda a parte. Padre José *bufava*. Por fim tomara o pretexto de tão grande irreverencia para acabar com festas e procissões que lhe davam muita massada. Mas o melhor fôra que o correspondente do *Democrata* lucrara com a questão.

Primeiro que tudo, dedicando as suas cartas ao assumpto da pendencia que dividia os espiritos, atacando o Papa, os Bispos, os Padres todos e especialmente os Jesuitas, poupava os habitantes da villa, com excepção do Vigario. Mereceu com esse procedimento que se corresse um veu sobre as criticas antigas, amortecendo os odios dos offendidos. Não era mais o *escrevinhador insolente*, que se occupava da vida privada de cidadãos conhecidos, achincalhando a reputação do capitão Fulano ou do negociante Sicrano. Passava a ser um escriptor preoccupado de questões sociaes, um sujeito que zurzia os Padres, uma especie de adversario platonico. Os Padres que se defendessem!

As antigas victimas rejubilavam-se, descançadas, livres do temor, esforçando-se por esquecer e fazer esquecer as descomposturas recebidas no *Democrata*. Eram agora ellas mesmas que chamavam a attenção publica para os artigos do professor, que o commentavam, indagando hypocritamente se seria verdade tudo aquillo que se dizia do Padre José, alardeando indignação, exclamando que taes monstruosidades eram dignas de severo castigo.

Francisco Fidencio contava á redacção do *Democrata*, por miudo, as pandegas colossaes do vigario, as aven-

turas nocturnas, as bambochatas em canoa, as orgias nas praias de areia, ao tempo da desova das tartarugas. Citava nomes, falava da Xica da outra banda, da mulher do Viriato, da Luiza, e até da D. Prudencia, veladamente — *uma certa Imprudencia.* Dizia que o vigario bebera o dinheiro da provincia com as mulatas, em vez de concertar a Matriz, que seduzia as beatas, que prostituia as confessadas, que era ministro de Barrabás... o diabo!

Padre José ficava furioso. Ameaçava *quebrar as bitaculas áquelle safado*, e calumniava-o, espalhando que Xico Fidencio fôra condemnado no Rio por gatuno e expulso do corpo de Permanentes do Pará por maus costumes, *peccados contra a natureza.*

Emquanto Padre José apanhava bordoadas de cego nas columnas do *Democrata*, o subdelegado, o escrivão da policia, o commandante do destacamento, o juiz municipal e o fiscal da Camara folgavam, comprazendo-se n'uma feliz obscuridade, e como o vigario não oppunha aos artigos do Xico um procedimento exemplar, as censuras e accusações calavam na opinião, o partido maçonico augmentava, uma corrente de sympathia estabelecia-se entre o jornalista liberal e a população de Silves.

Em segundo lugar, a sua posição de chefe de partido reunira em torno da sua pessoa um grupo dedicado e attento, que o amparava e applaudia na luta, dando-lhe prestigio e força. Francisco Fidencio já se não sentia isolado, as suas palavras eram repetidas por alguns como Evangelho, as pilherias que lhe sahiam da boca tinham curso forçado. As suas opiniões eram aceitas geralmente, com desconto do exagero que lhe attribuiam os taes homens serios, em questão de doutrina e de dogma:

— Aquillo é maluquice d'elle, mas tem razão no que diz dos Padres.

— Maluquice! resmungou Francisco Fidencio, levantando-se de novo, e chegando á porta do corredor, gritou para a varanda.

— Então, nem um cafézinho hoje! Olhe que a gente não almoçou!

Cessou o ruido dos bilros, e a voz arrastada da Maria Miquelina respondeu lá de dentro:

— Pensei que vuncê não queria nada hoje. Está de burros, parêsque!

A caseira já devia saber que, quando o figado lhe não permittia comer, o Xico Fidencio bebia muito café. Era a unica cousa que o seu estomago supportava. Demais era carioca da gemma. Era da terra do café. E quando estava damnado, bebia café. No dia em que fôra demittido de professor publico no Pará, bebera mais de vinte chicaras desse liquido que prolongara a vida de Voltaire.

Voltou a passear a sala em todos os sentidos, levando a mão á região do figado e chupando um cigarro apagado.

A chuva continuava, monotona, repinicando nos telhados vizinhos. A flauta do Xico Ferreira cansara. Da casa fronteira vinha um choro de creança manhosa e endefluxada. Os pequenos sinos da Matriz espalhavam no ar alegres vibrações argentinas, saudando o meio dia.

A rua continuava deserta. Francisco Fidencio chegara á janella e não vira pessoa alguma. Pudera! com aquelle tempo de cachorro.

— Estava de burros, sim, e tinha razão de sobra. Havia mais de meio anno que Padre José morrera, e que Fidencio ficara sem assumpto para alimentar a sua correspondencia com a folha de Manáos. A questão reli-

giosa amortecera, os episodios da luta iam ficando esquecidos, o terrivel adversario do clericalismo estava-se tornando inoffensivo.

Tivera uma forte tentação de voltar a bolir com os antigos inimigos, para o que não lhe faltaria assumpto, graças a Deus. Sabia tudo que se passava em Silves, sem necessidade de espiar, nem de indagar da vida alheia. Contavam-lhe, sem que nada perguntasse.

Podia referir-se ao José Antonio Pereira, que passava por moço de muito bons costumes: mas tinha lá as suas mazelas em casa. Podia contar que o Neves Barriga tinha um serralho no sitio do rio Urubùs, e que por isso não queria saber da villa, onde o chamavam os seus deveres de camarista. Que o Valladão, o subdelegado, prendia por dinheiro os negros fugidos, fazendo-se capitão do mato. O fiscal merecia bem boas sovas pelo estado das ruas que a Camara o incumbira de zelar, e sem sahir das raias do interesse publico, que elle, como escriptor publico, devia e podia superintender, tinha muito que dizer da Camara, e especialmente d'um certo vereador João Carlos, que estava quasi sempre na presidencia, porque o Neves não gostava de deixar o serralho.

Do Costa e Silva, apezar de amigo, poderia affirmar que pregava de vez em quando o seu carapetão ao *Diario do Grão-Pará* porque tinha a imaginação exaltada e era duma credulidade de caboclo. E o proprio collector, o grave e pretencioso capitão Fonseca não ficaria muito livre de culpa, se o Fidencio quizesse referir-se a certas cousas lá da collectoria que o escrivão Pereira lhe contara muito em confiança...

Mas a dura experiencia do passado...

Passara vicissitudes terriveis por causa d'aquelle geito que tinha para a critica e o sarcasmo. Conseguira,

por um grande esforço de prudencia, fugir á tentação em que a falta de assumpto o ia despenhando.

Por isso, contentara-se com escrever generalidades contra o clero todo, contra a doutrina da Infallibilidade, e especialmente contra os *homens do hespanhol Ignacio de Loyola*, entremeadas de censuras ao Bispo por deixar tanto tempo sem pastor espiritual uma população catholica, o que provava, escrevera elle ao *Democrata, que a salvação das almas não era a preocupação principal desses senhores de Roma.*

Mas que se importava a gente de Silves com o hespanhol Loyola e com os homens de Roma?

O que ella queria era a bella da descompostura a gente conhecida, a referencia directa a pessoa do lugar.

A' chegada de Padre Antonio de Moraes o espirito de luta accendera-se novamente no cerebro do Xico Fidencio. Escovara a opa encarnada e aguçara os adjectivos. A presença do novo vigario parecia prestar-se á critica que invocasse a humillidade christan, o desapego dos gozos mundanos, de que os primeiros apostolos deram prova. Desd'o dia do desembarque solemne, em que a sua pilheria irritante provocara a má vontade dos figurões, Fidencio não poupara allusões á batina nova, ao penteado, á carra bem rapada, aos punhos engommados do *senhor vigario*.

Mas o diabo era que elle, Francisco Fidencio Nunes, não podia ir além d'essas allusões.

Chegou novamente á porta do corredor e gritou para dentro, em voz de caixeiro de botequim:

— Olha esse café que saia!

— Já vai, *seu* Xico. E'o diacho da lenha que está muito molhada, respondeu do fundo da cozinha a voz arrastada da Maria Miquelina.

— Pilulas, até a lenha!

Fidencio entrou na alcova, pegada á sala, e sahiu logo depois, abotoando-se.

A chuva diminuira, mas o ceu estava todo alvacento, empastado de nevoeiros. A humidade do ar penetrava pela janella aberta, esfriando a temperatura e causando ao professor uma sensação de arrepio, levantando lhe pela raiz os pellos da epiderme. A luz escassa do dia dava aos objectos uma coloração desmaiada que lhes confundia os contornos. As linhas perdiam-se n'uma obscuridade vaga, ondulante. O preto sujo da velha pindoba do tecto pesava sobre a sala, acaçapando os moveis e os quadros. Do chão humido levantava-se um cheiro a bolor e a ponta de cigarros, insipido e fastiento. A gallinha de pintos fôra-se pelo corredor fóra, a passos lenlos, catando o pavimento, cacarejando. O pio dos pintainhos irritava os nervos.

Fidencio olhou vagamente para o tecto, para as paredes, para os moveis, indeciso, abstracto, mettendo a mão entre o cós das calças e a camisa para acariciar o figado. As paredes brancas, d'um branco sujo, apertavam-no. O retrato de Saldanha Marinho morria no quadro de madeira preta, na tinta pardacenta da lithographia ordinaria, salpicada de excremento de moscas. Mais abaixo o *Sonho de pio IX* salientado pelo dourado velho da moldura, degenerava n'uma confusão de pernas largas e de seios pontudos, de taças redondas e de flores chatas, de batinas e corôas n'um plano só, sem perspectiva. Do outro lado Ganganelli, entre as quatro obreias verdes, na alvura duvidosa do papel de impressão, erguia a mão sem vida segurando os raios pontificaes, longas linhas tremulas e quebradas, a crayon, para fulminar a Companhia, representada por um Padre moço e barbado, mas muito branco, barba tesa e braços enor-

mes, parecido com D. Vital. E por baixo, a custo, apparecia, na meia tinta, a legenda, em versaes gastos, mal impressa e incorrecta: O PAPA CLEMENTE XIV EXTINGUE A COMPANHIA DE JESUS. VIDE O TEXTO.

Na parede da esquerda, proximo á porta da rua, o cabide parecia sustentar a custo o velho chapeu de pelle de lebre, o velho guarda-chuva côr de pinhão e a opa do Santissimo Sacramento que tinha agora uma apparencia desmaiada, de velho balandrau surrado em procissões e Nossos Paes sem conta; e o candieiro de petroleo lançava do grande bojo de vidro ordinario, faceado, uma luz amarellada e baça, com reflexos esverdeados de azeite de mamona.

Tudo parecia mais velho; as mesas, os tinteiros, os bancos, a cadeira de palhinha. Do chão escuro e fetido, do tecto negro, das paredes humidas, dos moveis, das roupas, dos contornos de todos os objectos, dos quadros parietaes, dos gestos dos personagens, da sua physionomia dura e chata de figuras mal feitas, vinha como uma emanação de tedio, que ia subindo, espalhando-se pela janella, para lançar-se sobre a villa toda, estupida e molhada.

Fidencio abriu os braços, retorceu-os n'um espreguiçamento, vergando o corpo para traz, desarticulando as mandibulas n'um longo bocejo, e deixou escapar um grito agudo e prolongado que cortou de chofre o silencio do dia. Na casa fronteira abriu-se um pouco a janella de pau pintada de azul, e pela frincha estreita, uma mulher espiou, curiosa.

A Maria Miquelina, equivocando-se, gritou da varanda:

— Já vai, já vai, seu Xico, tenha um *mocadinho* de paciencia.

— Ah, o café! disse o Fidencio, sorrindo.

Resoaram no corredor as tamanquinhas da caseira azafamada.

— Pensei que era o café de João Pinheiro! exclamou quando a mulata appareceu á porta da sala, trazendo na mão uma grande chicara de louça azul, de que sahia um fumo tenue e um odor forte a café quente.

— Que João Pinheiro, seu Xico?

— Não sabes a historia do João Pinheiro, rapariga!

— Como havera de saber, seu Xico? Só se era o João Pinheiro que matou outro dia o Joaquim Feliciano n'aquelle encontro da beira do lago...

— Não, Maria Miquelina. João Pinheiro era um fazendeiro da minha terra, muito conhecido e apatacado.

— Pois como eu havera de saber d'elle, se eu nunca estive lá n'esses Rio de Janeiro...

E, intrigada, a caseira collocou sobre a mesa grande a palangana de café, e pôz-se a interrogor o professor com os olhos.

Fidencio começou, narrando:

— João Pinheiro era um fazendeiro apatacado, mas muito amigo de guardar o que tinha. A fazenda d'elle ficava á beira da estrada e era escolhida pelos viajantes para descansarem durante as horas mais quentes do dia, pois era justamente no meio do caminho da cidade... da cidade... enfim, d'uma cidade para outra. Sempre que chegava algum viajante, João Pinheiro gritava para dentro:

— Moleque, traze café para este homem.

O moleque, lá de dentro, repondia:

— Já, sim siô.

O viajante ficava com a boca doce, esperando refrescar-se com o cafédorio do João Pinheiro.

Passava um quarto d'hora... e nada.

— Moleque, olha esse café! gritava o fazendeiro.

— Já vai, sim, siô.

O viajante, que já estava com a garganta secca de engulir em falso, concebia uma esperança.

Passava outro quarto d'hora... e de café nem lembrança.

— Moleque, vem ou não vem esse café? perguntava o João Pinheiro.

E o moleque:

— Já vai já, sim, siô.

O viajante puxava o relogio, sentindo não ter tempo de esperar que fizessem o fogo.

Passava outro quarto d'hora:

— O' moleque do diacho, então esse marvado café não vem hoje?

— Já vai agora mesmo, meu siô.

O viajante levantava-se e despedia-se, farto de esperar.

— Este diacho de moleque, dizia o João Pinheiro, apertando a mão ao hospede, este diacho de moleque é assim mesmo.

E accrescentava muito aborrecido:

— Que vexame sahir V. S. sem beber café!

Montando a cavallo, o viajante ouvia ainda o moleque gritar lá de dentro:

— Já vai, sim, siô.

A Maria Miquelina pôz as mãos nas ilhargas, rindo muito.

— Este diacho de seu Xico tem cada historia! Pois o homem havera de fazer isso mesmo?! Ara tome lá o seu café, que este não é do João Pinheiro.

Fidencio sorveu o café, gole a gole. Depois a caseira voltou para o seu trabalho, e o professor foi procurar alguma cousa que ler. Era preciso matar o tempo.

Accendeu um cigarro, abriu uma gaveta e procurou entre varios folhetos de diversas côres e tamanhos um que lhe désse vontade de reler. Eram pamphletos anticlericaes, com titulos promettedores : *Os Jesuitas desmascarados. A Maçonaria e a Companhia de Jesus. Os Jesuitas*, simplesmente. *As astucias de Roma. A questão religiosa.* A Igreja e o Estado. O *Jesuita na garganta*, scena comica. *Os Lazaristas. Recurso á Coroa...* uma infinidade! Todos com pseudonymos : *Ganganelli, Sebastião José de Carvalho, Fabio Rustico, Um livre pensador, Um verdadeiro catholico, O velho catholico*, o *Padre Jacintho, Jacolliot...* o diabo! Obras de erudição, discursos declamatorios, pamphletos virulentos, de escacha-pecegueiro, que trituravam, moiam e reduziam a pó a Igreja, o Papado, os Bispos e os Homens de roupeta, pondo em pratos limpos, com segurança indiscutivel, a historia da Papisa Joanna, os crimes dos Borgias, os horrores da Inquisição e os sophismas audaciosos do Sr. D. Antonio. Alli, n'aquelles folhetos, discutia-se com lucidez e verdade a questão religiosa! Faziam-se estatisicas, enumeravam-se as victimas da inquisição na Hespanha, as mortes da noite de S. Bartholomeu, em França. Mostrava-se o que era Roma, explicavam-se as patifarias dos Cardeaes, sommavam-se os milhões roubados pela Companhia de Jesus. Não havia fugir. Estava alli provado, perfeitamente provado, e o que os Padres respondiam eram sophismas.

Fidencio tomou um dos folhetos, grande, massudo, de capa amarella e typo doze. Intitulava-se : *A monita secreta*, por *Um antigo Jesuita*. Era incrivel o que aquelle livro dizia. Era um horror!

Francisco Fidencio foi buscar á mesa grande o *Magnum Lexicon*, collocou-o sobre a extremidade d'um dos bancos, para lhe servir de travesseiro.

Deitou-se no banco, ao comprido, trançou as pernas, tirou uma fumaça do cigarro e abriu o pamphleto, murmurando :

— Patifes!

Um livro assim é que elle queria ter escripto. Quizera ter sido jesuita, conhecer todos os segredos da Ordem, apanhar-lhe as manhas, e depois vir a publico, com uma coragem extraordinaria, pôr pela imprensa todas aquellas bandalheiras a nú.

Um dia ainda reuniria em folheto as suas correspondencias, formaria um folheto como aquelles, de capa de côr, com o titulo pomposo em letras gordas e com um pseudonymo : o *Padre Kélé*. Era d'arromba. Ninguem ficaria serio, lendo-o. O diabo era não haver em Silves uma typographia!

Esta idéa de publicar um livro, de ver o seus artigos reunidos em folheto, com capa e frontespicio, enraizara-se-lhe no cerebro, emquanto percorria distrahidamente as paginas do pamphleto que tinha nas mãos sem entender o que lia. Que prazer seria o seu! Podia vir a ser citado — o autor do livro tal... o espirituoso e erudito *Padre Kélé* (pseudonymo)... um escriptor de pulso que zurze desapiedadamente os Padres... O livro podia ser intitulado *Carapuças romanas*, por exemplo, ou então podia ter um nome pomposo : *Os Vampiros Sociaes* ou simplesmente *Os abutres*.

E logo lhe parecia estar vendo o folheto *in octavo*, bom typo, papel assetinado, capa verde, com o seguinte frontespicio apparatoso :

OS ABUTRES

PELO

PADRE KÉLÉ

187...

MANAOS

TYP. DO « DEMOCRATA »

E n'uma prosa fluente, argumentação serrada, vigoroso estylo e linguagem castigada, um pamphleto mordente e verdadeiro, contando as bandalheiras inqualificaveis do vigario de Silves, reproduzidas das correspondencias do *Democrata* e entremeadas de citações latinas, de apostrophes vehementes a Roma e ao Senhor Bispo, de exclamações bombasticas e de calemburs de fazer rir as pedras.

Padre José ficaria bem sovado... mas o diabo era que Padre José estava morto, e o Xico Fidencio não gostava de dar em defunto. Demais, o que escrevera sobre o fallecido vigario não era sufficiente para dar um livro de cento e vinte paginas, pelos menos.

O bom era sovar tambem a Padre Antonio de Moraes.

Fidencio largou o pamphleto e poz-se a scismar, achando a idéa impraticavel.

O finorio do Padre era irreprehensivel. A sua vida simples e clara não se prestava á critica!

Fidencio procurava analysar, por miudo, a vida do novo vigario de Silves, rebuscando no intimo dos factos algum symptoma de fraqueza ou de hypocrisia. Recapitulando, nada lhe escapava.

O Padre levantava-se cedo, ás seis horas, lia o breviario e passava a dizer missa. Depois da missa, confessava, e ao sahir, no adro, palestrava com os homens, indagando da saúde de cada um, muito cortez, dando conselhos uteis de hygiene privada. Terminada a aula de religião que dava aos meninos, recolhia-se a concertar com o lorpa do Macario sacristão sobre as necessidades do culto. Jantava ás quatro horas, sahia a dar um breve passeio pelos arredores da villa, a espairecer, sempre serio, de olhos baixos, compenetrado do dever de dar o exemplo da sisudez e da gravidade. Voltava ás

seis horas, ao toque de Ave Maria, descoberto, passeando lentamente, recolhia-se ao quarto a ler o breviario. O Macario, victorioso e nescio, sahia á porta, ardendo por dizer a toda a gente que S. Revdm.ª estava em casa estudando.

Os baptisados e casamentos, atrazados um semestre, um ou outro enterro, achavam-n'o sempre prompto, nada exigente quanto a propinas, observando com affectado escrupulo a tabella do bispado, e fechando os olhos á qualidade maçonica do padrinho, do defunto ou do nubente.

O proprio Xico Fidencio, para o experimentar e fazer escandalo, servira de padrinho a um rapazito do Urubús.

Padre Antonio acudia com os ultimos sacramentos a qualquer doente, por mais pobre e desamparado que fosse, levando-lhe o Nosso Pai com um cerimonial vistoso, ao toque dos pequenos sinos da Matriz e ao som da cantoria roufenha e monotona dos beatos, o Fonseca, o Valladão, o João Carlos e outros, que appareciam ao primeiro signal e corriam a disputar as cruzes e as lanternas com que haviam de formar o acompanhamento. Fidencio, envergando a opa encarnada do Santissimo Sacramento, lá seguia atraz, de tocheiro em punho. E Padre Antonio, embrulhado na capa magna, apertando o Viatico contra o peito, em attitude de uncção e respeito, caminhava lentamente sob o pallio, solemne e absorto, alheio ao que se passava em derredor, como um homem que comsigo levava um Deus. Na frente, o Macario badalava.

Na encommendação dos finados, a sua voz sympathica tinha modulações melancholicas, repassadas d'infinita saudade, como se aquelle morto tivesse em vida occupado o seu coração e o seu espirito, ou como se, ante o terrivel nada da morte, uma dor latente lhe mordesse o

peito, fazendo sentir a nullidade da existencia d'esse verme pretencioso que se chama o homem... Havia talvez em tal melancholia o profundo desalento de quem se sabia sujeito áquella mesma transformação hedionda da morte, apezar do apego á vida do moço de 22 annos, que a philosophia tremenda do *memento* contrariava cruelmente... Mas o povo, fanatisado pelos homens de roupeta, não via na commoção do vigario senão mais uma prova da bondade de S. Revdm.ª, do modo cabal por que sabia desempenhar os deveres do seu cargo, compenetrando-se do papel que tinha de representar. Não seria Padre José, sempre alegre, barulhento, caçoador e pandego, que se mostraria assim pezaroso da morte d'um seu parochiano!

O espertalhão do Padrezinho, pensava Fidencio com uma admiração involuntaria, soubera tornar-se o objecto exclusivo da attenção e curiosidade de toda a população de Silves e dos arredores. A fama chegara a Serpa, fôra a Maués, voltára pelo Amazonas acima até á cidade de Manáos. Nunca n'aquella redondeza se vira um vigario assim tão compenetrado dos seus deveres, tão serio, affavel e pontual. Deante d'elle os homens modificavam a sua linguagem habitual, falavam em cousas serias, em pontos de doutrina christan, cheios de respeito. O ardor maçonico esmorecia, apezar dos esforços em contrario tentados por Francisco Fidencio Nunes. As qualidades moraes que o parocho affectava provocaram uma reacção favoravel no espirito d'aquelle povo indifferente em materia religiosa. O professor Annibal Americano Selvagem Brazileiro, concertando os oculos de tartaruga e cuspindo longe, falara em fundar um jornal que defendessse os interesses da Igreja e doutrinasse os tapuyos dos sitios do Urubús e adjacencias. Devia chamar-se a *Aurora Christan* e publicar-se de quinze em quinze dias,

com dois mil réis de assignatura trimensal. A difficuldade estava em arranjar a typographia, custava um dinheiro, era preciso abrir uma subscripção popular ninguem que se sentisse com crenças religiosas seria capaz de negar o seu obulo, e podiam pedir o auxilio da Caixa Pia e da Camara Municipal, concorrendo esta com cincoenta mil réis por anno para a publicação das actas. O João Carlos lembrara, por economia, o jornal manuscripto, mas o professor Annibal repellira energicamente a idéa como atrazada e trabalhosa. Queria ler-se em letra de fôrma! Afinal quando se fizera a subscripção para a compra da typographia difficilmente arranjaram-se quarenta mil réis. O vigario, consultado, desanimou o Annibal, mostrando-se infenso ao projecto, já pela falta de competencia d'elle vigario para dirigir uma imprensa catholica, já porque não queria alimentar odios e dissenções na sua parochia. Annibal Brazileiro retirara-se enfiado. Deixara d'ir á missa e viera dizer ao Xico Fidencio que a lembrança que tivera não passara d'uma pilheria, d'um meio de experimentar o ardor religioso d'aquelles beocios que andavam todos os dias a falar em catholicismo. Mas Fidencio bem o conhecia, para cá vinha de carrinho o tal Sr. Annibal!

Este ultimo acto de Padre Antonio de Moraes agradara muito ao Xico Fidencio. Padre Antonio mostrava ser homem de juizo.

O mallogro da tentativa do professor Annibal não destruira os resultados das palavras e acções do novo vigario de Silves. A missa de todas as manhans era bastante concorrida, á ladainha da noite ninguem faltava, os Nosso Pai nunca sahiam sem numeroso acompanhamento. As creanças corriam a instruir-se na doutrina do catecismo do Bispado, as devotas confessavam-se, os casamentos amiudavam-se, fazendo diminuir as mance-

bias... Tudo se encaminhava para a reforma que Padre Antonio pretendia fazer para gloria de Deus e desempenho do *honroso encargo que lhe fôra confiado por S. Exc. Revdmª*.

Em taes condições, com um Padre como aquelle, que se dava ao luxo de ser impeccavel, que faria, que escreveria Fidencio, como comporia o seu bello folheto de cento e vinte paginas, com capa verde e frontespicio pomposo? Um mez era decorrido, um longo mez de observação, de analyse, de estudo, e os seus ataques contra o Padreco catita e apelintrado não tinham ainda podido ir além da batina nova, do penteado, dos punhos engommados e dos olhos baixos de Padre Antonio de de Moraes. Era pouco para um folheto de cento e vinte paginas!

Um relogio da vizinhança bateu duas pancadas argentinas. Francisco Fidencio arremessou contra a parede o folheto que não lia e que esparralhou pelo chão as folhas soltas.

A chuva cessara, mas o ar estava ainda muito carregado de vapores aquosos. Uma restea de sol, muito tenue, penetrava, avivando n'um ponto o encarnado da opa do Santissimo. As tamanquinhas da Maria Miquelina faziam-se ouvir no corredor.

— Quando vuncê quizé jantar, seu Xico, a janta está quasi prompta.

— Maria Miquelina, disse Fidencio, muito serio. O tal Padrezinho ou é um santo ou um refinadissimo hypocrita.

A caseira contestou:

— Ara, *seu* Xico...

— Pelo sim, pelo não, exclamou Fidencio erguendo-se, n'uma resolução assentada. Pelo sim, pelo não, vou passar-lhe uma *descalçadeira*.

A QUADRILHA DE JACOB PATACHO

Eram sete horas dadas, a noite estava escura, e o ceu ameaçava chuva.

Terminara a ceia, composta de cebola cosida e *pirarucú* assado, o velho Salvaterra dera graças a Deus pelos favores recebidos; a *sôra* Maria dos Prazeres tomava pontos em umas velhas meias de algodão muito remendadas; a Annica enfiava umas contas destinadas a formar um par de braceletes, e os dois rapazes, espreguiçando-se, conversavam em voz baixa sobre a ultima caçada. Allumiava as paredes negras da sala uma candeia de azeite, reinava um ar tepido de tranquillidade e socego, convidativo do somno. Só se ouviam o murmurio brando do Tapajoz e o ciciar do vento nas folhas das pacoveiras. De repente, a Annica inclinou a linda cabeça, e poz-se a escutar um ruido surdo que se approximava lentamente.

— Ouvem? perguntou.

O pae e os irmãos escutaram tambem por alguns instantes, mas logo concordaram, com a segurança dos habitantes de logares ermos:

— E' uma canôa que sóbe o rio.

— Quem ha de ser?

— A estas horas, opinou a *sôra* Maria dos Prazeres, não póde ser gente de bem.

— E porque não, mulher? reprehendeu o marido, isto é alguem que segue para Irituia.

— Mas quem viaja a estas horas? insistio a timorata mulher.

— Vem pedir-nos agasalho, redarguio. A chuva não tarda, e esses christãos hão de querer abrigar-se.

A *sôra* Maria, continuou a mostrar-se apprehensiva. Muito se fallava então nas façanhas de Jacob Patacho; nos assassinatos que a miudo commettia; casos estupendos se contavam de um horror indizivel: incendios de casas depois de pregadas as portas e janellas para que não escapassem á morte os moradores. Enchia as narrativas populares a personalidade do terrivel Saraiva, o tenente da quadrilha cujo nome não se pronunciava sem fazer arripiar as carnes aos pacificos habitantes do Amazonas. Felix Salvaterra tinha fama de rico e era portuguez, duas qualidades perigosas em tempo de cabanagem. O sitio era muito isolado e grande a audacia dos bandidos. E a mulher tinha lagrimas na voz lembrando estes factos ao marido.

Mas o ruido do bater dos remos n'agua cessou, denotando que a canôa abicára ao porto do sitio. Ergueu-se Salvaterra, mas a mulher agarrou-o com ambas as mãos:

— Onde vais, ó Felix?

Os rapazes lançaram vistas cheias de confiança ás suas espingardas, penduradas na parede e carregadas com bom chumbo, segundo o habito de precaução naquelles tempos infelizes; e seguiram o movimento do pae. A Annica, silenciosa, olhava alternativemente para o pae e para os irmãos.

Ouviram-se passos pesados no terreiro, e o cão ladrou fortemente. Salvaterra desprendeu-se dos braços da mulher e abrio a porta. A escuridão da noite não deixava vêr cousa alguma, mas uma voz rustica sahiu das trevas.

— Boa noite, meu branco.

Quem está ahi? indagou o portuguez. Se é de paz, entre com Deus·

Então dois caboclos appareceram no circulo de luz

projectado fóra da porta pela candeia de azeite. Trajavam calças e camisa de riscado e traziam na cabeça grande chapéo de palha. O seu aspecto nada offerecia de peculiar e distincto dos habitantes dos sitios do Tapajoz.

Tranquillo, o portuguez afastou-se para dar entrada aos nocturnos visitantes. Offereceu-lhes da sua modesta ceia, perguntou-lhes d'onde vinham e para onde iam.

Vinham de Santarém, e iam a Irituia, á casa do tenente Prestes levar uma carga de fazendas e molhados por conta do negociante Joaquim Pinto; tinham largado do sitio de Avintes ás quatro horas da tarde, contando amanhecer em Irituia, mas o tempo se transtornára á boca da noite, e elles, receiando a escuridão e a pouca pratica que tinham d'aquella parte do rio, haviam deliberado parar no sitio de Salvaterra, e pedir-lhe agasalho por uma noite. Se a chuva não désse, ou passasse com a sahida da lua lá para a meia noite, continuariam a sua viagem.

Os dois homens fallavam serenamente, arrastando as palavras no compasso preguiçoso do caboclo que parece não ter pressa de acabar de dizer. O seu aspecto nada offerecia de extraordinario. Um, alto e magro, tinha a apparencia doentia; o outro reforçado, baixo, e de cara bexigosa, não era sympathico á dona da casa, mas afóra o olhar de lascivia torpe que dirigia á Annica, quando julgava que o não viam, parecia a creatura mais inoffensiva deste mundo.

Depois que a *sôra* Maria mostrou ter perdido os seus receios, e que a Annica serviu aos caboclos os restos da ceia frugal d'aquella honrada familia, Salvaterra disse que eram horas de dormir. O dia seguinte era de trabalho e convinha levantar cedo para ir em busca da

pequena e mais da *malhada*, duas vaccas que lhe haviam desapparecido n'aquelle dia. Então um dos tapuyos, o alto, a quem o companheiro chamava ceremoniosamente — *seu João*, — levantou-se e declarou que iria dormir na canôa, a qual posto que muito carregada, dava acommodação a uma pessoa, pois era uma galeota grande. Salvaterra e os filhos tentaram dissuadil-o do projecto, fazendo ver que a noite estava má e que a chuva não tardava, mas o tapuyo, apoiado pelo companheiro, insistio. Nada, que as fazendas não eram d'elle e *seu* Pinto era um branco muito rusguento, e sabia lá Deus o que podia acontecer; os tempos não andavam bons, havia muito tapuyo ladrão ahi por esse mundo, accrescentava com um riso alvar, e de mais elle embirrava com esta historia de dormir dentro d'uma gaiola. Quanto á chuva pouco se importava, queria segurança e agasalho para as fazendas; elle tinha o couro duro e um excellente *japá* na tolda da galeota.

No fundo quadrava perfeitamente á *sôra* Maria a resolução do *seu* João, não só porque pensava que mais vale um hospede do que dois, como tambem por lhe ser difficil accommodar os dois viajantes na sua modesta casinha. Assim não duvidou applaudir a lembrança, dizendo ao marido:

— Deixa lá, homem, cada um sabe de si e Deus de todos.

O caboclo abrio a porta e sahio acompanhado pelo cão de guarda, cuja cabeça amimava, convidando-o para lhe fazer companhia, *por via das duvidas*. A noite continuava escura como breu. Lufadas de um vento quente, prenuncio de tempestade, açoutavam nuvens negras que corriam para o sul como phantasmas em disparada. As arvores da beirada soluçavam, vergadas pelo vento e grossas gottas de aguas começavam a cahir sobre o

chão resequido, de onde subia um cheiro activo de barro molhado.

— Agazalhe-se bem, patricio, gritou o portuguez ao caboclo que sahia. E, fechando a porta com a tranca de páo, veio ter com a familia.

Logo depois desejavam boa noite uns aos outros; o hospede que deu o nome de Manoel, afundou-se n'uma rede, que lhe armaram na sala, e ainda não havia meia hora que sahira *seu* João, já a *sôra* Maria, o marido e os filhos dormiam o somno reparador das fadigas do dia, acalentado pela calma de uma consciencia honesta.

A Annica depois de rezar á Virgem das Dôres, sua padrocira, não pudera fechar os olhos. Impressionara-a muito o desapparecimento da *pequena* e da *malhada*, que acreditava filho de um roubo, e sem querer associava na sua mente a esse facto as historias terriveis que lhe lembrara a mãe pouco antes, sobre os crimes diariamente praticados pela quadrilha de Jacob Patacho. Eram donzellas raptadas para saciar as paixões dos tapuyos; paes de familia assassinados barbaramente; creanças atiradas ao rio com uma pedra ao pescoço; herdades incendiadas, um quadro interminavel de atrocidades inauditas que lhe dançava diante dos olhos, e parecia reproduzido nas sombras fugitivas projectadas nas paredes de barro escuro do seu quartinho pela luz vacillante da candeia de azeite de mamona.

E por uma singularidade, que a rapariga não sabia explicar, em todos aquelles dramas de sangue e de fogo havia uma figura saliente, o chefe, o matador, o incendiario, demonio vivo que tripudiava sobre os cadaveres quentes das victimas, no meio das chammas dos incendios, e, producto de um cerebro enfermo, agitado pela vigilia, as feições d'esse monstro eram as do pacifico tapuyo que ella ouvia roncar placidamente no fundo da

rede na sala vizinha. Mas por maiores esforços que a moça fizesse para apagar da sua imaginação a figura baixa e bexigosa do hospede, rindo nervosamente da sua loucura, mal fechava os olhos, lá lhe appareciam as scenas de desolação e de morte, no meio das quaes progrediam os olhos ardentes, o nariz chato e a boca desdentada do tapuyo, cuja figura, entretanto, desenrolava-se inteira na sua mente espavorida, absorvendo-lhe a attenção e resumindo a tragedia feroz que o cerebro imaginava.

Pouco a pouco, procurando provar a si mesma que o hospede nada tinha de commum com o personagem que sonhára, e que a sua apparencia era toda pacifica, de um pobre tapuyo honrado e inoffensivo, examinando-lhe mentalmente uma a uma as feições, foi-lhe chegando a convicção de que não fôra aquella noite a primeira vez que o vira, convicção que se arraigava no seu espirito, á medida que se lhe esclarecia a memoria. Sim, era aquelle mesmo; não era a primeira vez que via aquelle nariz roido de bexigas, aquella boca immunda e servil, a côr azinhavrada, a estatura baixa e vigorosa, sobretudo aquelle olhar indigno, desaforado, torpe que a incommodara tanto na sala, queimando-lhe os seios. Já uma vez fôra insultada por aquelle olhar. Onde? Como? Não podia lembrar-se, mas com certeza não era a primeira vez que o sentia. Invocava as suas reminiscencias. No Funchal não podia ser; no sitio tambem não fôra; seria no Pará quando chegára com a mãe, ainda menina, e accommodaram-se em uma casinha da rua das Mercês? Não; era mais recente, muito mais recente. Bem; parecia recordar-se agora. Fôra em Santarém, havia cousa de dois annos ou tres, quando alli estivera com o pae para assistir a uma festa popular, o *sahiré*. Hospedara-se então na casa do negociante

Joaquim Pinto, patricio e protector de seu pae, e foi alli, em uma noite de festa, quando se achava em companhia de outras raparigas sentada á porta da rua, a ver passar a gente que voltava de igreja, que se sentio atormentada por aquelle olhar lascivo e tenaz, a ponto de retirar-se para a cozinha tremula e chorosa. Sim, nenhuma duvida mais podia haver, o homem era um aggregado de Joaquim Pinto, um camarada antigo da casa, por signal que, segundo lhe disseram as mucamas da mulher do Pinto, era de Cametá e se chamava Manoel Saraiva.

Neste ponto de suas reminiscencias, a Annica foi assaltada por uma idéa medonha que lhe fez correr um frio glacial pela espinha dorsal, reseccou-lhe a garganta, e inundou-lhe de suor a fronte. Saraiva! Mas era este o nome do famigerado tenente de Jacob Patacho, cuja reputação de malvadez chegára ao reconditos sertões do Amazonas, e cuja atroz e brutal lascivia excedia em horror aos crueis tormentos que o chefe da quadrilha inflingia ás suas victimas. Seria aquelle tapuyo de cara bexigosa e ar pacifico o mesmo salteador da bahia do Sol e das aguas dos Amazonas, o barbaro violador de virgens indefezas, o bandido, cujo nome mal se pronunciava nos serões das familias pobres e honradas, tal o medo que incutia? Seria aquelle homem de maneiras socegadas e cortezes, de fallar arrastado e humilde o heróe dos estupros e dos incendios, a fera em cujo coração de bronze jamais pudera germinar o sentimento da piedade?

A idéa da identidade do tapuyo que dormia na sala vizinha com o tenente de Jacob Patacho, gelou-a de terror. Perdeu os movimentos e ficou por algum tempo fria, com a cabeça inclinada para traz, a boca entreaberta e os olhos arregalados, fixos na porta da sala;

mas de repente o clarão de um pensamento salvador illuminou-lhe o cerebro; convinha não perder tempo, avisar o pai e os irmãos, dar o grito de alarma; eram todos homens possantes e decididos, tinham bôas espingardas; os bandidos eram dois apenas, seriam prevenidos, presos antes de poderem offerecer séria resistencia. Em todo o caso, fossem ou não fossem assassinos e ladrões, mais valia estarem os de casa avisados, passarem uma noite em claro do que correrem o risco de serem assassinados a dormir. Saltou da cama, enfiou as saias e correu para a porta, mas a reflexão fel-a estacar cheia de desanimo. Como prevenir o pae, sem correr a eventualidade de acordar o tapuyo? A sala em que este se aboletara interpunha-se entre o seu quarto e o de seus paes; para chegar ao dormitorio dos velhos era forçoso passar por baixo da rede do caboclo, que não podia deixar de acordar, principalmente ao ruido dos gonzos enferrujados da porta que, por excepção e natural recato da moça, se fechára aquella noite. E se acordasse seria ella talvez a primeira victima, sem que o sacrificio pudesse aproveitar á sua familia.

Um silvo agudo, imitante do canto do *urutahy* arrancou-a a estas reflexões, e pondo os ouvidos á escuta, pareceu-lhe que o tapuyo da sala vizinha cessára de resonar. Não havia tempo a perder, se queria salvar os seus. Lembrou-se então de saltar pela janella, rodear a casa e ir bater á janella do quarto do pae. Já ia realisar esse plano quando cogitou de estar o outro tapuyo, o *seu* João, perto da casa para responder ao signal do campanheiro, e entre-abrio com toda precaução a janella, espreitando pelo vão.

A noite estava bellissima.

O vento forte afugentara as nuvens para o sul, e a *ua* subia lentamente no firmamento, prateando as

aguas do rio e as clareiras da floresta. A chuva cessára inteiramente, e do chão molhado subia uma evaporação de humidade, que, misturada ao cheiro activo das laran geiras em flôr, dava aos sentidos uma sensação de odorosa frescura.

A principio a rapariga, deslumbrada pelo luar, nada vio, mas afirmando a vista percebeu umas sombras que se esgueiravam por entre as arvores do porto, e logo depois distinguio vultos de tapuyos cobertos de grandes chapeus de palha, e armados de terçados, que se dirigiam para a casa.

Eram quinze ou vinte, mas á rapariga louca de susto pareceu uma centena, por que de cada tronco de arvore a sua imaginação fazia um homem.

Não havia que duvidar. Era a quadrilha de Jacob Patacho que assaltava o sitio.

Todo o desespero da situação em que se achava apresentou-se claramente á intelligencia da rapariga. Saltar pela janella e fugir, além de impossivel, porque a claridade da lua a denunciaria aos bandidos, seria abandonar seus paes e irmãos, cuja existencia preciosa seria cortada pelo punhal dos sicarios de Patacho durante o somno, e sem que podessem defender-se ao menos. Ir acordal-os seria entregar-se ás mãos do feroz Saraiva, e succumbir aos seus golpes antes de realisar o intento salvador. Que fazer? A donzella ficou algum tempo indecisa, gelada de terror, com o olhar fixo nas arvores do porto, abrigo dos bandidos, mas de subito, tomando uma resolução heroica, resumindo todas as forças em um supremo esforço fechou rapidamente a janella e gritou com todo o vigor dos seus pulmões juvenis :

— Aqui d'el-rei! os de Jacob Patacho!

A sua voz nervosa repercutio como um brado de suprema angustia pela modesta casinha, e o echo foi

perder-se dolorosamente, ao longe, na outra margem do rio, dominando o ruido da corrente e os murmurios nocturnos da floresta. Subito rumor fez-se na casa até então silenciosa, rumor de espanto e de sobresalto em que se denunciava a voz rouca e mal segura de pessoas arrancadas violentamente a um somno pacifico; a rapariga voltou-se para o lado da porta da sala, mas sentio-se presa por braços de ferro, ao passo que um asqueroso beijo, mordedura de reptil antes do que humana caricia, tapou-lhe a boca. O tapuyo bexigoso, Saraiva, sem que a moça o podesse explicar, entrara sorrateiramente no quarto, e se approximara d'ella sem ser presentido.

A indignação do pudor offendido e a repugnancia indizivel que se apoderou da moça ao sentir o contacto dos labios e do corpo do bandido, determinaram uma resistencia que o seu physico delicado parecia não poder admittir. Uma lucta incrivel se travou entre aquella branca e rosada creatura semi-nua e o tapuyo que a enlaçava com os braços côr de cobre, dobrando-lhe o talhe flexivel sob a ameaça de novo contacto de sua boca desdentada e negra, e procurando atiral-a ao chão. Mas a rapariga segurara-se ao pescoço do homem com as mãos crispadas pelo esforço espantoso do pudor e do asco, e o tapuyo, que julgara facil a victoria, e tinha as mãos occupadas em apertar-lhe a cintura em um circulo de ferro, sentio faltar-lhe o ar, oppresso pelos desejos brutaes que tanto o afogavam quanto a pressão dos dedos nervosos e afilados da victima.

Mas se a sensualidade feroz do Saraiva, unida á audacia que lhe inspirara a consciencia de terror causado por sua presença lhe fazia esquecer a prudencia que tanto o distinguia antes do ataque, o brado de alarma solto pela rapariga dera aos quadrilheiros de Patacho um momento de indecisão. Ignorando o que se passava na

casa, e as circumstancias em que se achava o tenente commandante da expedição, cederam a um movimento de reserva, da indole do caboclo, e voltaram a esconder-se por detraz dos troncos d'arvores que ensombravam a ribanceira. A moça ia cahir exhausta de forças, mas teve ainda animo para gritar com suprema energia :

— Acudam, acudam, que me matam !

Bruscamente o Saraiva largou a mão da Annica, e atirou-se para a janella, naturalmente para abril-a, e chamar os campanheiros, percebendo que era tempo de agir com resolução, mas a moça advertindo-se do intento, atravessou-se no caminho, com inaudita coragem, oppondo-lhe com o corpo um obstaculo que de facil remoção seria para o tapuyo, se n'esse momento, abrindo-se de par em par a porta da sala não désse entrada a Felix Salvaterra, seguido por dois filhos, todos armados de espingardas. Antes que o tenente de Jacob Patacho tivesse podido defender-se, cahia banhado em sangue com uma valente pancada no craneo que lhe deu o velho com a coronha da arma.

O portuguez e os filhos mal despertos do somno, com as roupas em desalinho, não se deixaram tomar do susto e da surpresa, expressa em dolorosos gemidos pela *sôra* Maria dos Prazeres, que abraçada á filha, cobria-a de lagrimas quentes. Pae e filhos comprehenderam perfeitamente a gravidade da situação em que se achavam ; o silencio e ausencia do cão de guarda, sem duvida morto á traição, e a audacia do tapuyo bexigoso, mais ainda do que o primeiro grito da filha, do qual apenas haviam ouvido ao despertar o nome do terrivel pirata paraense, os convenceram de que não haviam vencido o ultimo inimigo, e emquanto um dos moços apontava a espingarda ao peito do tapuyo que banhado em sangue tinha gravados na moça os olhos ardentes de

volupia, Salvaterra e o outro filho voltaram á sala, com o fim de guardar a porta de entrada. Esta porta tinha sido aberta, achava-se apenas cerrada apesar de havel-a trancado o dono da casa quando despediu o caboclo alto. Foram os dois homens para pôr-lhe novamente a tranca, mas já era tarde.

Seu João, o companheiro de Saraiva mais afouto do que os outros tapuyos, chegára á casa, e percebendo que o seu chefe corria grande perigo, assobiou de um modo peculiar, e em seguida, voltando-se para os homens que se destacavam das arvores do porto, como visões de febre, emittiu na voz guttural do caboclo o brado que depois se tornou o grito de guerra da *cabanagem :*

— Mata marinheiro! Mata! Mata!

Os bandidos correram e penetraram na casa. Travou-se então uma lucta horrivel entre aquelles tapuyos armados de terçados e de grandes cacetes quinados de *massaranduba*, e os tres portuguezes que heroicamente defendiam o seu lar, valendo-se das espingardas de caça, que, depois de descarregadas, serviram-lhes de formidaveis maças.

O Saraiva recebeu um tiro á queima roupa, o primeiro tiro, pois que o rapaz que o ameaçava, sentindo entrarem na sala os tapuyos procurara livrar-se logo do peior d'elles, ainda que por terra e ferido: mas não foi longo o combate; emquanto mãi e filha agarradas uma á outra, se lamentavam desesperada e ruidosamente, o pae e os filhos cahiam banhados em sangue, e nos seus brancos cadaveres a quadrilha de Jacob Patacho vingava a morte de seu feroz tenente, mutilando-os de um modo selvagem.

Quando passei com meu tio Antonio em Junho de 1832 pelo sitio de Felix Salveterra, o lugubre aspecto da *habitação* abondonada, sob cuja cumieira um bando

de urubús seccava as azas ao sol, chamou-me a attenção; uma curiosidade doentia fez-me saltar em terra e entrei na casa. Ainda estavam bem recentes os vestigios da lucta. A tranquilla morada do bom portuguez tinha um ar sinistro. Aberta, despida de todos os modestos trastes que a ornavam outr ora, denotava que fôra victima do saque unido ao instincto selvagem da destruição. Sobre o chão humido da sala principal, os restos de cinco ou seis cadaveres, quasi totalmente devorados pelos urubús enchiam a atmosphera de emanações deleterias. Era medonho de ver-se.

Só muito tempo depois conheci os pormenores desta horrivel tregedia, tão commum, aliás, naquelle tempos de desgraça.

A *sôra* Maria dos Prazeres e a Annica haviam sido levadas pelos bandidos, depois do saque de sua casa. A Annica tocara em partilha a Jacob Patacho, e ainda o anno passado, a velha Anna, lavadeira de Santarém, contava, estremecendo de horror, os crueis tormentos que soffrera em sua attribulada existencia.

Joaquim Nabuco

O PALADAR

. . . . . .

Era para tal sociedade que o famoso Cortais, inspirando-se nas glorias dos grandes cozinheiros, formava o cortejo dos seus pratos architectonicos, verdadeiras obras-primas com que depois pretendeu, segundo me disseram, arruinar a corôa de Italia. Ouvi tambem que elle, seguindo ainda nisso as tradições dos mestres da arte, mostrára uma vez o seu reconhecimento servindo em um dos banquetes do Quirinal uma composição sua inscripta no cartão real — *à la Penedo*. Naquelle dia o diplomata brasileiro ha de ter dito, como Châteaubriand, quando deram o seu nome a um beefsteak : « *Agora, sim, não posso mais morrer.* »

Uma dessas representações de Monsieur Cortais deante de testas coroadas com toda a enscenação que reclamava, inclusive o grupo de *bellezas professionaes* da alta sociedade ingleza, não podia deixar de apagar de todo no espirito de um jóven addido de Legação brasileiro o prestigio, si o conservavam, das decapitações reaes da Convenção ou de Whitehall.

Não me tomem por um sybarita, porque me inclinei deante de um grande *chefe* como deante de um artista. « *Il en faudrait au moins un à l'Institut* », dizia Talleyrand. Entre o festim de Trimalcião e um *menu* composto por um estylista francez, ha, como entre a dansa das alméas e o minuete, a longa distancia de civilisação que separa a sensualidade da elegancia.

De todos os sentidos é realmente o paladar o menos intellectualisavel, o que admitte menor gráu de ascetismo. Mesmo a taça de bouillon servida a Madame de Maintenon em Saint-Cyr ou a taça de chá preto que conforta a rainha Victoria no terraço de Osborne é sempre um gozo material; não póde soffrer a transformação por que passa até tornar-se uma pura saudade o aroma das rosas e das violetas. O idealismo de que é susceptivel a cozinha artistica revela-se em não ser principalmente ao sabor que ella visa : a sua ambição seria deixar ao paladar uma sensação vaga, leve, immaterial, quasi apenas de um perfume, como a do bouqué no vinho, á vista, porém, a impressão duravel de um quadro, de uma natureza morta pintada por um mestre. Que ingrato colorido, porém, o dos seus molhos, dos seus cremes nevados, das suas gelatinas e *primeurs!*

Ha, entretanto, poesia real, verdadeira, no alimento são, natural, patrio; ha sentimento, tradição, culto de familia, religião, no prato domestico, na fructa ou no vinho do paiz. A nós, do norte do Brasil, creados em engenhos de canna, o aroma que rescende das grandes caldeiras de mel nos embriaga toda a vida com a atmosphera da infancia. E assim como ha poesia na cozinha de cada paiz, ha um *quid* de arte na cozinha ornamental, cozinha de refinamento, que se procura elevar pelo desenho e pela fórma até o motivo do banquete, — a fazer historia, fazer politica...

A ALMA EUROPÉA DO AMERICANO

. . . . . .

O que em materia de viagem, de paizagens me tentaria hoje, — quem sabe si não é uma pura restituição de um atavismo longinquo? o meu avô materno, que se transplantou em 1530 para Pernambuco e fundou o Morgado do Cabo, João Paes Baretto, era de Vianna, — seria, talvez, o Lima, si eu tivesse certeza de ter deante delle a mesma impressão dos soldados romanos que chamaram às suas margens Campos-Elyseos e lhe deram o bello nome de Lethes. A verdade é que sinto cada dia mais forte o arrocho do berço: cada vez sou mais servo da gleba brasileira, por essa lei singular do coração que prende o homem á patria com tanto mais força quanto mais infeliz ella é e quanto maiores são os riscos e incertezas que elle mesmo corre.

N'esse tempo, porém, na minha éra antes de Christo, em pleno polytheismo dá mocidade, o mundo inteiro me attrahia por egual; cada nova fascinação da arte, da natureza, da litteratura e, tambem, da politica, era a mais forte; eu quizera conhecer as celebridades de todos os partidos. Depois do Papa, a mais nobre figura da Europa era para mim o conde de Chambord, que acabava de rejeitar a corôa de França para não repudiar a bandeira branca; um Henrique V, bem pouco parecido com Henrique IV, e, no emtanto, eu contava como uma boa fortuna a noite que passei no salão de Monsieur Thiers (1).

(1) A respeito dessa visita, eis a nota que encontro no meu jornal de 1874: « 10 de Janeiro. A' noite fui com o Itajubá (o nosso arbitro em Genebra) á casa de Monsieur Thiers, hotel Ba-

A viagem á Europa em taes condições não podia deixar de ser para mim, como foi, o eterno impulso dado ao pendulo imaginativo. Pelo sentimento, pela attitude, pelo emprego da vida, acredito ter sido, em meu plano inferior, uma das mais consistentes figuras de nossa politica; acredito mesmo que passarei nella como um homem de uma só idéa, *persona unius dramatis*, porquanto a minha fidelidade monarchica póde ser considerada, como a de André Rebouças, ainda um ultimo compromisso, uma gratidão, um episodio da libertação dos escravos. Quanto ás affinidades espontaneas, porém, ás sympathias naturaes, ao movimento interior do espirito, difficilmente se encontrará um pendulo que descreva um raio de oscillação mais largo do que a minha curiosidade. Que é um homem politico assim dilettante, viajante, a quem tudo attráe egualmente, que admira as grandes construcções sociaes, qualquer que seja o systema da architectura, convencido de que em todos ha o mesmo espirito, porque o espirito *creador* é um só?

Nós, brasileiros, o mesmo póde-se dizer dos outros povos americanos, pertencemos á America pelo sedimento novo, fluctuante, do nosso espirito, e á Europa, por suas camadas estratificadas. Desde que temos a menor cultura, começa o predominio destas sobre aquelle. A nossa imaginação não póde deixar de ser européa, isto é, de ser *humana;* ella não pára na Primeira Missa no Brasil, para continuar d'ahi recompondo as tradições

gration, faubourg Saint-Honoré. Apresentado a Monsieur Thiers, a Madame Thiers, a Mademoiselle Dosne. Apresentado a Jules Simon. Itinerario que este me deu : vêr Pierrefonds, Coucy, Reims, Tarascon, Arles e a Grande Chartreuse. Conversei com Monsieur Thiers sobre o Brasil. *Opinião delle sobre a desegualdade da raça negra, de que provem o direito não de escravisal a, mas de forçal-a ao trabalho, como a Hollanda faz com os Javanezes.* »

dos selvagens que guarneciam as nossas praias no momento da descoberta; segue pelas civilisações todas da humanidade, como a dos europeus, com quem temos o mesmo fundo commum de lingua, religião, arte, direito e poesia, os mesmos seculos de civilisação accumulada, e, portanto, desde que haja um raio de cultura, a mesma imaginação historica.

Estamos assim condemnados á mais terrivel das instabilidades, e é isto o que explica o facto de tantos sul-americanos preferirem viver na Europa... Não são os prazeres do rastaquerismo, como se chrismou em Pariz a vida elegante dos millionarios da Sul-America; a explicação é mais delicada e mais profunda : é a attracção de affinidades esquecidas, mas não apagadas, que estão em todos nós, da nossa commum origem européa. A instabilidade a que me refiro, provem de que na America falta á paizagem, á vida, ao horizonte, á architectura, a tudo o que nos cerca, o fundo historico, a perspectiva humana; e que na Europa nos falta a patria, isto é, a fôrma em que cada um de nós foi vasado ao nascer. De um lado do mar sente-se a ausencia do mundo; do outro, a ausencia do paiz. O sentimento em nós é brasileiro, a imaginação européa. As paizagens todas do Novo-Mundo, a floresta amazonica ou os pampas argentinos, não valem para mim um trecho da Via Appia, uma volta da estrada de Salerno, a Amalfi, um pedaço do Caes do Sena á sombra do velho Louvre. No meio do luxo dos theatros, da moda, da politica, somos sempre *squatters*, como si estivessemos ainda derribando a matta virgem.

Eu sei bem, para não sahir do Rio de Janeiro, que não ha nada mais encantador *á vista* do que, ao acaso (a escolha seria impossivel) os parques de S. Clemente, o caminho que margeia o aqueducto de Paineiras na direc-

ção da Tijuca, a ponta de S. João, com o Pão de Assucar, vista do Flamengo ao cahir do sol. Mas tudo isto é ainda, por assim dizer, um trecho de planeta de que a humanidade não tomou posse; é como um Paraiso Terrestre antes das primeiras lagrimas do homem, uma especie de jardim infantil. Não quero dizer que haja duas humanidades, a alta e a baixa, e que nós sejamos desta ultima; talvez a humanidade se renove um dia pelos seus galhos americanos; mas, no seculo em que vivemos, o *espirito humano*, que é um só e terrivelmente centralista, está do outro lado do Atlantico; o Novo-Mundo para tudo o que é imaginação esthetica ou historica é uma verdadeira solidão, em que aquelle espirito se sente tão longe das suas reminiscencias, das suas associações de idéas, como si o passado todo da raça humana se lhe tivesse apagado da lembrança e elle devesse balbuciar de novo, soletrar outra vez, como creança, tudo o que apprendeu sob o céo da Attica...

Em um soberbo livro hespanhol, que faz honra á Sociedade de Jesus, *Pequeñeces*, romance de um padre jesuita, que é um grande auctor, L. Coloma, ha um personagem que diz a cada instante — *Usted me entiende.* Todos nós temos algum conhecido que pontua as suas phrases com esse fatigante *entende?* que os nervos do marquez de Paraná não podiam supportar. O *entende?* do individuo que quer forçar o ouvinte a nada perder do que elle diz, é muito diverso da formula habitual com que o imbecil marquez de Villamelon exprimia o que lhe faltava força para pensar. Ha tambem pontos, idéas, modos de sentir que o escriptor desejaria expressar por um outro *Usted me entiende*, levantando apenas a ponta do véo ao seu pensamento, alludindo a elle vagamente, sem nada precisar, de facto, sem nada dizer. Cada um de nós é só o raio esthetico que ha no interior do seu

pensamento, e, emquanto não se conhece a natureza desse raio, não se tem idéa do que o homem realmente é. Nesta confissão da minha formação politica, devo, para não deixar vêr sómente a mascara, o personagem, dar uma especie de photographia dos symbolos que se imprimiram e reproduziram mais profundamente no meu cerebro. Assim se reconhecerá que a politica não foi sinão uma refracção daquelle filete luminoso que todos temos no espirito.

A instabilidade a que me estou referindo, está grandemente modificada; a dualidade desappareceu em parte, não tão perfeitamente como em meu amigo Taunay... Este, apezar do seu sangue de Cruzado, apezar de ter escripto o seu livro classico em francez, e apezar da sua brilhante propaganda contra o nativismo, é o mais genuino *nativista* que eu conheço, porque não comprehende siquer a vida em outra terra, em outra natureza. Brasileiro de uma só peça é aquelle que não póde viver sinão no Brasil. Na mocidade fui um erratico, como o proprio Imperador acabou na velhice... Quando, porém, entre a patria, que é o sentimento, e o mundo, que é o pensamento, vi que a imaginação podia quebrar a estreita fôrma em que estavam a cozer ao sol tropical os meus pequenos debuxos d'almas, *Ustedes me entienden*, deixei ir a Europa, a historia, a arte, guardando do que é universal só a religião e as lettras.

MASSANGANA (1)

O traço todo da vida é para muitos um desenho da creança esquecido pelo homem, e ao qual este terá

(1) A razão que me fez não começar pelos annos da infancia foi que estas paginas tiveram, ao serem primeiro publicadas, feição

sempre que se cingir sem o saber... Pela minha parte acredito não ter nunca transposto o limite das minhas quatro ou cinco primeiras impressões... Os primeiros oito annos da vida foram assim, em certo sentido, os de minha formação instinctiva, ou moral, definitiva... Passei esse periodo inicial, tão remoto e tão presente, em um engenho de Pernambuco, minha provincia natal. A terra era uma das mais vastas e pittorescas da zona do Cabo... Nunca se me retira da vista esse panno de fundo da minha primeira existencia... A população do pequeno dominio, inteiramente fechado a qualquer ingerencia de fóra, como todos os outros feudos da escravidão, compunha-se de escravos, distribuidos pelos compartimentos da senzala, o grande pombal negro ao lado da casa de morada, e de rendeiros, ligados ao proprietario pelo beneficio da casa de barro que os agasalhava ou da pequena cultura que elle lhes consentia em suas terras. No centro do pequeno cantão dos escravos levantava-se a residencia do senhor, olhando para os edificios da moagem, e tendo por traz, em uma ondulação do terreno, a capella sob a invocação de S. Matheus. Pelo declive do pasto arvores isoladas abrigavam sob sua umbella impenetravel grupos de gado somnolento. Na planicie extendiam-se os cannaviaes cortados pela alameda tortuosa de antigos ingás carregados de musgos e cipós, que sombreavam de lado a lado o pequeno rio

politica que foram gradualmente perdendo, porque já ao escrevel as diminuia para mim o interesse, a seducção politica. A primeira idéa fôra contar minha formação monarchica; depois, alargando o assumpto, minha formação politico-litteraria ou litterario-politica; por ultimo, desenvolvendo-o sempre, minha formação humana de modo que o livro conformasse com outro, que eu havia escripto sobre minha reversão religiosa. E' d'este livro, de caracter mais intimo, composto em francez ha sete annos, que traduzo este capitulo para explicar a referencia feita ás minhas primeiras relações com os escravos.

Ipojuca. Era por essa agua quasi dormente sobre os seus largos bancos de areia que se embarcava o assucar para o Recife ; ella alimentava perto da casa um grande viveiro, rondado pelos jacarés, a que os negros davam caça, e nomeado pelas suas pescarias. Mais longe começavam os mangues que chegavam até á costa de Nazareth... Durante o dia, pelos grandes calores, dormia-se a sesta, respirando o aroma, espalhado por toda a parte, das grandes taixas em que cozia o mel. O declinar do sol era deslumbrante, pedaços inteiros da planicie transformavam-se em uma poeira d'ouro; a boca da noite, hora das boninas e dos bacuraus, era agradavel e balsamica, depois o silencio dos céos estrellados majestoso e profundo. De todas essas impressões nenhuma morrerá em mim. Os filhos de pescadores sentirão sempre debaixo dos pés o roçar das areias da praia e ouvirão o ruido da vaga. Eu por vezes acredito pisar a espessa camada de cannas que cercava o engenho e escuto o rangido longinquo dos grandes carros de bois...

Emerson quizera que a educação da creança começasse cem annos antes d'ella nascer. A minha educação religiosa obedeceu certamente a essa regra. Eu sinto a idéa de Deus no mais afastado de mim mesmo, como o signal amante e querido de diversas gerações. N'essa parte a serie não foi interrompida. Ha espiritos que gostam de quebrar todas as suas cadeias, e de preferencia as que outros tivessem creado para elles ; eu, porém, seria incapaz de quebrar inteiramente a menor das correntes que alguma vez me prendeu, o que faz que supporto captiveiros contrarios, e menos do que as outras uma que me tivesse sido deixado como herança. Foi na pequena capella de Massangana que fiquei unido á minha.

As impressões que conservo d'essa edade móstram bem em que profundezas os nossos primeiros alicerces

são lançados. Ruskin escreveu esta variante do pensamento de Christo sobre a infancia : « A creança sustenta muitas vezes entre os seus fracos dedos uma verdade que a edade madura com toda sua fortaleza não poderia suspender e que só a velhice terá novamente o privilegio de carregar. » Eu tive em minhas mãos como brinquedos de menino toda a symbolica do sonho religioso. A cada instante encontro entre minhas reminiscencias miniaturas que por sua frescura de provas *avant la lettre* devem datar d'essas primeiras tiragens da alma. Pela perfeição d'essas imagens inapagaveis póde-se estimar a impressão causada. Assim eu vi a Creação de Miguel-Angelo na Sixtina e a de Raphael nas Loggie, e, apezar de toda a minha reflexão, não posso dar a nenhuma o relevo interior do primeiro paraiso que fizeram passar deante dos meus olhos em um vestigio de antigo Mysterio popular. Ouvi notas perdidas do Angelus na Campanha Romana, mas o muezzin intimo, o timbre que sôa aos meus ouvidos á hora da oração, é o do pequeno sino que os escravos escutavam com a cabeça baixa, murmurando o *Louvado seja Nosso Senhor Jesus-Cristo*. Este é o Millet inalteravel que se gravou em mim. Muitas vezes tenho atravessado o oceano, mas si quero lembrar-me d'elle, tenho sempre deante dos olhos, parada instantaneamente, a primeira vaga que se levantou deante de mim, verde e transparente como um biombo de esmeralda, um dia em que, atravessando por um extenso coqueiral atraz das palhoças dos jangadeiros, me achei á beira da praia e tive a revelação subita, fulminante, da terra liquida e movente... Foi essa onda, fixada na placa mais sensivel do meu *kodak* infantil, que ficou sendo para mim o eterno *cliché* do mar. Sómente por baixo d'ella poderia eu escrever : *Thalassa! Thalassa!*

Meus moldes de idéas e de sentimentos datam quasi

todos d'essa epocha. As grandes impressões de madureza não têm o condão de me fazer reviver que tem o pequeno caderno de cinco a seis folhas apenas em que as primeiras hastes da alma apparecem tão frescas como si tivessem sido calcadas n'esta mesma manhã... O encanto que se encontra n'esses *eidoli* grosseiros e ingenuos da infancia não é sinão o sentimento de que só elles conservam a nossa primeira sensibilidade apagada... Elles são, por assim dizer, as cordas soltas, mas ainda vibrantes, de um instrumento que não existe mais em nós...

Do mesmo modo que com a religião e a natureza, assim com os grandes factos moraes em redor de mim. Estive envolvido na campanha da abolição e durante dez annos procurei extrahir de tudo, da historia, da sciencia, da religião, da vida, um filtro que seduzisse a dynastia; vi os escravos em todas as condições imaginaveis; mil vezes li a *Cabana do Pae Thomaz*, no original da dôr vivida e sangrando; no emtanto a escravidão para mim cabe toda em um quadro inesquecido da infancia, em uma primeira impressão, que decidiu, estou certo, do emprego ulterior da minha vida. Eu estava uma tarde sentado no patamar da escada exterior da casa, quando vejo precipitar-se para mim um joven negro desconhecido, de cerca de dezoito annos, o qual se abraça aos meus pés supplicando-me pelo amor de Deus que o fizesse comprar por minha madrinha para me servir. Elle vinha das vizinhanças, procurando mudar de senhor, porque o d'elle, dizia-me, o castigava, e elle tinha fugido com risco de vida... Foi este o traço inesperado que me descobriu a natureza da instituição com a qual eu vivêra até então familiarmente, sem suspeitar a dôr que ella occultava.

Nada mostra melhor do que a propria escravidão o

poder das primeiras vibrações do sentimento... Elle é tal, que a vontade e a reflexão não poderiam mais tarde subtrahir-se á sua acção e não encontram verdadeiro prazer sinão em se conformar... Assim eu combati a escravidão com todas as minhas forças, repelli-a com toda a minha consciencia, como a deformação utilitaria da creatura, e na hora em que a vi acabar, pensei poder pedir tambem minha alforria, dizer o meu *nunc dimittis*, por ter ouvido a mais bella nova que em meus dias Deus pudesse mandar ao mundo; e, no emtanto, hoje que ella está extincta, experimento uma singular nostalgia, que muito espantaria um Garrison ou um John Brown : a saudade do escravo.

E' que tanto a parte do senhor era inconscientemente egoista, tanto a do escravo era inscientemente generosa. A escravidão permanecerá por muito tempo como a cateristica nacional do Brasil. Ella espalhou por nossas vastas solidões uma grande suavidade; seu contacto foi a primeira fórma que recebeu a natureza virgem do paiz, e foi a que elle guardou; ella povoou-o, como si fosse uma religião natural e viva, com os seus mythos, suas legendas, seus encantamentos; insufflou-lhe sua alma infantil, suas tristezas sem pezar, suas lagrimas sem amargor, seu silencio sem concentração, suas alegrias sem causa, sua felicidade sem dia seguinte... E' ella o suspiro indefinivel que exhalam ao luar as nossas noites do Norte. Quanto a mim, absorvi-a no leite preto que me amamentou; ella envolveu-me como uma caricia muda toda a minha infancia; aspirei-a na dedicação de velhos servidores que me reputavam o herdeiro presumptivo do pequeno dominio de que faziam parte... Entre mim e elles deve ter-se dado uma troca continua de sympathia, de que resultou a terna e reconhecida admiração que vim mais tarde a sentir pelo seu papel. Este pareceu-me,

por contraste com o instincto mercenario da nossa epocha, sobrenatural á força de naturalidade humana, e no dia em que a escravidão foi abolida, senti distinctamente que um dos mais absolutos desinteresses de que o coração humano se tenha mostrado capaz não encontraria mais as condições que o tornaram possivel.

Nessa escravidão da infancia não posso pensar sem um pezar involuntario... Tal qual o presenti em torno de mim, ella conserva-se em minha recordação como um jugo suave, orgulho exterior do senhor, mas tambem orgulho intimo do escravo, alguma coisa parecida com a dedicação do animal que nunca se altera, porque o fermento da desegualdade não póde penetrar n'ella. Tambem eu receio que essa especie particular de escravidão tenha existido sómente em propriedades muito antigas, administradas durante gerações seguidas com o mesmo espirito de humanidade, e donde uma longa hereditariedade de relações fixas entre o senhor e os escravos tivessem feito de um e outros uma especie de tribu patriarchal isolada do mundo. Tal approximação entre situações tão deseguaes perante a lei seria impossivel nas novas e ricas fazendas do Sul, onde o escravo, desconhecido do proprietario, era sómente um instrumento de colheita. Os engenhos do Norte eram pela maior parte explorações industriaes, existiam apenas para a conservação do estado do senhor, cuja importancia e posição avaliava-se pelo numero de seus escravos. Assim tambem encontrava-se alli com uma aristocracia de maneiras que o tempo apagou, um pudor, um resguardo em questões de lucro, proprio das classes que não traficam.

Fiz ha pouco menção de minha madrinha... Das recordações da infancia a que eclipsa todas as outras e a mais cara de todas é o amor que tive por aquella que me criou

até aos meus oito annos como seu filho... Sua imagem, ou sua sombra, desenhou-se por tal modo em minha memoria, que eu a poderia fixar si tivesse o menor talento de pintor... Ella era de grande corpulencia, invalida, caminhando com difficuldade, constantemente assentada, — em um largo banco de coiro que transportavam de peça em peça da casa, — ao lado da janella que deitava para a praça do engenho, e onde ficava a estribaria, o curral, e a pequena casa edificada para o meu mestre e que me servia de escola... Ella não largava nunca suas roupas de viuva. Meu padrinho, Joaquim Aurelio de Carvalho, fôra conhecido na provincia pelo seu luxo e liberalidade, de que ainda hoje se contam diversos rasgos. Estou vendo, através de tantos annos, a mobilia da entrada, onde ella costumava passar o dia. Nas paredes algumas gravuras coloridas representando o episodio de Ignez de Castro, entre as gaiolas dos curiós afamados, pelos quaes seu marido costumava dar o preço que lhe pedissem... ao lado em um armario envidraçado as pequenas edições portuguezas dos livros de devoção e das novellas do tempo. Minha madrinha occupava sempre a cabeceira de uma grande mesa de trabalho, onde jogava cartas, dava a tarefa para a costura e para as rendas a um numeroso pessoal, provava o ponto dos doces, examinava as tisanas para a enfermaria defronte, distribuia as peças de prata a seus afilhados e protegidos, recebia os amigos que vinham todas as semanas attrahidos pelos regalos de sua mesa e de sua hospitalidade, sempre rodeiada, adorada por toda sua gente, fingindo um ar severo que não enganava a ninguem quando era preciso reprehender alguma mucama que deixava a miudo os bilros e a almofada para chalrear no gyneceu, ou algum morador perdulario que recorria demasiado á sua bolsa. Parece que seu maior prazer era trocar uma

parte das suas sobras em moedas de ouro que ella guardava sem que ninguem o soubesse sinão o seu liberto confidente para me entregar quando eu tivesse edade. Era a isso que ella chamava o seu *invisivel*. Por occasião da morte do servo de sua maior confiança, ella escrevia á minha mãe pela mão de outros : « Dou parte a V. Ex. e ao meu compadre que morreu o meu Elias, fazendo-me uma falta excessiva aos meus negocios. De tudo tomou conta, e sempre com aquella bondade e humildade sem parelha, e ficou a minha casa com elle no mesmo pé em que era no tempo do meu marido. Nem só fez falta a mim como a nosso filhinho que tinha um cuidado n'elle nunca visto. Apezar d'eu ter parentes, a elle era a quem eu o entregava, porque si eu morresse para tomar conta do que eu lhe deixava, para entregar a VV. EEx... Mas que hei de fazer, si Deus quiz? » Em outra carta, mais tarde, á ultima que possúo, ella volta á morte de Elias : — « ... o meu Elias, o qual fez-me uma falta sensivel, tanto á mim como ao meu filhinho, porque tinha um cuidado n'elle maior possivel, como pelas festas que elle gosta de passear ia sempre entregue a elle... Deus me dê vida e saúde até o vêr mais crescido para lhe dar alguma coisa invisivel, como dizia o defunto seu compadre, pois só fiava isso do Elias, apezar de ter ficado o Victor, mano d'elle, que faço tambem toda a fiança n'elle... » Ah! querida e abençoada memoria, o thesouro accumulado parcella por parcella não veiu a minhas mãos, nem teria podido vir por uma transmissão destituida das fórmas legaes, como talvez tenhas pensado... mas imaginar-te, durante annos, n'essa tarefa agradavel aos teus velhos dias de ajuntar para teu afilhado que chamavas teu filho um peculio que lhe entregarias quando homem, ou outrem por ti a meu pae, si morresses deixando-me menor; acompanhar-te em tuas

conversas com o teu servo fiel, n'essa preoccupação de amor de teus derradeiros annos, será sempre uma sensação tão inexprimivelmente doce que só ella bastaria para destruir para mim qualquer amargor da vida...

A noite da morte de minha madrinha é a cortina preta que separa do resto de minha vida a scena de minha infancia. Eu não imaginava nada, dormia no meu quarto com a minha velha ama, quando ladainhas entrecortadas de soluços me accordaram e me communicaram o terror de toda a casa. No corredor, moradores, libertos, os escravos, ajoelhados, rezavam, choravam, lastimavam-se em gritos; era a consternação mais sincera que se pudesse vêr, uma scena de naufragio; todo esse pequeno mundo, tal qual se havia formado durante duas ou tres gerações em torno d'aquelle centro, não existia mais depois d'ella : seu ultimo suspiro o tinha feito quebrar-se em pedaços. A mudança de senhor era o que havia mais terrivel na escravidão, sobretudo si se devia passar do poder nominal de uma velha santa, que não era mais sinão a enfermeira dos seus escravos, para as mãos de uma familia até então estranha. E como para os escravos, para os rendeiros, os empregados, os pobres, toda a *gens* que elle sustentava, a que fazia a distribuição diaria de rações, de soccorros, de remedios... Eu tambem tinha que partir de Massangana, deixado por minha madrinha a outro herdeiro, seu sobrinho e visinho; a mim ella deixava um outro dos seus engenhos, que estava de fogo morto, isto é, sem escravos para o trabalhar... Ainda hoje vejo chegar, quasi no dia seguinte á morte, os carros de bois do novo proprietario... Era a minha deposição... Eu tinha oito annos. Meu pae pouco tempo depois me mandava buscar por um velho amigo, vindo do Rio de Janeiro. Distribui entre a gente da casa tudo que possuia, meu cavallo, os animaes que me

tinham sido dados, os objectos do meu uso. « O menino está mais satisfeito, escrevia a meu pae o amigo que devia levar-me, depois que eu lhe disse que a sua ama o accompanharia. » O que mais me pesava era ter que me separar dos que tinham protegido minha infancia, dos que me serviram com a dedicação que tinham por minha madrinha, e sobretudo entre elles os escravos que litteralmente sonhavam pertencer-me depois d'ella. Eu bem senti o contragolpe da sua esperança desenganada, no dia em que elles choravam, vendo-me partir, espoliado, talvez o pensassem, da sua propriedade... Pela primeira vez sentiram elles, quem sabe, todo o amargor da sua condição e beberam-lhe a lia.

Mez e meio depois da morte de minha madrinha, eu deixava assim o meu paraiso perdido, mas pertencendo-lhe para sempre... Foi alli que eu cavei com as minhas pequenas mãos ignorantes esse poço da infancia, insondavel na sua pequenez, que refresca o deserto da vida e faz d'elle para sempre em certas horas um oasis seductor. As partes adquiridas do meu ser, o que devi a este ou áquelle, hão de dispersar-se em direcções differentes; o que, porém, recebi directamente de Deus, o verdadeiro eu sahido das suas mãos, este ficára preso ao canto de terra onde repousa aquella que me iniciou na vida. Foi graças a ella que o mundo me recebeu com um sorriso de tal doçura que todas as lagrimas imaginaveis não m'o fariam esquecer. Massangana ficou sendo a séde do meu oraculo intimo : para impellir-me, para deter-me e, sendo preciso, para resgatar-me, a voz, o fremito sagrado, viria sempre de lá. *Mors omnia solvit*... tudo, excepto o amor, que ella liga definitivamente.

Tornei a visitar doze annos depois a capellinha de S. Matheus onde minha madrinha, Dona Anna Rosa Falcão de Carvalho, jaz na parede ao lado do altar, e pela

pequena sacristia abandonada penetrei no cercado onde eram enterrados os escravos... Cruzes, que talvez não existam mais sobres montes de pedras escondidas pelas ortigas, era tudo quasi que restava da opulenta *fabrica*, como se chamava o quadro da escravatura... Em baixo, na planicie, brilhavam como outr'ora as manchas verdes dos grandes cannaviaes, mas a usina agora fumegava e assobiava com um vapor agudo, annunciando uma vida nova. A almanjarra despparecera no passado. O trabalho livre tinha tomado o logar em grande parte do trabalho escravo. O engenho apresentava do lado do « porto » o aspecto de uma colonia; da casa velha não ficára vestigio... O sacrificio dos pobres negros que haviam incorporado as suas vidas ao futuro d'aquella propriedade, não existia mais talvez sinão na minha lembrança... Debaixo dos meus pés estava tudo o que restava d'elles, defronte dos *columbaria* onde dormiam na estreita capella aquelles que elles haviam amado e livremente servido. Sosinho alli, invoquei todas as minhas reminiscencias, chamei-os a muitos pelos nomes, aspirei no ar carregado de aromas agrestes, que entretem a vegetação sobre suas covas, o sopro que lhes dilatava o coração e lhes inspirava a sua alegria perpetua. Foi assim que o problema moral da escravidão se desenhou pela primeira vez aos meus olhos em sua nitidez perfeita e com sua solução obrigatoria. Não só esses escravos não se tinham queixado de sua senhora, como a tinham até o fim abençoado... A gratidão estava do lado de quem dava. Elles morreram acreditando-se os devedores... seu carinho não teria deixado germinar a mais leve suspeita de que o senhor pudesse ter uma obrigação para com elles, que lhe pertenciam... Deus conservára alli o coração do escravo como o do animal fiel, longe do contacto com tudo que o pudesse revoltar con-

tra a sua dedicação. Esse perdão espontaneo da divida do senhor pelos escravos figurou-se me a amnistia para os paizes que cresceram pela escravidão, o meio de escaparem a um dos peiores taliões da historia... Oh! os Santos pretos! seriam elles os intercessores pela nossa infeliz terra, que regaram com seu sangue, mas abençoaram com seu amor! Eram essas as idéas que me vinham entre aquelles tumulos, para mim, todos elles, sagrados, e então alli mesmo, aos vinte annos, formei a resolução de votar a minha vida, si assim me fosse dado, ao serviço da raça generosa entre todas que a desegualdade da sua condição enternecia em vez de azedar e que por sua doçura no soffrimento emprestava até mesmo á oppressão de que era victima um reflexo de bondade...

FRAGMENTO

. . . . . .

...Em certo sentido, póde-se dizer que nada tem raizes entre nós, no sentido que tudo póde ser derribado sem resistencia. Já uma vez no *Jornal do Brazil*, citei estes mesmos exemplos. Ninguem negará que o Brazil seja uma nação catholica. Está ahi aos olhos de todos pelo vasto interior a massa incalculavel de fé ainda primitiva e intacta, posto que adormecida e apparentemente extincta, e no emtanto não puderam alguns raros Positivistas apagar da fronte do Brazil o signal do baptismo, a legenda de Terra da Santa Cruz; banir dos quarteis, dos hospitaes, dos navios de guerra, dos tribunaes, das escolas, tudo que pudesse fallar de Deus e imprimir-lhe na bandeira o distico sacerdotal da religião do Atheismo? Assim como a religião, na extrema opposta, o dinheiro. Não se vio a massa das fortunas do paiz reduzidas á

metade, á terça parte do seu valor por emissões não autorisadas, doações francamente gratuitas, verdadeira distribuição forçada da fortuna dos que tinham com os que não tinham, sem que o capitalista, grande ou pequeno, o credor cujos creditos eram despreciados em favor do devedor, o consumidor cuja vida encarecia em proveito dos productores, pensassem em articular um protesto? Posso accrescentar um terceiro exemplo. A propria escravidão que raizes tinha? Não a vimos cahir quasi sem defesa e, no emtanto, não dispunha ella da totalidade do capital, não era senhora da producção toda do paiz? Não são as instituições que não têm raizes; é o sólo que não tem consistencia e cujas areias o menor vento revolve.

Em taes condições imaginar que só a Republica tem raizes, ou que ella as lançou em uma camada mais profunda do que a monarchia, do que a religião, do que a familia, do que a propriedade, parece a inversão de toda a sciencia social. É preciso não esquecer o modo como ella se fundou. O general Deodero não foi senão um segundo Caramurú. Assim como Diogo Alvarez se fez quasi adorar pelos indigenas disparando uma espingarda, elle fez acclamar a Republica no Campo de Sant' Anna dando uma salva de vinte e um tiros. O povo de 15 de Novembro, que não conhecia a linguagem politica da artilheria, é o mesmo gentio do Descobrimento que não conhecia a detonação da polvora.

Vejamos, porém, a sociedade. Do que soffremos nós principalmente? Não é observação sua que soffremos de um illimitado individualismo, que se torna em verdadeira irresponsabilidade, porque é acompanhado da falta de toda e qualquer reacção social? Não é exacto que o individuo não se sente solicitado, constrangido, dominado pela sociedade em nenhuma das suas vontades;

que é tão absoluto senhor das suas acções, da sua vida, como se vivesse no deserto? Não é certo que cada um póde fazer o que quer, viver como entende, sem se preoccupar da opinião que o rodeia? E não quererá isso dizer que não existe fiscalisação, pressão, governo da sociedade sobre o individuo?

Além desse traço, ha outro igualmente importante. Nós somos a unica sociedade existente no mundo a que se possa dar o nome de *neocracia*, em todos os sentidos: não só no de sermos governados de preferencia pelas novas idéas, mas especialmente no de sermos governados pelas novas gerações, em opposição ao governo dos mais antigos que se encontra no começo de todas as civilisações quasi. Já antes dos quarenta annos, o Brazileiro começa a inclinar a sua opinião diante das dos jovens de quinze a vinte e cinco. A abdicação dos pais nos filhos, da idade madura na adolescencia, é um phenomeno exclusivamente nosso. Imagine-se a França entregue inteiramente como grande potencia européa á direcção do Quartier Latin. Em menor escala, esse é o nosso caso. O resultado é uma prematuridade abortiva em todo o campo da intelligencia, pelo que o talento nacional, que é incontestavel, prompto, brilhante e imaginoso, está condemnado a produzir obras sem fundo, e, portanto, tambem sem fórma, porque o bello na litteratura, como nas artes, não é outra cousa senão a força. Será difficil a um estudante nosso de merito servir-se a primeira vez do microscopio sem logo descobrir um novo organismo que os sabios estejam procurando em vão, ha annos, nos diversos laboratorios da Europa. A pressa é uma incapacidade para a sciencia, como para a arte. O Imperador teve uma correspondencia com Renan e outras autoridades em linguas semiticas sobre uma inscripção phenicia que se dizia ter sido descoberta na

Parahyba e que um curioso Brazileiro, homem de sciencia, que a traduzira, pretendia ser authentica. Qualquer joven official que mandemos aos estaleiros da Europa sente-se com a capacidade de resolver uma duvida entre dous grandes architectos navaes. Tudo isso revela de certo uma qualidade — a iniciativa, que, corrigida e completada pela reflexão, é a primeira das qualidades do espirito, mas que movida pela imaginação sómente é quasi infantil. Os proprios Positivistas, que se definem como os reorganisadores da coherencia espiritual em nosso paiz, são outro exemplo da irrepressibilidade nacional. Antes de deporem o Imperador do governo do Brazil, não depuzeram elles o Sr. Laffitte da successão de Augusto Comte? Isto quer dizer que em um dos menores circulos da humanidade, como é o Comtismo, entrou com os Brazileiros o espirito de indisciplina e logo se deu um schisma. Eu receio muito o dia em que tivermos um cardeal nosso. O representante no Sacro Collegio da nossa impulsiva mentalidade, se o Conclave não ceder ás suas vistas superiores, ameaçará vir para a imprensa contar as irregularidades da apuração das cedulas, perturbando a eleição que ha dous mil annos se faz tranquillamente do successor de S. Pedro. Se por acaso um nosso patricio recebesse um dia a tiara, então, sem blasphemia, nem o Espirito Santo conseguiria contêl-o na reforma geral da Igreja. Certamente com papas brazileiros a infallibilidade não teria levado tantos seculos para ser proclamada dogma.

. . . . . .

DISCURSO

(NA ACADEMIA BRASILEIRA)

Meus Senhores,

Uma vez que conversavamos sobre os nossos estatutos achei ousado darmos, como tranquillamente se propunha, o titulo de *perpetuo* ao nosso secretario; pensava eu então no constrangimento do nosso collega a quem tocasse lançar aquelle soberbo desafio ao nosso temperamento. Não imaginava estar falando em defesa propria. A primeira condição de perpetuidade é a verosimilhança, e o que tentamos hoje é altamente inverosimil. Para realizar o inverosimil o meio heroico é sempre a fé; a homens de letras que se prestam a formar uma Academia, não se póde pedir a fé; só se deve esperar delles a boa fé. A questão é se ella bastará para garantir a estabilidade de uma companhia exposta como esta a tantas causas de desanimo, de dispersão e de indifferentismo. Si a Academia florescer, os criticos deste fim de seculo terão razão em vêr nisso um milagre; terá sido com effeito um extraordinario enxerto, uma verdadeira maravilha de cruzamento literario.

A nossa formação não passará incolume; seremos accusados de nos termos escolhido a nós mesmos, de nos termos feito *Immortaes* e em numero de *quarenta*. Si não tivessemos quadro fixo, receiavamos não ser uma companhia. Tendo-o, si fossemos menos de quarenta, como não se diria : « A Academia Franceza, que é a Academia Franceza, e se reune em Paris, donde ninguem quer sair, precisa ter quarenta membros para trabalhar, e entre nós onde ninguem se reune, no Rio

de Janeiro, donde se vive em Paris, julgamos poder ter só vinte, ou trinta? » Si fossemos mais, estais ouvindo o tom de desdem : « A França, que é a França, só tem quarenta academicos, e nós que não temos quasi literatura, temos a pretenção de ter cincoenta. » O numero de quarenta era quasi forçado, porque não dizel-o? tinha a medida do prestigio, esse quê de symbolico das grandes tradições, o cunho do *primi capientis :* as proporções justas de qualquer creação humana são sempre as que foram consagradas pelo successo. Não tomamos á França todo o systema decimal? Podiamos bem tomar-lhe o metro academico. Nós somos quarenta, mas não aspiramos a ser os *Quarenta.*

Quanto á escolha propria, como podia ser evitada? Nenhum de nós lembrou o seu proprio nome; todos fomos chamados e chamamos a quem nos chamou... Houve uma boa razão para nos reunirmos ao convite do Sr. Lucio de Mendonça; é que, excepto essa, só havia outra forma de apresentação : a official. Não seria de certo mais inspirada, e não podia ser tão ampla, a nomeação por decreto, e uma eleição publica havia de resentir-se da côr local. De qualquer modo que se formasse a serie dos primitivos, a origem seria imperfeita; resultariam iguaes injustiças. Não temos de que nos affligir : todas as Academias nasceram assim. Que era a Academia Franceza quando a Richelieu occorreu insufflar-lhe o seu genio, associal-a á sua missão? Era uma reunião de sete ou oito homens de espirito em Paris. E as Academias, as Arcadias todas do seculo passado? Qualquer pretexto é bom para nascer... Não se deve inquirir das origens. Quando a vida apparece, é que o inconsciente tomou parte na concepção, e com a vida vem a responsabilidade, que ennobrece as origens mais duvidosas. Quem nos lançará em rosto o nosso nascimento, si fizer-

mos alguma coisa; si justificarmos a nossa existencia, creando para nós mesmos uma funcção necessaria e desempenhando-a? Acaso tem o actor que provar ao publico o seu direito de existir? Não basta a emoção que desprende de si e faz passar por todos nós? E o pintor, o esculptor, o poeta? Não basta a obra?

Na formacão do primeiro quadro era preciso attender á proporção de ausentes. A Europa exerceu sempre sobre a imaginação dos nossos homens de letras uma attracção perigosa. Houve, talvez, tempo em que Magalhães, Gonçalves Dias, Porto Alegre, Odorico Mendes, João Francisco Lisboa, Salles Torres Homem, Maciel Monteiro, Gomes de Souza, Varnhagen, Joaquim Caetano, Pereira da Silva podiam ter formado uma Academia Brazileira em Paris. Isso vinha de traz, e continua hoje com mais força. Bem poucos dos nossos homens de letras recusariam em qualquer tempo um desterro para longe do paiz. Ha felizmente muito entre nós, quem de coração, de sentimento, pela imaginação, pelo espirito, por todo o prazer de viver, prefira o quadro, o aspecto, a sensação do nosso torrão brazileiro a todos os panoramas d'arte da Europa. Para se ser assim tão sincero, tão definitivamente brazileiro, — em alguns isso vem de uma reacção natural contra o egoismo esthetico, — parece, a julgar pelo nosso confrade, o autor da *Retirada da Laguna*, que o melhor é ter tido no sangue a inoculação da propria arte européa. Como quer que seja, foi preciso contar com essa migração certa do talento nacional, com esse tributo que elle pagou sempre a Paris.

Havia tambem que attender á representação igual dos antigos e dos modernos... Uma censura não nos hão de fazer: a de sermos um gabinete de antigualhas. A Academia está dividida ao meio, entre os que vão e os que vêm chegando; os velhos, aliás sem velhice, e os novos;

os dois seculos estão bem accentuados, e si algum predomina é o que entra; o seculo XX tem mais representação entre nós do que o seculo XIX. Quanto a mim, já tomei o meu partido... Uma vez me pronunciei entre os dois e como o fiz no livro de uma joven senhora do nosso patriciado, pedir-lhe-ei licença para reproduzir, creio que nos mesmos termos, essa minha ultima profissão de fé. Nascido, dizia eu, em uma epoca de transição, prefiro em tudo, arte, politica, religião, ligar-me ao passado que ameaça ruina do que ao futuro que ainda não tem fórma. » E' apenas, como vêdes, uma preferencia; resta-me ainda muita sympathia pelas chimeras que disputam umas ás outras o toque da vida e muita curiosidade pelas invenções e revelações imminentes. Eu não sou o poeta do quadro de Gleyre, vendo a barca das illusões perdidas, dourada pelo crepusculo da tarde, e abismado no seu proprio isolamento; o coração, que é a parte fixa de nós mesmos, está em mim voltado para o ceu estrellado, para á cupola de verdades immortaes, de principios divinos, que succede ao trabalho, aos esforços, ás ardentes decepções do dia. Oh!... meus senhores, é quando a vida pára, que se tem a plenitude do viver. Ao contrario de tudo o mais, a vida, falo da vida intellectual, não é o movimento; é a parada do espirito, a absorpção, a dilatação infinita do pensamento em um só objecto, em um só gozo, em uma só comprehensão. *Quieta non movere.* Serei talvez um velho imaginario; é o meio de não ser um joven imaginario. Ha na vida uma coisa que não se deve fingir : — é a mocidade.

Devo confessar-vos que assim pensada, com uma ou outra lacuna, das quaes algumas se explicam pela recusa dos escolhidos, e com uma excepção apenas, a nossa lista de nomes parece representar o que as nossas letras possuem de mais distincto. Algumas das nossas individua-

lidades mais salientes nos estudos moraes e politicos, no jornalismo e na sciencia, deixaram de ser lembradas... A literatura quer que as sciencias, ainda as mais altas, lhe dêm a parte que lhe pertence em todo o dominio da fórma. Outros nomes, estes literarios, estão ausentes, alguns, porém, renunciaram ás letras. Devo dizer que comprehendo a omissão d'estes : a uma Academia importa mais elevar o culto das letras, o valor do esforço, do que realçar o talento e a obra do escriptor. De certo, deixamos ao talento a liberdade de se apagar. Alguem fez uma bella obra? Admiremos a obra e deixemos o autor viver como toda a gente; não o forcemos, querendo que se exceda a si mesmo, a refazer-se, uma e mais vezes, a viver da sua reputação, diminuindo-a sempre. Não o condemnemos á serie, deixemol-o desapparecer na fileira, depois de ter feito uma brilhante acção como o soldado. A altivez do talento póde consistir nisso mesmo, em não diminuir. E' a primeira liberdade do artista, deixar de produzir; não, porém, renunciar a produzir, repellir a inspiração, abdicar o talento, deixar a imaginação atrophiar-se. Isso é desinteressar-se das suas proprias creações anteriores, as quaes só podem viver por essa cultura literaria, que perdeu para elle toda a primazia.

Não ha em nosso gremio omissão irreparavel; a morte encarrega-se de abrir nossa porta com intervallosmais curtos do que o genio ou o talento toma para produzir qualquer obra de valor. Nós, os primeiros, seremos os unicos academicos que não tiveram merito em sel-o, quasi todos entramos por indicação singular, poucos foram eleitos pela Academia ainda incompleta, e nessas gscolhas cada um de nós como que teve em vista corririr a sua elevação isolada, completar a distincção que ecebera : só d'ora em diante, depois que a Academia

existir, depois de termos uma regra, tradições, emulação, e em torno de nós o interesse, a fiscalização da opinião, a consagração do successo, é que a escolha poderá parecer um plebiscito literario. Nós de facto constituimos apenas um primeiro eleitorado.

As Academias, como tantas outras coisas, precisam de antiguidade. Uma Academia nova é como uma religião sem mysterios; falta-lhe solemnidade. A nossa principal função não poderá ser preenchida sinão muito tempo depois de nós, na terceira ou quarta dynastia dos nossos successores. Não tendo antiguidade, tivemos que imital-a, e escolhemos os nossos antepassados. Escolhemol-os por motivo, cada um de nós, pessoal, sem querermos, eu acredito, significar que o patrono da sua cadeira fosse o maior vulto das nossas letras. Foi assim, pelo menos, que eu escolhi a Maciel Monteiro. Nesse mixto de medico poeta, de orador diplomata, de *dandy* que vem a morrer de amor, elegi o pernambucano. A lista das nossas escolhas ha de ser analysada como um curioso documento auto-biographico; está ahi o sentido da minha. Entretanto, como nenhum de nós se preoccupou de escolher a maior figura de nossas letras, póde ser que algumas dellas não figurem nesse quadro. Teremos meio de reparar essa falta com homenagens especiaes. Restam apenas cinco cadeiras : já não ha logar para entrarem juntos Alexandre de Gusmão, Antonio José, Santa Rita Durão, São Carlos, Monte Alverne, José da Silva Lisboa, Porto-Alegre, Salles Torres Homem, José Bonifacio, o avô e o neto, Antonio Carlos, J. J. da Rocha, Odorico Mendes, Ferreira de Menezes.

Basta esta curta historia de nossa formação para se ver que não podemos fazer o mal attribuido ás Academias pelos que não querem na literatura sombra da mais leve tutela, do mais frouxo vinculo, do mais insignificante

compromisso. E' um anachronismo receiar hoje para as Academias o papel que ellas tiveram em outros tempos, mas si aquelle papel fosse ainda possivel, nós teriamos sido organizados para não o podermos exercer. Si percorrerdes a nossa lista, vereis nella a reunião de todos os temperamentos literarios conhecidos. Em qualquer genero de cultura somos um Mexico intellectual; temos a *tierra caliente*, a *tierra templada* e a *tierra fria*... Já tivemos a Academia dos Felizes, não seremos a dos Incompativeis, mas na maior parte das coisas não nos entendemos. Eu confio que sentiremos todo o prazer de concordarmos em discordar; essa desintelligencia essencial é a condição de nossa utilidade, o que nos preservará da « uniformidade academica ». Mas o desaccôrdo tem tambem o seu limite, sem o que começariamos logo por uma dissidencia. A melhor garantia da liberdade e independencia intellectual é estarem unidos no mesmo espirito de tolerancia os que veem as cousas d'arte e poesia de pontos de vista oppostos. Para não podermos fazer nenhum mal basta isso; para fazermos algum bem é preciso que tenhamos algum objectivo commum. Não haverá nada commum entre nós? Ha uma coisa; é a nossa propria evolução; partimos de pontos oppostos para pontos oppostos, mas como astros que nascessem uns a leste e outros a oeste, temos que percorrer o mesmo circulo, sómente em sentido inverso. Ha assim de commum para nós o cyclo, o meio social que curva os mais rebeldes e funde os mais refractarios; ha os intersticios do papel, da caracteristica, do grupo e filiação literaria, de cada um; ha a boa fé invencivel do verdadeiro talento. A utilidade desta companhia será, a meu ver, tanto maior quanto for um resultado da approximação, ou melhor, do encontro em direcção opposta, desses ideaes *contrarios*, a tregua de prevenções reciprocas em nome

de uma admiração commum, e até, é preciso esperal-o, de um apreço mutuo.

Porque, senhores, qual é o principio vital literario que precisamos crear por meio desta Academia, como se compõe a materia organica em laboratorios de chimica? E' a responsabilidade do escriptor, a consciencia dos seus deveres para com sua intelligencia, o dever superior da perfeição, o desprezo da reputação pela obra. Acreditais que um tal principio limite em nada a espontaneidade do genio? Não, o que faz, é sómente impôr maiores obrigações ao talento. A responsabilidade não póde ameaçar nenhuma independencia, coarctar nenhuma ousadia; é della, pelo contrario, que saem todas as nobres audacias, todas as grandes rebeldias. Em França a Academia reina pelo prestigio de sua tradição; exerce sua influencia pela escolha, pela convivencia e pelo tom; mantém um estylo *academico*, como toda a arte franceza, convencional, acabado, perfeito, e que só poderia parecer estreito a um genio do Norte, como Shakespeare. Mas não é do destino da França produzir Shakespeares... Nós não temos por missão produzir esse estylo, o qual, como toda concepção intellectual, escapa á vontade e ao proposito; póde ser guardado e cultivado, mas não póde ser creado, obedece a leis de cristalização de cada idioma, á symetria de cada genio nacional. Nós pretendemos sómente defender as fontes do genio, da poesia e da arte, que estão quasi todas no prestigio, ou antes na dignidade da profissão literaria... Não tenhamos tanto ciume do genio, o genio ha de revelar-se de qualquer modo; elle faz a sua propria lei, cria o seu proprio berço, esconde o seu nascimento, como Jupiter infante, no meio dos seus corybantes.

Além da deferencia devida á companhia a que me faziam pertencer, confesso-vos que aceitei a honra qu me

foi feita, attraido pelo prazer de me sentir ao lado da nova geração. Cedi tambem, devo dizer-vos, á necessidade que sente de actividade, de renovação um espirito muito tempo occupado na politica e que de boa fé acredita ter voltado ás letras. Na Academia estamos certos de não encontrar a politica. Eu sei bem que a politica, ou tomando-a em sua fórma a mais pura, o espirito publico, é inseparavel de todas as grandes obras : a politica dos Pharaós reflecte-se nas pyramides tanto quanto a politica atheniense no Parthenon; o genio catholico da Idade Média está na *Divina Comedia*, como o genio protestante do Protectorado está no *Paraiso Perdido*, como o genio da França monarchica está na literatura e no estylo dos seculos XVII e XVIII...

Nós não pretendemos matar no literato, no artista, o patriota, porque sem a patria, sem a nação, não ha escriptor, e com ella ha forçosamente o politico. Até hoje, apezar do christianismo, que trouxe o sentimento de uma communhão mais vasta, o genio nada fez fóra da patria ou, pelo menos, contra a patria. A patria e a religião são em certo sentido captiveiros irresgataveis para a imaginação, condições do *fiat* intellectual. Comprehendeis o artista grego que em replica a Eschylo esculpisse o Persa? Ou o poeta francez que depois de Sedan cantasse o Allemão? A politica, isto é, o sentimento do perigo e da gloria, da grandeza ou da quéda do paiz, é uma fonte de inspiração de que se resente em cada povo a literatura toda de uma época, mas para a politica pertencer á literatura e entrar na Academia é preciso que ella não seja o seu proprio objecto; que desappareça na creação que produziu, como o mercurio nos amalgamas de ouro e prata. Só assim não seriamos um parlamento.

Disse-vos, porém, que vim seduzido pelo contacto, eu *quizera* que se pudesse dizer o contagio, dos moços.

Como as differentes idades da vida se comprehendem mal uma a outra! — é a observação que vou fazendo á medida que caminho. Asseguro-vos que não suspeitava do que é a vista da mocidade tomada da outra margem da vida... Os que envelhecem não comprehendem mais o valor das ilusões que perderam; os jovens não dão valor á experiencia que ainda não têm. Ha dois climas na vida, o passado e o futuro. A Academia, como o nobre romano, tem a sua *villa* dividida em casa de verão e em casa de inverno. Podeis habitar uma ou outra, conforme o vento soprar. Eu direi sómente a todos os novos espiritos ambiciosos de abrir caminho para a gloria : não receiem a concurrencia dos mais velhos; sejam jovens e hão de romper tão naturalmente, como os rebentos da primavera rompem a casca da arvore rugosa. Basta a mocidade, si for verdadeiramente a vossa propria mocidade que expressardes, para vos dar o nome.

O escriptor que chegou á madureza é, só por isso, o representante de um estado do espirito que preencheu o seu fim. Não ha mocidade perpetua, o vosso privilegio está garantido... Quando se fala da mocidade perpetua de um escriptor, como Molière, por exemplo, não se quer dizer que não envelheceu, mas que o fundo de verdade humana que elle recolheu e exprimiu continúa a ser sempre verdadeiro. Não é que o escriptor ou a obra guardasse a sua deliciosa frescura; é que a humanidade sempre joven, se reconheceu a si mesma sob os traços de outra época e acha em vel-os o mesmo prazer, si não maior! — do que em sua imagem actual. Eu leio em Elisée Reclus: « Acima da sua grande queda o São Francisco possue fórmas particulares de peixes inteiramente diversas das que vivem a baixo; o invencivel precipicio separou as duas faunas. » Não tenhais medo da concurrencia... estais acima da grande quéda. Uma

advertencia, porém. A's vezes não são as gerações sómente que envelhecem uma após outra ; sente-se tambem envelhecer a raça. A manhan torna-se então incrivelmente curta, como nos tropicos, e o perfume da mocidade cada vez mais inaprehensivel ao calor do sol que se levanta. « Não ha que se apressar nas coisas eternas, » é uma dessas admiraveis frases do grande mystico inglez. Não vos apresseis em compôr a obra que ha de conservar para vós mesmos a essencia de vossa mocidade.

Eu li ha pouco umas paginas, na *Biblioteca* de Buenos Aires, assignadas pelo general Mitre, a quem sinceramente admiro ; a idéa é que a literatura hispano-americana não produziu ainda um livro. Que livro, diz elle, se tomaria para uma viagem, — eu acrescentarei, para o exilio ? Senhores, hoje nenhum de nós se contentaria com um livro ; um livro em poucos dias está lido e não gostamos de reler — ; para uma viagem de dias precisamos levar uma bibliotheca... Numa pagina seductora, Émile Gebhart pintava ultimamente Cicero, condemnado á morte, fazendo esperar a liteira em que se podia salvar, por não saber que livro levasse comsigo para os longos instantes da proscripção... Nós podemos comprehender-nos na sentença de Mitre : não tivemos ainda o nosso livro nacional, ainda que eu pense que a alma brazileira está definida, limitada e expressa nas obras de seus escriptores ; sómente não está toda em um livro. Esse livro, um extractor habil podia, porém, tiral-o de nossa literatura... O que é essencial está na nossa poesia e no nosso romance. O livro não podemos fazer, porque o livro é uma vida ; em um livro deve estar o homem todo, e nós não sabemos mais fundir o caracter na obra, sem o que não póde haver creação. Em um certo sentido toda creação é, sinão um suicidio, uma larga e gene-

rosa transfusão do proprio sangue em outras veias. Temos pressa de acabar. Estamos todos electrizados; não passamos de conductores electricos, e o jornalismo é a bateria que faz passar pelos nossos cerebros, pelos nossos corações, essa corrente continua... Si fossemos sómente conductores, não haveria mal nisso; que soffrem os cabos submarinos? Nós, porém, somos fios dotados de uma consciencia que não deixa a corrente passar despercebida de ponta a ponta, e nos faz receber em toda a estensão da linha o choque constante dessas transmissões universaes...

Esperemos que a Academia seja um isolador, e que do seu repouso, da sua calma, venha a sair o livro em que o general Mitre vê o signal da força, da musculatura literaria... Eu pela minha parte não sei que opera não daria por uma só frase de Mozart ou de Schumann; trocaria qualquer livro por uma dessas palavras luminosas que brilham eternamente no espirito como estrellas de primeira grandeza... A obra de quasi todos os grandes escriptores resume-se em algumas paginas; ser um grande escriptor é ter uma nota sua distincta, e uma nota ouve-se logo; de facto, elle não póde sinão repetil-a.

A principal questão ao fundar-se uma Academia de Letras brazileira é se vamos tender á unidade literaria com Portugal. Julguei sempre esteril a tentativa de crearmos uma literatura sobre as tradições de raças que não tiveram nenhuma; sempre pensei que a literatura brazileira tinha que sair principalmente do nosso fundo europeu. Julgo outra utopia pensarmos em que nos havemos de desenvolver literariamente no mesmo sentido que Portugal ou conjunctamente com elle em tudo que não depende do genio da lingua.

Ofacto é que, falando a mesma lingua, Portugal e

Brazil tem de futuro destinos litterarios tão profundamente divididos como são os seus destinos nacionaes. Querer a unidade em taes condições seria um esforço perdido. Portugal, de certo, nunca tomaria nada ensencial ao Brazil, e a verdade é que elle tem muito pouco, de primeira mão, que lhe queiramos tomar. Uns e outros nos fornecemos de idéas, de estylo, de erudição e pontos de vista, nos fabricantes de Paris, Londres ou Berlim... A raça portugueza, entretanto, como raça pura, tem maior resistencia e guarda assim melhor o seu idioma; para essa uniformidade de lingua escripta devemos tender. Devemos oppôr um embaraço á deformação que é mais rapida entre nos; devemos reconhecer que elles são os donos das fontes, que as nossas empobrecem mais depressa e que é preciso renoval-as indo a elles. A lingua é um instrumento de idéas que póde e deve ter uma fixidez relativa; nesse ponto tudo precisamos empenhar para segundar o esforço e acompanhar os trabalhos dos que se consagrarem em Portugal á pureza do nosso idioma, a conservar as formas genuinas, caracteristicas, lapidarias, da sua grande época... Nesse sentido nunca virá o dia em que Herculano, Garrett e os seus successores deixem de ter toda a vassalagem brazilera. A lingua ha de ficar perpetuamente *pro-indiviso* entre nós; a literatura, essa tem que seguir lentamente a evolução diversa dos dois paizes, dos dois hemispherios. A formação da Academia de Letras é affirmação de que literaria, como politicamente, somos uma nação que tem o seu destino, seu caracter distincto, e só pode ser dirigida por si mesma, desenvolvendo sua originalidade com os seus recursos proprios, só querendo, só aspirando a gloria que possa vir de seu genio.

José do Patrocinio

JESUS

Como o povileu fanatico, em torno do pretorio de Pilatos, a sciencia moderna nos reclama de novo Jesus para tortural-o, para escarnecel-o, para matal-o.

Não é amigo da liberdade humana quem quizer poupal-o á furia do scepticismo; preciso é que seja de novo crucificado em todas as consciencias, para que se resgate a lei da evolução natural da sociedade.

Bem quizéramos lavar as mãos como o romano pusillanime e entregar á incredulidade o companheiro sobrehumano das nosas horas de angustia. Bem quizéramos negal-o, de publico, para furtar-nos á irrisão da descrença egoista e aos ataques da sabedoria athéa.

Nossa consciencia, porém, nos manda pleitear a causa do nosso Deus, porque em vão procuramos quem o ha de substituir na economia da civilização.

O que está feito na consciencia humana é fructo da doutrina de Jesus; o sangue do Deus martyr foi a seiva bendita que nutriu a arvore da fraternidade e da justiça,

que dia a dia braceja mais longe e mais largo sobre a humanidade culta.

A semente lançada á terra, desapparece afinal, absorvida pela propria germinação. A planta, porém, guarda indelevelmente os seus caracteres de familia.

O Evangelho foi a semente de nossa vida contemporanea, e por mais que a incredulidade o queira negar, as multiplas conquistas do direito guardam o saber suavissimo dessa prégação sobrehumana que, egualando os homens, nobilitou-lhes o espirito.

A fé e a sciencia só se contradizem nas almas sophisticas, que na sua presumpção de originalidade preferem escandalizar as almas simples a encaminhal-as para o bem.

Que mal faz abrir o ceu ao que não teve gosos na terra: em que desorganiza a vida acenar com a misericordia de Deus ao que se transviou, e com a bemaventurança á virtude que passou desconhecida entre os homens?

Em que prejudica a civilização a ronda invisivel da graça, alentando os que têm um ideal bemfazejo, ou aos que em vez de roubar e matar, para a satisfação de seu egoismo, invocam humildemente o Senhor?

Onde está a immoralidade da crença que manda orar pelos proprios inimigos? Em que está o perigo de chamar pelo nome desse Jesus que mandou ver no miseravel, que se aproxima de nós, a sua Pessoa?

Quantas vezes déste esmola; quantas vezes vestiste o maltrapilho; quantas vezes visitaste o enfermo desamparado; quantas agazalhaste o sem tecto, tantas me tiveste ao teu lado.

Que suave consolo para o christão sentir que ha no seu bolso o necessario para repartir com o que soffre!

Em que se diminue a alma humana nessa indemniza-

ção, que dá ao desconhecido, do mal que a sociedade e só a sociedade lhe causou?

O christianismo é o combate permanente ao egoismo, a lição continua de abnegação, de fraternidade.

O que tem medo ao dia de amanhã, o que tem certeza de que a condescendencia dos seus coevos o não resgata das faltas commetidas na vida, procura ser um coração leal e um espirito rectilineo.

Que mal faz Deus na consciencia do povo? Trabalha e eu te ajudarei. Não é o mais bello estimulo á prosperidade social essa promesa, que a consciencia do simples diariamente lhe repete?

Si o homem acredita que Deus fez as estrellas dos ceus e os diamantes das minas, porque não ha de acreditar que elle é capaz de centuplicar-lhe a seara, que o trabalhador plantou com o suor do seu rosto, e sobre a qual passou cantando a alegria dos seus filhos?

Não podemos comprehender a guerra contra Jesus.

Elle ensinou a abnegação e esta é a força criadora por excellencia da civilisação. Os que sabem soffrer pelas suas ideas, quando ellas são de amor e de concordia, vencem sempre. Sempre que um homem foi a encarnação de um principio e soube morrer por elle, o sangue do seu martyrio é a aurora do seu triumpho. Podem cuspir-lhe nas faces, arrastal-o atravez dos vilipendios os mais ignominiosos, tortural-o com o supplicio mais infamante, o seu nome resurge através dos seculos, florescendo em bençãos os espinheiros da maldição de outrora.

Jesus assim o ensinou e praticou.

Sua alma sente uma tristeza de morte no Jardim das Oliveiras, quando elle sente avizinharem-se as horas de endoenças; mas aquelle frio suor de sangue que a materia ressumbra da agonia do seu espirito não basta para

enregelar-lhe o coração. Este continua a contar imperturbavelmente os seculos de amor que do seu tormento devem resultar para a humanidade.

Alli estava a noite para proteger-lhe a fuga. O somno dos discipulos era um cumplice da treva. Ninguem saberia para onde partisse o Propheta.

Alem disso era desconhecido para aquelles que o perseguiam.

No emtanto, elle espera decidido a hora do martyrio pela sua fé, pela nova éra que vem abrir para a humanidade.

Ha mais sublime exemplo de coragem e de abnegação? Com quem pudemos antes d'elle aprender essa valentia moral que domina o instincto da conservação, essa consciencia do poder dos principaos que automatiza a vontade, fazendo-a obedecer ao comprimento frio do dever?

Porque o combatem? Não é a melhor das educações, repetir á alma virgem da criança: segue o exemplo de Jesus? Crê que te deves á humanidade, que a tua vida pertence ao seu bem-estar, que o melhor destino que podes dar ao teu corpo é convertel-o numa vasta mesa de communhão do ideal de liberdade, de amor e de justiça. A caridade é um emprestimo que Deus nos faz da sua misericordia: não és tu quem dás, filho, é elle que te adianta em horas de bemestar, de paz com a tua consciencia, o premio de teres ouvido a sua palavra.

A fraternidade não é a defeza egoistica do teu direito, mas um dever de solidariedade com os teus semelhantes, porque tu, como elles, tens diante da natureza eguaes deveres e eguaes direitos, e é por isso que tu tens cada vez mais perfeita as noções da justiça.

Porque combateu a fé christã, se em cada acto, se em cada palavra de Jesus, está o mais bello ensinamento de moral privada e social?

Porque em sido mal praticada por muitos sacerdotes, respondem.

Mas então era preciso rasgar os codigos, porque ha muitos juizes que prevaricam. A logica que manda condemnar o christianismo porque o desnaturam, devia tambem supprimir os tribunaes porque elles não raras vezes sacrificam o direito e frequentemente offerecem o do fraco em holocausto ao interesse do poderoso.

Não! E' preciso que todas as almas fortes protestem contra essa sciencia sem consciencia, que na phrase de Rabelais é a ruina da alma.

Tenhamos todos a coragem de affirmar Jesus como o atheismo affirmou Augusto Comte; tenhamos a coragem de arrostar o ridiculo dos atheus contrapondo-lhes á moral que serve aos tyrannos a moral que serve aos humildes.

Revindiquemos para a nossa fé o direito que lhe dão dezenove seculos de progresso.

Quando nos quizerem suffocar com a gargalhada da incredulidade, respondamos com segurança e altivez que os cerebros a que a humanidade mais deve tiveram lugar para guardar esse Deus de que ella escarnece.

Quando o atheismo disser que elle impede o progresso, respondemos sem receio mostrando-lhe Colombo multiplicando a terra e Pasteur multiplicando a vida.

SEMANA POLITICA

Estamos em plena aurora.

Dentro em tres dias vae começar a historia moderna do Brazil e fechar-se a triste historia dos tempos barbaros da nossa terra.

Não é possivel imaginar de um lance de pensamento

o que será todo esse illuminado futuro, não obstante o presente fornecer-nos o esboço do que elle será nos largos traços dos acontecimentos que nos sorprehendem.

O que está por traz do dia 3 de Maio não cabe na previsão dos politicos e não é demasiado optimismo prophetisar que a nossa evolução nacional será feita com a mesma rapidez da dos Estados-Unidos.

As estrellas do sul dentro em um quarto de seculo não invejaram o fulgor da constellação do norte.

Já podemos accentuar orgulhosamente um contraste.

A maior revolução social da nossa terra está sendo feita entre bençãos e flores.

Nada mais extraordinario: bastaram o atrito da imprensa e o calor da palavra para limar e fundir os grilhões de tres seculos de captiveiro.

A alma nacional mostrou-se preparada em todas as camadas sociaes para praticar e receber a liberdade.

Em nenhuma outra historia do mundo se encontram paginas como as que se tem escripto ultimamente em nossa terra.

A esses fazendeiros prodigos que atiram pela janella fora a carne tarifada de seus captivos, carne que era a sua fortuna legal, porque esse genero de valor no mercado da deshumanidade antiga e da affronta á moral e á civilisação, a esses fazendeiros que precedem a lei para affirmar que nunca em nossa patria o interesse se collocará diante da justiça, a rebeldia diante da razão, correspondem os libertos que tem parecido accumular odios de tres seculos, demonstram que nunca souberam senão soffrer resignados, que não viram no seu martyrio, um crime de oppressores, mas uma tremenda e inexplicavel fatalidade; os libertos que devendo ter aprendido na escravidão a anarchia provam, ao contrario, que lá mesmo conservaram intactos o patriotismo e o amor da

ordem e saem do captiveiro para cooperar na obra do bem estar geral, tanto que se iniciam na vida cedendo em favor da producção uma parte dos direitos da sua liberdade: — o salario.

Os povos que sinceramente se arreceiam de que os primeiros phenomenos resultantes da revolução social que se está operando sejam perturbações da ordem, abandono do trabalho, desassombrem os espiritos.

Ha de reproduzir-se em todo o Brasil o que se deu no Ceará. Em vez de guerra fratricida — paz patriarchal; em vez da estagnação da producção — augmento de riqueza e progresso.

As epopéas de Itú e de Friburgo ahi estão.

Esses negros que atravessam povoações com a cabeça baixa, depois de um combate em que haviam revelado a coragem dos companheiros de Leonidas, e apezar de famintos, maltrapilhos e sangrando feridas do tiroteio e da luta corpo a corpo conduzindo creanças extenuadas não atacam a população aterrorisada, não abusam da sua força nem para satisfazer ás mais urgentes necessidades da vida; esses outros negros que respondem aos senhores no dia da liberdade: descançai quanto á organisação da nossa nova existencia industrial — nós não queremos salario nos primeiros tempos; esses negros fallam por uma raça, dão as indossantes da letra de amor á ordem e á probidade, que elles pretendem descontar no regimem da liberdade e da igualdade nacional.

O que ha mais admiravel na nova phase de nossa vida de povo civilisado é a uniformidade de pensamento, desde o governo até o ultimo liberto.

O ministerio restaura a segurança publica em todas as manifestações.

O presidente do conselho garante a fortuna do paiz, esforçando-se para restituir á moeda, representação do

trabalho, o seu valor exacto na cotação universal. Bate se como um duellista tão inimigo da luta, como terrivel no combate e em menos de um mez de administração derrota a horda dos especuladores de cambio.

Este glorioso trabalho de valor inestimavel é feito sem estrepito, com a modestia do dever comprido.

O emprestimo foi o mais solemne desmentido ao escravismo, que nos dava como unico titulo descredito europeu o sermos o ultimo paiz, cuja fortuna se baseava no trafico das almas, no roubo do trabalho.

O ministro da fazenda provou que o paiz podia comparecer perante o mercado do ouro levando como valores a hypothecar a sabedoria de seu procedimento, resolvendo sem perturbação da ordem o mais temeroso dos problemas e a certeza de que este paiz foi dotado pela natureza de thesouros que nem mil seculos de prodigalidade poderão dissipar.

O ministro da justiça garante a liberdade do cidadão como a letra cega da lei a com a lucidez humanitaria do seu espirito. Quebra-lhe o punhal da vingança para dar-lhe a balança das reparações e da correcção.

Põe o codigo á cabeceira de cada cidadão por mais humilde que elle seja; todos podem dormir tranquillos dentro de seus limites legaes.

A autoridade perdeu a carrança de Medusa com que petrificava o direito.

Ella não pode mais espalhar caprichosamente panico e lagrimas, violencias e calumnias.

E porque veio da imprensa e porque veio da desillusão popular um ministro extraordinario, comprehendendo que para prégar a boa nova de regeneração governamental é préciso, como Jesus, frequentar as multidões, dar vinho ás suas bodas, distribuir com as proprias mãos pão e peixe aos famintos, parar junto das sepulturas

para resuscitar os mortos; esse ministro está em todas as festas para que é convidado, destribuindo o vinho generoso, o cordeal de sua palavra, que é banho de nardo no corpo do mendigo e agno do Cenaculo ao espirito das creanças.

O ministro da guerra faz recolher a quarteis o exercito, que se viu obrigado a vir a praça publica reclamar como cidadão o que o seu patriotismo lhe impediu que exigisse como soldado; respeito pelo seu brio e pelo seu direito.

Certo de que está salvando a patria e de que ella bem merece o sacrificio de conveniencias ephemeras, o ministro enche a fé de officio dos heroes com as repetidas provas de confiança do governo; faz-se no poder o orgão da opinião que cercou com o seu prestigio os perseguidos da vespera.

O que será este paiz amanhã, quando o que hoje sorprehende fôr a norma do procedimento dos governos e do povo? Quando extincta a recordação do captiveiro, cada cidadão entender que elle é tanto maior quanto mais respeitar no direito de outrem o seu direito e o direito de todos?

Temos o olhar alongado sobre esse amanhã que vem rapido, vertiginosamente e que, entretanto afigura-se á nossa anciedade lento como o desdobrar de um seculo.

Bate-nos novamente o coração, perguntando-nos no pensamento se é com effeito verdade que dentro em poucos dias uma senhora vae comparecer perante a assemblea de um povo não para impôr, mas para pedir e conquistar como a timida Esther, piedade para os milhares de desgraçados, os filhos de uma raça que foi degradada por haver contribuido tanto como qualquer outra para a grandeza de sua patria.

Sabemos que a promessa de homens de bem é a anti-

cipação da realidade, e entretanto temos ainda essa incredulidade fugitiva que nos provoca o bem muito maior do que esperavamos.

E por isso mesmo perdoamos aos que não acreditam de todo, aos que julgam que amanhã havemos de chorar de despeito.

Não ha negal-o : a corrupção havia minado tanto o paiz, que é quasi impossivel acreditar que se conservasse intacta uma porção do caracter completamente refractario ao contagio.

Demais, é melhor não esperar muito, para morrer de alegria recebendo tudo.

A PACIFICAÇÃO

Sempre que, por misericordiosa commoção, a alma brazileira transborda em appello ao poder publico, em prol da pacificação no Rio-Grande do Sul, certo grupo de monopolisadores arbitrarios do sentimento republicano colloca-se entre o povo que pede e o governo que reflecte, para encachoeirar a corrente de piedade e meditação de encontro aos seus odios e vinganças implacaveis.

Ha dois annos já, morremos a vida tragica da guerra civil. Pelas feridas abertas no flanco da patria se escoam, com o sangue dos lutadores, o nosso credito, os nossos sentimentos de fraternidade, a segurança das instituições. Os odios que lá explodiram, barbarizaram o nosso coração outrora magnanimo, e a terra das revoluções pela imprensa se converteu em dominio sinistro de tortura e de morte.

Foi em fevereivo de 1893 que se realisou a invasão. Desde logo a imprensa dedicou-se ao estudo das origens

da revolução e, com a mais nitida comprehensão da justiça, reclamou a paz. Em seguida se levantaram vozes no Congresso pedindo que se providenciasse para obter a pacificação.

Pura perda de logica e patriotismo; ás inspirações da Constituição e da fraternidade responderam as empantufadas declamações pelo respeito á autoridade e urgente necessidade de reprimir o espirito revolucionario.

Não: é preciso que a autoridade se não desprestigie, offerecendo esquecimento fraternal do crime de revolução!...

O mais extraordinario é que esse fervor exagerado pela honra institucional da autoridade seja pregado por aquelle mesmo que é hoje reu confesso de haver barateado em tratado de sobremeza a honra da nação.

Em 15 de Novembro a Republica apossou-se dos destinos do povo brasileiro, rompendo a tutella, que sobre elle exercia o imperio. O applauso universal coroou ainda uma vez a nação que triumphava das paixões partidarias, realisando a mudança de instituições, com a mesma aureola de paz que a cercou effectuando a revolução social da abolição da escravidão. Entre os povos que mais promptamente reconheceram a autonomia da Republica destaca-se a Republica Argentina, que foi o S. João Baptista do nosso baptismo republicano,

Não obstante, inventou-se entre dous diplomatas de occasião, que pretendiam formar uma commandita de immortalidade, a necessidade urgente e indeclinavel de resolver o antigo litigio das Missões.

No segredo das suas confabulações rasgaram o convenio de 7 Septembro de 1889, e como bons quinhoeiros resolveram dividir a bel talante o territorio contestado.

Quando esta tramoia diplomatica veiu a publico e a indignação brasileira estalou, como bôa ferida, á dôr da

humilhação que lhe inflingiam, respondeu-se cynicamente que o negociador dessa vergonha havia cedido ás circumstancias.

Quaes? interrogou-se e interroga-se em vão.

Houve ameaça de guerra? Impossivel, porque seria requinte de baixeza o ameçado se fazer nomear embaixador e deputar-se um navio de guerra da nossa esquadra, portador de nome de uma das nossas datas gloriosas, para levar á nação inimiga o tributo da nossa cobardia.

Qual a razão de Estado que nos levou a abrir mão do nosso direito a um territorio, de que sempre nos julgamos legitimos possuidores, e que a propria Republica Argentina por duas vezes, uma em 1857, outra em 1889, nos reconheceu senhores, já acceitando um tratado de limites, já convindo na arbitragem?

Está lavrado o laudo Cleveland, nenhuma razão pode haver para occultar-se o que occorreu na negociação de principios de 1890.

Mas seja o que fôr, plausiveis ou não as razões allegadas pelo negociador ingenuo, o que se acceita no mundo official é que ha momentos em que é preciso ceder para evitar mal maior.

Por que motivos não se reconhecerá no conflicto riograndense uma dessas tristes opportunidades, em que tantas vezes incidem as nações durante as crises revolucionarias?

Pois era licito ceder territorio da patria para poupar o sangue brasileiro numa guerra de reinvindicação de direito, e não é permittido poupar este mesmo sangue, derramado a jorros numa guerra civil de dous annos, quando entre nós se interpõe somente um phantasma de autoridade?

Não ha agora, principalmente agora, uma razão de Estado, absolutamente palpavel, e que pode ser tacteada

mesmo por um diplomata cego, uma razão de Estado que impõe a pacificação do Rio-Grande do Sul?

— Mas todos a queremos, dizem os bonzos da legalidade; só divergimos na forma.

A guerra civil no Rio-Grande do Sul tem como unico pião esta rabulice sanguinaria; a União não pode tratar com os revolucionarios, sem depôr virtualmente o governador Castilhos, e por consequencia attentar contra o principio constitucional do respeito á autoridade legal.

Si houvesse boa fé da parte desses carrascos disfarçados em sacerdotes da Constituição, facil seria esgotar o pleito, obrigando-os a dizer-nos o que elles entendem por autoridade legal.

Até agora, pelo que conhecemos da historia ensanguentada da Republica, parece-nos que esses madraços intellectuaes, mantidos na ceva ministerial e congressista, julgam que *autoridade* e *detenção* do poder pelo mais forte são synonimos, esquecidos de que é corriqueira esta observação de Jacques — uma garrucha tambem é poder.

A autoridade só pode emanar da lei, e esta não foi o ventre de onde surgiu o governo de Julio de Castilhos.

E' verdade que o detentor da presidencia da Republica mandou que a tropa federal prestasse mão forte aos galés disfarçados em policia estadoal do Rio Grande para legalisar a deposição do Visconde de Pelotas e o governo de que surgiu eleito o Sr. Julio de Castilhos. Mas a historia, a consciencia nacional jamais reconheceram como fructo da soberania do povo rio-grandense esse volvo de enxovia.

Está ainda vivo na memoria publica o episodio deshonroso do triennio tragico da legalidade. O Rio-Grande do Sul, leal e heroicamente, depoz por uma revolução cons-
E t-stucional o governador que, adherindo ao golpe dei

tado, praticou o crime, previsto e definido em lei, de attentado contra as instituições.

Um governo revolucionario assumiu a direcção do Estado e foi reconhecido e tratou com a União.

Esse governo, mais constitucional do que outro qualquer oriundo das deposições, que chegaram a ser feitas espectaculosamente pelos delegados do detentor da presidencia federal, escudados nas tropas da União, foi porém, condemnado por sua vez á deposição e á restituição do poder ao Sr. Julio de Castilhos.

Não foi, como parece, uma vingança do crime do Sr. Floriano Peixoto contra a revolução, que, meramente popular, teve força para privar do poder o co-réo do golpe de Estado, vingança que, repondo no governo o Sr. Julio de Castilhos, fazia sentir ao Brazil que o poder só era legal nos Estados, quando delegação do Itamaraty e exercida pelos seus prepostos.

Não: a reposição do Dr. Castilhos foi uma barganha de poderes. A deputação rio-grandense reconheceu que o Sr. Floriano Peixoto era legitimo governo até 1894 e S. Ex. reconheceu o Sr. Julio de Castilhos governador do Rio-Grande.

Será transacção indecorosa, digna de ser considerada, a fonte constitucional de uma autoridade tão perfeita, que o seu repudio deve ser capitulado crime de lesa patria?

Se ha lealdade no debate, se verdadeiro escrupulo constitucional inspira os adeptos da guerra civil no Rio-Grande do Sul, discutamos antes de tudo a origem do governo Castilhos. Veremos então se, dada a intervenção do poder federal para restaurar o estado de coisas desfeito pela revolução de novembro de 1891, e continuada essa intervenção para mantel-o, a questão é estadoal ou federal.

Não foram os federalistas que leviana e audaciosamente deslocaram a questão do Estado para a União; foi esta que intervindo criminosamente na vida estadoal provocou a indignação do paiz inteiro.

O historiador imparcial, quando tiver de julgar a revolta da armada nacional em 6 de Setembro, descobrindo a sua patriotica e reivindicadora filiação, ha de consideral-a, não uma criminosa sedição militar, mas uma confraternização gloriosa e sagrada da força armada com o direito constitucional ultrajado. Ainda que vencida, o historiador ha de considerar esse momento tão santo como o da guarnição de Paris adherindo ao povo nas jornadas de que resultou a decretação dos Direitos do Homem.

Niobe perdeu os filhos, mas nem por isso negam-se atravez dos seculos homenagens á causa do seu martyrio.

INDICE

DO TOMO PRIMEIRO

ADVERTENCIA I

Conde Affonso Celso.

Alma varia 1
Tuas armas 2
Porto celeste 3
Anjo enfermo 3
A' morte 4
Primeira communhão 5
Ithamar 10
Walsa phantastica 29

Alberto de Oliveira.

A Lagarta 38
Ultima deusa 43
O espelho 44
Serenata no rio 46
Um atomo 48
Fio de ouro 51

Alcindo Guanabara.

Amor 63
Situação politica em 1898 67

Aluizio Azevedo.

Heranças 78
A serpente 86
No Maranhão 95

Araripe Junior.

José de Alencar 101
Gregorio de Mattos 109
Força velha 117

Arthur Azevedo.

O relogio..... 125
Monologo de Sganarello..... 126
A Nuvem..... 130
O oraculo (comedia)..... 137

Barão de Loreto.

O acompanhamento..... 159
A estatua de Moysés..... 163
Apparição de Beatriz..... 164
A gondola (seculo XVI)..... 164
A guerra da Independencia..... 165

Carlos de Laet.

O frade estrangeiro (discurso)..... 179

Clovis Bevilacqua.

A sciencia geral do direito segundo H. Post... 211
Na Hellenia..... 215

Coelho Netto.

Firmo, o vaqueiro..... 219
Cega..... 225
Pelo Amor. — Scena I..... 240

Domicio da Gama.

Nota para o meu melhor leitor..... 245
Outr'ora..... 254
Discurso na Academia..... 264
Os ventos..... 275

† Eduardo Prado.

No Instituto historico..... 282
A illusão americana..... 285

Affonso Arinos.

Joaquim Mironga..... 300
Pedro Barqueiro..... 313

Filinto de Almeida.

A raiva de Nize..... 324
Ballada..... 325
Sahimento..... 326
Trecho de chronica..... 327
O Presidente em Morro velho..... 329

Garcia Redondo.

O testamento do tio Pedro..... 337
Tres charutos..... 342

Graça Aranha.

As raças e o progresso..... 350
O presente..... 356
O futuro..... 358
Elegia..... 359
A justiça..... 361
O anjinho..... 366
Pantheismo..... 368
Os pyrilampos..... 371
O passado e as patrias..... 375
A terra de Chanaan..... 376
A dansa..... 377
A immolação..... 379
A civilisação latina (discurso)..... 384

Guimarães Passos.

Soneto..... 393
Teu lenço..... 394
Graça..... 394
Amor, amor..... 395
Fatalidade..... 396
Quem é que se fia em sonhos?..... 397
As perolas..... 401

Inglez de Souza.

Xico Fidencio..... 403
A quadrilha de J. Patacho..... 431

Joaquim Nabuco.

O paladar..... 444
A alma européa do americano..... 446
Massangana..... 450
Fragmento..... 462
Discurso (na Academia)..... 466

† **José do Patrocinio.**

Jesus..... 479
Semana politica..... 483
A pacificação..... 488

Paris. — H. Garnier Hermanos, 6, rue des Saints Pères. 352.10.05. P. D.

UNIVERSITY OF MICHIGAN
3 9015 06304 6851